3 1761 03990 7704

390

ERICO VERÍSSIMO

# CAMINHOS CRUZADOS

*romance*

PRÉMIO GRAÇA ARANHA

III EDIÇÃO

*DIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA*

# *CAMINHOS CRUZADOS*

de

ERICO VERÍSSIMO

•

Eis um livro com uma carreira invulgar; a sua primeira edição brasileira, publicada em 1935, provocou uma tempestade de crítica, foi discutidíssima, largamente divulgada e naquele mesmo ano mereceu o prémio de romance da «Fundação Graça Aranha».

Seguiram-se novas edições através dos anos de 1936, 1937 e 1938. Com o aparecimento de *Olhai os Lírios do Campo* (cuja tiragem já ultrapassou no Brasil o 50.º milheiro), pareceu que *Caminhos Cruzados* passava para um plano inferior na obra de Erico Veríssimo. Verificou-se, no entanto, que ele continuava a ser o preferido da crítica, que na sua maioria o aponta como sendo o melhor romance do autor.

Recentemente, a importante casa editora norte-americana Macmilian C.º mandou traduzir *Caminhos Cruzados* para o inglês, com o fim de dar ao público dos Estados Unidos uma amostra da novelística brasileira. Esta versão inglesa, lançada em Nova York, numa tradução de Louis Kaplan, com o título de *Crossroads*, alcançou apreciável êxito de livraria e mereceu francos louvores da crítica norte-americana.

A primeira edição portuguesa deste famoso romance na «Colecção Livros do Brasil» esgotou-se ràpidamente, o que prova não ter esmorecido o interesse por esta obra do grande escritor rio-grandense.

# CAMINHOS CRUZADOS

OBRAS DE
ERICO VERÍSSIMO:

GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE
VIAGEM À AURORA DO MUNDO
OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO
A VOLTA DO GATO PRETO
A VIDA DE JOANA D'ARC
CAMINHOS CRUZADOS
O RESTO É SILÊNCIO
O TEMPO E O VENTO
MÚSICA AO LONGE
UM LUGAR AO SOL
O RETRATO
CLARISSA
NOITE
SAGA

COLECÇÃO LIVROS DO BRASIL

ERICO VERÍSSIMO

# CAMINHOS CRUZADOS

ROMANCE

3.ª EDIÇÃO

EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA
RUA LUZ SORIANO, 53-57

*CAPA DE BERNARDO MARQUES*

PQ
9697
V298C3
19--
LIBRARY
JUN 3 1960
UNIVERSITY OF TORONTO

*Edição especial para Portugal e seu Império autorizada pela EDITORA GLOBO — Porto Alegre — BRASIL*

# SÁBADO

## 1

MADRUGADA—a cerração empresta à Travessa das Acácias um mistério de cidade submersa. A ruazinha de subúrbio desfigura-se. A luz dos candeeiros, que a névoa embaça, ugere vagos monstros submarinos. As árvores que debruam as calçadas são como blocos compactos de algas. Todas as formas estão diluídas.

Cinco horas da manhã.

Que monstro estranho é aquele que lá vem, brotando da escuridão cinzenta da rua?

A carroça do padeiro passa estrondeando, fazendo tremer a quietude da cidade afundada; mas um instante depois o seu vulto e o ruído dissolvem-se de novo na cerração.

O silêncio torna a cair sobre o fundo do mar.

Agora, nas fachadas escuras começam a nascer olhos quadrados e luminosos. D. Veva acendeu o candeeiro e vai acordar o marido, que tem de tomar o primeiro eléctrico. No mercadinho de frutas, Said Moluf abre a porta dos fundos para apanhar a garrafa do leite. Na casa do alfaiate espanhol, chora o filho, que acordou primeiro. Na meia água vizinha, o capitão Mota toma chimarrão na varanda, em mangas de camisa (está fazendo frio, mas não se deve quebrar um hábito de vinte anos). Fiorello já abriu a sua sapataria e, enquanto ferve a água para o café, o italiano bate sola, bate sola, bate sola; na litogravura da folhinha, na parede, Mussolini, em cima do seu cavalo, berra carrancudo: «Camicie nere!»

Um comboio apita. Um galo canta.

Quase invisível dentro da névoa, um gato cinzento passeia em cima do telhado da casa da viúva Mendonça. Debaixo desse telhado fica o quarto do professor Clarimundo. A humidade desenha figuras disformes nas paredes caiadas. Em cima da mesa de pinho —de mistura com os restos da merenda da noite—vê-se um papel

cheio dos rabiscos com que o professor tentou inùtilmente meter na cabeça do sapateiro Fiorello noções da Relatividade de Einstein. Um despertador niquelado está dizendo tique-taque, tique-taque, com voz dura e regular. A cabeça descansando no travesseiro de fronha grosseira, o professor Clarimundo Roxo dorme de barriga para o ar, ronca e bufa, procurando uma sincronia impossível com o tique-taque do relógio. A cada bufido que dá, voam as farripas do seu bigode.

Um rato mostra a cabeça num buraco do rodapé. Espia, medroso, fica parado por alguns segundos, após o que deita a correr, sobe pela perna da cadeira, chega ao assento de palhinha, detém-se um segundo e depois continua a subir pela guarda, salta para cima da mesa e avança sobre os restos da merenda. Queijo e pão. O seu rabinho fino confunde-se com os riscos do papel.

Os roncos do professor e o tique-taque do relógio prosseguem o seu concerto. Estalam vigas no tecto. Lá fora mia o gato madrugador. O professor remexe-se, a cama guincha, o rato assusta-se e foge para o buraco.

Dentro destas quatro paredes, dentro deste mundinho tridimensional cabe agora um mundo infinitamente mais vasto. E é nesse mundo que o professor Clarimundo anda perdido.

Uma extensão verde e plana como a dos campos da fronteira, onde ele passou a sua primeira infância. Clarimundo corre, aflito, porque um touro vermelho o persegue, bufando. As suas pernas são de chumbo. Ele quer gritar, quer pedir socorro, mas a voz falta-lhe. O touro aproxima-se, Clarimundo já sente na nuca o seu bafo quente e húmido. Por fim, consegue arrancar da garganta algumas palavras: «Acudam! Ataquem o touro! Socorro!» Mas as palavras saem-lhe da boca em símbolos matemáticos. Passam perto recoveiros a cavalo. Olham e parece que não enxergam... Clarimundo continua a gritar, mas ninguém o entende. O touro aproxima-se e, de repente, cheio de pavor, Clarimundo sente no sexo (estranho, pois o touro vinha por trás...) uma dor dilacerante. As aspas pontudas rasgam-lhe as carnes, o sangue começa a escorrer e Clarimundo sente um desfalecimento. Imediatamente a paisagem se transforma. Agora está ele nas montanhas nevadas da Suíça, passeia com Einstein, de braço dado, numa grande intimidade. Clarimundo tenta em vão explicar ao sábio a Teoria da Relatividade. Fala, gesticula, risca sinais complicados na neve, grita, ameaça até, mas Einstein sacode a cabeça negativamente. Ao mesmo tempo, Einstein já não é Einstein mas sim o sapateiro Fiorello.

A paisagem branca estende-se a perder de vista. Lá ao fundo, uma casa. Clarimundo sabe que dentro dela existe luz, calor, aconchego e pão. Ele está com fome, com frio e sòzinho, pois

todos os homens do mundo o abandonaram na solidão branca. Clarimundo caminha, caminha... Mas à medida que avança a casa vai recuando.

Agora não é a paisagem suíça. Clarimundo anda flutuando no éter, viajando pelo infinito.

(No outro mundo, no de quatro paredes, o despertador continua a tique-taquear. O rato tenta uma nova incursão. O armário range. O rato recua).

Clarimundo continua a vagar pelo espaço sem limites.

(O despertador começa a tilintar.)

Que ruído será este, vago e amortecido? Deve ser a música das esferas...

Clarimundo deixa-se ir ao sabor das ondas, porque agora ele bóia à superfície do Pacífico. A música cresce, cresce... Estridente como um sinal de alarme...

O professor vai entreabrindo os olhos. Por um instante, emergindo do fundo do sonho, fica pairando numa região de lusco-fusco, entre os dois mundos...

O relógio continua a tilintar.

Cinco segundos. O milagre acontece: o infinito é devorado pelo finito: o mundo ilimitado do sonho desaparece dentro do mundinho de quatro paredes em que o despertador é rei absoluto.

Clarimundo desperta. Lança um olhar torvo para o relógio. Cinco e meia. Com alguma relutância joga as pernas para fora da cama: o camisolão de dormir está puxado até às coxas. O contacto do chão frio na sola dos pés é uma nova chamada à realidade. Clarimundo ergue-se, coçando a cabeça. Olha em torno, estremunhado, como quem não sabe ainda onde se acha.

Acende a luz. Faz calar o despertador.

Vai ao lavatório de ferro, despeja água na bacia. A água fria apaga o último vestígio do outro mundo. Clarimundo coordena ideias: *sábado, francês para a filha do coronel Pedrosa, matemática e latim no curso nocturno e...*—com as mãos suspensas, húmidas, pingando, ele caminha para o horário que está colado à parede —*...e português para o filho do desembargador Fulgêncio. Bom.*

Veste-se. Alisa a franja eriçada: o pente emaranha-se e verga na maçaroca dos cabelos. O espelho de moldurinha dourada reflecte uma cara amassada, de barba azulando, olhos mansos de criança, o tufo agressivo do bigode logo abaixo do nariz curto.

Clarimundo põe os óculos. E religiosamente como tem feito todas as manhãs da sua vida, vai ao calendário arrancar a folhinha do dia.

Sorri. Sorri porque sabe que o tempo, realmente, não é o que a viúva Mendonça ou o sapateiro Fiorello pensam...

Existirá mesmo o tempo? Como foi que disse Laplace? «*Le temps est pour nous* (Clarimundo pronuncia mentalmente as

palavras com um refinamento inocentemente pedante) *l'impression que laisse dans la mémoire une suite d'événements dont nous sommes certains que l'existence a eté successive*». Vinte e dois séculos antes, Aristóteles tinha afirmado quase a mesma coisa. Engraçado... (Clarimundo olha da folhinha para o relógio). A gente vive escravizada ao tempo. Ele por exemplo... Caminha na vida assombrado pelos relógios. Horário, método... Se chega dois minutos atrasado para uma aula, entra humilde, vencido, com os olhos no chão e um sentimento de culpabilidade que o perturba e desorienta. No entanto, pensando bem, que é o tempo? Homero só admitia duas divisões do tempo: a manhã e a tarde. Mesmo assim escreveu a *Iliada*. E ele, Clarimundo, o homem do relógio, o escravo fiel das horas, que fez nos seus quarenta e oito anos de vida? Preparou espíritos, estudou e compreendeu Einstein, escreveu artigos para jornais, notas sobre filosofia, matemática, física, astronomia recreativa... E por falar em astronomia recreativa, estão ali na gaveta da mesa as notas para o seu futuro livro, para a *sua obra*. Clarimundo pensa nela com carinho. Vai ser um trabalho grande e sólido em que ele há-de pôr todo o seu talento, toda a sua cultura. Será como que a coroa dourada da sua vida de solteirão solitário. Nesse livro de fundo científico, fazendo uma concessão magnânima à fauna representada pela viúva Mendonça e pelo sapateiro Fiorello, ele respingará aqui e ali algumas gotinhas de fantasia... E, pensando nisto, o professor agora sorri, sorri angèlicamente com a condescendência de um gigante truculento que resolve uma vez na vida ser amável para com as crianças.

Mas enfim o relógio caminha, os minutos escorrem e a gente não pode ficar uma hora inteira assim a revirar entre os dedos a folhinha e a pensar na vida...

Clarimundo acende o fogareiro *Primus* e põe a chaleira de água a esquentar.

Esfregando as mãos, numa antecipação feliz, como um homem que vai saborear o seu prato predilecto, o professor senta-se à mesa e abre um livro. Como de costume: quarenta minutos rigorosos de leitura.

*Uber die spezielle und die allgemeine Relativitats—theorie gemeinverstandlich, von A. Einstein.*

O espírito do professor monta na vassoura mágica e vai fazer uma excursão pelo país das maravilhas.

Outra vez os dois mundos: o infinito dentro do finito.

Dentro do mundo menor, agora, com o seu chiado grosso e contínuo, o fogareiro canta um dueto com o relógio.

# 2

Sete horas.

Honorato Madeira acorda e lembra-se de que a mulher lhe pediu a chamasse cedo.

— Gigina ! — exclama ele com voz amarga e sonolenta. Volta-se para a mulher, que dorme a seu lado. Sacode-a de leve —Gigina!—Torna a sacudi-la agora com mais força.

Virgínia abre os olhos. Primeiro vê o tecto... Pisca, enruga a testa e depois vira a cabeça para a direita.

Esfumada, fluida, indistinta, como se estivesse mergulhada num aquário—aparece no campo da sua visão a cara redonda do marido. Por alguns instantes, Virgínia é ainda a menina de vinte anos que andava a correr e a cantar dentro do último sonho da noite. Mas pouco a pouco vai integrando-se na realidade irremediável... Tem quarenta anos e é casada com este homem de cara gorducha e flácida, olhos empapuçados, calva lustrosa e ar bovino. Ele agora está a sorrir-lhe com a mesma ternura dorminhoca de todas as manhãs. Seus cabelos ralos espalham-se esvoaçantes sobre o crânio polido e rosado. Vem dele um cheiro todo particular: uma mistura de *Jicky* (perfume a que Honorato se mantém fiel há mais de vinte anos) com sarro de charuto.

O pijama de listras roxas dobra-se em rugas múltiplas em cima do corpo roliço. Honorato Madeira boceja: um bocejo cantado e feliz de quem tem a vida arrumada.

Virgínia fica a olhar para ele com uma fixidez absurda que tem origem neste desejo esquisito que ela sente de olhar longamente para o marido, só para poder aborrecê-lo mais e mais ainda.

Honorato levanta-se. É baixote e pesado. O ventre projecta-se-lhe para a frente.

Virgínia cruza as mãos atrás da nuca e fica olhando para o forro, calada. O sono faz a gente esquecer... Às vezes dá sonhos bonitos. Dormindo, ela esquece que tem um filho de vinte e dois anos e um marido obeso. Sente aquela leveza agradável dos velhos tempos. Quando acorda... vê-se no mesmo quarto de paredes cinzentas: o espelho triangular do toucador, o enorme guarda-roupa lustroso de imbuia, o tecto de estuque. E ao lado dela, na cama, aquele corpanzil quente, aquele homem que ronca, que tem confiança nela, que tem confiança na vida...

Da casa de banho, vem agora a voz dele:

—Não te esqueças, Gigina! Tens hora marcada no instituto...

A voz é pastosa e macia. Virgínia resmunga um «eu sei» de má-vontade. Levanta-se também, bocejando.

—A manhã está tão bonita...

Honorato diz estas palavras com tanta ternura que parece

um poeta enamorado das paisagens de sol. E isto é tão diferente dele...—pensa Virgínia. Honorato vive preocupado com o feijão, com o arroz, com o milho... Por que não vende alfafa? Ficava-lhe tão bem...

—O Noelzinho já está a pé?

A voz dele agora está ainda mais doce.

—Oh! Honorato, deixa dessas bobagens... *Noelzinho*... Como se ele fosse um bebé...

Queixoso e sentido, o marido formula o seu protesto:

—Ora, Gigina...

Uma sensação de desgosto invade Virgínia. Ela senta-se na banqueta do toucador. Da casa de banho vem o ruído quase musical do gargarejo de Honorato. Até nisto ele é sempre igual todas as manhãs. Um gargarejo que é um gorjeio que dura sempre o mesmo tempo e que tem sempre o mesmo tom.

Passam-se os minutos.

Honorato agora está atando a gravata, na frente do espelho.

—Vamos ou não vamos hoje ao baile do Metrópole?

—Claro que vamos, homem.

Honorato solta um grunhido. A ideia de que hoje à noite tem de pôr colarinho duro é-lhe insuportável. A mulher bem podia desistir da festa. Tão bom ficar em casa... A gente volta cansado do serviço, só tem vontade de se atirar à cama e cair no sono...

Pelo espelho Virgínia vê o marido que luta com a gravata, funga, geme e faz caretas, muito vermelho.

Afasta os olhos da imagem dele, com desgosto.

Noel está sentado à mesa do café.

O Sol inunda a varanda. O vento agita os estores das janelas. Silêncio.

Céu claro como naquelas manhãs da infância. Noel olha para fora e recorda...

A negra Angélica tomava conta da casa, do corpo e da alma dele. Tinha mais autoridade que a mãe ou que o pai. Era uma preta velha de voz de paina, olhos de peixe morto, dentes amarelos.

De manhã, dava-lhe café com pão e geleia. Penteava-lhe os cabelos crespos, limpava-lhe as orelhas e levava-o até a terceira esquina. (Manhãs de sol como esta, cheiro de sereno no vento, nuvens enormes no céu...) Na esquina, estava Fernanda, toda limpinha, avental branco, mochila de livros às costas, perfilada, sorrindo, esperando...

Tia Angélica chegava com ele pela mão, parava e dizia:

—Pronto, agora vão direitinho. Cuidado com os otomóve.

E os dois seguiam de mãos dadas. Ele ia tímido e encolhido.

Fernanda puxava-o pela mão, decidida, caminhava na frente, tinha passos largos.

D. Eufrásia Rojão, a professora, era uma mulher de voz grossa de homem, óculos escuros, gestos rápidos. Quando ela gania: «Atenção!», Noel encolhia-se, apavorado. Fernanda, sentada ao lado dele, no mesmo banco, encorajava-o com um sorriso.

Na hora dos exercícios de aritmética, Noel suava frio. Os números davam-lhe tonturas. Mas Fernanda ajudava-o a vencê-los.

Quando a aula terminava, saíam juntos outra vez. Fernanda pulava e cantava. Mas ele caminhava taciturno, de olho caído. Os outros rapazes davam-lhe empurrões e gritavam: «Que maricão! Ai meu Deus!» Riam e assobiavam, porque Noel nunca brincava com eles, ficava metido no meio das meninas, enquanto os colegas jogavam futebol ou bandeira.

Muitas vezes, Fernanda intervinha para o livrar de uma surra certa. Um dia...

O relógio da varanda dá uma badalada.

Noel sente um leve sobressalto. A visão do passado esvai-se. A criada entra com o café. Pára na frente dele e começa a despejar o leite do bule na xícara. Noel fica olhando distraìdamente para a chinoca. Os seios dela são fortes e pontudos, arfam ao compasso da respiração. Noel desvia os olhos deles com uma expressão de repugnância no rosto. Porque os seios da criada, as suas ancas carnudas, os seus braços nus são uma indecência, um acinte, uma coisa animal e desgostante. Era melhor que Querubina (até o nome, santo Deus, como é intolerável!) fosse lisa como uma tábua. Teria uma presença menos indecorosa, não estaria assim a lembrar de uma maneira tão pungente a sua qualidade de fêmea...

As fêmeas pertencem a um mundo com que Noel não está ainda familiarizado. A negra Angélica educou-o dentro do reino da fantasia. Com mimos, doces e contos de fadas. Aquela madrinha preta, ao mesmo tempo bondosa e tirânica, era um muro que se erguia entre ele e a vida.

Tia Angé era senhora da casa. À hora de dormir contava-lhe histórias... O Gato de Botas. Joãozinho e Ritinha perdidos na floresta encantada. A princesa que dormiu cem anos...

Noel foi começando a ter uma visão deformada da vida. Nunca conheceu a liberdade de correr descalço pelas ruas, ao sol. Davam-lhe livros com gravuras coloridas, bonecos, soldadinhos de chumbo: as paredes do quarto dos brinquedos limitavam o seu mundo.

Virgínia um dia falou em pôr o filho num internato. Tia Angélica cresceu para ela numa fúria:

—Tá lôca? Qué estragá o menino? Não senhora! Não vai. Havia de tê graça...

Noel não foi. Mas no dia em que completou quinze anos vieram-lhe dizer que a tia Angélica tinha amanhecido morta. A preta velha estava estatelada em cima da sua cama de ferro, de braços abertos, com os olhos escancarados fitos no tecto, como se estivesse enxergando uma visão pavorosa.

Noel sentiu um abalo tremendo. Não. Tia Angélica não podia morrer... Ela era uma espécie de fada, um génio fugido da floresta encantada. Não podia acabar assim daquele jeito, como uma criatura vulgar...

Quando levaram o corpo da negra para o cemitério, o muro que separava Noel da vida caiu. Mas ficou a sombra dele, e Noel continuou na ilusão de que ainda era prisioneiro.

Quando entrou para a academia, um ano mais tarde, sentiu-se desambientado e sofreu. A vida não era, como ele esperava, um prolongamento daqueles contos de fadas em que o lobo mau no fim era sempre castigado, ao passo que a menina do gorro vermelho continuava a viver feliz muitos anos em companhia da sua avó.

Noel encontrou a vida povoada de lobos maus.

Refugiou-se no seu quarto e nos seus pensamentos. Dentro daquelas quatro paredes—quadros, livros e um gramofone com bons discos—sentia-se num clima que de algum modo se assemelhava ao do reino das fadas.

Quando saía do quarto, era como um peixe fora de água.

Aos dezassete anos, teve os primeiros amigos, que lhe trouxeram a curiosidade sexual. Esta acabou por gerar nele um desejo forte a que se misturava uma dose não pequena de medo. Noel passou a desejar e ao mesmo tempo a temer as mulheres.

E a sua primeira experiência sexual (um amigo levou-o quase de rastos a casa de uma mulher) foi uma decepção. Porque Noel supervalorizava o acto do amor e em troca obtivera dele apenas dor e desgosto. Os homens cercavam *aquilo* dum grande mistério, duma atmosfera quase dramática; os livros fantasiavam; os moralistas ameaçavam... Tudo isto lhe excitava a imaginação. No entanto, para ele, o primeiro contacto sexual fora uma coisa repugnante, viscosa, violenta—e a dor e a surpresa mataram todo o gozo.

A mulher sorriu da inexperiência do rapaz. E Noel saiu apavorado dos braços dela. Enfurnou-se no quarto e daí por diante (já o apetite sexual era inevitável) passou a imaginar e a desejar um amor sem sangue, sem penetrações dolorosas, um amor suave, superficial; em última análise, uma espécie de união espiritual entre elfos e fadas.

Um dia, depois de reler os contos dos irmãos Grimm, escreveu a lápis na guarda branca do volume:

«*O que há de mais encantador no mundo da fantasia é que ele está*

*livre das complicações do sexo. Só por isso é que pode haver nele felicidade e alegria pura.*

*Os gnomos, por exemplo. Quando Joãozinho e Ritinha se perderam no mato, encontraram aquela colónia maravilhosa de gnomos. Tudo nela era maravilhoso e bonito. Os homenzinhos trabalhavam em paz, carregavam grandes frutas em seus carros minúsculos, quebravam nozes, dançavam ou dormiam à sombra dos cogumelos...*

*Eram felizes por duas razões principais: entre eles não havia nem lojas nem mulheres.*

*A ausência do comércio e do amor era a principal força da colónia.*

*Se os gnomos tivessem sexo, como ficaria complicada e feia aquela história da Branca de Neve! Os anões encontraram em sua casa aquela moça lindíssima. Deram-lhe de comer, cantaram e dançaram para ela. Simplesmente se fossem homens de verdade, haviam de se espedaçar para ver quem ficava com Branca de Neve. Felizmente, eram gnomos e o resultado de tudo foi um conto limpo.*

*Se entre os homens da vida real fosse possível florescerem histórias como esta, eles não recorreriam tão frequentemente ao mundo da fantasia.*»

Os anos passaram. Os homens de verdade envelheciam, ao passo que as criaturas dos contos de tia Angélica ficavam cada vez mais frescas e novas.

Noel sentia um vazio na sua vida. Em sua casa, os dias arrastavam-se monótonos. O pai fazia com relação a ele tímidas tentativas de carinho que morriam a um olhar frio da mulher. Às vezes, Noel atrasava-se na rua, de propósito, à hora das refeições. Estas eram momentos de pouca cordialidade. Honorato lia o jornal, enquanto as criadas traziam os pratos. Virgínia arreliava sem razão com o pessoal da casa. Os diálogos eram raros, difíceis, entrecortados.

—Hoje falei com o Leitão Leiria...

—Sim?

Este *sim* de Virgínia era a maior, a mais magnânima das concessões. O silêncio caía de novo. Honorato mergulhava a cara gorda no prato da sopa: o vapor fino subia. Noel não podia deixar de pensar: *a cara expressiva dum Buda por trás duma nuvem de incenso...* Sempre as imagens literárias. Por que não podia ele ser um bom animal, um homem simples e são que acha prazer na carne de gado e na carne das mulheres, na comida e no amor? Por que este medo da vida, esta distância dos homens, este apego aos livros, ao irreal, ao que é mentiroso?

Virgínia explodia em censuras sem fim. Não tinha vestidos... (Noel, Honorato, as criadas—todos sabiam que o guarda-roupa dela estava cheio de vestidos novos e caros.) Faltava-lhe uma geladeira maior, um aspirador de pó, um rádio... Os criados eram desatenciosos e lerdos. E Honorato, um água-morna, um desmo-

ralizado que não se fazia respeitar. E por falar em desmoralizado, quando era que o nosso mariquinhas do Noel ia começar a trabalhar? Para que tinha um diploma de bacharel? Para quê, se vivia de mesadas?

Noel comia em silêncio, enfastiado. Depois, ganhava a rua. Ao meio-dia e à tarde, encontrava Fernanda à saída da casa em que trabalhava. E a amizade da companheira de infância era agora a coisa melhor que ele tinha.

Agora, nesta manhã de Maio, Noel recorda o seu passado. Mergulha os seus próprios pensamentos e esquece tudo o que o cerca, os seios abundantes de Querubina, os seus braços gordos, a sua presença incómoda...

—Seu Noel!

Noel ergue os olhos. Querubina, de testa franzida, repete a pergunta:

—Pouco café ou muito café? Credo! Já perguntei três vezes.

—Pouco.

Noel começa a deitar açúcar na xícara, distraído.

Honorato entra na varanda e senta-se à mesa.

—Bom dia, meu filho.

—Bom dia.

—Dormiste bem?

(Esta voz quase cariciosa, este tom de interesse paternal só é possível na ausência de Virgínia).

—Muito bem.

O olho triste do rapaz fita a cara corada e feliz.

A voz branda e líquida muda de tom para pedir:

—Querubina! O meu café.

A criada serve o café.

Virgínia desce também para a varanda. Quando ela chega, a solidão aumenta. Há um silêncio demorado. Depois, ela fala:

—Noel, disseram-me ontem na casa das Assunção que tu andas de agarramentos com a Fernanda...

A cara lisa e clara do rapaz tinge-se de vermelho. Seus olhos castanhos ganham uma chispa quente.

—Mamã!

Esta palavra, pronunciada com uma veemência tímida, é o protesto máximo que ele ousa formular.

Virgínia ri um riso malicioso.

—Eu quero só ver se isso dá em casamento...

—Tu não compreendes...

—Ah!—Virgínia ri. Um *ah!* rascante, seco, desafinado. —*Tu não compreendes*—repete ela, parodiando a voz cansada e dolorida do filho.—Não. Não compreendo. O único inteligente da casa és tu... Só tu sabes as coisas, só tu és sabichão...

Honorato descerra os lábios para proferir uma palavrinha de

protesto. Mas a expressão do rosto da mulher desencoraja-o.

—Eu só quero ver—continua ela—como é que vais casar...

Noel desvia os olhos dos olhos da mãe. Uma ruga de contrariedade corta-lhe a testa. A expressão do seu rosto é dolorosa. Mas Virgínia continua a falar, irónica, com uma raiva fininha, sentindo um prazer miúdo e perverso em alfinetar... Porque é assim que ela se vinga. Nela a necessidade de vingança é uma força irresistível. Tem diante de si os seus guardas, os homens que lhe impedem os movimentos livres, que, consciente ou inconscientemente, a controlam. Por causa do marido, ela não tem a liberdade de gozar da companhia de outros homens mais brilhantes, mais moços e mais agradáveis. Por causa do filho ela é forçada a uma atitude insuportável de mãe de família, de senhora respeitável. São limitações que ela não pode tolerar. Se põe mais *rouge* nas faces, mais *baton* nos lábios, lá estão aqueles olhos do rapaz fixos nela, numa censura contida, lá está a cara desconsolada do marido que, não dizendo nada, diz tudo. Os seus desejos de boa companhia, de festas, de ruído e de elogios são recebidos com desagrado por eles. E o pior é que é um desagrado que não acha expressão em palavras, um desagrado que ela sente nos olhares, nas atitudes e no bojo mesmo do silêncio que se fecha sobre os três, quando estão juntos.

—Aonde é que o doutor vai arranjar dinheiro p'ró casamento?

Noel, que só provou um gole de café, levanta-se devagar. Volta a cabeça para o lado, descontente, e sai.

Virgínia fica sorrindo.

Com a boca cheia de pão, as bochechas trémulas, Honorato reune toda a coragem que lhe resta e diz:

—Ora, Virgínia! Você...

## 3

O Sol da manhã conquista aos poucos o quarto-de-dormir do apartamento n.º 24 do décimo andar do Edifício Colombo. Entra pela janela, passa numa faixa amarelenta por cima da mesinha redonda, onde faísca um cinzeiro de louça (um *daschshund* negro com uma coleira vermelha), projecta-se sobre o parque e vai-se arrastando devagarinho na direcção da cama.

Sobem da rua ruídos surdos e gritos destacados—vozes das criaturas de aço e das criaturas de carne.

A coluna de Sol prossegue na marcha lenta, lambendo a sombra. Os minutos passam. Os ruídos crescem. O Sol avança, chega aos pés da cama e vai subindo até que bate em cheio no

rosto de Salustiano Rosa. A máscara morena ilumina-se: pálpebras lustrosas caídas, sobrancelhas grossas e eriçadas, nariz recto destacando-se decisivo do rosto onde a barba começa a aparecer em pontinhos azulados. A boca está aberta: aparecem os dentes claros e regulares, que faíscam.

Salustiano desperta. Mal abre os olhos. Está com os braços estendidos, em cruz. Sente agora a carícia morna do Sol. E aos poucos vai tendo consciência do contacto de um corpo estranho, mole e arfante, debaixo do dorso da sua mão esquerda. Volta a cabeça e olha. A seu lado, uma rapariga loura dorme mansamente. E a sua mão está aninhada entre os seios dela. Durante três segundos, Salustiano ignora tudo. Mas a memória chama as recordações da noite. E, numa síntese mágica, surgem detalhes...

A noite que ameaçava terminar sem uma aventura. Os efeitos do *whisky*. A Lua. A rua deserta, o vulto do guarda, na esquina. A rapariga loura que passava sòzinha. Psst! Os olhos verdes que se fixaram nele, o sorriso animador. Depois as palavras que não tinham sentido e os gestos que diziam mais que as palavras. O elevador subindo—1.º, 2.º, 3.º andar... A rapariga sorrindo em silêncio na frente dele. Depois, a paragem brusca no décimo andar. O corredor, com uma lâmpada brilhando lá no fundo, o tapete abafando os passos, a pressão tépida das mãos dela. O n.º 24 pintado na porta em algarismos brancos. Dentro do quarto, a quietude e o luar. Pouco depois as roupas—as dele e as dela—que uma a uma caíam misturadas sobre a poltrona. E a visão daquela rapariga de pernas esbeltas, deitada na cama, imóvel, esperando...

Todas estas recordações se desenhavam na mente de Salustiano, no milagre de dois segundos.

Agora, a mulher também está de olhos arregalados, caçando lembranças.

Salustiano senta-se na cama. Olha tranquilo para a companheira da noite. Uma mecha de cabelo lhe cai sobre a testa. Os olhos de ambos encontram-se. A rapariga sorri. Salustiano sorri. Ergue-se. O pijama de seda («Como foi que eu tive a lembrança de vestir o pijama?») dança-lhe frouxo e amarfanhado no corpo musculoso.

Salustiano dá alguns passos no quarto, sem destino. O sorriso da rapariga alarga-se.

«Que homem engraçado!»—pensa ela.

De pé contra a luz que jorra agora pela janela, Salustiano está de braços cruzados, olhando para a companheira da noite.

Só agora é que ele vê bem a cara da mulher com quem dormiu. É uma rapariga de narizinho redondo, olhos dum verde esquisito, seios pontudos, cabelos louros. Bonita! O Sol da manhã podia ter-lhe revelado a carantonha entumecida e pintada duma megera. Salustiano verifica com alegria que a sua boa-estrela ainda continua a brilhar.

A rapariga contempla Salustiano e continua a sorrir. A luz desenha a silhueta firme do rapaz dentro do pijama: é um raio-X tão nítido que ela pode ver até os fios de cabelo que dão àquelas pernas rijas a aparência dum bicho estranho.

—Mas como é o teu nome, menina?

A rapariga tem um sobressalto leve ao ouvir o som da voz dele, metálica e autoritária.

—Cassilda.

Por alguns segundos, Salustiano fica olhando para a coxa branca e bem torneada que emerge da coberta amarela: tem uma leve penugem de pêssego que o Sol doura.

Salustiano espanta um desejo traiçoeiro que vem negaceando, de longe, procurando tomar-lhe conta do corpo e da vontade.

Olha o relógio que está sobre a mesinha de cabeceira. Nove horas. Os inquilinos do décimo andar têm os seus princípios e os seus escrúpulos... Cassilda precisa de sair sem ser vista.

—Pois é, minha nêga—diz ele, com delicadeza.—Vai dando o fòrinha, sim?

Ela faz um gesto de aquiescência, atira as pernas para fora da cama, coça a cabeça e pergunta, entre dois bocejos:

—E o teu nome, como é?

—Salustiano... Se tiver preguiça de dizer todo o nome, diga só Salú. É o mesmo.

Cassilda começa a enfiar as meias.

Salú debruça-se à janela. Lá em baixo, na rua, movimenta-se um exército de bichos minúsculos. Correm os eléctricos de capota parda, chatos e rastejantes. Parecem escaravelhos. Uma confusão de cores e formas móveis, um entrelaçamento de fios de aço e de sons. Os telhados estendem-se ao Sol. Coruscam vidraças. Flutua no ar uma névoa fracamente azulada.

Longe, estende-se o casario chato dos Navegantes, com as suas chaminés, que dão a impressão de troncos desgalhados duma floresta, depois do incêndio.

Salú respira, contente. Enfim, mais um dia começa. Só a ideia de estar vivo, são e íntegro, lhe causa uma alegria intensa. A vida é boa. E a gente nunca deve voltar-lhe o rosto. É preciso aceitar todas as coisas. Tudo o que Deus fez é bom. (Ele aceita Deus por comodismo: pensar de mais faz mal e rouba um tempo precioso que pode ser aproveitado numa actividade mais útil). Tudo o que o corpo reclama é legítimo. O Sol brilha: vamos gozar o Sol. As mulheres passam: vamos amar as mulheres...

Salú vai para a casa de banho. Despe-se e salta para debaixo do chuveiro e põe a água a jorrar. O leque líquido envolve-lhe o corpo. Salú canta nem ele mesmo sabe o quê. É uma melodia exótica, toda feita de fragmentos de várias canções, entrecortada de gritos e assobios.

Do outro compartimento, vem a voz da rapariga:

—Quero cantar... Como vai ser?

—Pois entre, menina—respondeu Salú. E continua a cantar.

Cassilda entra. Contra o verde dos ladrilhos da banheira destaca-se o vulto moreno-claro do rapaz. Completamente nu... Cassilda fica parada, sorrindo sem malícia. A primeira imagem que lhe vem à mente é a de um cartaz parecido com o que agora ela tem diante dos olhos—*Tarzan, o Filho da Selva*. Mas a figura do cartaz de cinema tinha uma tanga, ao passo que Salú...

—Nunca viste um homem pelado?

Cassilda solta uma risada e caminha para o espelho.

—Sai, bobo!

Agora, Salú está à janela, metido no seu roupão felpudo. Lá em baixo, a porta do arranha-céus deixa passar o vulto de Cassilda. Salú reconhece o vestido vermelho e o chapéu preto de feltro. Uma figura pequenina que se move sobre a calçada clara de mosaicos, projectando na sua frente uma sombra ténue. A mancha vermelha caminha. Outras manchas se agitam. Cassilda perde-se no tumulto da rua.

Cassilda de quê? Quantos anos tem? Qual o seu passado? Que lhe reservará o futuro?

Lá vai a rapariguinha loura que subiu sem protestar ao quarto do rapaz desconhecido, meteu-se na cama dele, deu-lhe alguns momentos de prazer e no dia seguinte ergueu-se sem pedir explicações, vestiu-se e saiu na ponta dos pés para não chamar a atenção dos outros inquilinos do décimo andar. Não contou histórias sentimentais nem olhou para a cédula que o homem lhe meteu na bolsa.

A manhã é clara. Eléctricos, automóveis e gente passam. A vida continua. Garotos gritam nomes de jornais.

Mas a Cassilda do vestido vermelho lá vai caminhando com aquelas pernas que Salú viu nuas ali na cama; vai sacudindo os braços que o apertaram, e olhando as coisas e as pessoas com os olhos que viram há pouco o corpo nu do seu amante de uma noite.

Talvez ele não torne a vê-la nunca mais. E tudo é tão bonito assim, tão harmonioso, tão cómodo... Noel (Salú pensa no amigo) não poderia deixar de sentir uma melancolia enorme ao ver aquela criaturinha sem história perder-se assim na multidão. Ficaria horas e horas a pensar, a imaginar coisas, só pelo prazer absurdo de sentir-se mais triste e de achar a rapariga mais desgraçada.

Está tudo certo—reflecte Salú.

Em paz com a vida, veste e sai.

Na rua há largas zonas de sombra e de luz. Anda no ar, de mistura com a luz esfumaçada, um cheiro activo de café torrado.

Salú caminha. Passam eléctricos amarelos, numa trovoada.

Salú olha as pessoas que transitam e de repente lembra-se do tempo em que era ginasiano... O pai vinha visitá-lo. Morava no interior e era um homem alegre e despreocupado. Saíam a passear. O velho mostrava os homens que passavam e dizia:

—Olha, meu filho, os homens são como formigas...

Torcia contente o bigode fino. Orgulhava-se de ter a sua filosofia da vida. Bolsa de cordéis frouxos. Amantes. Primeiro o prazer, depois o trabalho. A mulher era rica, ele não tinha razão para se preocupar com o futuro.

Salú olhava o pai com admiração. E escutava...

—São como formigas—repetia ele.—Caminham, caminham e caminham. Sempre preocupados com o trabalho, os burros! Os formigueiros (e o velho fazia um gesto que abrangia a cidade) sobem para as nuvens...

E expunha a sua teoria. Cada homem que passava era uma formiga que levava às costas um peso morto, um peso esmagador, mas absurdo, de cuidados. Uns pensavam nas contas que tinham a pagar. Aquele sujeito amarelo e encurvado decerto tinha uma promissória vencida em vésperas de ser protestada. O homem de óculos escuros e bengala de castão de prata ia pensando na filha trintona que não achava marido. Quase todos os transeuntes levavam uma carga invisível de cuidados. E os que não tinham cuidados mas tinham imaginação inventavam incómodos fantásticos só para se autoflagelarem, porque não tinham coragem de aceitar a vida pura e simplesmente como ela é...

—Os homens são formigas!—repetia o velho.—Formigas que levam às costas fardos cem vezes maiores que elas. Devemos ser mas é cigarras, meu filho!

Salú revê mentalmente o pai; sorri para o fantasma...

O Sol bate em cheio num cartaz vermelho em que um mandarim de roupa amarela recomenda em letras brancas que todo o mundo toma «Chá Pequim». Os olhos de Salú pousam no cartaz. E ele imediatamente pensa em Chinita.

—Sou toda tua!

As palavras dela soam-lhe agora na memória com surpreendente nitidez. A voz musical, o receio esquisitamente excitante... Na penumbra do cinema as mãos deles encontraram-se aquela noite. Mickey Mouse fazia proezas na tela branca. Ao lado de Chinita, o vulto escuro da mãe, os vastos seios arfando. Mais adiante, o pai dormitava, a cabeça caída, a papada derramada sobre o colarinho duro. Um trinado da flauta de Mickey Mouse acordou-o. Os dedos de Salú viajavam de leve pelo braço de Chinita. Os olhos dela fulguravam na sombra...

O Sol brilha mais forte. As formigas passam carregando os seus fardos.

Devemos ser mas é cigarras, meu filho!
Salú segue cantando.

# 4

O relógio grande da varanda (custou três contos, tem um pêndulo dourado, enorme) bate onze horas.

Chinita pensa em Salú. A água de duas torneiras escorre para a banheira de ladrilho amarelo e preto. Chinita tira o roupão e fica toda nua, namorando-se na frente do espelho.

Se ele a visse assim?

Chinita apalpa os braços (quantas vezes os dedos dele apertaram estas carnes...), pousa as mãos dobradas em concha sobre ambos os seios (que sensação esquisita e boa, que cócega invade o corpo e põe o coração a bater com mais força quando os dedos dele lhe tocam de leve os bicos dos seios, mesmo por cima do vestido...).

De lá de baixo, do *hall* (Chinita faz questão de pronunciar *hól*, com *h* aspirado, bem como lhe ensinou o professor Clarimundo) vêm rumores confusos.

Devem ser os decoradores. Vozes. Batidas agudas de martelo.

Chinita toma a temperatura da água com a mão. Tépida. Fecha as torneiras de água fria e deixa cair água quente por mais alguns instantes.

Entra na banheira. A água fecha-se sobre ela com um abraço morno. Chinita cerra os olhos. Um calor que adormenta, que convida ao abandono, que amolece. Chinita pensa em Salú. É tépido assim o corpo dele quando ambos dançam bem colados um ao outro. Hoje à noite hão-de encontrar-se de novo no chá-dançante do Metrópole. Chinita sorri a este pensamento. E uma ideia garota lhe ocorre: A única utilidade de D. Dódó Leitão Leiria é a de inventar festas de caridade onde a gente pode dançar e conversar com o namorado...

Chinita ensaboa as pernas, as coxas e o ventre, numa carícia demorada. E agora dentro desta casa de banho espaçosa de ladrilhos coloridos—um armário com perfumes, sais de banho, cremes e água de Colónia a um canto—ela pensa no quarto de tábua da sua casa de Jacarecanga. Um cubículo estreito e cheio de frinchas. No inverno era um pavor; o vento entrava uivando, frio e cortante como uma navalha. A tina de folha com pintura descascada tinha pés cambaios, rangia quando a gente saltava para dentro dela e deixava vasar água por um buraco que nunca ninguém conseguiu descobrir. Sabonete de mil e quinhentos.

O papá prometia melhoramentos, mas a loja ia mal, havia promissórias protestadas. Às vezes, o ralo do chuveiro desprendia-se e ia fazer um galo na cabeça do banhista...

Chinita sorri. Mergulha todo o corpo na água, fica só com a cabeça para fora. Nadam na superfície espumas brancas coroadas de bolhas irisadas. A água agora vai tomando uma cor leitosa, pàlidamente azulada.

Parece um sonho (as recordações continuam). Aquela vida... O colégio da professora Ana Augusta. Os bilhetinhos de amor do farmacêutico. As meninas do Sr. Boeira, colector estadual. De noite, o cinema do Sr. Mirandolino, o Britinho da Barbearia Fígaro soprando na flauta, o filho do delegado batendo no piano. Foi naquele cinema sombrio e feio que ela começou a amar a gente de Hollywood...

Tinha dez anos quando Valentino morreu. Mesmo assim pôde compreender que a perda era irreparável. Chorou muito. O pai teve de dar-lhe uma boneca nova... Depois os anos passaram, ela cresceu, o cinema progrediu, ganhou voz. Mas em Jacarecanga continuava mudo. («Não sou besta de comprar um aparelho falante»—dizia o Mirandolino—«essa gerigonça não vai longe...») E assim o barbeiro e o filho do delegado continuaram a arranhar na flauta e no piano valsas impossíveis.

Chinita teve muitos namorados. Recebeu muitos bilhetinhos perfumados com flores secas. Uma vez, como os pais se opuseram ao seu namoro com um forasteiro, porque toda a gente o apontava como vigarista, Chinita pensou em fugir. (Não que o amasse de verdade. Mas o que a tentava na coisa era o que ela tinha de cinematográfica: Chinita adorava as situações românticas. Elas faziam que a vidinha sem graça de Jacaracanga se parecesse um tiquinho com a das figuras de Hollywood). Mas o capitão Moreira, delegado da polícia, não ia nunca ao cinema e não compreendia os romances. Recebeu uma denúncia e meteu o galã de Chinita no *xadrez*.

Chinita passou vários dias vestida de escuro, olhos pisados (bem como Pola Negri numa fita trágica), pensando no bem-amado. Mas os cartazes do cinema Ideal saíram para a rua anunciando uma «superprodução» de Ramón Novarro. Chinita criou alma nova e esqueceu o seu drama. Foi ao cinema e naquela mesma noite arranjou um namorado.

A vida em Jacarecanga rolava, sempre igual, sem variantes. Chinita vivia com o pensamento em Hollywood. Imaginava-se Greta Garbo, ou Joan Crawford, ou Constance Bennet. Imitava gestos e penteados. (Nos bailes do Recreio todos riam dela. Inveja!)

O ambiente familiar não a encorajava. As paredes da casa, cheias de retratos de avós, gente antiga, mulheres de penteados monumentais, homens de barba... Guardanapinhos de croché.

Mamã gorducha fazendo *tricot*, falando em realizar economias, suspirando e queixando-se da vida. Papá, de barba crescida, comentando a alta dos géneros, a política, as partidinhas de *pocker*...

Chinita sonhava com outro ambiente mais moderno, mais fino, mais limpo. Alta roda, homens de casaca, mulheres com vestidos decotados, perfumes e jóias...

Agora, ela faz uma excursão ao passado, só porque se lembrou da banheira pobre da sua terra natal...

Brrr! Chinita agita os braços, segura as bordas da banheira, tosse, ergue a cabeça... Brrr! A água quase lhe desceu garganta abaixo.

Não se pode ficar distraída...

O relógio bate uma badalada! Meia hora depois do meio-dia.

Chinita sai da banheira, enrola-se numa toalha felpuda que lhe dá arrepios e torna a pensar em Salú.

No *hall*, os decoradores trabalham, terminando as pinturas da parede. O coronel Pedrosa faz questão de que haja enfeites dourados, muitos enfeites dourados. A mulher, D. Maria Luísa, suspira, cara triste, pensando nas despesas. Mas o marido está com a mania de grandeza na cabeça: quer por força ter a melhor vivenda dos Moinhos de Vento.

O ar está cheio de um cheiro penetrante de tinta a óleo. Os móveis novos (também com dourados, estilo Luís XV) estão cobertos com panos de lona. Um mulato gordo encera o soalho.

Sentado numa poltrona fofa, o coronel Zé Maria Pedrosa lê o jornal da manhã. Política nacional. Um ministro que pede a demissão. Rumores de revolução. Entrevistas. Discursos. Um manifesto.

Zé Maria baixa o jornal.

—Seu Willy!

O homem ruivo, cuja cara branca e inexpressiva parece um desenho de linhas simples que o desenhista se esqueceu de encher, volta-se em cima da escada.

—Pronto, coronel.

—Mas o senhor acha mesmo que terminam o serviço depois de amanhã?

—Och? Como non, coronel!

—Precisamos inaugurar a casa na terça-feira, sem falta.

O coronel pensa nos convites. A redacção é de Chinita. Mas quem escolheu o papel e as letras foi ele: um papel grosso, chamalotado, letras douradas, um *bouquet* de flores coloridas a um canto «*A família José Maria Pedrosa tem a subida honra de convidar V. Ex.ª e Ex.ma família para o baile com que inaugurará o seu palacete...*»

Zé Maria sorri. O alemão volta-se de novo para a parede e continua a pintar com todo o capricho um arabesco complicado.

Foi uma luta para conseguir que o coronel desistisse da ideia de ver cavalos, bois e anjos pintados nas paredes da casa. Por fim, cercado por Chinita, que queria parecer moderna, pelo pintor, que apresentava razões técnicas e pela mulher, que achava que quanto menos figuras houvesse «menos despesas haveria»—desamparado e só, Zé Maria capitulou... Desistia dos cavalos, mas que lhe deixassem então os dourados, ao menos os dourados...

A criada vem dizer que o almoço está na mesa. É uma rapariga nova, vestida de preto e avental branco e touquinha na cabeça. Zé Maria sorri porque lhe vem à memória um quadro do passado: a negra Teresa, de cara inchada e pretusca, surgindo do fundo da cozinha para dizer com maus modos:

—«O armôço tá na mesa, não enbrome pruqu'esfria!»

Zé Maria pensa em Nanette e nas beijocas boas que vai dar-lhe hoje de tarde, se Deus quiser.

—Seu Willy, não é servido?

A cara sem cor parodia uma expressão amável.

—Muito obrigado, pom brofeito!

O Sol escorre para dentro da sala-de-refeições. Em cima da mesa faíscam sobre a toalha os cristais, as pratas, as louças. Os móveis são de jacarandá. Berra a pintura futurista das paredes. O soalho encerado é um espelho. A terrina de sopa fumega. Tudo fulge, menos a cara de D. Maria Luísa.

Sentada no seu lugar, na frente do marido, ela tem os olhos baixos, os lábios apertados, o ar doloroso. Parece uma ré diante do juiz.

—Mas que é que você tem, Maria Luísa?

Zé Maria sabe o que... Vinte e oito anos de casados; conhece a fundo a mulher. Pergunta por perguntar...

—Não tenho nada. Eu nunca tenho nada.

A criada serve a sopa. Zé Maria desdobra o guardanapo e ata-o em torno do pescoço. Silêncio.

Zé Maria, para melhorar o ambiente, faz humorismo:

—P'ra quê flor na mesa?

Olha para o vaso bojudo onde as zínias amarelas se misturam com as rosas.

—Eu não como flor!

É o seu grande achado, a sua proeza máxima como humorista. E goza com a própria piada: *hê-hê-hê*, uma risadinha seca e prolongada.

D. Maria Luísa permanece de cara fechada. Novo silêncio. Agora só se ouve o tan-tan dos trabalhadores que estão a bater martelo no andar superior e os sons quase musicais que Zé Maria produz ao sorver as colheradas de sopa.

—Onde é que está a Chinita?—indaga ele.

—Levantou-se há pouco.

A voz de D. Maria Luísa é dolorida, arrastada—voz de quem tem prazer em se julgar mártir, voz de quem tem a preocupação de sempre representar na vida o papel de vítima.

—E o Manuel?—torna a perguntar o pai.

—Não dormiu em casa. (A voz é tão dolorosa que parece estar anunciando: «O Manuel amanheceu morto»). Nunca dorme...

Zé Maria está arrependido de ter feito a pergunta. Agora nem tem coragem de fazer comentários.

—Veja só...—É a única coisa que encontra para dizer.

Mas D. Maria Luísa não está satisfeita. Ainda não esgotou o tema de desgraça. É preciso descobrir nele mais motivos de tristeza.

—O Manuel está magro...

Zé Maria sorve a última colherada de sopa.

—Está sem cor...—prossegue a mulher.

Seguindo um hábito inveterado, Zé Maria afasta de si o prato vazio.

—Não quer estudar...

Zé Maria ensaia uma desculpa:

—Ora, Maria Luísa, quando a gente é rapaz...

Mas nos olhos da mulher ele lê uma censura que não acha expressão verbal. A voz dolorida ganha intensidade.

—Severina, traga os outros pratos.

Mesmo dando ordens de carácter doméstico o seu tom de voz é lamentoso.

Pausa.

Zé Maria sente um alívio, julgando que as lamentações findaram.

Os martelos continuam a bater, em golpes regulares: há ecos pela casa toda. E ao compasso dos martelos a voz cansada (que ele há quase trinta anos ouve, todos os dias, todos os momentos, queixando-se sempre, sempre, sempre), a voz arrastada vai dizendo:

—Agora tudo mudou. Eu já não tenho mais marido nem filhos...

Mas é melhor calar. Faz-se um silêncio pesado, mas um silêncio cheio de censuras recalcadas, um silêncio dentro do qual paira um enorme mal-estar.

Chegam novos pratos. A feijoada e o assado criam um ambiente de paraíso para o coronel. Ele esquece tudo e é com uma alegria quase infantil que trincha a carne tostada e suculenta.

Mas D. Maria Luísa sentir-se-ia supinamente infeliz se não tivesse motivos para ser infeliz. Por isso rumina todo o seu ressentimento, recorda, compara, imagina.

# 5

Em Jacarecanga a vida da família Pedrosa era quase patriarcal. Moravam numa casa modesta, porta e três janelas. Tinham um jardim com flores, um quintal com laranjeiras e pessegueiros; na horta, D. Maria Luísa cuidava com carinho das couves e dos repolhos. (Quando a peste bateu nos pessegueiros ela achou um motivo admirável para se sentir infeliz). Os vizinhos—o Zenóbio Pinto, escrivão, e a mulher, de um lado; o Carvalho da Farmácia, viúvo com duas filhas solteironas, do outro—eram gente boa e serviçal. Quando se apertava pela falta de açúcar ou de batatas, D. Maria Luísa ia até a cerca e gritava: *Vizinha!*—e tudo se arranjava com facilidade.

Zé Maria trabalhava de dia. Voltava às oito, lavava os pés e jantava, em mangas de camisa. De noite, Chinita ia ao cinema com as filhas do colector. Manuel ia jogar bilhar.

O serão começava. Zé Maria ficava na cadeira preguiçosa, lendo os jornais. Às vezes aparecia o sr. Carvalho. Jogavam escova ou sete-belo. D. Maria Luísa fazia trabalhos de *tricot:* uma gravata para o Manuel, uma manta para o marido, uma blusa para a Chinita, um casaquinho para o bebé da D. Almira...

Mas o fim do mês era uma tortura: cada conta que aparecia valia uma punhalada. A cada pagamento, D. Maria Luísa tinha a impressão de que lhe arrancavam do corpo uma nesga de carne.

Sofria. Zé Maria queixava-se de que os negócios iam mal. Às vezes, as horas de refeição eram pontilhadas de suspiros. Os meninos conversavam.

Chinita queria ser artista de cinema. Manuel tinha vontade de conhecer a capital. Zé Maria afogava as suas preocupações no pratarrão da feijoada.

E a vida ia passando. Todos unidos. Graças a Deus eram só quatro!—pensava D. Maria Luísa. Seria pior se houvesse oito bocas para alimentar... Mesmo assim a preocupação de economia era-lhe uma tortura permanente. Chegava a pensar numa situação ideal em que as criaturas não precisassem de comer nem de vestir. Assim todo o dinheiro iria para um cofre, ficava ali crescendo dia a dia. E seria um gosto olhar para ele todas as manhãs.

Zé Maria passava o dia atrás do balcão. Dois quilos de açúcar. Três metros de morim. Um pacote de alfinetes. E o fantasma dos papagaios do Banco, avisando o vencimento de letras.

Às vezes, o Madruga passava pela loja. Era um sujeito alto, magro, desdentado, calva enorme, olho malvado, voz dura. Andava sempre de palito na boca. Vivia a discutir com Zé Maria. No fundo, bons e velhos amigos. Mas era uma camaradagem que

precisava de ser alimentada com brigas. Dentro de um ambiente de paz perfeita não floresceria... Zé Maria e Quirino Madruga discordavam sempre. Em política, em religião, em assuntos quotidianos, em tudo. As apostas repetiam-se em torno das coisas mais triviais.

—Amanhã chove.

—Não chove.

—Chove, não vê o céu?

—Céu não regula.

—Quer apostar como chove?

—Topo! Vinte mil réis.

—Feito! Vintão.

Se chovia, Zé Maria fazia um *hê-hê-hê* gostoso, passava o dia alegre («Quero só ver a cara do Madruga») e no fim perdoava ao outro o pagamento da aposta.

Só uma coisa lhe doía na alma. Madruga não perdia ocasião de lhe dizer:

—Deus quando fez o porco foi pensando no chiqueiro. Você, Zé Maria, nasceu para viver em mangas de camisa atrás dum balcão vendendo bacalhau e manteiga... Não te posso imaginar de casaca, bebendo champanhe. Um cavalo pode morar num palácio? Não pode...

E ria a sua risada áspera.

Mas um dia Zé Maria sonhou que na casa do colector tinha havido fogo e que o Madruga havia morrido queimado. Levantou-se, impressionado. Estava-se em vésperas de Natal, a Lotaria do Natal anunciava uma extracção de dois mil contos. Zé Maria foi olhar a casa do colector. Era o 1063. Tomou uma resolução heróica. Uma vez na vida e outra na morte não fazia mal... Desgraça pouca é bobagem. Juntou a féria de três dias e foi à Agência de Lotaria do Bianchi.

—O 1063 não tem...—disse o italiano. Zé Maria ficou aborrecido.

—Encomende. Pago telegrama, pago tudo.

Estava nervoso. Bianchi telegrafou. A resposta veio. O 1063 á está vendido, mas o 3601 estava livre. Servia?

—Serve! Mande buscar com urgência.

Em casa ninguém sabia de nada. O 3601 veio. Zé Maria andava preocupado. Algumas firmas ameaçavam protestar duplicatas vencidas e não pagas. O negócio tinha pouco movimento.

Um dia, Zé Maria não aguentou aquela coisa esquisita que se lhe avolumava no peito, aquela ânsia, aquele peso invisível. Contou tudo à mulher. Tinha comprado um bilhete!

—Um bilhete inteiro? Inteiro?

D. Maria Luísa levou as mãos à cabeça. Zé Maria ficou aniquilado.

—Quanto custou?

—Trezentos...

D. Maria Luísa enxergava, via com nitidez os trezentos mil réis diante dos olhos. Sentiu uma tontura. Foi para o quarto e chorou toda a tarde.

Na véspera de Natal, ao amanhecer, estalaram foguetes lá para as bandas da praça.

Zé Maria apareceu à porta da loja.

—É na agência do Bianchi—disse uma voz.

Assomavam cabeças às janelas. Corria gente para a rua. Contra o céu claro faiscavam os foguetes que explodiam, as nuvens de fumaça ficavam no ar por alguns instantes...

O coração de Zé Maria começou a bater com mais força. Pôs o chapéu e saiu.

—Deve ser a bruta!—disse uma voz perto dele.

Zé Maria ia caminhando como um ébrio, os olhos turvos, a cabeça tão tonta que nem podia pensar. Numa esquina encontrou o Madruga.

—Aonde vais com essa pressa, homem?

Zé Maria afastou-o com a mão:

—Deixa-me!

Madruga ficou rindo, o palito tremeu-lhe nos lábios.

—Pensas que tiraste a sorte grande, meu burro?

Na frente da agência do italiano Bianchi, havia gente amontoada, procurando ler o número no quadro negro. Bianchi, rindo em toda a cara vermelha e enrugada, emergiu da maçaroca humana e correu para Zé Maria, de braços abertos:

—Felizardo! Coronele! Felicitazion! A bruta!

Zé Maria negava-se a compreender, negava-se a acreditar. Era de mais. *Aquilo* não era para ele... Oh! Não era...

—Ma é la bruta! Due mile conto! Io mandei na loja avisá...

Diante dos olhos do coronel tudo dançava, o italiano, as árvores, as pessoas. Os foguetes continuavam a subir para o céu e estouravam lá em cima, provocando ecos atrás da igreja. Agora, em torno de Zé Maria, havia muitas pessoas, conhecidas umas, desconhecidas outras. Ele tinha vontade de gritar. Sons confusos chegavam-lhe aos ouvidos:—*Parabéns! Felizardo! Qual foi o número? Nasceu com sorte! Sim, senhor!*

Depois que se livrou dos abraços da primeira hora, depois que examinou com seus próprios olhos o telegrama que trouxera o resultado da extracção, depois que bebeu um copo de água fria, é que Zé Maria começou a habituar-se com a nova realidade maravilhosa. Quando serenou, o seu primeiro pensamento foi para o amigo: «Eu só queria era ver a cara do Madruga.» E viu. Madruga chegou, fingindo indiferença:

—Ouvi dizer que tiraste a sorte grande.

O sorriso largo de Zé Maria era uma confirmação.

Madruga segurou o palito, fleumático, fez uma careta de dúvida e disse:

—Não sei se te felicite... Bem diz o ditado que a fortuna é cega. Deus às vezes dá osso para cachorro sem dente. Dentro de dois anos não tens mais nem um miserável níquel. Por falar nisto, empresta-me vinte mil réis.

Zé Maria, contente, tirou do bolso uma cédula de cinquenta.

—Leva cinquenta! Estou louco da vida.

Quando souberam a notícia, Chinita e Manuel soltaram urros de prazer. O rapaz quebrou uma compoteira de vidro amarelo. Tinha raiva àquela coisa. Havia muito que refreava uma vontade legítima de quebrar aquele objecto que provocava os nervos. Agora que estavam ricos tudo se podia fazer.

D. Maria Luísa, ao saber do grande acontecimento, teve um desmaio. Chamaram o Carvalho da Farmácia, que veio com o vidrinho de amoníaco e com uma delicadeza e uma solicitude desusadas. Depois que voltou a si, lembrando-se dos dois mil contos, D. Maria Luísa começou a chorar baixinho. Zé Maria veio para a cabeceira da cama.

—Mas que é isso, Maria Luísa? Não vês que nós estamos ricos? Agora tudo vai ser bom, a gente tem tudo o que quer...

Mas a mulher continuava a choramingar. Já estava pensando, com uma dor enorme, no muito que tinham de gastar dali para o futuro. Todo aquele dinheiro seria um pesadelo. Os ladrões, os pedinchões, os vendedores ambulantes. Depois, os Bancos não estavam livres de quebrar. Teriam de mudar de casa: fazer casa nova custava dinheiro, mobilar casa custava dinheiro. Agora, os meninos iam pensar que estavam milionários e desandariam a gastar, a gastar, a gastar...

Todo o mundo então passou a cumprimentar, sorrindo, a família do coronel Zé Maria. Nos primeiros dias choviam pedidos de dinheiro. O coronel estava sempre inclinado a dar, a ceder... Mas a mulher intervinha:

—O Zé Maria não é pai de ninguém, está ouvindo? Toca p'ra fora, seu explorador!

Quando se tratava de defender o seu rico dinheiro, ela tinha assomos insuspeitos de energia. Era capaz de brigar, de dar bordoada, de enfrentar todos os perigos. Mas, vencida a dificuldade, caía de novo na melancolia e levava a ruminar tristezas, a pensar em possíveis desastres, a fazer força para descobrir motivos de infelicidade.

Um dia, o coronel resolveu mudar de terra e de vida.

—Isto aqui é bom p'ra o Madruga que gosta de vegetar. (Não sabia bem a significação de vegetar, mas tinha a certeza de que não era boa coisa). Vamos p'ra Porto Alegre. O Manuel pre-

cisa seguir uma carreira, a Chinita precisa casar bem. E nós, minha velha, também temos direito de gozar um pouquinho. Só o burro é que passa vida inteira puxando a carroça.

Chinita e Manuel exultaram. Porto Alegre significava uma vida nova: sociedade fina, automóveis, passeios, cinemas, bailes, ruas muito movimentadas, luxo e gozo. Manuel fazia planos...

Quando o coronel anunciou que se ia embora, houve protestos na cidade. Foram comissões a casa dele. «Fique, nós queremos que o coronel seja presidente do Recreio Jacarecanguense. Desista da viagem, Jacarecanga precisa de homens como o senhor. Ora, não vá, coronel, não vá que nós somos capazes de o fazer prefeito.» Prefeito? Aqui o coronel titubeou. Mas a promessa era muito vaga, a casa da família e a loja estavam vendidas...

No dia da despedida, a plataforma da estação estava cheia de gente. Banda de música. O promotor público fez um discurso em que lamentava a perda dum dos filhos mais ilustes de Jacarecanga. (O coronel sentiu um estemecimento). D. Maria Luísa chorava copiosamente. Quanto iam gastar na nova vida? Que sorte lhes estaria resrvada?

A locomotiva apitou. O comboio começou a movimentar-se. Na plataforma deram vivas ao coronel Pedrosa e Ex.ma família. Lenços agitavam-se. O Sr. Carvalho da farmácia enxugou uma lágrima sincera. As filhas do colector choravam. Por cima das cabeças agitadas erguia-se o estandarte vermelho e verde do Recreio. A estação foi ficando para trás, cada vez mais pequena. A marcha do comboio aumentava. Ruas de Jacarecanga. Subúrbios. Casinholas com crianças nuas à porta. Quando vislumbrou, ràpidamente, lá no fim da rua, a fachada da casa em que tinha morado, D. Maria Luísa desandou a chorar abandonadamente, como quem volta do enterro de uma criatura amada. Chinita fazia projectos bonitos. O coronel pitava um charuto caro. Manuel estava no vagão vizinho, onde já tinha arranjado uma namorada. O comboio entrou no campo. Jacarecanga dentro de alguns minutos era apenas uma mancha claro-escura perdida entre o verde de duas coxilhas.

## 6

Agora, nesta varanda coruscante, cada objecto para D. Maria Luísa é a evidência duma despesa: uma alfinetada desagradável.

Zé Maria come com alegria, ruidoso, como nos velhos tempos. Os mesmos olhinhos miúdos, a mesma cara tostada, de maçãs salientes, o mesmo cabelo preto e duro de bugre. Mas no fundo

tinha mudado.—D. Maria Luísa tem dolorosamente a consciência disto—no fundo ele é outro. De resto, tudo está diferente, o filho, a filha, a vida...

—Não comes, Maria Luísa?

Zé Maria ergue os olhos, garfo suspenso (um pedaço de carne gorda espetado na ponta, rebrilhante de caldo de feijão), um interesse súbito e muito forçado a mostrar-se-lhe na cara larga.

—Estou sem apetite...

No alto da escada aparece Chinita. Vestida de branco, vaporosa, cabelos húmidos e muito lambidos, franja colada à testa. Fica imóvel por alguns instantes: sua silhueta recorta-se contra o violeta profundo da parede. Olha para baixo lânguidamente. (Greta Garbo). A boca grande parte-se num sorriso (Joan Crawford).

—Bom dia, papá, bom dia, mamã.

É um cumprimento desusado. Mas Chinita ama ouvir o som da própria voz. Pronuncia as palavras destacando bem as sílabas.

Lá em baixo o papá e a mamã erguem os olhos. Chinita põe as mãos na cintura.

—Não vens comer, menina?

A voz de D. Maria Luísa, chorosa e arrastada, chega aos ouvidos de Chinita. Ela tem a impressão de que, passando por uma esquina, ouviu um mendigo dizer, lamuriento: *Uma esmola pr'um pobre cego!*

Chinita bem pode descer a escada com naturalidade e ir para a mesa. Mas ela quer gozar bem inteirinho o prazer de morar numa casa rica como esta, numa vivenda «de cinema». Vai descendo devagar. (Na sua cabeça soa uma melodia maravilhosa ao ritmo da qual ela se move...) Passa a mão pelo corrimão liso, que rebrilha. O trilho de desenho confuso e multicor abafa-lhe os passos. Chinita respira forte: o cheiro da comida mistura-se ao das flores. A cabeça do papá destaca-se contra o vitral iluminado —uma ceia de Cristo em tamanho natural (cinco contos e oitocentos).

Chinita senta-se à mesa.

Zé Maria anima-se.

—Então? E a festança, hem?—pergunta.

—Se Deus quiser, papá.

—Vou fazer correr champanhe como água.

A cara do coronel reluz de gozo. D. Maria Luísa suspira.

—Que é que tu achas, mamã, fazemos sanduiches, *croquettes* e... que mais?

D. Maria Luísa ergue os olhos de mártir.

—Não sei...—geme ela—eu não mando nada aqui, não sou ninguém...

—Ora, mãe, não diga isso!

Chinita e o pai discutem pormenores. O coronel quer que haja muita comida. Manda-se matar um porco, dois, três... uma dúzia de galinhas. Nada de miséria. Todo o mundo deve voltar para casa com a pança cheia.

O coronel quer que tudo esteja muito claro.

—Vamos pôr luz em todo o quintal...

Chinita escandaliza-se:

—Quintal? Oh! Papá, diga parque... é mais bonito e no fim de contas é verdade.

—Pois é... parque. Mandei pôr muitos bicos grandes. Vai ficar claro que nem circo de cavalinho.

E ao pronunciar esta última palavra Zé Maria sente uma saudade vaga e suave dum espectáculo duma companhia de circo. Lembra-se do último a que assistiu, uma companhia muito boa, palhaços muito engraçados, um malabarista japonês, a rapariga do arame (pernas grossas), aquele cheiro de jaula, o leão magro e, no fim, a pantomima. Uma nuvenzinha leve e breve de tristeza passa voando pelo rosto dele. Mas logo brilha o sol de novo:

—O Leitão Leiria vem com a família...

—Claro!—diz Chinita.

—O Moreira com a mulher...

—Prometi ir buscar a Vera no meu carro...

A palavra *carro* corresponde a uma punhalada no coração de D. Maria Luísa. Carro: automóvel: a baratinha *beige* de Chinita: trinta contos de réis. Para quê esse desperdício? Têm um *Auburn* grande, chega bem para todos, já é até de mais. E a gasolina? E o empregado para cuidar do carro? E os consertos?

A criada entra com a sobremesa.

Zé Maria palita os dentes, feliz. Chinita estuda no espelho uma pose cinematográfica. Disseram-lhe uma vez que ela era parecida com Ana May Wong. No outro dia ela começou a usar franja...

—Severina, guarde um prato para o Sr. Manuel.

—Sim, senhora.

Chinita levanta-se, vai ao *hall* e põe o rádio a funcionar. Fraca e remota a princípio, mas definindo-se aos poucos, a melodia de um *fox* invade a sala. Chinita começa a dançar, requebrada. Fritz, de cima da escada, olha para ela com o rabo dos olhos. Da varanda vem a voz de D. Maria Luísa:

—Chinita, olha que faz mal a gente rebolear-se depois da comida.

—Ora, mamã! Bobagens!

E agita-se ao ritmo do *fox*, os seios tremem-lhe como gelatina, o braços traçam desenhos malucos no ar, as pernas sobem e descem. Chinita vai ficando cada vez mais possuída pelo frenesi da música. O coronel, da porta, sorri-lhe: o guardanapo ainda amarrado ao

pescoço. Chinita salta—*oh boy!*—mexe com as nádegas, saracoteia. Faz de conta que o pintor e o papá são uma plateia, faz de conta que ela é Ruby Keeler. Faz de conta...

Sentada ainda à mesa D. Maria Luísa pensa num dia de Jacarecanga: Zé Maria jogando paciência e pitando um crioulo, ela fazendo *crochet*, Manuel no bilhar, Chinita passeando na frente da casa com as filhas do colector.

Zé Maria olha a filha que dança e as paredes de pintura berrante e pensa, com a alma banhada de felicidade: «Eu só queria ver a cara do Madruga!»

## 7

O mesmo Sol que faz faiscar o enorme vitral do refeitório do coronel Zé Maria Pedrosa, entra pela janela do quarto de Fernanda, na Travessa das Acácias.

Fernanda descansa. Mais alguns minutos e chegará a hora de sair de novo para o trabalho.

Recostada na cama ela vê, do outro lado da travessa, o quarto do professor Clarimundo. Quando ele aparecer ali na janela, de palito na boca, a vizinhança toda pode ter a certeza de que faltam dez minutos para a uma hora. Tão certo como o melhor relógio do mundo. Chova ou brilhe o Sol, domingo ou dia útil —sempre à mesma hora, pontualíssimo, o professor vai ruminar à sua janela, lá no alto da casa da viúva Mendonça.

Fernanda, num torpor bom, deixa-se estar deitada, com os olhos pregados no tecto. Se ela pudesse ficar assim neste abandono, sempre e sempre, deixando a vida correr como um rio...

Duma casa da vizinhança vêm até aos seus ouvidos rumores de vozes, tinidos de copos, o som agudo produzido pelas batidas dos talheres nos pratos. Um automóvel passa na rua.

Fernanda pensa... A vida podia ter sido bem diferente para ela. Se o pai não tivesse morrido daquela maneira desastrosa... ou se, morrendo, deixasse a família amparada: um seguro, uma pensão... Se ela tivesse conseguido a sua nomeação de professora...

Fernanda olha para o diploma que está pendurado na parede, num quadro (ideia da mãe, porque ela não liga a essas coisas...) Sorri. De que lhe serve aquilo? Anos e anos de estudo e de sonhos. Sustos: nas vésperas dos exames, vigílias ansiosas, olhos cansados, palidez. Pedagogia, álgebra, psicologia, física... quanta coisa mais! Para quê? Para acabar taquigrafando as cartas idiotas de Leitão Leiria?... «*Acusamos recebido o seu estimado favor de 23 último...*» E facturas, duplicatas, guias...

Fernanda pensa no escritório. Na frente da sua mesa, o lugar de Branquinha, dactilógrafa—magrizela, grandes óculos escuros, pele amarelenta, cabelos crespos. Tem sempre em cima da mesa um vaso com flores. E não se cansa de repetir com a voz cantada: «Tenho loucura por flores!»

Por trás de Branquinha, a paisagem aflitiva que a janela emoldura. Telhados, telhados e mais telhados; paredes cinzentas, chaminés, roupas secando e longe—esmagada entre duas paredes duras—uma nesguinha de céu.

Fernanda afugenta a recordação desagradável.

O Sol bate-lhe no rosto: é uma carícia morna e preguiçosa. É bom ficar assim, sempre assim, poder esquecer que existe a necessidade de trabalhar, de ganhar dinheiro para pagar o aluguer da casa, o armazém, o padeiro, a farmácia...

Fernanda cerra os olhos. Contra a luz, as suas pálpebras parecem um campo de púrpura, com manchas verdes e arroxeadas.

Silêncio.

—Não durmas, menina.

Sobressalto. Fernanda abre os olhos. Enquadrado pela porta, o vulto da mãe. Toda de preto, D. Eudóxia parece um fantasma familiar. No fundo das suas órbitas ossudas, brilham dois olhinhos miúdos. A boca tem uma crispação dolorosa.

—Não vou dormir, mamã.

O fantasma fez um gesto desamparado.

—Quem é pobre precisa de ter cuidado. Se a gente se distrai, se dorme, se chega tarde ao emprego, o patrão reclama... Quando a gente menos o espera, está no olho da rua.

D. Eudóxia fala com uma voz tão queixosa e sentida que dá a impressão perfeita de que a desgraça já aconteceu.

Fernanda olha para a mãe com um sentimento de desgosto que não consegue dominar.

Pausa.

D. Eudóxia caminha pelo quarto, toda encolhida:

—Que frio!—queixa-se.

—Não diga isso, mamã. Está até quente...

O fantasma encolhe-se a um canto.

—É...—Um *é* tremido e choroso. Os olhos morrem. A crispação da boca é agora mais dolorosa.—A gente está ficando caduca. Não faz mal.—Sorriso triste.—Quando eu morrer vocês vão descansar.

Fernanda acha melhor ficar calada.

D. Eudóxia continua imóvel. Fica pensando, tentando descobrir alguma desgraça. É com uma facilidade pasmosa que ela cria uma atmosfera de desastre em torno dos assuntos mais trivialmente quotidianos.

Nas vésperas do último exame de Fernanda, passou a noite

a caminhar por toda a casa, arrastando as chinelas, encolhida, murmurando para si mesma:

—Vai sair reprovada, vai sair reprovada, vai sair reprovada. Desgraça só acontece p'ra gente pobre, só p'ra gente pobre. Vai ser reprovada, dinheiro posto fora, tempo perdido.

Na varanda, debaixo da lâmpada de luz alaranjada, as mãos segurando a cabeça, os cotovelos fincados na mesa, Fernanda estudava os seus pontos para exame. Fora, a noite ia linda. Crianças cantavam e faziam roda no meio da rua. Pares de namorados caminhavam sob as acácias. Brilhava uma luzinha amarela na janela do professor Clarimundo.

D. Eudóxia continuava a caminhar e a murmurar, agoirenta:

—Vai sair reprovada, vai sair reprovada.

Fernanda lia, estudava, com os olhos doloridos, morta de sono e de fadiga. De vez em quando, com o rabo dos olhos, via passar pela porta o fantasma doméstico.

Agora, neste princípio de tarde, D. Eudóxia está ali no canto, de braços cruzados, calada, remexendo na memória, procurando encontrar alguma recordação triste, buscando um cadáver de desgraça para ressuscitar.

A atmosfera de paz que reina na casa é-lhe insuportável. A calma da hora. Fernanda empregada, com um ordenado garantido no fim do mês. Pedrinho também já encaminhado na vida, caixeiro de uma loja de ferragens, estudando à noite na A. C. M. Tudo assim tranquilo, em ordem, quase feliz... Até a sua asma anda melhor nestes últimos tempos.

D. Eudóxia sente-se mal quando não respira desgraça.

Vai até à janela e começa a falar a meia voz, um pouco para Fernanda e um pouco para si mesma... Fala com uma voz lisa, sem cor, sem brilho.

—Não sei... Para uns a vida é tão fácil...—Sorri tristemente. —Olhem a viúva Mendonça. Tem todas as peças alugadas, é sòzinha, não tem filhos, não se incomoda...

Olhos semicerrados, Fernanda sorri. É preciso opor à mãe uma resistência severa. Retrucar-lhe com palavras enérgicas de repreensão ou então resistir assim passivamente, ficar sorrindo sem palavra, indiferente, distante.

O cantochão continua:

—O seu Fiorello sapateiro também não tem com que se incomodar... Bate sola, vai vender vinho na venda, nos domingos joga bocha. Mas a gente...

Fernanda esquece a presença da mãe. O seu pensamento voa. Uma frase lhe soa na memória: «*No fundo, Fernanda, bem no fundo, todos nós vivemos irremediàvelmente solitários. Não há compreensão possível...*»

Estas palavras vêm acompanhadas duma imagem: um rosto

fino, dois olhos grandes de criança febril, lábios delgados, testa larga constantemente cortada de rugas de pensamento e concentração. Noel...

Fernanda sorri. A memória viaja mais longe. É um dia de Abril. Na porta, D. Eudóxia recomenda:

—Cuidado com os automóveis e os eléctricos! Vá direitinho, não dê conversa p'ra ninguém.

A menina Fernanda lá vai sob o Sol, com a mochila de livros às costas. O mesmo caminho de todas as manhãs. A vitrina da «Confeitaria Alemã», com doces coloridos, cucas e potes de geleia. No jardim da casa grande de torreão pontudo há um anjo gorducho de cimento que segura o pescoço dum cisne: o cisne tem o bico voltado para o céu e esgicha água... Todos os dias a menina Fernanda, quando vai para o colégio, fica um instantinho olhando o repuxo. Todas as vezes o cachorro grande e preto da casa de torreão ladra e salta para ela.

Fernanda segue. Passa pela casa do Sr. Honorato. Noel já está no portão, junto com a negra velha. (por que será que a gente nunca vê a mãe dele?) Noel é pálido, tem cabelos louros, não gosta de brincar com os outros meninos. Fernanda segura-lhe a mão.

—Vamos?

Noel faz *sim* sacudindo a cabeça. E vão...

Fernanda tem a impressão de que leva pela mão um bebé que ainda está aprendendo a caminhar. No entanto, Noel tem dez anos, como ela. Mas é tão triste, tão fraco, tão sòzinho, que ela se sente contente por poder guiá-lo assim, como se fosse uma irmãzinha mais velha.

—Fernanda!

Um quase grito de alarme. Fernanda desperta... Turbou-se a superfície do lago calmo. A visão do passado desapareceu.

—Fernanda, minha filha, depressa! Já deve ser tarde, o vizinho já saiu p'ro emprego.

—Que susto a senhora me deu, mamã! Pensei que fosse alguma coisa muito séria...

Contra o quadro luminoso da janela, recorta-se o busto de D. Eudóxia. Seus cabelos grisalhos têm um debrum de luz dourada.

—Minha filha, quem é pobre não se pode descuidar.

Fernanda pensa em se abandonar de novo às recordações. Mas lá no alto da casa da viúva Mendonça, no outro lado da rua, aparece o professor Clarimundo.

Uma imagem vem instantâneamente ao espírito de Fernanda: um relógio marcando meio-dia e cinquenta.

Fernanda, num salto, põe-se de pé e vai acordar o irmão, que está dormindo no quarto contíguo.

# 8

Da sua janela, que é o ponto culminante da Travessa das Acácias, o professor Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D. Veva, um cachorro magro fossa na lata do lixo. Mais ao fundo, um pomar: as bergamoteiras e as laranjeiras estão pontilhadas de frutos de ouro. Quintais e telhados. Fachadas cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz alta. A fileira das acácias estende-se rua afora, a perder de vista. As sombras são cor de violeta. O céu está levemente enfumaçado. A luz do Sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a trovoada dos eléctricos que a distância abafa. Buzinas. Num pedaço da Guaíba que se avista longe, entre duas paredes caiadas, passa um veleiro.

Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é uma espécie de parêntese que ele abre na sua vida interior. Olha para fora. Tudo tem uma significação diferente. Continuam a existir os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein. O Sol brilha e os veleiros passam sobre as águas, não obstante Aristóteles.

Fiorello e os seus amigos não conhecem os segredos da matemática, mas apesar disso vivem, discutem, movem-se. As árvores pesadas de frutas, os quintais ao Sol... Os olhos de Clarimundo olham para a paisagem com a alegria divertida e inibida duma criança que, vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos maravilhosos, se recusa no primeiro momento a acreditar no testemunho dos olhos.

Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto existia antes, enquanto ele passava as horas às voltas com números e teorias, sistemas e cogitações, tudo isto tinha realidade? (Este pensamento é de todas as tardes à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova...) E depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas, para dentro de si mesmo, a vida continuará assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?

No pátio da casa do capitão Mota o pretinho filho da cozinheira arremessa com o seu bodoque uma pedrada ao pombal de D. Veva: as pombas saem numa revoada cinzenta com ruído de asas, e vão pousar, disciplinadas, no telhado da casa vizinha. Aparece numa janela o carão gordo de D. Veva.

—Negrinho desgraçado! Vou fazer queixa para o teu patrão.

A papada de D. Veva treme de indignação. No meio do pátio o moleque arreganha os dentes muito brancos e dança desengonçado, provocando.

Um galo canta num quintal distante. Roupas brancas e vermelhas balouçam-se ao vento, pendentes de cordas.

Clarimundo ali está como um deus omnipresente, que tudo vê e ouve. A impressão que lhe causam aquelas cenas domésticas leva-o, numa associação rápida, a pensar no seu livro.

A sua obra... Agora, Clarimundo já não enxerga a paisagem. O mundo objectivo esvaeceu-se misteriosamente. Os olhos do professor estão fixados na fachada amarela da casa fronteira, mas as imagens do mundo real não lhe chegam à consciência. O que ele *vê* agora são as suas próprias teorias, as suas próprias ideias. Chega a ter uma visão do livro já impresso... Sorri interiormente. O leitor (a palavra leitor corresponde, na mente de Clarimundo, a uma imagem curiosa: um homem que está debruçado sobre um livro aberto: e esse homem—estranho!—é sempre o Fiorello sapateiro)—o leitor vai ver-se diante dum assunto inédito, diferente, original... Tomemos por exemplo uma estrela remotíssima; digamos... Sírio. Ponhamos lá um ente dotado da faculdade do raciocínio e senhor de um telescópio possante, com o auxílio do qual possa enxergar a Terra... Como seria a visão do mundo e da vida surpreendida do ângulo desse observador privilegiado? Igual à dos habitantes da Terra? Igual à da viúva Mendonça ou mesmo à de Paul Valery? Clarimundo antegoza as coisas novas que há-de dizer na sua obra. Porque naturalmente o seu homem de Sírio há-de fazer revelações assombrosas. Ele mesmo agora não sabe com clareza que revelações possam ser... Tem uma vaga ideia... Adivinha-as assim como, às vezes, em dias de tempestade, a gente adivinha o Sol que brilha além das nuvens carregadas. Que orgia embriagadora para o espírito! Que grandes paisagens desconhecidas e raras! Clarimundo sorri, diante da própria audácia... Mas um *Ford* antigo passa pela rua, estertorosamente, produzindo o ruído desconjuntado de ferros velhos. Clarimundo acorda para o mundo real. Tem a impressão de que caiu de Sírio. Vertigem.

Lá vai a máquina odiosa aos solavancos, gemendo, rolando por cima do calçamento irregular, dobra a esquina, com um guincho de buzina e some-se. Clarimundo aceita Einstein, conhece mecânica, louva o progresso em teoria, mas aborrece-o na prática e tem um grande horror às máquinas. E as máquinas são-lhe tanto mais horrorosas, quanto maiores forem os perigos que elas oferecem à vida do professor Clarimundo Roxo e dos outros humanos. Entre um eléctrico e um rádio, está claro que o primeiro bicho mecânico está em primeiro lugar na lista dos inimigos do professor.

Agora que despertou e que as paisagens espirituais se fanaram, Clarimundo não tem outro remédio no momento senão tomar conhecimento das coisas que estão sob os seus olhos. E como

a realidade lhe é incómoda, Clarimundo vinga-se da realidade, depreciando-a. A vida é chata e igual. Não tem as harmonias da matemática. Nada de encanto. Nada de surpresas. Aquela casa ali da frente, por exemplo, é uma prova inapagável da chatice da vida. A fachada é invariàvelmente amarela, invariàvelmente nua, irremediàvelmente feia. As criaturas que moram dentro da casa são sempre as mesmas. A rapariga bonita, a velha de preto, o menino barulhento... (Clarimundo não vai além destes característicos gerais, não desce a pormenores). A vida ali é sempre igual. Todos os dias a esta hora, bem neste momento, a rapariga que está recostada na cama levanta-se, vai para a frente do espelho, põe o chapéu, beija a mãe e sai. O rapaz sai também sem beijar a mãe. Depois a velha fica caminhando dum lado para o outro, tira os pratos da mesa, vai para a cadeira de balanço e fica parada, de braços cruzados... Assim todos os dias, todos os dias, todos os dias...

Na outra casa mais adiante é o homem que põe um disco no gramofone—quase sempre a mesma música.—Fica sentado lendo o jornal, os filhos andam à roda dele, a mulher tira os pratos da mesa, o padeiro vem trazer o pão, o disco gira e a música continua. Depois o homem levanta-se, os filhos algazarreiam, a música cessa. A mulher beija o marido e o marido sai assobiando...

Já lhe disseram o nome daquela gente. Clarimundo não se lembra muito bem. Ele é Pereira ou Moreira... ou Baptista, uma coisa assim. Funcionário dos correios.

Chega até o ouvido de Clarimundo um som metálico, cheio, prolongado, plangente. É o relógio da casa que fica por baixo do seu quarto. Bateu uma hora.

Clarimundo desce o olhar. Da janela que fica imediatamente em baixo da sua, emerge uma mão pálida que pende abandonada e sem sangue, como a mão de um morto.

## 9

É a mão direita de João Benévolo.
A esquerda segura uma brochura amarelada.
João Benévolo lê e esquece.

«*O curto intervalo foi suficiente para que D'Artagnan visse que partido devia tomar. Foi um desses acontecimentos que decidem a vida de um homem; era a escolha entre o rei e o cardeal—feita essa escolha, devia-se persistir nela. Lutar era desobedecer à lei, era arriscar a cabeça,*

*era fazer, de um só golpe, inimigo um ministro mais poderoso que o próprio rei. Tudo isto o mancebo compreendeu e ainda assim, digamos em seu louvor, não hesitou um segundo. Voltando-se para Athos e seus companheiros:*

*—Cavalheiros—disse ele—queiram permitir que eu vos corrija as palavras. Vós dissestes que não passáveis de três, mas parece-me que somos quatro.»*

Opera-se a transposição mágica. João Benévolo salta da vida real e projecta-se no domínio da ficção. Já não está em Porto-Alegre, num sábado de Maio, na Travessa das Acácias. Agora encontra-se em plena Paris de 1626. O seu corpo fica aqui, na salinha acanhada e pobre—pequenino, fraco, ombros encolhidos, pele amarela, ossos apontando—e o seu eu que sonha, o seu eu bonito, puro, livre das contingências humanas, vai-se incarnar em D'Artagnan.

João Benévolo sente-se ágil, flexível e rijo como um florete. Desapareceu dele aquela sensação deprimente de ser fraco, inibido, de tudo temer e nada ousar.

Agora ele está vivendo uma grande aventura. A seu lado ergue-se o mosteiro dos Carmes Deschaux, rodeado de extensões nuas de terra. Por cima—o céu brumoso de Paris, céu de romance, céu de mistério. É aqui que os homens de honra se encontram para ajustar diferenças. É aqui que as espadas se chocam, tinem e rebrilham à luz do Sol ou da Lua...

—Mas vós não sois um dos nossos—diz Porthos.

—É verdade—replica D'Artagnan—não tenho o uniforme, mas tenho o espírito. O meu coração é o de um mosqueteiro; eu sinto-o, Monsieur, e é isto que me impele.

Jussac, o homem do Cardeal, recomenda a D'Artagnan —ou antes: a João Benévolo—que procure salvar a pele. João Benévolo fica firme.

—Decididamente sois um bravo—disse Athos, apertando a mão do mancebo.

Depois, os nove combatentes precipitam-se uns contra os outros, numa fúria metódica. Athos atraca-se com Cahucac, um favorito do Cardeal. Porthos enfrenta Bicaret e Aramis vê-se na frente de dois adversários. João Benévolo terça armas com Jussac em pessoa.

No pátio do capitão, de novo o moleque insidioso deu outra pedrada no pombal de D. Veva, as pombas voam assustadas, D. Veva aparece para protestar, mas João Benévolo não volta à realidade, continua em Paris, metido na pele heróica de D'Artagnan, lutando pelos mosqueteiros contra os guardas do Cardeal.

O seu coração bate, não de medo—oh não!—bate de contentamento. João Benévolo chega a sentir o ímpeto dos golpes

que apara, vê a três passos na sua frente, a cara congestionada de Jussac... Dumas não se deu ao trabalho de descrever o homem do Cardeal, mas João Benévolo imagina-o com a cara antipática do homem do armazém que vem todos os dias cobrar uma conta atrasada. Por isto a fúria de D'Artagnan redobra, seus golpes são mais ousados e violentos... João Benévolo sente o bafejo da glória. Tudo isto é uma aventura extraordinária. Apara este, Jussac! Cortei-te a cara, bodegueiro do diabo! Pan!

Pan! João Benévolo sente um golpe no ombro. E o sonho bonito esfarela-se no ar!

—Janjoca!

João Benévolo ergue os olhos e dá com a cara reluzente da mulher: brilha-lhe nos olhos cinzentos uma censura recalcada.

—Hem?

A voz da mulher é lamurienta e cantada:

—O relógio já bateu uma. Tu não vais falar com o Dr. Pina por causa do emprego?

Emprego... Esta palavra trás a João Benévolo a recordação da sua tragèdiazinha. Desempregado. Seis meses de inactividade. As economias acabadas. A mulher costura para fora, mas o pouco que ganha não dá nem para o aluguer. As contas aparecem. O leiteiro é bruto e diz desaforos. O homem do armazém dá-se o luxo de cultivar a ironia e diz-lhe coisinhas... Tina põe nele os seus olhos de convalescente e a sua mudez penetrante é a mais dolorosa, a mais violenta das censuras.

—Já vou sair...—diz ele, sem vontade.—Só mais cinco minutinhos...

É uma criança que está pedindo à mãe: Deixa-me brincar mais um pouco, só um poucochinho, sim?

Onde estás, D'Artagnan, onde estás, heróico mancebo? Agora João Benévolo perdeu o seu mundo encantado, agora ele sabe que não passa dum pobre diabo sem dinheiro e sem trabalho, pai dum guri magro e chorão, achacado e tristonho.

As letras do livro baralham-se diante dos olhos de João Benévolo. Nada mais do que elas dizem tem significação. As palavras perderam o sentido mágico, já não sugerem mais nada. Paris é uma palavra de cinco letras: pode ser uma marca de cigarros, o nome dum tango ou mesmo o nome duma cidade muito grande, muito bonita e muito remota. Mas não lembra mais aquela Paris de verdade onde havia condes e barões, castelos e tavernas, masmorras e salões, duelos e correrias, mistério e romance.

João Benévolo fecha o livro de mansinho. Levanta-se.

A máquina de costura de Laurentina começa a guinchar. Laurentina pedala, pedala, pedala, curvada sobre a costura.

João Benévolo—agora tudo mudou tanto...—pensa em quebrar o hábito e resolve ser gentil.

—Tina, faz mal trabalhar depois da bóia...

Suas palavras dissolvem-se no silêncio. Mas ficam ecoando na mente de João Benévolo, estranhas, inadequadas, despropositadas, como se alguém de repente no meio de um velório convidasse: Minha gente, vamos dançar? E João Benévolo compreende com tristeza que, no seu ambiente familiar, que os últimos meses de provações modificaram, não há lugar nem mesmo para uma gentileza.

João Benévolo vai para o quarto. Pela fresta da janela semi-cerrada entra uma frecha de Sol que risca a coberta da cama e vai morrer do outro lado, no soalho gasto e todo cheio de manchas escuras. Na penumbra, os objectos familiares ganham uma fisionomia singular. A imaginação de João Benévolo põe-se a trabalhar. E ele pensa na terceira pessoa: «*E o bravo mancebo penetrou na masmorra. Duma pequena janela gradeada que se abria no alto da parede de pedra, vinha um fio fino de luz que incidia sobre o chão em que se vislumbrava um vulto...*»

—Janjoca!

—Que é, Tina?—responde a voz macia do homem que neste momento em que foi interrompido pelo soco da realidade não é nem João Benévolo nem o mancebo heróico do romance, mas sim uma mistura muito estranha das duas personagens.

—Não faças barulho, o Napoleão está dormindo.

Ao som da palavra Napoleão, trava-se uma luta rapidíssima na mente de João Benévolo. Quem vencerá? A imaginação ou a realidade? *Napoleão* pode sugerir o que justamente Laurentina quis dizer: o filho que dorme no quarto. Mas pode também lembrar o Napoleão da história, o homem que levava os seus exércitos à vitória, o Napoleão que João Benévolo ama também como ao filho... A luta dura um segundo. Vence o pai... Porque os olhos de João Benévolo caem sobre um vulto que se agita em cima da cama.

João Benévolo vai até o lavatório, despeja com cuidado água na bacia e lava as mãos. Volta para a varanda na ponta dos pés. E, com o ar mais ingénuo do mundo pergunta:

—Que é o que o Napoleãozinho tem?

—Está indisposto. Vomitou. Tens que passar pela farmácia. A comadre disse-me o nome dum remédio...

Um momento de silêncio medroso.

—E o dinheiro?

Os braços de Laurentina caem ao longo do corpo num abandono. Cessa o ruído da máquina. Dinheiro... Pronunciaram um nome tabu. Marido e mulher olharam-se sem nada dizerem. A palavra encantada abriu um abismo intransponível entre ambos. É a palavra que nestes últimos meses vem corroendo, vem destruindo o restinho de afeição que existe entre eles.

Dinheiro... O fim do mês aproxima-se. Restam alguns mil réis. João Benévolo tem promessas de emprego. Promessas... A dona da casa já olha para eles com raiva, uma raiva que ela tenta dissimular com sorrisos, mas que se percebe no jeito de falar, de olhar, de proceder.

Silenciosa, Laurentina ergue-se e vai até à cómoda, abre a gaveta e tira uma nota de dois mil reis. Entrega-a ao marido. Como se lhe entregasse um ano de vida. João Benévolo mete a cédula no bolso.

De repente, os olhos de Laurentina ganham um brilho estranho, seu rosto inflama-se e ela grita:

—Mas, Janjoca, tu não te mexes! Tu não fazes força! Vai p'ra rua! Fala! Pede! Que é que vai ser de nós assim sem dinheiro?

João Benévolo sente-se desfalecer. Encolhe-se todo como um aluno tímido diante da professora malvada.

E para dominar esta emoção esquisita que experimenta—medo, vergonha, mal-estar e uma pontinha de raiva—começa a assobiar um trecho do *Carnaval de Veneza*.

Laurentina está mais calma agora. Volta para a máquina de coser e começa a enfiar a linha na agulha. Enquanto faz isto, vai falando, mais mansa:

—Se tu quisesses, se tu fizesses empenho, arranjavas qualquer coisa, nem que fosse um emprego de cinquenta mil réis por mês...

O tom de voz é tranquilo, mas persiste nele a ponta de censura.

João Benévolo continua a assobiar—agora mentalmente—o *Carnaval de Veneza*.

Da rua, vem um ruído macio e ao mesmo tempo pesado. Soa uma buzina de automóvel. De automóvel fino...

Altera-se a expressão fisionómica de Laurentina. João Benévolo pára de assobiar. Os dois vão até à janela.

Duas portas além da casa de Fernanda está parado, junto da calçada, um enorme *Chrysler Imperial, grenat*. Muito polido, rebrilhante de metais e espelhos, o automóvel ali contra a fachada cinzenta da casa, escurecida de humidade, falhas no reboco—parece um objecto caído do céu. João Benévolo não pode deixar de pensar: «*É a carruagem de ouro e prata da condessinha de Montmercy parou na rua suburbana, diante da humilde mansão em que habitava o pintor pobre.*» Romances de Gaboriau, de Perez Escrich. Uma saudade muito ténue turba por um instante João Benévolo. Mas a voz de Laurentina explica:

—É o auto da D. Dódó.

—Da mulher do Leitão Leiria? Mas que será que anda fazendo por estas bandas?

O motorista, de uniforme azul com botões dourados, desce do seu lugar, tira o chapéu e abre a portinhola. Um vulto salta para a calçada. É uma senhora gorda, vestida de seda azul e *beige;*

na cabeça um chapéu que lembra uma enorme rosca preta e lustrosa. Os seios bastos projectam-se para a frente, como uma *marquise* sobressaindo duma rotunda.

—É ela mesmo!—confirma Laurentina.

—Imaginem...—diz João Benévolo. E mal pronuncia a palavra e fica a perguntar a si mesmo a troco de que a pronunciou, pois ela não tem sentido, não quer dizer nada...

—Essa vaca gorda!—resmunga Laurentina.

—Quem, mulher?

—Essa D. Dódó...

Neste momento D. Dódó é para Laurentina, antes de tudo, mais que tudo, esposa do comerciante Teotónio Leitão Leiria, proprietário do *Bazar Continental*, onde João Benévolo trabalhava... E antes que a florida massa de carne desapareça por completo, tragada pela porta que se abre na fachada triste, João Benévolo lembra-se daquela tarde de pesadelo, quando Leitão Leiria, com a sua voz de vaselina, mole e escorregadia, branca e insinuante, lhe disse, como quem dá uma notícia agradável:

—Somos forçados a despedi-lo, senhor João Benévolo, porque estamos fazendo economias. Os tempos estão maus, o senhor compreende, vende-se menos, os impostos são altos, de sorte que muito a contra-gosto nos vemos obrigados a medidas drásticas como esta... Acredite que isto me aborrece muito, me pesa no coração.

Leitão Leiria pronunciou a palavra *drásticas* com visível satisfação. Ao declarar que aquilo lhe pesava no coração pôs a mão espalmada no peito.

—Essa vaca! Aquele porco!—Laurentina continua a resmungar.—Não têm dinheiro p'ra pagar empregado mas têm dinheiro p'ra comprar um bruto automóvel daquele tamanho...

João Benévolo olha para o carro com olho triste. O que sente não é raiva. O Sebastião, que também está desempregado, tenta sempre impingir-lhe ideias comunistas. Diz que o dinheiro está mal distribuído no mundo. Uns têm de mais. Outros têm de menos. Uns tomam banho em champanhe; outros morrem de fome. Mas o sentimento que os ricos despertam em João Benévolo é de admiração e de inveja. Uma inveja passiva de quem sabe que nunca, por mais que faça e pense e grite, poderá atingir aquelas culminâncias de felicidade e conforto. João Benévolo admira os ricos como a criaturas dum mundo remoto de fronteiras definidas, um mundo em que ele jamais poderá entrar. Diante do *Chrysler Imperial* do homem que o deixou sem emprego, ele apenas consegue ficar nesta atitude calada e triste da criança pobre que achata o nariz contra o vidro da vitrina onde estão expostos brinquedos caros. E só atina com dizer isto:

—Por que será que a D. Dódó entrou na casa do Maximiliano?

—Ora... fingimentos. O Maximiliano está tísico, a mulher está pior do que nós, os filhos andam atirados... D. Dódó quer-se exibir p'rós jornais darem o retrato dela amanhã. Entra aí, dá dez mil réis, fala em Deus, vai embora. De que serve?—Há fúria agora na voz de Laurentina.—Eu conheço bem essas caridades!

Lá do outro lado da rua os filhos de Maximiliano cercam o carro. São crianças magras e sem sangue. Aproximam-se do *Chrysler*, cheios de um deslumbramento tímido: a *carrosserie* brilhante reflecte aqueles rostinhos mal tratados e sujos. O motorista mete a cabeça pela portinhola e grita para fora:

—Cuidado, não ponham a mão no carro!

Os dois guris afastam-se e ficam olhando de longe, o dedo sujo na boca.

—Vaca gorda!—murmura Laurentina.

Para esquecer tudo—a sua vida, o automóvel de luxo, o vizinho tuberculoso e a mulher—João Benévolo começa a assobiar.

*Carnaval de Veneza.*

## 10

D. Dódó Leitão Leiria entra na casa do doente.

O soalho range sob o seu peso. O corredor tem um bafio de porão. Uma mulher mal vestida, de rosto esverdinhado e olhos sem cor, abre-lhe a porta.

D. Dódó sorri com doçura.

—Boa tarde. Dá licença?

Faz a pergunta com uma voz fininha e musical, doce e levemente trémula. As bichas de brilhantes faíscam-lhe nas orelhas. Os seus seios arfam e o broche de safiras sobe e desce, compassadamente.

—Pois não...

A mulher olha surpreendida para esta criatura faiscante que exala perfumes finos. Os seus olhos parecem perguntar: «Então é verdade que existe gente assim?»

E a presença de D. Dódó responde com ênfase: «Existe: convença-se.»

D. Dódó entra.

—Não repare, é casa de pobre...—desculpa-se a mulher esverdinhada.

D. Dódó comove-se. A *marquise* arfa com um ritmo mais acelerado. As bolsas de pele flácida que há debaixo dos olhos miúdos tremem. E, para tranquilizar a outra mulher, para garan-

tir-lhe que ser pobre não é vergonha, ela diz-lhe com voz evangélica:

—Jesus Cristo era pobre. Os pobres, disse Ele, serão os primeiros a entrar no Céu.

—A senhora quer sentar-se?

D. Dódó faz com o braço um sinal: não, obrigada.

Sala sombria. Uma mesa de pau, três cadeiras, um armário de madeira encardida, uma folhinha mostrando uma data remotíssima, remendos de lata nos lugares onde a pertinácia dos ratos abriu buracos. Anda no ar um cheiro indefinível. D. Dódó procura identificá-lo: não consegue: só sabe que é mau.

Na frente dela, a mulher magra está imóvel, esperando.

D. Dódó espalma a mão sobre os seios, entorta a cabeça e diz em surdina:

—Eu soube que o seu marido está muito doente e que a senhora está em dificuldades...

—É.

A mulher diz isto e o seu rosto continua parado e inexpressivo. Com a mesma máscara poderia ter dito: «*É mentira*».

—Assim, eu vim aqui oferecer os meus fracos préstimos...

Na frente da dama de caridade ergue-se a mulher do doente. Alta, magra, imóvel e silenciosa. D. Dódó começa a ficar impressionada com esta cara que parece de pedra, que não se altera, que não chora e que não sorri. Silêncio. Um gato espia na porta e sai de mansinho para o corredor.

—Trouxe-lhe alguma coisa...

—Sim, senhora...

—Tem filhos, não é!

—Temo...

—Quantos?

—Dois.

—Homens?

A outra responde com um aceno de cabeça. D. Dódó ensaia um sorriso.

—Bom, se a senhora não faz objecção...

Abre a bolsa e tira dela uma nota de vinte mil réis.

Um pensamento assalta-lhe a mente: se os repórteres dos jornais a surpreendessem nesta atitude...

D. Dódó não gosta de ferir susceptibilidades: entregar o dinheiro na mão da outra, não fica bem. Ela pode ofender-se... Caminha para a mesa e com toda a delicadeza depõe sobre ela o bónus em que está estampado o retrato dum político importante que já tomou chá no seu palacete.

Que linda cena para um instantâneo... Tão bonita na sua simplicidade comovente... «A caridosa senhora no momento em que modestamente depunha sobre a mesa a nota de vinte mil réis

que iria mitigar por alguns momentos o sofrimento daquele casal desprotegido da sorte.» Monsenhor Gross havia de gostar tanto, lendo o jornal na manhã seguinte... Que pena os repórteres não saberem... Mas não! Sai, Satanás! A verdadeira caridade deve ser feita às escondidas, com modéstia.

A mulher do doente continua parada. Aquilo não significa nada para ela. Ela sabe que, quando esta senhora perfumada se for embora no seu automóvel de luxo, a vida da casa há-de continuar como sempre. Sujeira, miséria e doença. Ela há-de ouvir todas as horas, todos os dias, a tosse rouca do marido, há-de sentir um cheiro enjoativo de remédio, há-de ver os filhos atirados por aí, como porquinhos de quintal pobre... Os vinte mil réis da senhora caridosa serão consumidos em duas semanas na farmácia: o mesmo que nada. Por isto ela não chega a ficar contente, nem mesmo consegue sentir gratidão.

Os segundos escoam-se e D. Dódó precisa completar a sua obra. Sente que a sua missão de caridade não ficará completa se não vir o doente, nem que seja para lhe dizer duas palavras de conforto.

—Posso ver o seu marido?

O rosto de pedra não regista a menor comoção. Faz um sinal com a mão ossuda na direcção duma porta e diz:

—Ali...

O quarto do doente dá calafrios em D. Dódó. Sombrio e mal arejado. De repente—tarde de mais!—D. Dódó lembra-se de que lhe disseram que se trata dum caso irremediável de tuberculose. Pela fresta da única janela entra uma faixa de sol em que voam partículas de poeira brilhante. D. Dódó tem a impressão de que são os próprios micróbios da tuberculose que dançam no ar.

O doente está deitado numa cama de ferro, a um canto do compartimento. O seu rosto descarnado quase desaparece, de tão pálido, contra a fronha branca. Só a barba crescida, olhos negros e cabelo basto dão desenho à cabeça.

—Boa tarde!—diz D. Dódó.

Da cama parte um fio de voz rouca e esfarelada:

—Boa tarde!

A mulher faz as vezes de intérprete. E explica o caso segundo a própria lei da casa, que é uma lei diferente da que rege o mundo de D. Dódó.

—Veio ver a gente, Maximiliano, e trouxe um dinheiro.

O marido lança para ela um olhar de compreensão. Um cheiro insuportável anda no ar. D. Dódó tem a impressão de que se está envenenando lentamente. Julga-se uma mártir. Resigna-se. Assim há-de ganhar o Céu.

Quisera aproximar-se da cama, passar a mão maternal pela cabeça do doente. Mas tem medo. S. Francisco punha o dedo nas

feridas dos leprosos. Mas é que ele era um santo, fazia milagres. Ela é simplesmente Doralice Leitão Leiria, um ser humano como qualquer outro. Por isto fica de longe, cheia de pena e de amor, mas ao mesmo tempo terrìvelmente amedrontada.

—O senhor há-de sarar...

O homem sorri. O primeiro sorriso que D. Dódó vê nesta casa. Sorri porque sabe que aquilo é uma mentira.

—Tenha fé em Deus...

O homem continua a sorrir. Ele teve fé em Deus, orou, foi à igreja, fez promessas, acendeu velas. Tudo inútil.

—O senhor está sendo purificado pelo sofrimento...

Purificado? Esta palavra cessou de ter significação para ele. O que lhe importa agora é viver, ter força, ocupar o lugar antigo que tinha na vida, trabalhar e tomar conta da casa.

D. Dódó julga que a sua missão está concluída.

—Até à vista. Vou providenciar para o senhor ser removido para um hospital. Lá, vai ter ar, luz e boas enfermeiras, não lhe há-de faltar nada. Até à vista. Deus o proteja.

Mão no seio, olhos tristes, o pensamento em Santa Teresinha, D. Dódó sai do quarto do doente. Na outra sala já se respira melhor. A cédula de vinte mil réis continua em cima da mesa.

A senhora sabe o meu nome?

A mulher do doente faz que não com a cabeça.

—Sou a Dódó Leitão Leiria.

Decepção. O nome não produz o efeito esperado.

—Nunca ouviu falar?

—Não, senhora.

D. Dódó força um sorriso.

—Pois admira, minha filha, o meu nome aparece sempre nos jornais.

—Nói não lemo os jornal...

—Sou a presidente da *Sociedade das Damas Piedosas*.

Não se move um músculo daquele rosto de múmia. D. Dódó suspira resignada.

—Depois mandarei uma pessoa aqui tratar da remoção do doente. Bem, minha filha, adeus! Não repare eu não lhe apertar a mão. Fique com Nosso Senhor e Santa Teresinha.

—Passe bem.

As tábuas do corredor tornam a gemer sob o peso da senhora do comerciante Leitão Leiria. Encostada à folha da porta, a mulher do doente acompanha a outra com o seu olhar gelado.

O motorista espera ao lado do carro. D. Dódó entra no *Chrysler*. Os dois filhos do tuberculoso estão olhando com os olhos compridos. D. Dódó tira da bolsa alguns níqueis e joga-os para os garotos, num gesto suave de quem desfolha pétalas de rosa. Aparvalhadas, no primeiro momento as crianças não compreendem. Mas

a indecisão dura apenas alguns segundos. No momento seguinte estão ambos acocorados, catando os níqueis, ferozes, trocando arranhões e sopapos. D. Dódó sorri, afogada de felicidade.

—Vamos embora, Jacinto.

O motor começa a trabalhar: um tamborilar macio e surdo. O carro arranca. D. Dódó respira. Sente náuseas—«Deus me perdoe»—ao pensar no quarto do tuberculoso. Agora aqui dentro do automóvel está um outro mundo. O perfume «Nuit de Noel» prevalece sobre a recordação nauseante da atmosfera empestada. D. Dódó atira para trás a cabeça cansada, recostando-a contra o espaldar estofado do banco. Mas sente a alma limpa, o coração leve.

—Jacinto, ligue o rádio.

O motorista obedece. O alto falante produz um tiroteio breve cortado de assobios. Depois uma onda de música invade o carro. Uma valsa. D. Dódó de repente lembra-se de que tem de tomar várias providências para o chá-dançante que as *Damas Piedosas* vão realizar esta noite no Bar Metrópole, em benefício do Asilo de Santa Teresinha.

—Jacinto, direito para casa.

—Sim, senhora.

A valsa continua, envolvente. Parece a música dos anjos. D. Dódó cerra os olhos e imagina que Santa Teresinha agora está no céu sorrindo para ela...

## 11

Virgínia tem o ímpeto de jogar um frasco de perfume à cabeça de Noca, quando a rapariguinha lhe vem dizer com voz fanhosa:

—O chã tá pranto...

Fica ali na porta, cara idiota, parada, a cabeça minúscula de passarinho no alto do pescoço descarnado e comprido: uma pera na ponta de uma vara. É aquele sorriso de cachorro, aquela máscara de palhaço cretino, aqueles olhos espantados... Não: dá vontade da gente jogar uma coisa à cabeça dela... Virgínia fuzila para a criada um olhar de raiva.

Outra vez a voz fanhosa:

—Está pranto o chã, dona Virgínia.

É de mais. Nem uma santa aguenta.

—Já ouvi!—berra.—Já ouvi!—Levanta-se, os olhos ardendo. —Não sou surda.

O sorriso canino persiste, deixando visíveis os dentes amarelados, pontudos e miúdos. E é bem um olhar de cão surrado—um

olhar de simpatia e fidelidade medrosa que a rapariga lança para a patroa, quando esta passa por ela.

*A patroa surra na gente, mas a patroa é boa, dá dinheiro, dá vestido bonito. Dona Virgínia grita com a gente—mas depois dá risada p'rá gente.*

E o olhar de amor segue o vulto quente e perfumado da mulher de roupão azul que desce a escada porque «o chã tá pranto».

Solidão na varanda. Uma solidão tão grande que para Virgínia ela chega a transformar-se numa sensação de frio. Os mesmos móveis, as mesmas paredes, os mesmos cheiros. Todos estes móveis, todos estes objectos estão ligados a duas figuras familiares: Honorato e Noel, marido e filho—tudo isto para Virgínia faz parte dum conjunto aborrecível e quase odioso.

Virgínia senta-se à mesa. O serviço de chá, cerâmica em vermelho e negro, destacando-se sobre a toalha de linho. O açucareiro bojudo e polido, evocando a figura do dono da casa. O açúcar pálido como o filho. Tudo como sempre.

Virgínia despeja o chá e o leite na taça. De uma das portas Noca espia a patroa com olhos apaixonados.

Virgínia põe açúcar na xícara, mexe a mistura e pensa em Alcides. Curioso: a imagem dele sempre lhe vem à mente na mesma postura, com a mesma expressão: sorrindo, os dentes muito brancos contrastando com o rosto requeimado, um cigarro fumegando entre os dedos, os olhos brilhando por trás do fumo... Foi assim que ela o viu pela primeira vez. A princípio, ficou irritada com a insistência do olhar dele, depois achou graça e mais tarde...

Virgínia, de repente, vê os olhos de Noca, ali na porta, espiando traiçoeiros, de tocaia, fixos. Sente um sobressalto desagradável. É como se a rapariga tivesse estado a ler-lhe os pensamentos mais íntimos...

Explode:

—Toca p'rà cozinha, sua ordinária!

Noca encolhe-se: os olhos brilham, mas a expressão do rosto é a mesma: o ricto canino, o ar apalermado. E assim encolhida, com as mãos entrelaçadas apertando o ventre, Noca vai recuando, recuando devagarinho e, para disfarçar esta mistura de medo e amor, e ao mesmo tempo para formular a sua desculpa desajeitada, começa a rir sincopadamente um riso gutural em *u*. E desaparece.

Virgínia toma um gole de chá. E fica por alguns instantes sob o sortilégio daqueles olhos de animal.

Noca, Honorato, Noel, Querubina, as outras criadas—olhos, olhos, olhos que vivem cravados nela, espiando, fiscalizando, procurando adivinhar-lhe os segredos. Para onde quer que se volte ela encontra um par de olhos acesos. É como se fosse uma

condenada. Por que não falam? Por que não dizem com palavras o que os olhos dão a entender? Porquê?

Virgínia aperta na campainha, irritada.

A criada aparece:

—Senhora.

—Querubina, vá ver se o Noel quer chá.

A criada retira-se. Virgínia fica olhando para aquelas ancas curvas, aquelas pernas bem torneadas, aquela cintura fina.

—Indecente...—murmura.

A mocidade de Querubina, a beleza sadia de Querubina, as coxas de Querubina, o busto de Querubina são um insulto para ela. E o maior insulto de todos, o maior absurdo, a maior monstruosidade de Querubina é a sua virgindade.

Virgínia sente um prazer estranho em atribuir-lhe amantes. Vive há vários meses na esperança de um dia poder descobrir o marido no quarto da criada. Mas Honorato é irritantemente fiel, irritantemente insensível... Virgínia sente que no dia em que apanhar os dois de cochichos num canto há-de dar um escândalo bem grande e ruidoso, há-de dizer palavrões. E esta certeza torna a expectativa ainda mais sensacional. Se um dia...

Querubina reaparece:

—Seu Noel não quer chá.

Os olhos de Virgínia animam-se:

—Por que foi que se demorou tanto no quarto dele? Bastava perguntar se o rapaz queria chá...

—Ué... eu...

—Eu sei. Ficou-se oferecendo...

O mais enervante é que Querubina não reage. Fica assim indiferente, nem embaraçada nem cínica, ouvindo simplesmente sem se defender, com ar de quem está falando com um louco: concordando para não irritar...

—Tire a mesa, sua indecente.

Silenciosa, a rapariga começa a retirar as xícaras da mesa. Inclina-se para apanhar o bule. Virgínia vê a bifurcação dos seios dela, a cova funda e sombria que deve ser morna, rija porque ali estão dois seios de vinte anos. Uma raiva vai crescendo, enovelada, no peito de Virgínia.

—Sua vagabunda, você devia estar mas era no beco, ouviu? No beco.

Querubina sai em silêncio, carregando a bandeja.

Agora no pensamento de Virgínia há uma imagem que insiste: a cara morena, os dentes brancos, o cigarro fumegante, os olhos brilhantes por trás da fumaça...

O relógio bate cinco badaladas. E depois que os sons de sino morrem, Virgínia tem uma consciência ainda mais nítida no silêncio que a envolve.

Só.

Mesmo que aqui junto dela estivessem o marido e o filho, ela continuaria só, irremediàvelmente só. A água e o azeite não se misturam.

Silêncio ainda.

Virgínia fica parada, esperando... Mas esperando quê?

De repente, sente-se presa duma angústia terrível. Um calor no peito, uma vontade de gritar, uma impressão de abafamento, no fim do mundo.

Onde foi que já sentiu uma coisa assim?

Num sonho? Virgínia espicaça a memória. Foi no tempo de colégio. Uma tarde, no internato, esmagada pelos muros altos, pelo silêncio e pela saudade do ar livre, ela começou a sentir esta sensação esquisita... E fugiu, fugiu porque se não fugisse morria.

Agora, Virgínia vai ao telefone, faz o disco girar quatro vezes e leva o fone ao ouvido.

—Alô. É da casa de Madame Meneses? Chame-a ao aparelho...—Pausa. Virgínia espera, impaciente.—Oh! És tu, querida? Bem. Nada. Telefonei porque estou sòzinha e queria ouvir voz de gente. Fico quase maluca. Não imaginas... Olha, vais hoje ao baile do Metrópole? Pois lá nos encontraremos. Estou aflita por ver festa, barulho, movimento. Hem? Não ouço... Ah! Pois sim.

O diálogo dura dez minutos. Depois, Virgínia sobe para o quarto. Passa pelo escritório, cuja porta está aberta. Desvia o rosto com repugnância. O vento traz-lhe lá de dentro um cheiro familiar, enjoado, insistente—o cheiro do marido.

Só, no silêncio morno e amigo do quarto, Noel lê o diário de Katherine Mansfield. O rectângulo da janela aberta emoldura uma paisagem simples de montanhas ao longe e de céu dum azul liso e desbotado.

Noel afunda-se mais na poltrona e tem a impressão de que Katherine Mansfield lhe fala de mansinho ao ouvido. É uma voz familiar, macia e cariciosa, voz de irmã mais velha. Fala uma língua que ele entende, porque é uma criatura do mundo das fadas. (Quando Querubina abriu a porta e perguntou «*O senhor não vai descer para o chá?*»—Noel ficou olhando para ela com os olhos espantados de quem vê assombração, testa franzida, fazendo um esforço doloroso para compreender. Que bicho estranho era aquele que estava ao pé da porta e que tinha falado? A que língua esquisita pertenciam aquelas palavras? «*O senhor não vai descer para o chá?*» Finalmente conseguiu traduzir as palavras da intrusa e só atinou responder com um aceno negativo de cabeça). Mas Katherine Mansfield fala-lhe agora na linguagem das personagens dos contos da sua infância. Noel entende e sorri inte-

riormente. Katie fala-lhe do irmão que morreu na guerra. Uns meses antes estiveram juntos. Passearam pelo jardim, à hora do crepúsculo. Duma pereira esbelta caiu uma pera arredondada.

—Ouviste, Katie?

Era um ruído familiar que despertava neles recordações, ecos longínquos. As mãos de ambos percorreram a relva húmida e miúda. O rapaz apanhou a fruta e inconscientemente, como em outros tempos, limpou-a com o lenço. Recordações do velho *home* de Montreal. Eles eram crianças e brincavam no pomar. Levavam cestos para apanhar frutas. As peras caíam-lhes em cima das cabeças, rolavam para longe. As formigas corriam. Eram peras de uma cor viva, amarelo-canário, miúdinhas. Katherine apoiou-se no ombro do irmão. A noite desceu: o luar ficou um pouco mais profundo. As sombras sobre a relva eram longas e estranhas.

Ela tremia.

—Sentes frio?

—Muito, muito frio.

Depois que a guerra lhe matou o irmão, Katie escreveu no diário: *Por que não recorrer ao suicídio? Porque sinto que tenho um dever a cumprir com relação ao tempo tão bonito em que nós dois estávamos vivos. Quero falar desse passado; ele, queria, ele, que eu lhe falasse. Combinámos tudo no meu quartinho alto de Londres.*

Noel fecha o livro. Cerra os olhos e sente no quarto a presença mansa e sedativa de Katherine Mansfield. Ela está ali, na outra poltrona de veludo cor de vinho, a sua cabecinha desamparada de pássaro ferido atirada para trás, os olhos fechados, muito pálida. Está cansada, está doente, vive a viajar de Londres para a costa da França, em busca de paz e de sol. Um dia, numa casa de retiro, em Fontainebleau, encontra num quartinho uma companheira inesperada—a morte.

Katherine Mansfield... Noel tem a impressão de que ouve, realmente pronunciar as palavras com que terminou o seu diário: «*Everything is all right*». Katie tem uma voz doce, remota e no entanto misteriosamente clara.

Mas um cachorro ladra no quintal vizinho e Noel acorda para o mundo real. Ergue-se devagarinho, põe o livro em cima da mesa e vai debruçar-se à janela.

O jardineiro está podando as roseiras. Os canteiros que formam figuras geométricas recortam-se, verdes, contra o ocre avermelhado do chão. Lá em baixo o homem tira o chapéu de palha e, erguendo os olhos, cumprimenta:

—Boa tarde!

É um caboclo de cara pregueada de rugas e barbicha rala. Noel responde com um aceno de cabeça. Noca vai até ao fundo do pátio levar comida para os coelhos brancos que estão no viveiro.

(Um capricho recente de Virgínia). A rapariga caminha desengonçada, atirando para a frente como uma angolista a sua cabeça disforme. Noel desvia os olhos do vulto dela. Noca causa-lhe um desgosto irreprimível. Noel revolta-se contra esse desgosto, porque no fundo ele quisera ser gentil e compassivo para com a pobre criatura. Mas não pode. Quando Noca aparece às horas das refeições é quase certo que lhe estraga o apetite e faz que ele afaste o prato com uma expressão de náusea no rosto.

Noel estende o olhar para a paisagem. Lá em baixo vêem-se os telhados da Floresta. Mais além, contra um fundo arroxeado de montanhas, um trecho do Guaíba, com lantejoulas de sol. E quintais, pedaços de rua, sombras lilases, manchas amarelas de luz, faiscações.

Agora o jardineiro abre a manga de água e começa a regar os canteiros. O jorro claro irisa-se ao Sol. Noca volta do viveiro. As sombras vão crescendo.

Noel olha ainda a paisagem por um instante.

Volta-se para dentro do quarto.

O silêncio persiste. Todos esses objectos aqui são como génios bons: fazem tudo por manter a ilusão de que dentro destas quatro paredes cabe todo o mundo da fantasia.

Noel vai até ao seu gramofone, escolhe um disco, põe-no no prato, fá-lo girar, ajusta o diafragma e senta-se de novo na poltrona.

De dentro da caixa de madeira a música salta num jorro luminoso, a melodia retraça-se no ar num arabesco ágil. Parece que o ar fica mais claro. A luz do Sol desaparece, dominada pela luz maior.

Debussy.

Noel escuta. O disco gira. Noel pensa ao ritmo da música. Tudo fica esquecido, o jardim, o jardineiro, a rapariga feia que foi levar migalhas aos coelhos, os telhados da Floresta, o rio, as montanhas, o céu, tudo, até mesmo Katherine Mansfield.

Agora estamos em pleno reino de fadas. Noel perde-se em *Wonderland*. Toda a infância ressurge. As flores e os bichos falam. Tudo tem expressão. Os balões sobem e vão até à Lua. As fadas velam o sono das crianças. Branca de Neve é encontrada pelos anões. O Pequeno Polegar achou as suas botas de sete léguas e segue uma viagem impossível. A Chapelinho Vermelho encontra o lobo na floresta. O disco continua a girar. O sonho prolonga-se. E madrinha Angélica surge com a sua cara preta, lustrosa e feliz, contando histórias. Noel agora tem sete anos e escuta. Madrinha Angélica sabe tantas coisas... «*Era uma vez um rei muito rico que tinha uma fia muito bonita.*» Lá fora a noite adormece todas as coisas. O luar é frio, as sombras são mais negras que madrinha Angélica.

—Dindinha Angé, conte a história do Pinitim.

O carão gordo rebrilha, os dentes brancos parecem a Lua

contra o céu da noite, e a voz rouca e funda da Dindinha negra conta:

—Pois diz que era uma veiz um menino muito ladino que se chamava Pinitim. Pinitim na noite de S. João se escondeu dentro de um balão muito grande e quando soltaram ele Pinitim foi junto, subiu, subiu e foi parar na Lua. Lá na Lua tudo era feito de açúcra. Moravam lá uns homens meio bichos meio gentes, que falavam uma língua que Pinitim não entendia. Quando viram Pinitim cercaram ele, começaram a dançar e a fazer troça do pobre do menino. Vai então Pinitim começou a chorar. Tava com fome e não sabia dizer na língua daquela gente: Quero comê. Pinitim não sabia das cousa, porque na Lua tudo era trocado, tudo era diferente. Então Pinitim foi emagrecendo, emagrecendo, minguou dum jeito que veio um bicho e comeu ele. (Os olhos do menino Noel estão arregalados de susto). Mas Pinitim se acordou e viu que tudo tinha sido um sonho.

Dindinha preta ri. A cara de Noel está inundada de felicidade.

Um acorde mais forte apaga a visão. Noel fica atento à música. Por trás da melodia há um chiado permanente que lembra o coaxar longínquo dos sapos. É um ruído que Debussy não escreveu mas que está ali no disco, como parte da música.

A melodia continua. Os sapos insistem na sua coral dissonante.

Lá fora a tarde vai envelhecendo, a luz aos poucos amacia-se, um vento brando começa a soprar. Sons moles no pátio: o chape-chape da água da manga contra os canteiros de relva; a voz do jardineiro.

Noel mergulha em seus pensamentos. Vê mentalmente a cabeça estranha de Debussy, uma cabeça que começa a balouçar-se dum lado para outro ao compasso da música.

Noel vai caindo aos poucos num estado de modorra muito vizinho do sono. A melodia é um rio transparente que corre ao Sol...

O jardineiro lá fora solta um berro. Noel desperta.

E de novo solta os pensamentos. Era possível que Debussy tivesse uma voz áspera como a do jardineiro. Possível também que à tarde fosse regar as suas flores. E que tivesse dívidas a pagar. E que dissesse palavras feias. E que fizesse gestos sujos. Bem possível também que, como o jardineiro, não gostasse de tomar banho. Mas o Debussy verdadeiro ficou aqui nesta melodia que o disco prendeu. Tudo o que era humano e mortal, tudo o que era resíduo foi eliminado (menos a coral dos sapos) para ficar só a melodia de desenho puro, música de anjos, música de fadas, sonho, luz.

E graças ao gramofone—pensa Noel—eu posso ouvi-la com o mínimo possível de interferência humana. Se estivesse no teatro,

ouvindo uma grande orquestra executar esta mesma música, eu teria de ficar na presença de criaturas que tossem, pigarreiam, amassam papéis de bala, cheiram bem ou mal; teria de ver os músicos que suam e bufam e ficam vermelhos, um maestro que agita a cabeleira e faz gestos grotescos... No entanto o gramofone dá-me a melodia quase pura. Um móvel de nogueira que jorra música. Um milagre do génio de Edison combinado com o esforço de outros pequenos inventores anónimos, mais o talento comercial dos homens que fundaram a Victor Talking Machine Co., mais o maestro Stokowsky e as muitas dezenas de músicos que formam a orquestra sinfónica de Filadélfia, mais o sonho de Debussy, mais o esforço de uma centena de operários anónimos, inclusive as abelhas que fornecem cera para os discos... Para mim tudo isso é um conto de fadas, uma magia...

A melodia vai morrendo. Bem como madrinha Angélica no fim do serão, falando atrapalhada porque está começando a dormitar. A última nota dissolve-se no ar e fica agora só o coro longínquo dos sapos, insistente, igual, imperturbável. Parece madrinha Angélica que está roncando com a cabeça caída para o peito, enquanto Noel, de olhos arregalados, ainda está sob a influência do sortilégio da história.

Dindinha Angélica morreu, sua voz desapareceu do mundo, ninguém a gravou em disco. (Só no fundo, bem no fundo da memória de Noel, ela repete-se num sonido muito vago, muito incolor, muito frágil, que qualquer ruído apaga...) Mas a melodia de Debussy está presa na chapa negra... Basta erguer o diafragma e recomeçar.

Noel caminha para a grafonola.

E Debussy reconta em sua língua a história da Dindinha preta.

## 12

Teotónio Leitão Leiria dá um chupão mais forte no charuto e solta para o ar uma fumarada espessa. Como é bom este cheiro de charuto, cheiro de conforto, de prosperidade!...

Os ruídos lá da loja (hoje é sábado, dia de movimento) chegam abafados até ao escritório. O trio de couro da Rússia, legítimo—um sofá e duas poltronas—está a um canto do compartimento e é bojudo e teso como o seu florido dono, que agora fuma e medita, com uma ideia fixa na cabeça. Tapete fofo no chão. Às vezes Teotónio Leitão Leiria caminha dum lado para o outro só para sentir que seus pés se afundam, como se caminhasse num

campo de neve. (Até já pensou na comparação mais de uma vez. A princípio rejeitou-a como absurda. Era preciso que a neve fosse verde como o tapete. Mas enfim, com um pouco de audácia a imagem não fica mal).

As paredes do escritório estão cobertas de telas. Paisagens com firmas diferentes. É uma volúpia ver o cartão da gente cravado no canto duma tela cara, numa exposição de artista de renome.

A espiral de fumo sobe e espraia-se no tecto.

Teotónio Leitão Leiria acha-se inquieto. Consulta o relógio a cada passo e está tão nervoso que é com dificuldade que acerta com o bolso do colete quando coloca nele, de volta, o *Ómega* de ouro.

Na outra sala as dactilógrafas trabalham, as máquinas de escrever tamborilam num ra-ta-ta *staccato* de metralhadora.

Teotónio pensa (é estranho, é absurdo um homem de negócios, um *business-man*, chegar a pensar nestas coisas) na última novela que leu. Edgar Wallace. Os *gangsters* de Chicago, tiroteio de metralhadoras, crimes monstruosos, o diabo...

Por sinal, a leitura valeu-lhe uma repreensão da Dódó:

—Teotónio, com efeito! Lendo essas coisas, meu filho...

Ele ficara vermelho.

—Ora, Dódó, isto distrai muito...

Com que ar maternal, ela segurou com uma das mãos o livro e com a outra o queixo do seu Teotónio!

—Mas, Teotónio, tu compreendes... Se alguém te visse com esse livro, que é que ia dizer?

Ele ficou sentido, mesmo muito sentido. Não gosta de incomodar a Dódó. Ela é tão boa, tão delicada, tão santa...

—Eu até nem sei por que peguei nesse livro...

E então, com a mão no peito, muito compenetrada, ela abriu a porta da biblioteca e apontou para as prateleiras grandes, cheias de livros encadernados em couro, com títulos dourados na lombada: *Divina Comédia*, *Poemas de S. Francisco de Assis*, obras sobre sociologia, publicidade, eficiência comercial, romances recomendados pela Igreja... Dódó ficou apontando pelas prateleiras: S. Miguel Arcanjo com a sua espada de fogo. Ele ficara encalistrado, muito encalistrado mesmo. E então, para provar que estava sinceramente arrependido, jogou para o cesto de papéis velhos a brochura de capa amarela. (Mas, no fim de contas, o mocinho morria peneirado pela metralhadora ou acabava por ficar com a chinesa?) Dódó caminhou para o marido e beijou-lhe a testa, num agradecimento eloquentemente mudo.

Teotónio Leitão Leiria, caminhando agora dum lado para o outro, em cima do tapete fofo, simplesmente não compreende como é que um homem, só por causa do barulho das máquinas

de escrever, fica a recordar coisas passadas, coisas tolas, sem a menor importância...

Vai até à janela e olha para baixo. A rua fervilha num vaivém de transeuntes. Um mar encapelado de cabeças multicores. Uma onda quente de sons sobe para as nuvens. O Sol já se escondeu atrás dos edifícios mais altos. Seis horas. Teotónio tira do bolso de dentro do paletó (que coincidência, bem de cima do coração...) a carteira, e de dentro da carteira um papelucho amarfanhado que tem um endereço escrito a lápis. Como um colegial que lê às escondidas o primeiro bilhete da namorada, Leitão Leiria olha, nervoso, para o papelucho e procura gravar o endereço na memória. *Travessa das Acácias*, 143. Repete baixinho o nome da rua e o número da casa. Depois rasga o papel em pedaços bem miúdos e joga-os ao cesto.

Uma dúvida terrível o assalta. Será uma casa discreta? A travessa conhece-a ele, sabe onde fica, já passou até por lá... Mas se aparecerem pessoas conhecidas às janelas?

Teotónio imagina desculpas.

—Boa tarde, sr. Leitão Leiria, então aqui pela nossa zona?

Ele fará o seu sorriso mais indiferente e com um gesto vago responderá:

—Vagueando um pouco. Estou com vontade de comprar uma casa aqui na sua rua...

Teotónio senta-se à mesa, pega na caneta e começa a rabiscar nervosamente no papel. Escreve nomes à toa—*precípuo*, *flóscuo* (palavra bonita que ele não conhecia, aprendeu-a ontem, folheando, por acaso, o Cândido de Figueiredo)—e ao mesmo tempo fica a fazer reflexões.

Bom. A Dódó aparece, vem no *Chrysler*, diz duas palavras, segue para casa e manda o carro de volta. Mas ele não vai entrar na travessa com o *Imperial*. O carro pode chamar a atenção. Seria o mesmo que entrar com trombetas e fanfarras, como Radamés no segundo acto da *Aida*. Não. Numa esquina ele disfarça.—*Jacinto, vá dar umas voltas, quero fazer um pouco de exercício. Espere-me daqui a três quartos de hora ali na pracinha...*—E entra na Travessa a pé. 143. Será no primeiro andar?

Teotónio ergue-se. Desinquieto. Pensa em Dódó e na sua cara de anjo bom. E sente-se miserável, pecador, indigno. (Não muito, muito...) Mas que é que vai fazer? A culpa não é dele. Enfim, Dódó está com cinquenta anos, não é nenhuma menina... Um homem, mesmo aos cinquenta e dois, está no cerne, é coisa diferente. Deus, na sua infinita sabedoria...

A porta abre-se. D. Branca aparece, num relâmpago de óculos. Sobressalto:

—D. Branca, já lhe disse, nuna entre sem bater.

Branquinha baixa os olhos, desconcertada.

—Desculpe. A sua senhora está lá em baixo na loja.

Teotónio faz um gesto de perdão.

—Está bem, menina. Obrigado. Já vou.

Os óculos fuzilam de novo e Branca, com o seu triste vestido *marron*, desaparece por trás da porta, que se fecha.

—Deus há-de compreender—reflecte Leitão Leiria.—Ele, que fez o homem, que o conhece como um bom mecânico conhece o mais ínfimo parafuso da máquina que construiu (Teotónio sorri interiormente diante da comparação bonita, que nasceu espontânea)—Deus há-de saber que a carne é fraca. Enfim, um homem de negócios, um *business-man*, como dizem os americanos, precisa de distracções, de derivativos. Não é só trabalhar como um burro, que isso não dá ponto. E demais, quando ele entrar no prédio n.º 143 (será primeiro ou segundo andar?) há-de deixar a alma na porta. Quem vai prevaricar é a carcassa mortal. A alma de Teotónio Leitão Leiria pertence à sua Dódó. Para a vida e para a morte.

Teotónio pensa no caso de St.ª Maria Egipcíaca. Olha-se no espelho do porta-chapéus, conserta o *plastron* e sai.

As máquinas ainda metralham. Teotónio olha de viés para as pernas de Fernanda e um pensamento mau (quem é que pode governar os pensamentos?) cruza-lhe a mente: *Se essa menina quisesse eu arranjava um apartamento discreto, uma baratinha Chevrolet...* Mas o anjo da guarda particular de Teotónio comparece com a esponja da purificação e apaga de sua mente a ideia suja.

Na galeria, Teotónio detém-se e olha para baixo, para o salão grande da loja. Longas, longas prateleiras de vidro, mostradores faíscantes com frascos raros e coloridos—*Guerlain*, *Coty*, *Myrurgia*, *Lubin*, *Caron*—sedas, roupas feitas, gravatas, colarinhos. O pavimento é de ladrilho colorido. Borborinho. Mulheres de vestidos de muitas cores. Confusão de vozes. Os caixeiros passam apressados dum lado para o outro. Um pretinho vestido de *groom* (ideia de D. Dódó) passa sobraçando caixas brancas e compridas. A registadora da Caixa tilinta, a gaveta salta. Chegam até aos ouvidos de Teotónio farrapos de diálogos:

—... não temos mais...

—... muito caro...

—... bondade de examinar...

—... vinte mil réis...

—... seda pura...

—... estrangeiro legítimo...

—... oh! Que lindo...

Teotónio esfrega as mãos, chupa forte no charuto. Onde estará a Dódó? Seus olhos procuram no meio do formigueiro. Lá em baixo uma mão enluvada ergue-se para ele. Dódó! Teotónio desce as escadas.

—Minha querida!

Beija-lhe a testa.

—O meu filho está muito cansadinho?...

Teotónio suspira. Um inferno. Facturas, agentes de publicidade maçadores, comissões, consultas, conselhos, pedidos. E o seu jeito é de quem quer dar a entender: «Quem tem importância na vida está sujeito a todos estes incómodos.»

—Pobrezinho...

As bolsinhas de carne dos olhos de D. Dódó tremem de pura pena.

—E se nós fôssemos para casa agora?

Teotónio recusa veementemente, diz que não com a cabeça, com os olhos, com as mãos. E de súbito percebe que foi enfático de mais na recusa e corrige-se:

—Não é por nada, Dódó. Acontece apenas que eu não gosto de quebrar o horário. Tu sabes como eu sou nestas coisas. O meu método é americano, ali no rigor.

—Está bem—concorda ela. E sente orgulho do marido. Aqui está um homem. Não é como muitos. Este tem fibra. Há-de vencer, se Deus e Santa Teresinha quiserem.—Depois então eu mando-te o automóvel.

—Sim, meu bem.

—Não te esqueças, temos a nossa festa hoje, no Metrópole.

Teotónio estranha.

—A nossa festa?

D. Dódó fica desolada. Será possível que ele não se lembre?

—A festa das *Damas Piedosas*...

—Então às 7, sem falta, em casa, hem?

—Inadiàvelmente.

Beijam-se. Dódó some-se no meio dos fregueses. A registadora tilinta. Teotónio olha: 250$00. Um pequeno choque. Quem teria feito uma compra tão grande? Seus olhos dão com uma figura conhecida. É o coronel Zé Maria Pedrosa. Teotónio caminha para ele:

—Oooooh! Bons olhos o vejam, coronel!

O coronel sorri, estendendo a mão; as maçãs do rosto tostado saltam, os olhinhos mongólicos ficam mais apertados.

—Como le vai?

—Então, fazendo compras?

—É verdade.

—Como está a família?

—Tudo bem, graças a Deus.

—Naturalmente vão à festa hoje...

O sorriso de Teotónio é de quem não admite uma negativa. Não, por força que o coronel tem que ir à festa. Como é que uma família tão representativa pode faltar a uma festa de caridade?

Teotónio pensa em Dódó: ela confia no resultado financeiro do seu chá de caridade...

Zé Maria coça o queixo, faz uma careta:

—Pois é... A velha não vai, não gosta de festa. Mas a menina está acesa. Não fala noutra coisa...

—A mocidade, coronel! O nosso tempo é que já passou...

—É verdade... Semos carta fora do baralho...

O «semos» não agrada muito a Teotónio, que esperava um elogio, ou pelo menos a exclusão da sua pessoa do número dos velhos. Mas, cortês, acrescenta:

—O senhor ainda está firme. Quantos?

—Cinquenta e treis na cacunda... Raça de caboclo.

Um silêncio. Zé Maria passeia o olhar em torno. Teotónio procura assunto, mas só atina com dizer isto:

—Sim, senhor.

E o coronel:

—Senhor, sim.

E depois de uma pausa, olhando o relógio (só por hábito, porque nem fica sabendo que horas são), diz.

—Bueno, vou andando...

—Muito bem. Havemos de nos encontrar hoje, à noite...

—Não tem dúvida.

Apertam-se as mãos. O coronel sai no seu caminhar pesado e tardo de paquiderme.

Seguindo-o com o olhar, Teotónio tem consciência como nunca da sua imensa superioridade, da sua condição privilegiada de homem de espírito e de talento.

Encolhido e apreensivo, Teotónio Leitão Leiria entra na Travessa das Acácias. A sua mente é uma tela de cinema em que três imagens—a de Dódó, a de Monsenhor Gross e a da menina de olhos verdes—se sucedem em *close-ups* assustadores. Tumulto de sentimentos. Impressão de culpa e pecado, perspectivas de gozo raro, alvoroço, temor, remorso antecipado. Teotónio caminha, cosido à parede. Felizmente os candeeiros ainda não se acenderam. Dentro do crepúsculo cinzento que caiu sobre a rua suburbana, as árvores oferecem ainda uma sombra mais funda e protectora. Teotónio olha os números das casas. E caminha... As faces ardem-lhe. Tem vontade de levantar a gola do casaco, como um ladrão que não quer ser visto. Mas não: isto seria chamar mais a atenção das pessoas... Há gente às janelas. Teotónio prossegue direito, sem olhar para os lados.

—Dódó, Dódó, Dódó, como eu me sinto sujo, Dódó, como sou porco! Monsenhor Gross, haverá perdão para o meu pecado?

Mas no cineminha do cérebro a figura da pequena de olhos verdes apaga as outras duas imagens. Teotónio imagina o quarto.

Deve ser como todos: uma cama de casal, janela que dá para o pátio, lavatório com sabonete barato. E, a um canto, a menina despe-se em silêncio, ergue o vestido, a saia sobe, as coxas aparecem, brancas, macias, macias... Mas a imagem de Dódó vai-se definindo sobre a tela como um espectro, vai ficando mais forte, mais nítida e lá está ela agora tirando o vestido, mostrando as coxas gordas e flácidas. as coxas enormes que tremem como gelatina, levemente cinzentas... um cinzento de decomposição e velhice.

—Dódó! Dódó! Tu não me compreendes, um *business-man* precisa ter derivativos. Tu me perdoarás. Cristo perdoou e Madalena era mais pecadora que eu, porque, enfim, ela era mulher. 75. Santo Deus, quando é que chega o 143? Terei errado a rua? Dódó! Esta é a última, eu te juro, meu anjo!

Na frente dum muro longo—PROVEM OS BISCOITOS AIMORÉ—brinca um grupo de crianças. Gritam e cantam. Teotónio passa pelo meio do bando. Ergue a mão para acariciar a cabeça dum dos pequenos. Mas não, Teotónio, não! A tua alma ficou ali na esquina, na entrada da rua. Quem caminha aqui é a matéria, a carne vil que tem necessidades sujas. Não macules a cabecinha inocente! Pensa nestas coisas, mas sem nenhuma convicção.

E Teotónio procura torturar-se com pensamentos desta natureza. Chama-se nomes feios. Adúltero, horizontal (recordações das leituras de Rui Barbosa) prevaricador, iníquo, alma inquinada (Euclides da Cunha), *ofelhinha tresmalhata* (Monsenhor Gross)... E julga-se menos culpado e menos miserável por se julgar assim miserável e culpado.

Um automóvel passa na rua. As duas portas duma taberna projectam na calçada faixas longas de luz. Lá dentro, atrás dum balcão, um sujeito de cara vermelha e lustrosa faz embrulhos. Sentado em cima dum barril, um preto mal vestido empina um copo de aguardente. Uma menina magra, de pés descalços, sai da taberna carregada de pacotes.

Leitão Leiria pensa num artigo: Menores Desamparados. Monsenhor Gross vai gostar. A incursão à Travessa das Acácias não ficará perdida. Deus escreve direito por linhas tortas. Ele vai chamar a atenção do juiz de menores para factos abusivos, *qual sejam* (Teotónio compõe mentalmente o artigo) *o de pobres raparigas raquíticas e cloróticas que, sem instrução e sem higiene, são empregadas por pais inconscientes no serviço diuturno da rua, com o perigo de se prostituirem, e...*

Mas a palavra «prostituirem» invoca màgicamente a imagem da menina de olhos verdes. Outra vez as coxas macias. Um gozo raro, muito morno e proibido, apertar um corpo moço, penetrar num corpo moço; perfumes diferentes, voz diferente, cara diferente, tudo diferente...

Teotónio olha para as portas: 139... Caminha mais alguns passos: 143. É aqui. Ergue os olhos. Uma casa de dois andares. Duas janelas iluminadas. Teotónio hesita... Teotónio fica imóvel. Parece que a vida em torno parou. Em todo o universo agora só uma coisa pulsa e vive: o coração dele, que bate como um louco —medo misturado com contentamento e dúvida.

Num relâmpago, duas imagens visitam a mente de Teotónio Leitão Leiria: Dódó e Monsenhor Gross. Mas apagam-se logo. E Teotónio resolve fazer frente à fatalidade. Entra. Sobe a escada, que é velha e range. Junto da primeira porta bate. Abrem. Uma mulher magra e alta surge na frente dele, olhos interrogadores, ar de quem não conhece e está surpreendida. Teotónio sente o sangue subir-lhe ao rosto.

—A viúva Mendonça?

De quem é, donde saiu esta voz fraca, desbotada, que mais parece um cochicho? Teotónio Leitão Leiria não reconhece a voz do orador que encheu o Teatro S. Pedro, naquela noite de festa de caridade... Oh! Esta comoção...

—O senhor bata na outra porta...

—Perdão, minha senhora...

A cara da mulher fica imóvel. Teotónio volta-se todo perturbado. E sente que aqueles olhos cinzentos e assustados estão ainda cravados nele.

Olha em torno: outra porta. Mais cinco passos. Bate.

A porta abre-se. Aparece uma velha baixa e roliça, de cabelos grisalhos, chale xadrez nas costas, cara risonha. Está de luto. As dúvidas de Teotónio dissipam-se. Deve ser a viúva.

—Às suas ordens, cavalheiro...

É uma voz áspera: parece que ela tem areião na garganta. Uma voz áspera que see sforça por ser doce. Os olhinhos miúdos brilham.

—É a viúva Mendonça?

—Sou, sim, senhor.

—Pois o sr. Tito...

O sorriso da velha gorda cresce.

Ah! O senhor! Ele me falou... Venha por aqui, doutor...

Caminha, remexendo num molho de chaves que traz à cintura. Leitão Leiria segue-a, chapéu na mão, sob o peso de uma impressão terrível de ridículo. A mulherzinha vai falando:

—Pois a gente fica satisfeita, não é?, quando gentes direitas querem dar a honra...

Teotónio segue em silêncio. Caminham por um corredor escuro. Lá no fundo uma janelinha.

—Não repare. O bico de luz queimou. Amanhã vou pôr outro, não é?

A velha pára diante duma porta e começa a procurar a fechadura, às apalpadelas.

—O senhor não terá um fósforo? Não enxergo.

Teotónio tira o isqueiro do bolso. Levanta a tampa. Falha. Torna a accionar a mola. Outro fracasso. A velha escarafuncha na porta. Por fim a chama salta. A mão de Teotónio treme. A viúva consegue introduzir a chave na fechadura.

—Acertei no buraco!

E volta para o «freguês» uma cara safada, toda cheia de intenções pornográficas. Teotónio sente que as suas orelhas estão em fogo.

—Entre, não é?

Leitão Leiria entra. A viúva Mendonça acende a luz.

Mas ele preferia mil vezes que a escuridão continuasse para esconder o seu rubor e a sua confusão. Dódó! Dódó! Como eu sou indecente! Como sou ridículo!

Esfregando as mãos, a mulherzinha faz um sorriso aliciante.

—Ela ainda não veio, doutor, mas não demora, não é? O Tito marcou às seis e meia. Faltam cinco. Pode ficar à vontade. A casa é sua.

Teotónio olha em torno. Quarto pequeno. Paredes caiadas. Um único quadro: uma mulher nua dorme na praia, os seios bicudos voltados para as nuvens. Uma cama esmaltada de branco. Cobertas brancas. Uma janela fechada. Um lavatório de ferro. Duas cadeiras. Uma mesa com revistas velhas.

Teotónio está aniquilado. Tenta recompor-se, assumir ares patronais. Mas aquela velha ali, senhora do seu segredo e da sua fraqueza...

—Muitas pessoas da primeira sociedade—a voz de areião continua—procuram a minha casa, sabem que é casa quieta, não tem perigo...

A velha diz nomes de freguezes ilustres. Parece um herói a discriminar condecorações. Teotónio senta-se teso na cama. A cama sugere-lhe coisas animadoras. Agora a premunição do gozo domina o sentimento do medo e da culpa. A viúva Mendonça continua a falar. Doutores, comerciantes, senhores *da melhor*—todos *procuram* esta casa... Teotónio torna a pensar em Dódó e de novo sente medo. Ergue-se (agora já é de novo o *business-man* que se concedeu um feriado inocente) e diz, circunspecto:

—Conto com a sua discrição, porque...

A mulher interrompe-o.

—Já lhe disse que não tenha medo, doutor...

—Porque a senhora compreende...

—Não se amofine, doutor, aqui nunca acontece nada...

—Um homem da minha responsabilidade, da minha importância social...

—Já lhe disse...

—Seria um desastre... eu nem sei... um...

—Já lhe disse, doutor, a minha casa...

Os elogios à casa repetem-se. Teotónio caminha dum lado para o outro, impaciente. Tumulto de sentimentos desencontrados. A imagem de Dódó vem-lhe à mente mas ele exorcisa-a, porque este lugar «é por de mais infecto»; pensar naquele anjo aqui dentro é uma profanação.

Ruído de passos no corredor. A viúva cala-se. Teotónio escuta. A porta abre-se devagarinho. E a voz áspera:

—Eu não lhe disse que ela era boazinha?

É ela—pensa Teotónio. E uma sensação nova, estranha e dominadora, toma conta dele.

Fica atrapalhado. Não ouve as palavras que a viúva lhe diz, nem vê que ela sai e fecha a porta. Agora só tem olhos e pensamentos para a rapariga vestida de vermelho que está diante dele. Ela caminha devagar, diz uma *boa noite* com voz indiferente, tira o chapéu e depõe-no com a bolsa em cima da mesa.

Teotónio está imóvel. Não sabe como começar. Não acha que dizer. Ela folheia uma revista com displicência.

—Como é o teu nome?

—Cassilda.

Teotónio sorri.

—Bonito nome.

Cassilda agora está voltada para ele, esperando. Teotónio já se sente mais à vontade.

—Então, não dá um beijinho p'ró seu amigo?

Ela sorri, aproxima-se e oferece o rosto. Teotónio agarra-lhe desajeitadamente a cabeça e chupa-lhe os lábios. Um gosto de pó de arroz, um gosto húmido e morno. O contacto destes seios, destas coxas, dão a Teotónio a impressão de que ele está no ar, como um balão...

Um alvoroço toma-lhe conta do corpo.

—Vamos depressinha, meu bem. Está anoitecendo e não tenho tempo a perder. Vá tirando a roupinha.

Sua voz é levemente trémula. A rapariga começa a despir-se. Teotónio volta-se para a parede, tira o casaco, depois senta-se na cama e tira as botinas. De quando em quando arrisca um olho para o lado de Cassilda.

A moça puxa a saia para a cabeça. Tudo isto lhe é absolutamente indiferente. É o segundo homem a quem se entrega hoje. À noite terá outros. Como sempre...

—Eu tenho uma sobrinha chamada Cassilda...

Teotónio diz isto porque sente que o silêncio o apavora e sufoca.

Cassilda sorri em resposta. Teotónio contempla-lhe as pernas esbeltas. Dobra as calças com todo o cuidado e vai colocá-las

na guarda da cadeira. Um pensamento horrendo o assalta. E se da janela saltasse um homem com uma *Kodak* e o fotografasse nesta atitude? Oh! Teotónio tem a impressão de que o seu coração pára um segundo...

Quando se volta, Cassilda está já estendida na cama. Trémulo e confuso, Leitão Leiria aproxima-se na ponta dos pés, como quem caminha no quarto dum doente. Deita-se ao lado dela.

O calor do corpo moço, as carnes rijas, o cheiro de vida. Oh! Como podem dizer que isto é pecado?

Ao ver interpor-se entre os seus olhos e o tecto a cara congestionada e lustrosa de Leitão de Leiria, Cassilda pensa no rapagão moreno e bonito que ela teve a seu lado a noite passada, no décimo andar do Edifício Colombo.

## 13

O jantar na casa de João Benévolo é fúnebre.

O relógio bate as horas—uma, duas, três, sete badaladas fanhosas, tristes, longas, e, quando a sétima batida fica ecoando na varanda silenciosa e mal alumiada, Laurentina começa a chorar.

—Não faça assim, Tina, por que é que você chora?

João Benévolo põe ternura na voz. Aquele choro dói-lhe. É uma acusação, uma queixa.

—Ora, eu sou assim...

E fica de olhos inchados e húmidos olhando para o relógio velho. Quando ele bate, lento, e o som de sino fica dançando no ar como um choro, como a voz duma pessoa que se está queixando, ela pensa na vida, pensa na morte, pensa no passado e acaba chorando, chorando desatadamente...

Tudo aqui é triste—pensa ela—a luz do candeeiro (cortaram a eléctrica por falta de pagamento), o soalho, que se está afundando, as paredes desbotadas, os móveis encardidos, a cara do Janjoca, tudo é triste e dá vontade de chorar.

João Benévolo pensa no dia perdido. O seu amigo «doutor», muito delicado, repetiu as promessas de sempre: o senhor espere, tenha paciência, que eu arranjo-lhe um emprego—e foi estendendo a mão, como quem diz: dê o fora.

Na rua as crianças da vizinhança gritam e correm. Um gramofone fanhoso canta uma modinha sentimental.

Sentados um de cada lado da mesa, marido e mulher olham-se.

—Se o Napoleãozinho não sara—diz ela—temos de chamar médico.

João Benévolo diz sim com a cabeça. E leva à boca uma colherada de sopa. Faz uma careta involuntária: água morna sem gosto, sem tempero. Olha com olho triste para os pratos que estão sobre a toalha grosseira: arroz pastoso, feijão aguado e carne magra.

Silêncio.

—Tomara que o veranico de Maio dure—conversa João Benévolo.—Quando vier o frio vou-me ver mal...

—Para uns, tanto; para outros nada...

Os olhos de Laurentina voltam-se para o alto. O marido compreende. Lá em cima mora o professor Clarimundo. Sòzinho. Económico. Não gasta, não precisa gastar. E ganha bem. Ao passo que eles, aqui...

O gramofone pára. No meio do silêncio vem de longe, de outras ruas, o ruído dos eléctricos. De quando em quando guincha uma buzina de automóvel. Com o vento na noite nova entra pela janela um cheiro a folhas secas queimadas.

—Hoje apareceu um senhor aqui na porta—conta Laurentina.—Bem vestido, todo cheiroso, flor no peito...

—Flor no peito me lembra o Leitão Leiria...

—Aquele ordinário...

Os olhos de Tina brilham por um instante. Raiva surda. Uma raiva mais angustiosa, porque não conhece a imagem do homem odiado. Se acaso ela conhecesse Leitão Leiria, haveria de odiá-lo mais?

—Mas que era que esse senhor queria?

—Ora...

Tina faz uma cara de nojo: acentuam-se as duas rugas que fecham a boca num parêntese de aborrecimento e cansaço.

—Um freguês da viúva?

—Acho... Perguntou por ela. Estava todo atrapalhado.

João Benévolo faz um gesto de contrariedade.

—Isto é uma indecência, Tina. Felizmente não temos filha. Se a polícia soubesse...

—Por que não nos mudamos?—zomba a mulher.

Mudarem-se... eles? Havia de ter graça. Para onde levar os tarecos? Pelo menos por ora, enquanto ele não arranja emprego, não podem sair daqui. Paciência.

—Se o professor soubesse, acho que ele ia embora—comenta João Benévolo.

Tina sacode a cabeça.—Qual? O professor vive no mundo da Lua.

O gramofone recomeça. Um tango argentino que fez furor em 1920. Do quarto contíguo vem uma vozinha fina:

—Mamã!

Uma voz choramingada e trémula. Tina ergue-se. João Benévolo afasta o prato, levanta-se e vai buscar o chapéu.

—Vou sair.

—Aonde vais?

—Por aí...

Laurentina encolhe os ombros. Agora nada mais lhe importa. Tudo está bem. Se ele der para beber, para andar com mulheres, para frequentar pensões de gente à toa, que é que ela vai fazer? Nada mais tem importância...

—Não voltes tarde que fico com medo.

É o mais que ela pede. João Benévolo sacode a cabeça afirmativamente e sai.

No corredor escuro dá com um vulto. O contorno é-lhe familiar. Uma voz conhecida:

—Boa noite.

Voz asmática. É o Ponciano. João Benévolo sente um mal-estar imenso, um calafrio desagradável: parece que passou a mão pelo dorso duma cobra. Ponciano... Uma criatura que lhe causa nojo...

—Vais sair?

—Pois é.

Silêncio. Na sombra a figura odiada define-se. Ali estão os olhinhos frios, o rosto furado de bexigas, o nariz achatado de boxeador, o dente de ouro brilhando. João Benévolo pigarreia.

—Bom...

A voz asmática:

—A Tina está?

—Está. O Napoleão anda meio encrencado da barriga...

—Bueno, até já.

—Até já.

João Benévolo desce a escada. No último degrau pára. Não, é um desaforo, estas visitas insistentes, esta intimidade. Como se fosse um parente, uma pessoa do mesmo sangue. Não. É preciso acabar. A casa é já suspeita. Tina, no fim de contas, é uma mulher; não é das mais bonitas, mas ainda serve. Podem falar. Depois, o desaforo maior é a importunação. O dono da casa sai e o outro homem fica a conversar com a mulher. É direito? Claro que não é.

João Benévolo começa a caminhar. Vai ruminando a velha raiva. Aquilo já dura uma boa dúzia de meses. Quase todas as noites a visita indesejável. Ponciano fica num canto, os olhinhos com um brilho de gelo, a respiração difícil. Tina costura. Ele, João Benévolo, lê. O relógio bate horas, oito, nove, dez. O tempo passa. Conversas raras. O olho de Ponciano em cima de Laurentina, chocando. João Benévolo olha para os dois com o rabo

dos olhos, com uma raiva impotente a ferver-lhe no peito. Vontade de falar: «Isto também é de mais, seu Ponciano, que é que o senhor quer? Explique-se! Ou ponha-se na rua.» Mas Ponciano é um homem de físico forte e tem dinheiro. Ninguém está livre dum aperto. Sempre é bom ter um amigo a quem recorrer. *Amigo*... Toda esta vergonha por causa da miséria, da falta de emprego...

João Benévolo caminha, dobra a primeira esquina e sobe, rumo da parte alta da cidade. A fila de candeeiros estende-se como um colar de luas. Lá no alto o arranha-céu do Imperial recorta-se contra o céu da noite: em cima dele o grande letreiro luminoso brilha—vermelho e azul—e diz: FIQUE RICO. LOTERIA FEDERAL. Quem olha de repente tem a impressão de que o letreiro está escrito no céu.

João Benévolo caminha e vai esquecendo Ponciano, a mulher, o seu drama. O letreiro colorido evocou-lhe um conto de fadas. Agora ele está caminhando numa rua de Bagdad. O perfil das mesquitas recorta-se contra o céu oriental. Ele é Aladino, que achou a lâmpada maravilhosa. Sim. Fique rico. Basta esfregar a lâmpada, o génio aparece. Eu quero um palácio, eu quero um reino, eu quero ouro.

João Benévolo agora é feliz. E como não tem outro meio para exprimir o seu contentamento, põe-se a assobiar com força o *Carnaval de Veneza*.

## 14

Fernanda traz para a sala de jantar a bandeja com a cafeteira, as sanduíches de pão e carne fria e o prato de papas para a mãe.

Pedrinho está inquieto:

—Apura com isso, mana, estou com uma fome do tamanho de um eléctrico.

Fernanda sorri por trás da fumaça que sai do bule:

—Já vai, rapaizinho!

Dizer *rapazinho* não tem graça. *Rapaizinho* é mais terno, mais familiar, mais verdadeiro.

D. Eudóxia suspira.

—Cuidado, Fernanda, esse bule cai e queimas-te toda...

Fernanda arruma os pratos, despeja café em duas xícaras.

Senta-se também à mesa e o jantar começa. Pedrinho conta coisas da loja, boca cheia, animado:

—Hoje chegou lá um cara gozado que queria comprar

Elixir de Nogueira. Isto aqui não é farmácia, digo. O homem ficou com cara de besta... Mas que sanduíche gostosa, mana! —Mastiga com gosto.—Então, moço, me ensine onde é que fica uma farmácia.—Pedrinho solta uma risada engasgada.—Mandei ele na Casa Sloper. Que cara gozado! Me passa o açúcar!

Fernanda empurra o açucareiro na direcção do irmão.

—E a senhora não come o seu mingau, mãe?

—Não me estou sentindo bem. Acho que piorei...

—Já tomou o remédio?

—P'ra que? É melhor que eu morra.

—Qual! A senhora parece criança. Vamos, coma logo esse mingau e deixe de fitinha.

Fernanda toma da colher e leva um bocado de papas à boca da mãe. Mas D. Eudóxia aperta os lábios, desvia o rosto, com a obstinação duma criança mimada.

—Pois está bem!—diz Fernanda, fingindo-se zangada.—Não, coma, não me interessa, pode morrer.

Diz isto e começa a tomar o seu café. Sente o quanto lhe custa portar-se assim, pois a sua capacidade de ternura é enorme. Dar liberdade a toda essa ternura em sua casa seria um desastre. Pedrinho começaria a acordar às dez da manhã e perderia o emprego. A mãe entregar-se-ia à menor dificuldade, abater-se-ia ao menor contratempo. É preciso ser dura, severa, para que as coisas corram em ordem.

—Então, Pedrinho, como vais no curso?

—Ah!

Pedrinho faz uma careta, como se lhe tivessem falado em óleo de rícino.

—Que troço pau é a tal de matemática. Cruzes! Sai um pó.

—Mas é preciso, rapaizinho, no fim vais acabar gostando.

D. Eudóxia intervém:

—Eu já disse que o Pedrinho vai ser como o pai. Não quer aprender nada, não quer ser homem de bem. Um dia trazem-mo p'ra casa com uma bala no peito, como o Fidêncio...

A cabeça de Fernanda volta-se bruscamente para o lado da mãe: uma máscara enérgica de repressão:

—Mamã! Não fale mais nisso! A senhora bem sabe que o papá não era assim.

—Está bem, não falo, não tenho direito de falar, não posso dizer nada, está bem...

— Então, Pedrinho, qual é a matéria de que gostas mais?

—Ah! Eu é a História. Depois o professor, o seu Dias, é um bamba. Aquele cabra da matemática...—e Pedrinho aponta com o dedo, rumo da janela do professor, lá no outro lado da rua—aquele cara é chato...

—Não diga assim. O professor Clarimundo é um homem muito bom, muito preparado.

Pedrinho toma um gole de café, pega noutra sanduíche.

—Não digo que não seja bom. Mas é chato. Fala p'ra dentro. Ninguém o entende. Às vezes distrai-se. Anteontem apareceu sem gravata.—Pedrinho solta uma gargalhada seca.—Depois esqueceu-se da lição e começou a falar em astronomia, num tal Nistai.

—Einstein—corrige Fernanda.

—Sei lá... Deita mais café aqui que é melhor.

Fernanda despeja mais café na xícara do irmão. D. Eudóxia começa a comer. Não há remédio. Ninguém faz caso dela.

Batem à porta.

—Entre!

Entra um menino. Tem sete anos, é magro e amarelo; está descalço e sujo. Fica perto da porta, parado, olhando.

Fernanda pergunta:

—Que é que queres, Bidinho?

—A mamã mandou dizê se a senhora não tem uma vela p'r'emprestá p'r'ela.

A voz é um fio fino, monótona e lisa.

—Espere um pouquinho—diz Fernanda.

Sai do quarto e volta com uma vela.

—Toma. Como vai o papá?

—Mió.

—Bom. Vá direitinho.

Bidinho fecha a porta e sai. D. Eudóxia suspira. Os olhos de Fernanda ficam tristes. Pedrinho comenta:

—Credo! Quase nem conheci o filho do seu Maximiliano!

As palavras caem no silêncio.

D. Eudóxia faz a sua profecia de morte:

—Qualquer dia fica órfão de pai, o coitadinho. Seu Maximiliano não dura uma semana...

—Que agouro, mãe!

—Eu sei, meu filho, sua mãe sabe, já viveu muito, já viu muito velório.

Um pensamento desagradável passa pela cabeça de Fernanda: com que prazer estranho e paradoxal a sua mãe assiste aos velórios... Como ela gosta de ver defuntos, falar em morte, prever desastres...

—Bem! Não se fala mais em morte e doença! Então, Pedrinho, gostas de francês?

Pedrinho empurra a xícara vazia, com uma careta de aborrecimento.

—Ora, mana. Não vamos falar em estudos, sim?

Fernanda sorri.

O gramofone da vizinhança toca uma música alegre. Ela pensa em Noel.

## 15

Teotónio Leitão Leiria entra em casa e encontra a filha no *hall*. Vera está sentada numa poltrona, lendo uma brochura. As luzes do lustre estão apagadas. Junto da poltrona uma lâmpada de *abat-jour* verde (para sintonizar com o verde das paredes e do *gobelin*) risca um círculo luminoso, dentro do qual se desenha a cabeça de Vera: cabelo *à la homme*, boca grande, olhos graúdos, um nariz levemente arrebitado. Teotónio contempla a filha com amor. Aqui tudo é diferente. Respira-se um ambiente familiar, puro e insuspeito. A madeira dos móveis, os tapetes, os *gobelins* despedem um cheiro característico, cheiro de lar confortável, cheiro doméstico, cheiro bom. Teotónio pendura o chapéu no cabide e entra. Vera ergue os olhos:

—Olá!—Tem uma voz de contralto.—Vieste tarde. Mamã estava aflita.

—Aquele maldito escritório...

Vera sorri e torna a baixar os olhos para o livro.

No *living-room*, Teotónio encontra a mulher.

—Meu filho, eu já estava aflita...

Dódó vem de mão no peito e beija a testa do marido.

Olha para ele atentamente com a cabeça inclinada para um lado. Coitadinho! Muito trabalho? Oh! Essa tua vida!

Teotónio Leiria sorri com melancolia e despreza-se mais uma vez. Como é que um homem que possui uma esposa assim como esta, meiga e santa, tem a coragem de frequentar casas de *rendez-vouz?* Como é, seu Teotónio?

O *Living-room* todo fulgura, fartamente iluminado: móveis polidos, almofadas fofas, espelhos, cristais, vasos com flores. Oh! É preciso este deslumbramento, esta paz doméstica, para apagar a impressão daquela rua pobre, daquele quarto sórdido. Mas, nos olhos de Leitão Leiria brilha, muito ténue, uma saudade do corpo de Cassilda. Enfim, ninguém é piloto dos seus pensamentos. Ai! As contingências humanas...

—Dódó, minha querida, eu quero um banho.

Sim, um banho. Com o banho desaparecerá o último vestígio do pecado. A alma permaneceu pura, não participou do acto sujo. Agora, é preciso limpar o corpo.

—Mas, meu filho, anda ligeirinho, sim? A janta está pronta...

—Não demoro...

—Temos de jantar depressa, porque às 8 preciso estar no Metrópole, tu compreendes, tudo está nas minhas mãos, se eu não dirijo, não sai nada certo...

Teotónio compreende... Fiscalizar as vendas, ver se não falta nada, telefonar para o director da orquestra, pedindo que os músicos apareçam à hora, dar instruções aos *garçons*...

—Dódó, se não fosse você...

Teotónio elogia. É uma maneira de se redimir um pouco do pecado que cometeu.

—Se houvesse duas Dódós nas *Damas Piedosas*, nós tínhamos mais hospitais e asilos...

—Não digas isso, meu filho...

Dódó sorri com modéstia.

Teotónio olha para o espelho redondo que brilha atrás dela, na parede: o busto gordo, a cabeça grisalha, o cachaço nédio desenham-se na superfície polida; os brincos de brilhantes soltam faíscas azuis, vermelhas e amarelas.

Silêncio. Marido e mulher contemplam-se. Teotónio agora está reintegrado na velha personalidade: tem diante de si a sua Dódó de todos os dias, segura da sua fidelidade, amiga, bondosa e sempre preocupada com os seus pobrezinhos. Dódó contempla o seu Tónio, que é escravo da família e do trabalho, e que agora quer um banhozinho para tirar o cansaço...

—Bem, meu filho, vai tomar o teu banho...

—Até já.

—Deus te acompanhe.

Vera ergue-se e vai para o quarto.

Sem acender a luz, estende-se na cama, apertando o sexo e o peito contra a coberta de seda. Pela janela entra um vento morno, trazendo os ruídos da rua. Passam carros com estrondo.

Vera revolve-se na cama. Como é boa a moleza das cobertas, parece carne, dá um adormecimento no corpo, um arrepio estranho...

Uma sombra azul inunda o quarto. O toucador ergue-se a um canto, com o seu espelho oblongo. O linóleo tem arabescos caprichosos.

Vera pensa na noite. A festa no Metrópole vai ser insípida como todas as outras. O Dr. Arménio, óculos de aro de tartaruga, dentes muito brancos, carão moreno e lustroso, sorriso de anjo, virá com a sua velha chapa: «A senhorinha Vera parece uma silhueta do Vogue. Lembro-me de que uma vez, no Bois de Boulogne...» (O Dr. Albuquerque foi uma vez à Europa). O *jazz* tocará os *foxes* dos últimos filmes e tangos argentinos da idade da pedra lascada. As mesmas caras: num canto a D. Palmira Melo, de vestido preto, falando com D. Anunciata Bellini em cochi-

chos, por trás do leque. As Mendes, as Assunção, a Ritinha Barbosa, com o seu eterno vestido cor de Champanhe... E aquela turma cretina do Macedo.

«Nunca amou, senhorita Vera?—De novo a voz do Dr. Albuquerque, pegajosa e doce. «No seu coraçãozinho de Miss Século xx não haverá lugar para um sentimento de...»

Vera ergue-se de súbito, como para apagar a visão aborrecível. Positivamente, vai ser um enjoo... Melhor não ir, melhor ficar em casa ou meter-se num cinema.

Batem à porta.

—Quem é?

Um fio de voz:

—Sou eu, minha filha. Posso entrar?

—Pode.

—D. Dódó entra.

—Verinha...

—Que é?

Vera volta o rosto para a mãe. Ela está ali de pé, muito ofegante, mão direita espalmada no peito. Traz na esquerda um livro.

—Quer-me fazer um favor?

—Conforme...

Vera está deitada de costas, mãos entrelaçadas atrás da cabeça, olhos voltados para o tecto.

—Diga se quer...

—Conforme... eu já disse.

D. Dódó fala com esforço, sua voz é trémula e suave.

—Quer atender a um pedido de sua mãezinha?

—Ai-ai-ai...

—Minha filha, você sabe que eu só quero o seu bem...

Vera está em silêncio.

—Há coisas que são impróprias para toda a gente, principalmente para uma menina solteira de vinte e quatro anos...

—Já sei, é o livro... Impróprio para menores... Pois é, agora eu vou ler as histórias da Carochinha...

Uma ruga de contrariedade na testa de D. Dódó.

—Minha filha, não leia mais isto...

E ergue o livro no ar, na ponta dos dedos, como se estivesse segurando uma proveta onde se agitasse uma colónia de micróbios.

Vera reconhece o volume que esteve a ler há pouco no *hall*. Sorri.

*A Questão Sexual*, de Forel.

# 16

A aula está inquieta. Um zunzum de colmeia assanhada. O ar fresco da noite entra pelas janelas. As carteiras rangem. Na outra extremidade da sala, um rapaz dormita com a cabeça encostada à parede. Bem na frente, na primeira fila de bancos, as posturas são as mais diversas. Um rapaz de óculos e buço cerrado escuta atento, de boca aberta. Um sargento do exército limpa as unhas com o canivete. Uma rapariga de boina azul boceja e olha para uma estrelinha que brilha longe, no recorte do céu que a janela enquadra. Um homem de cabelos grisalhos escuta, de sobrancelhas alçadas, com uma atenção forçada e com um ar vago e embasbacado de quem não compreende. De vários pontos brotam cochichos, resmungos, estalidos, cicios, bocejos abafados. A luz que escorre das lâmpadas é amarela e cansada.

O professor Clarimundo explica...

Sentado à mesa, em cima do estrado, as mãos enlaçadas no meio das coxas, o busto curvado, o livro aberto debaixo dos olhos, ele enumera as vantagens do estudo do latim.

Pode-se saber português sem saber latim?

Ele mesmo dá a resposta: Não. Sacode a cabeça; a sua franja eriçada agita-se, os óculos fuzilam.

—Pode-se estudar gramática histórica sem um bom conhecimento da língua latina?

Também não. Novo aceno de franja, novo fuzilar de óculos.

Um aluno abre a boca num bocejo sonoro. O professor estica o pescoço, procurando o mal-educado.

—Quem foi que bocejou?—pergunta.

Movimento de cabeças. As abelhas agitam-se, o zunzum da colmeia cresce como uma onda. Depois, silêncio.

—Não gosto nada disso!

Clarimundo diz estas palavras sem convicção. O protesto fica lançado. É preciso manter o moral. Mas o que importa agora é o latim.

—Dizem os maus estudantes que o latim é língua difícil... —Clarimundo pronuncia caprichosamente o *s* do plural.—Mas os senhores vão ver que no fim de contas a matéria é duma facilidade absoluta.—Clarimundo fala descansadamente destacando as sílabas.—Conheço muito (Clarimundo faz questão de dizer *muito* e não *muinto*) latinista de fama que não observa a *quantidade*...

Clarimundo ergue as mãos, segura as bordas da mesa, empertiga o corpo.

—Ora, a quantidade deve ser observada.—Ergue a mão direita, com a ponta do indicador a tocar a ponta do polegar,

formando um círculo.—Quantidade de uma vogal—explica—ou de uma sílaba é o tempo ocupado na pronúncia.—E marca a cadência das palavras que pronuncia com um oscilar da mão. —Conhecem-se dois graus... (reparem os se-nho-res que eu não digo absolutamente *conhece-se*, mas sim *conhecem-se*, porque o sujeito *graus* é plural e portanto leva o verbo para o plural). Mas, como eu ia dizendo, conhecem-se dois graus de quantidade. A quantidade *longa* e a quantidade *breve*. Pois ora muito bem!

Clarimundo esfrega as mãos. O sargento suspira. O aluno que dormitava com a cabeça encostada à parede acorda e fica a olhar com os olhos espremidos e sem expressão.

—Nas sílabas a quantidade é medida do princípio da vogal ou do ditongo para o fim da sílaba...

Ergue-se e caminha até ao quadro negro.

—Pois ora muito bem!

Pega no giz e risca as palavras *via* e *nihil*.

—Atenção, senhores. Uma vo-gal di-an-te de ou-tra vo-gal ou de um *h* é bre-ve. Não esqueçam!—repete as palavras que escreveu. *Via... nihil*. Olhem que isto é muito importante, senhores! Poucos compreendem a importância da quantidade. A quantidade é uma das coisas mais subtis da língua latina. A observância da quantidade revela a finura do latinista...

Os seus olhos de anjo passeiam por cima das cabeças inquietas. Não lhe parece que a classe tenha compreendido a gravidade do assunto. Estes rapazes de hoje não levam a sério as coisas respeitáveis do saber.

—Os senhores compreendem a importância da quantidade? Olhem que eu insisto porque conheço muito doutor que se tem na conta de bom latinista e que não observa a quantidade.

Põe o giz no rebordo do quadro negro. Limpa as mãos com o lenço.

—Pois ora muito bem. Vamos ver... o senhor... (aponta para o estudante de óculos e buço cerrado) que vem a ser a quantidade?

O rapaz coça a cabeça, embaraçado, e seus olhos ficam olhando para a pedra, vazios, inexpressivos, parados.

Vinte segundos de silêncio. O professor espera. Os olhos mortos continuam a olhar...

O professor torna a sentar-se à sua mesa. Os seus óculos reflectem a lâmpada eléctrica que pende do tecto. A sua franja treme de indignação.

—Sim, senhor! Não sabe uma coisa que acabo de explicar. Pois todos sairão reprovados se não observarem a quantidade. As bancas são muito severas e a quantidade é uma coisa importantíssima!

O professor Clarimundo anima-se e começa a falar sobre a

importância da quantidade. Fica entusiasmado pelas suas próprias palavras, intoxicado pelos próprios argumentos e esse entusiasmo e essa intoxicação geram mais palavras e mais argumentos. O que importa nesta hora é a quantidade.

A aluna de boina azul entregou a sua virgindade ao namorado, que agora não quer casar com ela. O sargento do exército sonha com os galões de tenente e sofre porque não pode compreender as equações de primeiro grau nem decorar as fórmulas da química. O senhor de cabelos grisalhos suporta em silêncio a vergonha de ter de frequentar aos trinta e oito anos um curso de preparatórios, porque precisa dum diploma, e precisa do diploma porque lhe é imprescindível ter uma profissão liberal, a fim de ganhar dinheiro para sustentar a família enorme. Aquele rapaz pálido, que olha medroso para o professor, trabalha dez horas por dia e ganha um ordenado miserável.O seu companheiro de carteira pensa ansioso na namorada que o espera à janela para a prosa de todas as noites. Num dos cantos da sala agita-se inquieto um rapazola louro que não sabe como há-de pagar a pensão no fim do mês, pois não encontrou ainda emprego e não quer interromper os estudos.

Mas neste instante uma coisa importa: é a quantidade. Todas as outras necessidades empalidecem somem-se num segundo plano sem relevo. Lá fora a cidade vive, os eléctricos e os autos rolam, os homens caminham e lutam, os dramas acontecem, há angústias escondidas, gritos de dor e de contentamento, os poetas fazem versos à Lua, os vagabundos passeiam pelos jardins, vagueiam homens sem trabalho e sem rumo, nascem génios e imbecis, mas o que importa agora para o professor Clarimundo é a quantidade. E ele exalta-se, acalora-se e fala para lhe denunciar a gravidade. Argumenta com uma energia que não revela nas coisas práticas da vida. Há meses que pensa em pedir um aumento de ordenado ao director do curso. Mas faltam-lhe coragem e entusiasmo. Há duas semanas que anda precisando dum par de ligas novo, mas ainda não teve ânimo para entrar numa loja e enfrentar os caixeiros. Há vários dias que anda pensando em queixar-se no restaurante da comida que lhe mandam, mas falta-lhe oportunidade, energia, *élan*.

Mas a quantidade é uma coisa diferente. O professor sente-se capaz de lutar por ela, de cometer excessos, de matar até, se for preciso.

—Pois ora muito bem! Que decepção! Na pró...

Mas o tinir duma campainha corta-lhe a palavra. A hora do latim passou. Fiel ao horário, o professor Clarimundo cala-se. Pronunciar uma palavra mais da lição, seria ilegal. E o professor não gosta de infringir as leis.

A colmeia assanha-se. Conversas explodem, livres. Os rapazes levantam-se.

Um aluno aproxima-se de Clarimundo, reservado.

—Professor...

—Que é que há?

—O senhor se esqueceu da gravata... Desculpe.

Clarimundo leva a mão ao colarinho e sente um desfalecimento. Realmente, esqueceu a gravata. Uma onda de sangue tingiu-lhe o rosto.

E ele tem a impressão de que, de repente, se encontra nu, completamente nu, numa praça pública cheia de povo.

## 17

Um ritmo que nasceu na África, que gemeu nos porões dos navios negreiros, que se repetiu depois—saudade misturada com tristeza de cativeiro—sob os céus da América, nas plantações e que mais tarde foi estilizado por músicos de uma outra raça sofredora e sem pátria—agora está arrastando os pares que dançam no salão do Bar Metrópole.

O *jazz* toca um *blue*. O mulato do saxofone solta gemidos dolorosos. O negro do banjo marca a cadência sincopada. O rapaz magro do clarinete ergue para o alto o instrumento rebrilhante e solta guinchos histéricos. O homem da pancadaria agita os braços, rufa no tambor, sacode guisos, bate nos pratos e no bombo, parece um polvo que dá trabalho a todos os tentáculos.

No espaço que existe entre as duas fileiras de colunas brancas ondula e fervilha um mar de cabeças, um mar escuro com manchas coloridas. As grandes luzes brancas estão apagadas. A sala acha-se mergulhada numa sombra azul. Um zunzum permanente anda no ar e mistura-se com o *cocktail* feito dos perfumes mais diversos que se avolumam numa onda cálida.

D. Dódó passeia os olhos pela sala e por um instante fica na postura de um triunfador. De algum modo ela é a dona da festa. Esta animação, esta afluência de povo (Povo? Qual! Famílias de nossa melhor sociedade), o êxito da venda de ingressos o arranjo artístico das mesas de chá, a boa qualidade da orquestra a atenção dos *garçons* de calças pretas e *dinnerjacket*—tudo foi obra dela. Santa Teresinha deve estar contente lá no céu. Por isso D. Dódó está radiante de alegria aqui na terra.

De vez em quando explodem gargalhadas pelas mesas onde há grupos em que se conversa animadamente.

Chinita sente contra os seios, contra o ventre, contra as coxas, por cima da seda verde-claro do vestido, a pressão rija e quente do corpo de Salú. Ele enlaça-a com força, espalma a

mão enorme nas costas dela e, cabeças levemente encostadas, lá vão os dois deslizando à cadência do *blue*. O saxofone barítono conta uma história amargurada. O negro do banjo, de repente, acorda do marasmo, para dedilhar furioso, numa revolta súbita, as cordas do instrumento.

A respiração de Salú é morna e regular, bafeja a orelha de Chinita, pondo-lhe um arrepio bom no corpo.

Os pares chocam-se, confundem-se, o mar continua a agitar-se em ondas compassadas.

—Chinita, estou com uma vontade maluca de te dar um beijo...

A voz de Salú é profunda como o canto do saxofone. Mas não conta uma história triste. Ele falou assim baixinho naquele dia no jardim dos Monteiros, no banco debaixo da palmeira. Chinita pensa no primeiro beijo. Ele mostrou-se bruto e decidido como Clark Gable. Não pediu, não fez rodeios. Era noite, mas não havia lua. O vento farfalhava nas árvores. Ela estava um pouco trémula, como quem espera um grande acontecimento. Os lábios dele tinham aspereza húmida. Não foi um beijo, foi uma mordidela. Lá de dentro veio uma voz: Chiniiita! E ela saiu correndo, assustada.

Chinita agora sorri. (Nunca mais ela há-de esquecer aquela noite). A orquestra cala-se e fica só o piano cantando a tristeza africana. Salú continua:

—Olha, Chinita, o beijo é a coisa mais inocente do mundo. Assim uma união de lábios... Que mal tem? No entanto os moralistas inventaram que é feio. Se a sociedade fosse realmente civilizada...

Mas de repente um frenesi toma conta do *jazz:* todos os instrumentos começam a berrar—violinos, saxofones, trombone, clarim, clarinete, banjo e pancadaria—e os uivos de desespero dos negros abafam as palavras de Salú.

Bem bom—pensa ele—já me estava saindo asneira...

De resto, com Chinita, não se tem vontade de conversar. A presença dela convida ao amor, aos contactos. É uma provincianazinha tola, ignorante e *snob*. Mas bonita, apetitosa, fresca, provocante. Salú sente por ela um desejo quase feroz. Quando a vê julga-se obrigado a apertá-la, a mordê-la, a fazer-lhe carícias brutais de animal. Mas já compreendeu que Chinita, não recebendo de todo mal as suas expansões violentas, gostaria que ele também lhe falasse de coisas doces, do luar, de *bungalows* entre árvores, de poesia e de casamento.

Chinita afasta a cabeça, atirando-se para trás. (Pensa imediatamente em Norma Shearer). Olha Salú bem nos olhos.

—E encontramo-nos amanhã no Imperial?—pergunta.

—Talvez...

A cara de Chinita escurece.

—Por que *talvez?*

—Se tua mamã e o teu papá vão... não contes comigo.

—Ora! Mas porquê?

A ideia da presença da mãe de Chinita enche Salú dum desgosto antecipado. Ele pensa na cara séria que parece estar dizendo: «Então, seu Salú, quando é que nos explicamos?»

E depois aqueles seios que arfam na penumbra da sala do cinema, sobressaindo da fileira... Horrível.

Chinita procura compor no rosto a mais impressionante expressão de zanga. Mas Salú aperta-a violentamente contra o peito, encosta mais forte o seu rosto no rosto dela e com voz baixa, mas cariciosa e convincente, vai dizendo:

—Eu quero você sòzinha, só você, só, só, só...

A música cessa com um gemido de agonia em que o saxofone fica chorando numa *fermata* tremida. Estralam palmas.

Leitão Leiria, sentado a uma mesa, chupa o seu charuto e exclama:

—Que indignidade!

Acabam de contar-lhe uma manobra política da oposição. Os seus olhos chispam de indignação.

Do outro lado da mesa, o Dr. Arménio, advogado e pretendente à mão da filha de Leitão Leiria, sorri um sorriso meloso de aprovação sem palavras. A seu lado Honorato Madeira já quase morto de sono, pensa na sua casa e na sua cama. Consulta o relógio—dez horas.

Tão cedo... Que maçada!

O Dr. Arménio está com uma estranha esperança nesta noite. É possível que hoje Vera decida aceitá-lo. As suas indirectas, os seus madrigais velados hão-de fazê-la compreender. Arménio apalpa o coração com um sentimento feliz de tranquilidade. Ali, no bolso de dentro do casaco, está a sua caderneta de capa de ouro, onde ele anotou assuntos para a palestra, frases compostas durante a semana, citações de livros lidos. Daqui a pouco vai reler, recordar, para utilizar os apontamentos na palestra. Vera é tão instruida, tão lida, tão *perpiscaz*. (Arménio nunca consegue dizer *perspicaz*).

—O nosso partido está forte—garante Leitão Leiria, muito teso e importante na sua cadeira. Ele tem consciência do seu tamanho (é mais baixo que a mulher) e procura manter uma postura digna, impertigando-se.—O nosso partido eleva-se como um Pão de Açúcar inabalável por cima desta tormenta desencadeada... de... de...

E debate-se numa ânsia feroz para achar o termo apropriado. O Dr. Arménio sorri, compreendendo. A sua benevolência para com o provável futuro sogro é tão grande que ele

socorre-o com um aceno na cabeça e um olhar de compreensão. Sim, não precisa procurar a palavra, porque ele sabe muito bem o que o seu ilustre e digno amigo quer dizer.

Como a palavra precisa não lhe ocorre, Leitão Leiria dá um chupão violento no charuto e volta ao estribilho:

—Que indignidade! Que indignidade!

Honorato Madeira faz um esforço épico para não fechar os olhos, para não se entregar ao sono. Mas será que a Gigina não se quer ir embora? Diabo! A sorte é que amanhã é domingo...

—O nosso partido representa a estabilidade. A oposição é a ambição desordenada...

O fumo do seu charuto sobe numa espiral. O *jazz* começa a tocar um samba carioca.

Arménio pensa no verso que anotou:

*Ses yeux froids où l'émail sertit de bleu de Prusse*
*Ont l'éclat insolent et dur du diamant.*

Verlaine. Que grande poeta! E como os versos se adaptam ao caso... Arménio pensa nos olhos de Vera. Têm o brilho insolente e duro do diamante...

Os pares rodopiam à música reboleante, desinquieta do samba. O pistão faz um floreio agudíssimo e Honorato Madeira desperta.

—Porque precisamos opor um dique a essa onda sangrenta do comunismo...

Leitão Leiria alimenta secretamente a esperança de ser eleito deputado pelo partido da situação, ajudado pela Igreja.

Os músicos tocam frenèticamente e suam. (Um senhor magro, de colarinho duro e alto, comenta com um vizinho: «Que Inverno esquisito este, amigo; parece o forte de Janeiro...») O espírito moleque e despreocupado da gente da Favela incarna-se por alguns minutos nos corpos dos bailarinos. O samba é repenicado, molengo, sinuoso, sensual e gaiato. Num dado momento, diminui a fúria dos músicos e um mulatinho risonho, de cabelo frisado e lambusado de brilhantina, avança, pernóstico, para a ponta do estrado e começa a cantar:

*O samba desceu do morro,*
*prendeu fogo na cidade,*
*ôi!*

O mar agora fervilha, numa crispação desordenada, como se um sopro de fogo o animasse.

A voz do mulato é safada. A cara do mulato está pálida de pó de arroz. O cantor olha com olhos quentes para as meninas

que passam dançando. O mulato agora é rei, domina o salão, é o mensageiro da malandragem, o portador dum convite ao prazer e à despreocupação.—Não vale a pena a gente amofinar-se. Deus é brasileiro. E no fim a gente morre mesmo. Toca p'rá gandaia, meu povo! Americano e ingreis ta'i mesmo p'ra emprestar dinheiro...

E o mulato, sorrindo com malícia, faz um floreio de voz com que nunca nenhum Caruso sonhou. A orquestra entra forte, o cantor volta para o fundo, as ondas continuam a subir e a baixar.

Num dos ângulos da sala o coronel Pedrosa defende-se heròicamente contra uma investida de raparigas. Elas falam todas ao mesmo tempo, envolvem Zé Maria como uma farândula de demónios.

—Oh! Compre, coronel!

—Seja bonzinho!

—...para o asilo!

—Só cinquenta!

E cada uma delas levanta no ar, na ponta dos dedos, uma flor. O coronel ri:—*hê! hê! hê!... Quem havera de dizer que o Zé Maria que vendia bacalhau atrás do balcão... Ora, vejam só... Eu só queria ver era a cara do Madruga.*

—Compre, coronel.

O coro de vozes esganiçadas, misturado com os berros da orquestra, ensurdecem o homem que o bilhete 3601 projectou violentamente para dentro do mundo encantado, com o qual ele nem ousava sonhar...

—Bueno, vou satisfazer todas...

Os olhinhos miúdos do coronel brilham de alegria. Tira a carteira. As raparigas aproximam-se dele.

—Primeiro eu!

—Compre a minha!

—Esta é a mais bonita!

E com a mesma naturalidade com que, um ano atrás, ele dava tijolinhos de goiabada aos filhos dos fregueses, Zé Maria agora distribui cédulas de cinquenta mil réis entre as meninas de caridade. Em troca, elas aproximam-se mais dele para prender-lhe as flores na botoeira com alfinetes. As maçãs do rosto tostado crescem num sorriso feliz.

Chinita e Salú sentam-se a uma mesa.

—Que é que você vai tomar? Guaraná?

—*Cocktail.*

Um *garçon* aproxima-se.

—Dois Martini—pede Salú.

Contra o branco da coluna, Chinita vê recortar-se o busto do namorado. Como a roupa escura lhe dá uma aparência distinta... E estes olhos que penetram, esta maneira autoritária e

decidida de olhar, este ar de quem sabe que pode fazer tudo...

Chinita contempla-o com amor. Enfim, este é o ambiente com que ela vivia a sonhar em Jacarecanga. Uma vida de *cinema*. Festas com gente bem vestida, perfumes, *jazz* com pretos que tocam saxofone, *cocktails*, rapazes atrevidos, automóveis, clubes, piscinas... Chinita não pode gozar de tudo isto simplesmente. Não sabe aceitar a realidade como um facto consumado e natural. É preciso comparar, é preciso imaginar... Quando em Jacarecanga dançava com os caixeiros do comércio no Recreio, ela entrecerrava os olhos e imaginava-se num centro maior, num baile mais deslumbrante; em vez das paredes sem graça do clube, via espelhos que reflectiam caras novas, diferentes e bonitas; em vez do Lucinho da Loja Central, quem estava dançando com ela era um moço bonito e educado da capital, um moço que falava em livros, em viagens e que usava perfumes caros. Agora aqui, no salão do Metrópole, para melhor gozar da festa, Chinita precisa imaginar que está em *Hollywood*. Não é difícil... Basta olhar para Salú, para os *garçons* de *dinner-jacket* (o coronel Pedrosa, quando os viu deu uma risada—*hê-hê*—e perguntou se os coletinhos dos *garçons* eram de morim...), para o *jazz*, para... (O *garçon* traz os dois *cocktails*) para os *cocktails*...

Chinita toma um gole. Gostar pròpriamente desta bebida, ela não gosta. Mas *cocktail* é uma coisa tão chique, lembra tanto os filmes...

—Que tal?—pergunta Salú.

—O. K.!—responde Chinita, contente por se ter lembrado de dizer *oquei*, como ela ouve dizerem nas fitas americanas.

—E a farra na segunda-feira?—Salú lança a pergunta e encosta a cabeça à coluna. Uma pergunta ociosa, para falar, já que aqui, em público, não é possível beijar e apertar a namorada.

—A farra lá de casa?—Salú sacode a cabeça numa afirmação. —Sai sempre na segunda e eu conto contigo...

—Se você promete ser boazinha comigo, eu vou.

—Talvez...

Chinita aproveita a oportunidade para retribuir o *talvez*...

—Com promessas vagas não conte comigo.

—E que é que queres dizer com «ser boazinha»?

Salú agora inclina-se para a frente, como quem vai fazer uma confidência. O seu rosto fixa-se numa máscara decidida. As sobrancelhas grossas cerram-se de maneira a ficarem quase unidas. Com um sorriso de canto de lábio, ele sugere:

—Um passeio pelo parque, só nós dois. Tenho uma coisa muito importante p'ra te dizer...

Chinita sente-se embalada ao som desta voz. Tudo isto é tão bom, tão parecido com o cinema...

Os olhos de Salú brilham de desejo.

# 18

Bateram à porta.

Contrariado, o professor Clarimundo levanta-se para atender a chamada.

—Quem é?

Uma voz familiar:

—Sou eu. Vim trazer o leite.

Abre a porta.

A viúva Mendonça, rechonchuda e sorridente, tem na mão uma bandeja com um copo de leite e um pedaço de bolo.

—Ora... Não precisava ter esse incómodo...

—Incómodo nenhum, professor.

Ele toma a bandeja e fica parado, indeciso. Enquadrado pela porta, o vulto da viúva quase se dissolve na escuridão do fundo.

—Bem...—faz ela.

—Pois eu lhe agradeço muito...

Silêncio. Embaraço. A viúva quer entrar num assunto:

—Pois o senhor não há-de ver?

Os olhos do professor exprimem surpresa. Que quererá esta mulher, bom Deus?

A viúva cria coragem:

—A gente sempre tem uma coisa na vida p'ra se incomodar...

O mote foi dado. Agora, naturalmente, o professor pergunta: Que foi que lhe aconteceu? E então ela desembucha a história toda.

Mas o silêncio continua. O professor espera, com a bandeja na mão; o corpo treme, o leite transborda.

—Pois, seu Clarimundo, o senhor acredita que essa gente aí debaixo ainda não me pagaram?

O professor apenas acredita em que a concordância de *gente* com *pagaram* é um atentado terrível à integridade física e moral da gramática. O resto não interessa...

A viúva Mendonça agora está disposta a dizer tudo:

—A gente do João Benévolo—explica.—Três meses atrasados no aluguel. Ele, o água-morna, está desempregado. Ela costura mas não tira nada. Nem dá p'ra comer. Às vezes fico com pena e dou alguma coisa. Não!—A viúva inflama-se de entusiasmo indignado.—Mas isto não pode durar! Preciso botar eles p'rá rua. Sou pobre, vivo do meu trabalho e não posso ser assim explorada...

O leite escorre pelas bordas do copo e empapa o bolo. Os olhos do professor estão fixos na cara da interlocutora, mas

realmente estão vendo num quadro negro imaginário o desenvolvimento de um teorema.

Agora a voz da dona da casa é um sussurro de confidência:

—Vem todas as noites visitar ela um sujeito alto mal encarado. Dizem que foi namorado dela. Isso não me cheira bem. Ele está arrumado na vida, diz que dá dinheiro a juros. Aí tem dente de coelho. Eu sei que o João Benévolo não gosta da coisa. O sujeito vem todas as noites... O senhor imagine, professor, ainda por cima este facto...

Clarimundo volta à realidade. Mas seus olhos continuam a revelar incompreensão. Ele não sabe nem quer saber quem é João Benévolo. Essas coisas triviais da vida não têm para ele existência real. O que importa é cumprir o horário, dar as lições honestamente, compreender Einstein e levar para diante aquele projecto grandioso de escrever o livro em que o habitante culto de Sírio vai descrever a terra e a vida vistos do seu ângulo. O mais...

—Não acha que tenho razão?

O professor concorda. A viúva Mendonça pede desculpas por ter incomodado o seu hóspede. Se todos fossem como ele, homem quieto, sério, bom pagador...

—Então boa noite, professor...

—Boa noite. E obrigado.

A mulher sai. Clarimundo fecha a porta. E atira-se, esquecendo o leite e o bolo, para cima de Einstein.

## 19

No Metrópole apagam-se de novo as luzes fortes e volta a reinar o crepúsculo azul.

A uma distância respeitável, com os dedos a tocar mal e mal as costas ossudas de Vera, Arménio luta com uma valsa lenta. Seus movimentos são tardos e difíceis. Custa-lhe seguir o ritmo da música. Suas figuras são pobres, ou, antes, é uma única, que se repetiria ao infinito se a música não parasse. Mas a música pára. Felizmente.

—Obrigado—diz Vera.

E sorri um sorriso longínquo. E os seus olhos ficam a procurar Chinita com avidez.

*Ses yeux froids ou l'émail sertit...* (ou *sortit*—Arménio fica indeciso) *le bleu de Prusse* (ou *Prouse*—Arménio, por causa das dúvidas,

não cita). *Sortit* ou *sertit? Prusse ou Prouse?* Preciso tomar fosfatos. Que memória!

Contempla com respeito o rosto de Vera. Ela não é pròpriamente bonita. É esquisita, tem uma coisa diferente das outras. Cabeça miúda, corpo de rapaz, esbelta, gestos masculinos. *Exquise* (Arménio gosta de pensar em francês). *Étrange. Fausse-maigre.* Tem qualquer coisa de gata. *Quelque chose de chate.* Sua voz é algo que lembra um choque de objectos de madeira. Voz de pau— será que se pode dizer assim? E é de boa família, gente de dinheiro, o pai promete fazer carreira na política. Arménio pode pensar à vontade, porque Vera está ausente... *Étrange! Unique.*

Enfim, os olhos de Vera encontram Chinita. O vestido verde é uma acusação. Ela está de novo com aquele insuportável Salú. Mas saberá que ele é um perdido, um sujeito perigoso? Oh! Vera não compreende como ela mesma se possa interessar desta maneira tão exagerada e veemente por aquela «bobinha oca, ignorante».

Arménio, num relâmpago, traça mentalmente um plano de ataque:

—Continua com o mesmo desprezo pelas reuniões sociais?

—Continuo.

A resposta vem rápida, quase impensada.

—Decerto é porque não achou ainda o príncipe encantado dos seus sonhos... (*Le prince charmant...* ou *enchanté*).

Os olhos de Vera parecem uma paisagem polar. E o seu desdém é ainda mais frio.

—Príncipe encantado? O Sr. Dr. Arménio ainda é do tempo em que as moças acreditavam nisso?

Arménio tem a impressão de que um vento que vem da Gronelândia lhe devasta o corpo e a alma. *Insistez! Allez, mon ami! Attaquez!*

—Deixe lá...—diz ele com a voz endefluxada.—A senhorita tem escrúpulos de confessar as suas fraquezas. A troco de quê há-de ser diferente das outras?

O sorriso polar continua nos lábios dela. Arménio encontra uma brecha para entrar num assunto interessante, para cuja discussão está preparado.

—Além do mais, o espírito das mulheres continua a ser o mesmo que era no tempo das castelãs da Idade Média. Porque...

Vera, por delicadeza, volta os olhos para o interlocutor. Mas não o vê realmente. Não lhe escuta as palavras. Está com o pensamento em Chinita. Se ela compreender melhor... Se Chinita soubesse que ao dar-lhe a sua amizade ela lhe está dando um presente régio... Porque no fim de contas ela é uma criatura que tem miolos, ao passo que Chinita...

—Claro que não!—continua o Dr. Arménio.—Como dizia Michelet, a mulher...

Se ao menos—continua Vera a reflectir—se ao menos ela conseguisse desviar Chinita daquele homem... Talvez um dia a outra venha a compreender... Antes eram mais chegadas... Viam-se mais seguido. Chinita passava as tardes naquele quarto violeta. Aquela tarde de verão fora inesquecível...

—Não acha, senhorita?—continua Arménio.—Não acha?—repete, numa insistência polida.

—Acho!—chicoteia Vera.

O Dr. Arménio sorri, vitorioso. *Enfin vainqueur!*

—Eu sabia que no fim ia concordar comigo!

Mas a sua alegria dissipa-se imediatamente, porque o *jazz* repete a valsa difícil.

## 20

O relógio bate onze horas. Laurentina a custo contém as lágrimas. Não fica bonito chorar na frente da visita.

Sentado na sua cadeira, muito impertigado, Ponciano olha. Nos seus olhos, que estão fitando Laurentina, brilha uma sensualidade fria, estranha, calculada. Todas as noites ele vem. Sabe que João Benévolo não gosta. Compreende que Laurentina não o encoraja. Mas vem. Ficam conversando. Às vezes com a presença do outro. Mas quase sempre João Benévolo sai. Laurentina costura. Às nove horas, Napoleãozinho vai dormir. O silêncio cai sobre a rua. O assunto escasseia. Os diálogos morrem logo. Mas ele fica. Lembra-se do que se passou há dez anos. Ele era mais moço. Ela—mais moça e mais bonita. Órfã, morava em companhia de duas tias pobres, que queriam a todo o custo casá-la, para se verem livres dela. Ponciano era o candidato das tias. Laurentina aceitava-o passivamente, sem repulsa mas sem amor. Serões monótonos. As tias revezavam-se na guarda do par. Ficavam fazendo croché e dormitando. Laurentina era a imagem viva do desânimo. Ponciano conversava. Não sabia explicar o que era que aquela moça tinha que o atraía tanto. Vontade de tê-la para si. (Era um homem sem poesia, sem ilusões, nunca cantara ao violão, nunca fizera versos). Laurentina era desenxabida; chorava por qualquer coisa. Mesmo assim, Ponciano desejava-a com o seu desejo frio, calculado, sem paixão. A sala do noivado tinha mobílias antigas, cadeiras e um sofá com carretilhas nos pés, guardanapos de croché, um gato cinzento, retratos de gente antiga. Um dia apareceu João Benévolo. Escrevia coisinhas românticas em jornalecos. Laurentina apaixonou-se por ele. De verdade. As tias não viam futuro no novo can-

didato. Mas Laurentina chorou. Todas as noites, quando recebia a visita do candidato oficial, derramava lágrimas. O desejo de Ponciano não diminuía. Mas ele resolveu retirar-se. Desapareceu. João Benévolo e Laurentina casaram. Passaram-se dez anos...

Agora, sentado aqui nesta casa silenciosa, na frente duma Laurentina que já não é a moça do passado mas que continua para ele a ser o objecto da cobiça (uma cobiça que dormiu nove anos, os nove anos que durou a separação), Ponciano procura coisas para dizer. E diz:

—O João, então, não achou nada ainda...

Laurentina suspira.

Nada.

—É o diabo.

—É um horror.

Outra vez o silêncio. E assim se passa o tempo.

Laurentina não sabe o que sente diante deste homem. Ele insiste, continua a visitá-la. Não há dúvida, as visitas são para ela. Ela sente. *Sabe* o que ele quer. Ponciano já deu a entender. Indirectas...

Ele torna a falar.

—Como vão de dinheiro?

—Mal.

—É o diabo.

Novo suspiro, Ponciano continua:

—Bom, não sou rico, mas posso ajudar...

Laurentina fez um gesto de protesto:

—Não se incomode, seu Ponciano, ora!

—Faço questã...

Ponciano ergue-se, põe em cima da mesa uma nota de vinte mil réis. Torna a sentar-se.

—Meta esse dinheiro no bolso—pede Laurentina.—Decerto o Janjoca arranja emprego hoje e no fim do mês já tem dinheiro —acrescenta sem muita convicção.

—Não. Faço questã...

E olhava para a mulher com os seus olhinhos frios.

Outra vez o peso do silêncio. Ouve-se o tique-taque do relógio. Os pensamentos correm na cabeça de Ponciano. Ele despe Laurentina. O corpo dela não deve ser tão rijo nem tão bem feito como era há dez anos... Mas ela ainda é Laurentina. E há-de ceder um dia. Devagarinho, não importa, mas há-de ceder. Ele esperou dez anos. Pode esperar mais dez dias, dez semanas, dez meses. É como uma cobra procurando magnetizar o pinto. Ponciano fica parado, de longe. A cobra não se perturba. Sabe que o bicho desamparado há-de vir vindo de mansinho para o papo dela, há-de vir...

Ruído de passos no corredor. Ponciano olha para o relógio.

—Onze e quinze. Já vou.

Laurentina não diz nada.

Ponciano ergue-se e pega no chapéu. A porta abre-se. João Benévolo entra. Sente um choque por encontrar ainda Ponciano. Tinha vontade de dizer-lhe um nome feio, de dar-lhe um sopapo. Mas Ponciano é grande e musculoso. A raiva ferve dentro do peito de João Benévolo, mas sai logo pela boca transformada num assobio. *Carnaval de Veneza.*

Ponciano explica:

—Não repare, eu já ia saindo.

Despede-se e vai-se embora. A porta fecha-se. Os passos dele perdem-se longe, devorados pelo silêncio da rua.

—Então?—Laurentina ergue os olhos para o marido, numa interrogação ansiosa.

—Nada...

Enxerga o dinheiro em cima da mesa.

—Donde veio aquele dinheiro?

Com o beiço esticado, Laurentina aponta na direcção da rua.

—Que será que ele quer? Quais serão as tenções desse sujeito? —pergunta João Benévolo.

Laurentina encolhe os ombros. Uma onda de energia embriaga Janjoca.

—Não pegues nesse dinheiro.

—Eu não quis. Ele fez questã...

—Pois não se pega. Amanhã se devolve. Era só o que faltava...

Os seus olhos ficam por muito tempo pregados na nota. Ali está o dinheiro para o remédio de Napoleãozinho e para umas cinco refeições... Mas isto é um desaforo, um acinte...

Vão deitar-se em silêncio.

## 21

Perto de Virgínia uma senhora idosa assesta a luneta com uma imponência fidalga para os pares que passam dançando.

—Que é que a senhora acha desse namoro da Chinita com aquele moço grande?—pergunta ela, mostrando o par com os olhos.

Virgínia é positiva:

—Acho que dá em droga...

A camaradagem é recente. Nasceu porque a senhora da luneta puxou conversa. E é uma criatura de voz desagradável e seca.

—Essa gente do coronel Pedrosa entrou assim de repente, não é?...

Fala com cuidado, como quem apalpa, sondando o terreno.

—A senhora quer saber uma coisa?—Virgínia encara firmemente a interlocutora.—Eles têm dinheiro e está tudo acabado. Ninguém quer saber de mais nada.

—Engraçado...—A outra entorta a cabeça e sorri um sorriso largo, que revela as gengivas entumecidas e pálidas.—O facto é que eles estão entrando...

—Comigo não.—A ressalva de Virgínia é dura e ríspida.

—Sim, acredito, mas com os outros. Vão inaugurar na segunda-feira o palacete deles nos Moinhos-de-Vento...

—Somos quase vizinhos...

—Dizem que custou seiscentos contos...

—Dizem.

—Dizem que tem piscina, campo de ténis, parque muito grande. A casa, então, é uma verdadeira beleza...

A senhora da luneta fala com ênfase, como se estivesse descrevendo um palácio de conto de fadas.

Mas Virgínia não a escuta mais. Porque seus olhos deram com um fantasma: sorrindo, de dentes brancos, num contraste com o moreno tostado do rosto, Alcides... Está de preto (que ideia essa de vir de *smoking* a uma festa em que todos os homens estão com traje de passeio?) e tem uma flor branca na lapela. Encosta-se a uma coluna e fica a olhar com um ar divertido a massa humana que se move coleando, como um grande molusco, ao compasso da música.

O cantor do *jazz* agora está sentimental. Com voz arrastada chora:

*Barrio plateado por la luna...*

O tango argentino continua, o bandónion geme, os namorados que dançam ficam de olhos compridos, o violinista baixa a cabeça com amor e quase chega a beijar o instrumento. O momento é grave. O cornetim, o trombone e a pancadaria estão num silêncio religioso.

«Ele já me teria visto»?—pergunta Virgínia a si mesma. E sente que o seu coração bate agora com força, como há muito não batia. Isto é um absurdo, isto simplesmente não pode ser verdade, é ridículo, inconcebível; no entanto, é um prazer tão estranho, tão requintado, e principalmente tão novo...

A senhora da luneta fala ainda:

—...banheira com ladrilhos coloridos... vinte contos... móveis de jacarandá, com dourados...

Os olhos de Alcides encontram os de Virgínia. Ele sorri e inclina a cabeça num cumprimento polido, faz uma pequena curvatura. Sorrindo, parece ainda mais moço. Pouco mais velho que

Noel. Virgínia pensa no filho. Oh! Isto é um absurdo... Ela prefere negar-se a acreditar. Mas Alcides olha com a insistência de sempre. E seus olhos brilham.

—...uma Ceia de Cristo de tamanho natural.—A senhora míope continua a enumeração.

A música pára. Alcides sorri ainda.

## 22

Da sua meia-porta Cassilda olha o beco.

Na esquina, o vulto do guarda-civil. Na calçada fonteira há janelas com luz vermelha, mulheres às portas das casas. Passam homens: sós, aos grupos. Uma francesa muito pintada convida:

—*Vien!*

Os homens riem e dizem graças. Ou entram. Quando um entra, o vulto da mulher desaparece da janela. A janela fecha-se. Pouco depois o homem sai. Passam-se alguns minutos. A luz vermelha torna a brilhar, a francesa reaparece e os convites repetem-se:

—*Vien*, bonitinho.

Cassilda olha. Cansada. Ela não chama. Se quiserem entrar, que entrem. Acha feio chamar. Só francesa e china de soldado é que convidam. Ela não. Quem quiser...

Num café da esquina berra um rádio. Carlos Gardel canta um tango. Perto da janela de Cassilda uma mulata gorda cantarola a melodia, acompanhando.

No meio da rua os homens discutem. Gritam. Aparece um guarda que os acalma. O silêncio volta. As mulheres conversam. A janela da francesa torna a fechar-se.

—A Liana não tem vergonha—diz a mulata gorda.

Na outra calçada estrala uma risada debochada. Cassilda encolhe os ombros. Que importa? Já ganhou o dia. De manhã, no apartamento do Edifício Colombo. Ao anoitecer, no *rendez-vous* da travessa das Acácias. Vem-lhe à mente a cara congestionada do homenzinho... Sorri.

Um guarda apita longe. Gardel cala-se. Um cachorro começa a latir. A janela de Liana torna a abrir-se. A francesa aparece outra vez, contente, cantando.

Cassilda encolhe os ombros. Que importa?

# DOMINGO

## 23

O dia amanhece quente e cheio de Sol.

Clarimundo abre a janela para a manhã. Céu puro. Faiscações. Parece que o mundo acaba de nascer. Cantam os sinos duma igreja próxima. As pombas do quintal fronteiro estão agitadas, batem asas, voejam, pousam nos telhados da vizinhança, arrulham. Cada vidraça é um espelho que emite uma claridade violenta. Roupas coloridas, imóveis, pendentes duma corda, no pátio da casa do capitão Mota. Mais ao fundo, uma fila de bananeiras, em cujas folhas escorre uma luz verde e oleosa. O rio confunde-se com o céu no mesmo azul luminoso: só a lista fina de montanhas é que diz onde termina um e outro começa.

Clarimundo olha para a casa fronteira. Lá está a velha de preto, às voltas com coisas para o café. A mesa está posta, a toalha de xadrez vermelho, o bule azul. Agora chega a rapariga bonita. Mais para diante, na outra casa, o homem do gramofone lê um jornal; a máquina odiosa está a um canto, com o seu fone de campânula, calada; mas decerto daqui a pouco começa a berrar. Por enquanto só berram os filhos do homem, e como berram! O professor deixa a janela, num protesto.

Batem à porta. É o rapaz do restaurante. Vem trazer o café. Entra.

—Bom dia.

—Bom dia.

Põe a bandeja em cima da mesa e volta-se para sair. O professor dirige o olhar para ele:

—Ó moço!

O *garçon* pára.

— Como é o seu nome?

O rapaz fica surpreendido. Já disse mais de mil vezes o

nome. Chama-se Valério. O professor sempre esquece. Que homem cabuloso!

—Seu Valério, o senhor está com muita pressa?

Valério sorri, um pouco contrafeito. É gorjeta, na certa—pensa.

—Pressa mesmo não tenho... Porquê?

O professor esfrega as mãos e examina o rapaz com curiosidade científica.

—Sente-se ali um pouco.

Mostra uma cadeira. Depois de hesitar por alguns segundos, o moço do restaurante obedece.

O professor vai até à janela, olha para fora mas não vê nada do mundo objectivo. Coça o queixo e volta-se para o *garçon:*

—Quantos anos o senhor tem?

—Dezanove.

—Dezenove—corrige o professor—*Deze...ze.* Muito bem.

Silêncio.

Muito duro na cadeira, visìvelmente embaraçado, Valério espera. Que homem cabuloso!

O professor torna a falar.

—Já esteve na escola?

—Já, sim, senhor.

—Pois ora muito bem.

Clarimundo aponta para a bandeja.

—Se o senhor segurar esta bandeja, largando-a logo depois, que é que acontece?

—Ué... ela cai.

—Muito bem. Mas por que é que cai?

Hesitação.

—Ora... cai porque eu larguei...

—Mas não há outra razão?

O embaraço de Valério aumenta. (Que sujeito pau, nem parece um professor de barba na cara. Já se viu?) Um colorido ténue já lhe vai aparecendo nas faces.

—Não sei... eu... o...

Clarimundo solta a pergunta como uma pedrada:

—E a gravidade? O senhor nunca ouviu falar na lei da gravidade?

O professor sorri. Um pensamento mau atravessa o espírito do rapaz. «O professor estará querendo-me empulhar? Bolas!»

—Gravidade?—Como um eco ele repete a palavra.

Seu rosto é uma máscara de incompreensão.

Clarimundo suspira, desanimado.

—Está bem, seu Desidério, muito obrigado, pode ir.

Com o ar dum ladrão relapso que o delegado solta por compaixão, depois duma reprimenda violenta, Valério sai, envergonhado e cheio de embaraço.

Clarimundo, simplesmente, não pode compreender como as pessoas não tenham noção de coisas simples, como seja o fenómeno que preside à queda dos corpos. Que esperança haverá para o seu livro num mundo de ignorantes e de cegos? A gravidade, uma coisa tão corriqueira! Se fosse numa aula, esse Desidério... Valério ou coisa que o valha, levava na prova um zero bem redondo de tinta encarnada.

O professor vai até à janela. O vizinho está a fazer o gramofone funcionar. Aquele diabo (pensa Clarimundo) utiliza um dos inventos do nosso século e é bem possível que nunca tenha ouvido falar na gravidade...

Pela janela da casa fronteira ele vê o quadro de todas as manhãs. À mesa pequena com a velha, a filha e o filho ao redor. As mesmas caras, os mesmos objectos, decerto as mesmas palavras. Todos sabem que os corpos caem, mas nunca ninguém ouviu falar na gravidade! Toda a gente anda de automóvel, escuta rádio, olha para o céu e vê os aviões; no entanto continua a ignorar a existência duma lei fundamental da Física.

Clarimundo volta-se para dentro do quarto. Pendente da parede, enquadrado por uma moldura barata, lá está o retrato de Einstein—página arrancada a uma revista. O professor contempla-o com admiração. E a expressão do seu rosto é de quem está intercedendo diante do mestre para que ele perdoe «aos que não sabem o que fazem».

Em cima da mesa, o café jaz esquecido.

## 24

Às oito horas a criada vem trazer o chocolate para os patrões, que estão ainda deitados. Dódó já se levantou, lavou-se, escovou os dentes e pintou-se, tornando a voltar para a cama. Sempre faz assim. Não quer que o seu Teotónio a veja amarfanhada e desfigurada pelo sono. E agora está aqui, na sua camisa de seda lilás, com os ombros cobertos por uma *mañanita* cor-de-rosa feita pelas velhinhas do asilo.

Teotónio acorda com relutância, recebe o sorriso da mulher, levanta-se, veste o seu quimono (comprou-o depois que leu uma entrevista em que certo magnate norte-americano aparecia, segundo dizia o repórter, «metido num confortável quimono de seda azul»). Vai até ao banheiro, faz a sua ligeira *toilette* matinal e volta para a cama. É um velho costume do casal; tomar café

sempre junto. Nos domingos e dias-santos, na cama; nos outros dias, à mesa da sala-de-jantar. Não tinham prometido perante o padre, no dia do casamento, que um seria a sombra do outro?

Dódó passa a taça fumegante para o marido. Ele agradece com um sorriso. Ela toma a sua taça e começam ambos a sorver o chocolate com delícia, felizes. Os biscoitinhos estão saborosos —Teotónio elogia. A mulher diz o nome da confeitaria donde eles vieram.

O Sol escorre por entre as cortinas cor de oliva. Por cima da cabeceira da cama, Santa Teresinha, num busto de tamanho quase natural, aparece com o seu sorriso bom, sua cruz e suas flores, numa litografia caprichada.

Junto com o chocolate a criada trouxe os jornais da manhã.

—Já procuraste a notícia da nossa festa de ontem?

Dódó sacode a cabeça. Não procurou, mas vai procurar. E enquanto o marido fica rapando com a colher o fundo da taça (—Estás bem como um menino guloso, Tónio! Imagina só se alguma pessoa de fora te visse!), Dódó abre o jornal e passa os olhos pelas notas sociais.

Lá está a notícia. Uma coluna compacta. «*Revestiu-se dum brilho invulgar*». Ela sorri. Não é exagero: *um brilho invulgar*. Não fazem favor nenhum em dizer isso. A notícia espicha-se, os termos da praxe, coisas sabidas, a qualidade do *jazz*, a afluência do *que a nossa sociedade tem de mais fino e representativo*. Mas os olhos de Dódó procuram, procuram uma coisa que ela própria tem vergonha de dizer a si mesma... Mas procuram... A vaidade é um pecado. E então, enquanto os seus olhos passeiam pela notícia, ela procura *não procurar*, procura não *desejar encontrar*, tenta passar para outros tópicos... É uma luta entre o Anjo da Guarda e Satanás. O Anjo da Guarda murmura-lhe: «Dódó, uma cristã verdadeira não deve ter vaidades mundanas; passa adiante, olha a lista de nascimentos, de óbitos, de viajantes, os programas de cinema, mas não procures, não procures mais...» Mas Satanás salta e a sua carantonha é horrível quando ele diz: «Procura, procura, porque isso é bom, a gente sente uma coisa agradável dentro do peito, parece que incha, fica mais contente. Procura, Dódó, que mal há nisso? que pecado?» Mas o Anjo não abandona a sua protegida. E vai vencer. Porque Dódó baixa os olhos depressa para ler outra notícia. Mas é tarde... Ela já viu. Sem querer; não tem culpa. Ali está o nome dela... «*o nome da Ex.ma Sr.ª D. Dódó Leitão Leiria, um dos mais finos vultos do nosso* set, *verdadeira figura de romana, a mãe dos pobrezinhos, uma personalidade a cuja inteligência, esforço, dedicação e qualidades de coração devemos a criação da maioria dos nossos hospitais e asilos...*»

A comoção sobe-lhe em forma de maçã até à garganta. Os olhos de D. Dódó turvam-se.

Enquanto lê isso, Teotónio Leitão Leiria, silencioso, de braços cruzados, olhando para o forro, rumina um velho ressentimento.

—Tónio, meu filho, olha...

A voz de D. Dódó está trémula. O seu segundo queixo também freme. Passa o jornal para o marido, mostrando com o dedo a passagem comovente.

—Vê como eles são bondosos...

Teotónio lê.

—Dódó, eles não fazem mais que dizer a verdade.

Elogiando assim, Teotónio de alguma maneira está pedindo desculpas, está-se reabilitando da aventura amorosa da noite anterior.

—Tu também és muito bonzinho...

Aparece no canto do olho direito de D. Dódó uma lágrima fulgurante, que espia, indecisa, envergonhada. Mas de repente perde todo o acanhamento e rola, decidida, pela face abaixo, indo morrer num canto da boca.

D. Dódó domina a comoção e continua a ler as notas sociais. Um baile do Filosofia para a próxima quinzena. Um *garden party* do Excursionista. Acha-se em festa o lar do Sr.... Aniversários...

Teotónio levanta-se e começa a passear dum lado para o outro do quarto, com as mãos metidas fortemente nos bolsos do quimono (bem como Mr. W. L. W. Simpson, o magnate, quando caminhava de cima para baixo no seu apartamento, dizendo para o repórter: «Sou manifestamente contrário à N. R. A., porque a economia moderna...»)

D. Dódó estranha.

—Que é que tens, meu filho?

—Nada, é que eu estou pensando...

A mulher é toda interesse e carinho.

—Não podes dizer?

Teotónio continua a caminhar, muito perfilado, olhando de quando em quando pelo rabo dos olhos para o espelho do toucador.

—Estás sentindo alguma dor?—insiste D. Dódó, já aflita.

Não. Teotónio não quer dizer. São assuntos íntimos... ideias... Leva a mão à cabeça, como quem diz: É uma coisa horrível ter ideias. Elas borbulham, fervem, quase me arrebentam o cérebro! D. Dódó está desolada, imaginando desastres. Mas de repente Leitão Leiria estaca na frente da mulher e desabafa:

—Minha querida, eu vou ser-te franco...—Pausa. Olha de viés para o espelho.—Ando preocupado...

—O estômago outra vez?

—Não... Antes fosse. É um caso de consciência.

—De consciência?

Silêncio. Um silêncio de catástrofe, de fim do mundo. Depois, com voz teatral, Teotónio continua:

—Já reparaste no plano do coronel Pedrosa?

—Coronel Pedrosa?—O ar de Dódó é de quem nunca ouviu pronunciar este nome.

—Sim, do Zé Maria Pedrosa, o pai da Chinita.

—Mas que plano?

Teotónio fica ainda mais melodramático:

—A coisa não está clara, não é qualquer um que enxerga. É uma manobra velada, mas um olho experimentado e lúcido descobre logo...

O auto-elogio é claro. Pausa.

—Diga duma vez, meu filho—pede a mulher.—Não compreendi ainda.

Teotónio dá mais uma volta pelo quarto, pára na frente do espelho, ajusta os cordões do quimono, passa a mão pelo rosto e volta-se para a mulher. Agora o seu tom de voz é mais natural:

—Pois o coronel Pedrosa anda adulando o arcebispo. A escada para a ascensão é Monsenhor Gross!

D. Dódó estremece ao ouvir o nome do amigo da casa.

—Eu percebi o jogo. Convites para almoço, auxílio para a catedral. Ontem, no Metrópole, o Madeira me garantiu que Monsenhor Gross já almoçou na casa dos Pedrosas.

D. Dódó está chocada. Isto equivale a um roubo, a uma violação.

Teotónio continua a despejar:

—A coisa é clara... O Pedrosa está-se impondo para conseguir posição na política. Dinheiro não é... Ele tem que chegue. Religião sincera também não... e eu depois te digo porquê. Então que é? Interesse político na certa. Eu não me engano, Dódó, tenho olho clínico, enxergo longe...

Dódó sacode a cabeça.

—O que me contaram ontem deixou-me de boca aberta...

Silêncio. Expectativa.

—O Arménio disse-me que o Pedrosa vai dar, no dia em que completar vinte e cinco anos de casado, vinte e cinco contos de réis para as obras da Catedral...

Teotónio, ao dizer isto, bate violentamente com a palma da mão na coxa. E senta-se, como que compelido pelo peso da própria confissão. Ali estava o grande golpe. O mais que ele, Leitão Leiria, dera para as obras da Catedral tinha sido uma meia dúzia de contos, pagáveis em prestações semestrais. Mas vinte e cinco contos duma assentada era sufocante, era de rachar! No terreno das ideias, no domínio da inteligência, aquele caboclo boçal que era Zé Maria Pedrosa não podia terçar armas com ele. Mas em matéria de dinheiro era forçoso reconhecer que o homem

levava vantagem. Nisto residia principalmente o ressentimento de Teotónio.

D. Dódó, ajudada pelo Anjo, controla os seus sentimentos e diz com espírito cristão:

—Ora, meu Tónio, todos são filhos de Deus. A troco de quê o coronel Pedrosa não pode ser amigo de Monsenhor Gross e ter posição na política? Em todo o caso os vinte e cinco contos dele vão ajudar muito a construção da nossa rica catedral...

Leitão Leiria ergue-se. Tem um ar decidido e trágico de final de acto. A sua voz é sussurro de confidência quando ele desfere o tiro da misericórdia:

—Mas acontece que Zé Maria Pedrosa não é digno dessa amizade, não merece entrar no nosso meio...

Olhando primeiro para os lados, ele aproxima-se da mulher e remata:

—Ele tem uma amante.

Uma amante! Não é preciso dizer mais nada. Para D. Dódó foi dita a última palavra. Agora tudo cessa diante desta monstruosidade. Uma amante!

Teotónio explica. Ele sabe, tem a certeza, viu. Ela tem conta na loja. Chama-se Paulette, ou Nanette. Francesa. Loura. Mora num apartamento. Contaram-lhe detalhes. (Oh! Ele ouviu com repugnância, não gosta dessas indiscrições, não tem nada com a vida dos outros). Dizem que ela faz o diabo com o coronel. Houve quem visse («Dódó, desculpa este detalhe escabroso, mas é só para veres a indignidade...») a tal Paulette, ou Nanette, montada em cima do coronel, como se ele fosse um cavalo...

A criada bate à porta. Pode entrar! A rapariga leva a bandeja com as xícaras vazias. Marido e mulher ficam a entreolhar-se em silêncio. Passa-se um minuto.

Quem fala primeiro é D. Dódó:

—Meu filho, amanhã é a festa deles. Bodas de prata. Mandaram convite. Não achas que devemos ir, por delicadeza?

O que move D. Dódó não é pròpriamente um sentimento de delicadeza. É que ela tem uma curiosidade enorme de conhecer o palacete que se vai inaugurar. Contam tanta coisa... Parque, piscina, pinturas sumptuosas, mobília à Luís XV...

Teotónio está pensativo.

—Será direito? Depois do que sabemos...

Seria bonito—pensa ele—romper duma vez, descobrir as baterias (Teotónio tem predilecção pelas imagens guerreiras), travar combate em campo aberto. Mas Zé Maria é freguês que gasta em média dois contos por mês na loja: oitocentos com a família e um conto e duzentos com a amante.

Toma uma resolução.

—Vamos, como se nada tivesse acontecido. Enfim, a família não tem culpa das indecências do pai.

Teotónio olha para o espelho. E sorri para si mesmo, numa autoaprovação muda.

## 25

Na casa do tuberculoso a mulher de rosto de pedra abre a janela que dá para o quintal. O Sol entra alegre. Maximiliano sorri. Ver o Sol é o prazer de todas as manhãs. Ele salta para dentro, inunda tudo. Depois vai recuando. As horas passam. A sombra vem vindo, descendo pela parede; de tardezinha a luz tem a forma da janela, depois vai ficando menor, até que se some. É uma distracção olhar aquilo. Não se pode levantar. Não acha gosto em ler. As letras do jornal cansam os olhos. Não pode fazer nada. Assim se distrai olhando o Sol. Quando não há Sol, nem esse brinquedo ele tem... Os filhos correm, a mãe não deixa que eles entrem no quarto. Maximiliano só lhes ouve o barulho, riso ou choro, na varanda. A vida rola... Os vizinhos mandam coisas: doces, leite. Vem às vezes um médico que o examina com precaução, tocando-lhe com a ponta dos dedos, de longe, medroso. E a cara dele não encoraja.

Maximiliano espera. Os dias são longos. Quando trabalhava na loja, achava que as horas andavam devagar. Que dizer da marcha das horas depois que ele adoeceu? Os ruídos da rua chegam até aqui. Buzinas, música, vozes. As visitas ficam à porta. Ele compreende. Medo do contágio. Ele sabe, não tem raiva, não se queixa. O que tem é pena da mulher e dos filhos. Não há dúvida: a morte vem logo.

A mulher não tem serventia, não sabe fazer nada. Moça criada com luxo, apesar de pobre. No princípio tudo correu bem. Ordenado modesto. Um dia, aquela dor no peito, aquela fraqueza, falta de apetite, tosse. Lembrou-se dum caso de tuberculose na família. Não fez caso. Continuou trabalhando forte. Serões. Duma feita apanhou chuva. Daí por diante foi piorando. Deixou de ir à loja cinco dias seguidos. Nas outras semanas teve outras falhas. O patrão disse-lhe que não era «pai dele». Mandou-o procurar outro emprego. Foi. Não encontrou. A doença progredia. O médico ficou com pena, aconselhou mudança de ar, pelo menos mudança de casa. Mas com que dinheiro? Só rindo mesmo... Depois... ele não se lembra de mais nada. De repente tudo começou a rolar com mais rapidez, contas, dificuldades, desconforto. Perdeu a noção do tempo. Caiu na cama e não se ergueu mais.

A mulher não se queixa. Quase não fala. Um irmão dela ajuda às vezes com algum dinheiro, quando pode... As economias acabam. O diabo é que a morte está tardando. Se ele se fosse embora cedo, daria menos trabalho, menos despesa, não haveria tanto perigo para os de casa.

Maximiliano compreende. E tem coragem. É quase com alegria que recebe este Sol novo.

A mulher diz que a manhã está bonita. Mas diz sem entusiasmo. A cara dela fica mais pálida, mais amarela (um amarelo esverdeado, doentio) contra a luz.

—Como vão os meninos?

Pergunta pelos filhos como se eles morassem noutra cidade.

—Vão bem.

—O Pidoca já sarou o pé?

—Deitei creolina. Tá melhor.

—Cuidado com o Bidinho, está magrinho, não o deixes andar de pé no chão, pode apanhar humidade.

Ela faz sinal com a cabeça e pensa nos sapatos do Bidinho, que já têm dois buracões na sola. Sai. Volta depois com o leite quente.

Maximiliano estende a mão para apanhar a caneca e fica espantado da magreza do seu pulso, da transparência de seus dedos ossudos.

E lembra-se de que um dia, num baile, derrubou com um soco um mulato atrevido que lhe queria roubar o par.

Bom tempo. Ele tinha orgulho do seu cabelo crespo e dos seus músculos. Remava num clube de regatas. Ganhou um campeonato.

Agora mal tem força para segurar a caneca de leite...

## 26

Na casa de João Benévolo hoje amanhece mais tarde.

Para quê pular da cama cedo? Há muito que se aboliu o café da manhã, por economia. Quanto mais cedo a gente se levanta, mais fome sente.

João Benévolo e a mulher estão deitados. Acordados. Ela olha para o tecto, pensando na sua desgraça. Ele está em Paris e é D'Artagnan. Laurentina rumina a sua miséria: as figuras dos credores desfilam uma a uma em sua mente. A viúva Mendonça, pequenina, fazendo caretas. O italiano do armazém, de cara grande e vermelha. O leiteiro magro e amarelo, de dentes pretos e quebra-

dos. O homem das frutas, bigodões compridos, sobrancelhas cerradas.

D'Artagnan corre pelas ruas de Paris. Que aventura! Ninguém tem coragem de se rir dele. Se algum burguesão gordo, da porta da sua loja, ousar contemplá-lo com desprezo—ai!—D'Artagnan lhe dará o castigo merecido. Todos os credores foram mortos. O mundo real foi abolido. Agora é Paris, a coragem, a força, a aventura. Correrias pelos becos, lutas com os guardas do Cardeal, duelos.

O estômago de João Benévolo solta um ronco. É um protesto que quer dizer: estou com fome. João Benévolo volta à realidade. O sonho apaga-se. Ele agora sente a presença da mulher a seu lado, o filho na cama menor, junto da parede.

O rosto dele fica ainda mais pálido e cadavérico dentro da luz forte que entra pela fresta da janela.

Que horas são?—pergunta Janjoca a si mesmo.

Como se tivesse ouvido a pergunta interior, o relógio lá da varanda responde com sua voz estertorosa e longa, dando nove gemidos.

Laurentina não pode conter as lágrimas. O relógio a bater assim no silêncio da casa... Como há muitos anos na varanda grande das tias, ela ainda solteira, o gato cinzento, o retrato de avô e avó na parede da sala de visitas... Laurentina afunda a cabeça no travesseiro e começa a soluçar.

—Que é isso, Tina?

É o mais que João Benévolo pode dizer. E diz simplesmente, como quem dá uma satisfação, como quem quer demonstrar um interesse que não sente. A sua Tina é dum outro mundo, dum mundo em que ele é apenas visitante. João Benévolo agora mora em Paris. Quando leu as *Mil e Uma Noites*, foi Aladino e morou em Bagdad. Já viajou num veleiro e foi Sindbad. Só é João Benévolo às vezes, quando as solicitações do mundo real são irresistìvelmente insistentes e fortes. No tempo da loja, trabalhava as suas oito horas com um sacrifício enorme. Animava-o a esperança dos serões quietos em casa, quando ele se podia atufar novelas a dentro. E era metendo-se na pele dos heróis de romance que ele se vingava das impertinências dos fregueses do *Bazar Continental*, das perseguições do gerente e da magreza do ordenado.

Uma vez—João Benévolo não se esquece, nunca se há-de esquecer—a loja estava cheia. Sábado. Entrava e saía gente, a casa parecia um formigueiro. De repente entrou uma mulher vestida de vermelho berrante. Ele (paixão pelas cores vivas) ficou assanhado. Sua imaginação começou a trabalhar. Ela era bonita, morena, parecia uma princesa de Istambul. João Benévolo sentiu uma coisa esquisita. E ficou a pensar... Se ela viesse, pedisse uma coisa, olhasse bem para ele e dissesse:

—Mas eu já vos vi. Onde foi?

(João Benévolo não admite no mundo do romance outro tratamento que não seja o de *vós*).

—Eu também vos conheço. Não sois a princesa Miriam?

Os olhos dela acender-se-iam. Sim, era a princesa Miriam. E ele, quem era?

—Sou o príncipe Bey.

Andava disfarçado, numa aventura tremenda. Conversariam. Combinariam um encontro à noite, num jardim, ao luar.

Mas de repente uma voz estrugiu bem perto do ouvido dele. Vermelho, indignado, gesticulando, o gerente cresceu para cima do príncipe Bey:

—Seu Benévolo, então isso é jeito de tratar as freguesas! Seu malcriado! Seu atrevido! Seu...

Tremeu, tremeu e não disse mais nada. João Benévolo compreendeu o palavrão que ficou atravessado na garganta do gerente. A mulher de vermelho tinha desaparecido.

Naquele dia foi chamado ao gabinete do chefe.

—É-me desagradável ter de admoestar os meus empregados —disse Leitão Leiria, com um charuto no canto da boca.—Mas a sua conduta foi uma indignidade...

Recordando, João Benévolo torna a sentir a mesma sensação deprimente e desagradável que experimentou no dia em que teve de enfrentar a cólera metódica e teatral do patrão.

Laurentina ainda está a soluçar. João Benévolo não acha palavras de consolo. Para ele tudo está irremediàvelmente perdido. Sem emprego, sem dinheiro, sem esperança? Secretamente, bem no fundo da consciência, ele ainda espera um milagre, um encantamento, desses que acontecem nos romances.

Por exemplo:

Ele vai por uma rua, mão no bolso, assobiando triste, quando de repente o auto do Prefeito surge numa esquina. Um bandido está de emboscada, levanta o braço, na ponta do qual brilha o revólver. Ele compreende tudo num relance. Salta, agarra a mão do bandido, tira-lhe o revólver, subjuga-o. O automóvel grande pára, o Prefeito desce e diz:

—Salvaste-me a vida, patrício. Como te chamas?

Abraços. Junta-se povo. Felicitações. Vivas. No dia seguinte aparece um homem solene:

—Tenho a honra de comunicar que V. Ex.ª está nomeado para um cargo muito importante...

Napoleãozinho solta um gemido, um gemido que vem apagar a imagem do cavalheiro solene que trouxe a notícia do emprego salvador.

O rosto de Laurentina, manchado de lágrimas, volta-se para o filho:

—Está a doer-te alguma coisa, meu filhinho?

Napoleão fala trémulo, por entre soluços:

—Tá... tá... doendo aqui...

Aponta o estômago.

Laurentina levanta-se, beija o filho, puxa a coberta até ao pescoço dele e volta-se para o marido.

—Janjoca, vai à farmácia.

—Para quê?

—Traz elixir paregórico.

—E o dinheiro?

De repente, quase ao mesmo tempo, os dois lembram-se... Em cima da mesa da varanda deve estar ainda a nota de vinte mil réis que Ponciano deixou.

João Benévolo lava o rosto (o espelho mostra-lhe uma cara com barba de três dias, uma cara que não é de príncipe, nem de romance), veste-se e sai do quarto.

Na varanda pára junto da mesa. A cédula é bem nova. Vinte mil réis. O elixir paregórico deve custar uns mil réis, no máximo. Sobram dezanove. Dezanove... Dez mil réis para pagar a conta do leite: assim o leiteiro continua fornecendo e o Napoleãozinho não fica sem ele. Sobram ainda nove. Dois para o almoço, dois para o jantar. Os cinco para comer amanhã... Depois...

João Benévolo faz um gesto de indiferença, como se tivesse formulado seus pensamentos em palavras.

Mas a imagem de Ponciano aparece-lhe diante dos olhos do espírito. Odioso: olhinhos miúdos e brilhantes, fala asmática, palito na boca, nariz picado de bexigas, calmo, duma calma que deixa a gente louca de raiva. E depois, a troco de quê continua ele a fazer as suas visitas? Que será que pensa de Laurentina?

Não, ele não deve nem encostar a mão nesse dinheiro. Não é dircito. Se ele tocar na nota é porque concorda com a situação que o outro quer criar. É como se estivesse vendendo a própria mulher. Não. (Em imaginação, João Benévolo pega Ponciano pela gola do casaco, dá-lhe dois bofetões e joga-o no olho da rua. Para ele não ser maroto!) Mas tocar no dinheiro? Nunca.

Vem do quarto a voz da mulher:

—Vai duma vez, o Napoleãozinho está gemendo.

João Benévolo empertiga-se. É preciso ter coragem. Não deve deixar que a miséria lhe enfraqueça até a moral. Toma a resolução de ser inflexível, duro.

—Não pego neste dinheiro. Não. Não. Não.

Mas a voz que diz estas palavras não parece a de quem está resolvido a ser inflexível. É macia e sem vontade.

Laurentina aparece à porta.

—Mas, Janjoca, tu vais deixar ficar o nosso filho a sofrer?

Laurentina fecha sempre os olhos quando fala (parece que está rezando—pensa o marido).

—Não é direito, não fica bem.

—Mas a gente devolve quando puder.

—Não.

Laurentina começa a chorar de novo. E as lágrimas que ela derrama vão derretendo aos poucos a falsa dureza de João Benévolo. Ele faz uma última ressalva:

—Por mim eu nunca encostava o dedo neste dinheiro. Que diabo! A gente é pobre, mas tem a sua vergonha.

Vinte mil réis. A conta do leiteiro. Comida para um dia e meio.

João Benévolo espera que ela diga mais alguma coisa, que reforce o pedido, para que ele depois ponha o dinheiro no bolso com a consciência mais leve.

Mas Laurentina permanece imóvel.

Silêncio.

—Se o Ponciano vier hoje—diz ele com voz sem cor—eu devolvo-lhe os dezanove mil réis e digo-lhe que pago o que falta quando encontrar emprego.

Com a ponta dos dedos mete a cédula no bolso. Suspira. E sai a assobiar o *Carnaval de Veneza*. De tristeza. De vergonha.

## 27

Virgínia Madeira tira da gaveta do toucador, com o cuidado de quem lida com um escrínio de jóias preciosas, uma caixinha de lata verde, em que se lê em letras douradas: *Pérolas Juventus*. No lado de dentro da tampa os fabricantes fazem promessas tão tentadoras como a que Mefistófeles fez a Fausto. Os olhos de Virgínia passam depressa por cima de vários períodos de letras miudinhas, em que ressaltam as palavras *hormonas*, *secreções das glândulas endócrinas*, para se deterem interessados e fixos neste trecho: *Quem tomar as Pérolas Juventus de acordo com a bula, verá no fim do primeiro mês que sua pele ganha uma frescura nova, as rugas começam a desaparecer, os seios se erguem...*

Um ronco mais forte de Honorato, que dorme a sono solto, faz Virgínia sobressaltar-se. Ela volta-se para a cama. De barriga para o ar, roncando como um porco, o marido dorme. O ventre bojudo sobe e desce ao compasso da respiração. A combinação é curiosa: o acolchoado amarelo, o pijama listrado de azul e branco, a cara gorducha, lustrosa e vermelha de Honorato, o travesseiro

muito branco, o escuro polido da madeira da cama, e atrás, contra a parede, o *panneau* de seda negra, com desenhos azuis.

Virgínia, em obediência à bula, toma uma pérola. Senta-se na frente do espelho e encontra-se de repente diante da sua verdadeira personalidade: Virgínia Matos Madeira, de 45 anos, um resto muito pálido de beleza no rosto, princípios de rugas e de duplo-queixo, alguns fios de cabelos brancos que aparecem, malvados, iludindo a vigilância das tinturas. Não é a Virgínia que ela sente ser, sempre que está longe dos espelhos. Porque, no fundo, ela permanece a mesma rapariga de 20 anos que chamava a atenção nos bailes, que vendia caro os seus olhares, que rejeitava namorados, que era o orgulho da sua mãe e da sua rua. Os anos passaram. Noel nasceu, cresceu, formou-se. Honorato engordou, ganhou mais dinheiro e perdeu cabelos. A família mudou três vezes de casa... Durante duas casas durou o reinado despótico da preta Angélica. Virgínia tinha horrores às responsabilidades de dona de casa. Foi por isso que não se opôs a que a velha tomasse conta de tudo. Era uma preta enérgica e autoritária, neta de escravos do avô de Honorato. Nos primeiros meses do casamento, preocupada com festas, vestidos e relações, Virgínia esqueceu a casa. Tia Angélica firmou o seu governo. Desde madrugada andava a pé de um lado para o outro, dando ordens para a criadagem. Era ela quem determinava tudo, que cuidava da conta do armazém, das roupas do casal, do jardim. Quando Noel nasceu, Tia Angélica tomou também conta dele. Não se fazia nada sem consultar a rainha preta.

—Tia Angélica, que é que você acha, compramos ou não compramos uma chácara na Tristeza?

A voz da negra vinha lá do fundo da garganta, esfarelada e áspera:

—Compra nada. Não precisa.

E não se comprava. Noel cresceu. Tia Angélica contava-lhe histórias de fadas, dava-lhe mimos, prendia-o em casa.

—Tia Angélica, deixe esse menino ir brincar na rua, se não ele torna-se um maricas!—observava Virgínia.

Mas Angélica investia para ela, agressiva como uma galinha que defende os seus pintainhos.

—Não deixo! O lugar dele é dentro de casa! Noel não se mistura com os moleques.

Quando Virgínia se cansou da vida de festas e relações (canseiras que duravam apenas alguns meses, findos os quais recrudescia a paixão pelas festas, pelas relações novas e pelas novidades), voltou-se para a vida do lar. Quis tomar conta de tudo. Mas era tarde. Tia Angélica estava firme no poder. Defendeu-se com ferocidade. Houve cenas. Honorato ficou para um canto, aniquilado, sem coragem de

tomar partido, sem ânimo para dizer uma palavra. Mas Angélica foi inflexível.

Virgínia chorou nos primeiros dias. Julgou-se a mulher mais infeliz do mundo. Chegou a aborrecer o filho, só porque Noel tomava o partido da preta velha. Não era ela que lhe contava histórias, que lhe dava banho, que lhe comprava doces, que o mimava, enquanto a mãe, toda bonita e perfumada, andava pelos bailes e pelos teatros? Mas no fim de algumas semanas Virgínia acomodou-se à situação. Por fim, esqueceu-a. Nas vésperas de Noel entrar para a Academia (tinha feito preparatórios brilhantes) Tia Angélica morreu. Foi como se de repente desaparecesse um rei que os súbditos julgassem insubstituível. Noel chorou sentidamente. Honorato derramou algumas lágrimas que não foram muitas nem muito sentidas. Sentir de mais a morte da preta velha que o criara—pensou ele—seria de algum modo desfeitear a mulher, a mulher que recebera legalmente diante do altar, a mulher com quem no fim de contas ia viver o resto da vida.

Virgínia, ao saber da morte de Angélica, lamentou a perda da criada, mas bem no fundo, duma maneira quase inconsciente, festejou o desaparecimento da rival. Não teve coragem de tomar conta da casa. O número de criados foi duplicado. Noel entrou para a Academia. Os anos passaram. Honorato teve o tifo, ficou muito mal, emagreceu, sarou, tornou a engordar mais do que antes. Noel formou-se. Durante esses anos fizeram-se novas amizades, o casal foi duas vezes ao Rio de Janeiro, comprou um *Ford*, que mais tarde foi trocado por um *Packard*, e agora Virgínia está na frente do espelho, embaraçada e tonta, porque não pode compreender o mistério... A imagem que o vidro lhe devolve diz que se passaram muitos anos, que ela já não é jovem, que os seus seios estão caídos, que sua pele é flácida, os cabelos quase grisalhos... Mas se ela fecha os olhos, é como se conseguisse abolir todo o passado, fazer retroceder o tempo. Porque interiormente continua sendo a mesma de antigamente. Nem chegou a ficar adulta. O mesmo gosto pels festas, pelos vestidos, pela vida em sociedade, pelas novas relações. É como se não tivesse acontecido nada, como se o tempo tivesse parado bem naquele dia em que ela, vestida de branco, passou, pelo braço de Honorato, rumo do altar, na igreja das Dores... Vinte e quatro anos. Era como se fossem vinte e quatro dias. Houve períodos da sua vida que foram como que um vácuo, sem cor, sem significação. Em outros houve tempestades, apreensões... mas ela viveu de verdade. O caso do capitão Brutus, por exemplo (Virgínia recorda). Encontrou-o na casa dos Marques Pinto, numa festa de aniversário. Foram apresentados. Ele era alto e vestia um uniforme bem talhado. Falava com uma voz brutal, soltava as palavras como tiros de canhão. («Voz de Cavalo»—classificara ela). Dançaram. Virgínia estava levemente escanda-

lizada. Não era hábito uma senhora casada dançar com um homem solteiro. E ele era atrevido no olhar e no falar. Fez elogios. Tinha um jeito carioca de pronunciar as palavras, chiava nos *ss*. Contava coisas diferentes. Era uma novidade. Conversaram muito. Quando foi para casa Virgínia levou a impressão de ter vivido um sonho muito bonito. Mas Honorato ia ao lado dela no automóvel, cabeça caída para trás, morto de sono. Resmungava que tinha de acordar cedo no outro dia para ir ao escritório. Mas ela não ouvia. Escutava mentalmente a voz do capitão, os *ss* chiados, recordava o perfume dele, os galanteios. Nos outros dias o capitão começou a passar pela frente da casa. Tinha um modo elegante de fazer continência quando ela aparecia à janela. Ficou o hábito. Todas as tardes, às cinco. Ele descia do eléctrico e vinha postar-se à esquina. Virgínia entreabria a janela. Em casa ninguém percebeu. Ninguém? Só tia Angélica. Viu e compreendeu. Um dia falou. Não teve rodeios.

—Acabe com isso. Se o Norato souber, morre de desgosto.

Cenas. Discussões em voz baixa. A cara da negra, lustrosa e entumecida, a boca desdentada, os olhos de esclerótica amarela, a íris diluída. E aquela voz odiosa, áspera e antipática.

—Acabe, se não eu conto tudo.

Mas Virgínia encontrou-se várias vezes com o capitão de voz de cavalo. Ele já atacava de frente, directamente. Um dia propôs um encontro. Disse o número duma casa discreta. *Amanhã, às cinco...* Separam-se. Quando se viu a sós, ela teve a primeira hesitação. Tinha visto Noel, que voltava do colégio. À vista do filho, pensou em mil coisas... Tia Angélica observava-a com o rabo dos olhos. Parecia uma bruxa: lia o pensamento dos outros. Ficou por ali, espiando, caminhando sem propósito claro, dum lado para o outro, fiscalizando. O ponteiro do relógio aproximava-se da hora marcada. Ela lutava... A voz de cavalo, o ar insolente, estranho... mas atraente. Os olhos da Tia Angélica. Noel. A lembrança do marido. Foi com alívio que ouviu o relógio bater cinco badaladas. Tia Angélica não afrouxou a vigilância. Veio a noite. Veio o outro dia. Duas semanas depois, o capitão Brutus foi transferido. Rolaram os dias. Esquecimento. Mais festas, mais relações...

Não. Tudo o que passou parece lenda. Nada daquilo aconteceu. Só a memória é que ainda vê. Mas vê fracamente, quadros que ninguém pode fotografar. No fundo ela ainda é a noiva, a mocinha...

Entretanto, abrindo os olhos, Virgínia enxerga a *outra*, a que mostra no rosto a passagem dos anos e dos factos.

E é essa outra—a de 45 anos—que agora relembra, desejando, aquele rapaz moreno de dentes brancos, aquele menino insinuante que veio despertar desejos que jaziam adormecidos na

camada mais profunda do seu ser. Foi a outra que ontem, no Metrópole, ficou olhando longamente a cara morena de olhos maliciosos.

Honorato dorme tranquilo. O esquecimento. A paz. Batatas, feijão, açúcar, o câmbio, facturas, duplicatas, safra, deve, haver —tudo agora está esquecido. Honorato Madeira está flutuando num país maravilhoso de calma e serenidade. Como um anjo. Como um elfo. Quando ele acordar, o corpo se lhe imporá ao espírito como um fardo. Voltará a memória dos cereais, dos papéis do escritório, voltará a sensação de gordura e peso, o desejo de ganhar dinheiro e de comer bem. Por enquanto Honorato Madeira é puro espírito: sonha que é uma pomba que de repente, inexplicàvelmente, se transforma num avião que aos poucos vai virando numa coisa verde, numa coisa verde e mole que ondula, numa cortina, a cortina do seu quarto...

Acorda.

## 28

D. Maria Luísa, mulher de Zé Maria Pedrosa, não se habituou ainda ao palacete. Parece que está em casa estranha.

Senta-se na beira das cadeiras, tem medo de abrir as gavetas, caminha na ponta dos pés, não tem jeito de dar ordens aos criados... Há salas no casarão em que nunca entrou: elas dão-lhe uma espécie de medo: São tão grandes, para tão pouca gente... E a ideia de que tudo isto foi um desperdício acompanha-a por toda a parte, como uma obsessão dolorosa. O mais horrível ainda são os dourados da mobília Luís XV. Ela tem a impressão de que aquilo é ouro legítimo, maciço. A sala toda é um pesadelo. Os espelhos que há pelas paredes, numa profusão desconcertante, assustam-na. Os jarrões, que se erguem nos quatro cantos, com pinturas delicadas («Coisas que a gente não entende, encrencas estrangeiras»—como ela diz) são como punhaladas. Podem quebrar-se, assim delicados... Uma porta que bata com mais força, um descuido, um pontapé, um soco... Para quê tudo isto? E a banheira? Ladrilhos coloridos, lavatórios verdes, torneiras niqueladas, bugigangas que a gente nem sabe para que são. Só o relógio custou uma fortuna. No entanto—pensa D. Maria Luísa com dor de coração—não anda melhor nem mais certo do que o velho relógio que batia, humilde, na sua salinha de jantar da casa de Jacarecanga. Quando se lembra de Jacarecanga, D. Maria Luísa tem vontade de chorar. Já lá vão dois anos! No princípio foram

os hotéis. Ela preferia sempre comer no quarto (Chinita gostava do salão geral, exibida e assanhada!), tinha vergonha das pessoas que olham o jeito como a gente come. Depois, em hotel de cidade, há um talher para cada coisa, nunca se sabe como usá-lo. Os criados eram atenciosos, mas não faziam nada sem gorjeta. Para ela, cada gorjeta que se dava era um talho que ela recebia na sua carne de mártir. Onde se ia parar com tanta despesa? Zé Maria falava nos «dois mil pacotes» da lotaria, batia no bolso, prosa. Manuel e Chinita andavam soltos pelos cinemas e pelos cafés. Ela preferia ficar no quarto do hotel. Todo o mundo procurava Zé Maria. «Coronel, compre um auto! «Coronel, compre uma casa!» «Coronel, compre um rádio.» E a cada oferecimento D. Maria Luísa sentia um calafrio, como se o marido já tivesse feito a compra irremediàvelmente. Depois veio a ideia infeliz de fazer este casarão. Setecentos contos! Que desperdício! Um parque que dava para invernar gado. Um casarão que servia para quartel. E este luxo sem serventia, esta criadagem enorme, esta loucura...

D. Maria Luísa caminha pela casa, como uma visão.

Sobe ao quarto da filha. Bate. Lá de dentro vem a voz dela:

—*Come in!*

Entra.

—Que foi que disseste?

Chinita explica:

—*Come in*, como no cinema.

D. Maria Luísa sacode a cabeça, desolada.

Chinita está na cama. Lê uma revista de cinematografia. Seu quarto é todo bege desde os móveis até à pintura das paredes. Ela ainda está por baixo das cobertas, metida no seu pijama de seda preta com debruns vermelhos.

—Não vais à missa?—pergunta a mãe.

—À das 11.

Silêncio. D. Maria Luísa olha em torno, procurando um pretexto para ser infeliz, um motivo para censura, uma razão para zanga. Tudo está em ordem. O vestido verde que a filha usou no baile da noite anterior está em cima da cadeira. Os sapatos ao pé da cama, juntos com os chinelos guarnecidos de arminho. Os frascos de creme e perfume do toucador estão numa relativa ordem. Que milagre!—pensa D. Maria Luísa. E sente-se muito triste e contrariada por não encontrar à vista motivo para tristeza e contrariedade.

—Dormiste bem?—pergunta, numa tentativa derradeira para achar uma irregularidade. Porque, se Chinita diz que dormiu mal, está aí a deixa para ela maldizer os bailes que terminam tarde, a vida desregrada dos filhos, a sociedade, o mundo, a vida.

Mas Chinita, bocejando por pura faceirice, respondeu tranquilamente:

—Dormi como um anjo.

D. Maria Luísa suspira.

—Por que não te levantas? Já passa das dez.

Chinita recosta a cabeça na guarda da cama.

—Não, quero que mandes trazer o café aqui...

D. Maria Luísa sacode a cabeça. Em Jacarecanga, Chinita não dizia *tu*—dizia *senhora*. Não tomava café na cama às dez—pulava às oito e ia tomar café com todos na mesa da varanda.

—Minha filha, não te acostumes mal. Por que não vais tomar café lá em baixo com todos?

Chinita insiste. Quer porque quer. Pode ser feio, pode ser mau costume, mas é como ela tem visto no cinema. As criadas de manhã trazem o *breakfast* ao quarto, as estrelas lêem revistas, dizem *good morning*. Tão bom, tão bom poder fazer o mesmo...

D. Maria Luísa sai, resmungando. Pode apertar a campainha e chamar a criada. Mas não. Não quer. Prefere convencer-se de que a casa não é sua, de que ela é uma estranha debaixo desse tecto, de que é uma mártir, um estorvo, um aborrecimento.

Vai pessoalmente à cozinha e, sem dar ouvidos aos protestos solícitos e delicados da camareira, ela mesma arranja o café e trá-lo numa bandeja, com torradas, até ao quarto da filha.

—Mamã! Mas a senhora! Oh!

Chinita surpreende-se. A sua surpresa, metade é natural, metade é cinematográfica.

Em silêncio, D. Maria Luísa põe a bandeja na mesa de cabeceira da filha e retira-se sem dizer palavra.

Passando pela porta do quarto do filho, bate. Não respondem. Torna a bater. Nenhuma resposta. Abre a porta devagarinho. O quarto está escuro. Ela entra. A princípio as coisas estão dissolvidas na escuridão. Mas aos poucos os olhos de D. Maria Luísa vão-se afazendo à escuridão e da sombra geral emergem contornos: o quadrado da janela, o guarda-roupa com porta de espelho, a cama. Ela vai até à janela e abre o postigo. O filho está deitado. Vestido, de sapatos. O Sol bate-lhe no rosto. D. Maria Luísa contempla-o com amor. Como ele está pálido e magro! Era tão còrado, tão alegre... Agora tudo mudou. Às vezes Manuel não dorme em casa, como ontem. Quando vem, vem de madrugada.

D. Maria Luísa aproxima-se da cama. João Manuel dorme sono profundo. Parece mais velho, os lábios não têm cor, são quase tão pálidos como o rosto. Os ossos das maçãs parece quererem furar a pele. D. Maria sente um aperto no coração.

Decerto o rapaz esteve no *cabaret*. Deve ter uma amante, como todos os rapazes ricos da sua idade. Champanhe. Dança. Pândega.

Quanto teria gasto a noite passada? Sem poder resistir à tentação, D. Maria Luísa apalpa o bolso do casaco do filho, procurando a carteira. Mas Manuel remexe-se, mudando de lado; resmunga.

Na ponta dos pés ela sai do quarto.

O tapete do corredor abafa-lhe o ruído dos passos. Ela lembra-se de que o soalho da sua casa de Jacarecanga rangia quando a gente caminhava nele. Rangia, mas lá tudo era melhor. Ninguém dormia até tarde. Manuel recolhia-se cedo. Chinita não usava vestidos tão decotados nem andava tão solta. Tudo era diferente. Mais união. De noite Zé Maria jogava gamão com o vizinho, ela fazia *tricot*. Chinita ia passear na praça com as filhas do colector. Tão bom...

D. Maria Luísa suspira. Não há-de ser nada—pensa. Um dia eu morro e tudo se acaba. Eles têm a despesa do enterro mas ficam livres de mim para sempre.

Entra no quarto.

Zé Maria Pedrosa dorme. Está ali em cima da cama Luís XV. É um corpo estranho: não pertence a este conjunto. Aquela cara tostada, de cabelo rude, no meio da seda e dos ouropéis...

D. Maria Luísa sacode a cabeça.

—Que desperdício!—pensa.

## 29

O almoço terminou. E como o gosto de feijão lhe persiste na boca, o professor Clarimundo toma um gole de água e faz um gargarejo prolongado; vai até à janela, com a cabeça erguida, a água a borbulhar-lhe na boca, e assim fica por alguns segundos. Depois, distraído, esguicha a água para a rua. Lá em baixo um homem que passa dá um salto brusco, escapa por um triz de receber o jorro na cabeça, olha para cima, indignado, e diz um palavrão. O professor vê, ouve e, atarantado, esboça com a mão um gesto desajeitado de desculpa. O homem continua a caminhar. O professor pensa no seu observador de Sírio. Entre ele e os habitantes da terra haverá a mesma incompreensão, mas separada por uma distância descomunalmente maior. Se o homem de Sírio cuspisse água para a Terra, os habitantes do nosso planeta, naturalmente, voltar-se-iam para o alto e diriam nomes feios... O professor está contente com a comparação. Pensa ainda mais no livro. Qualquer dia vai começar. Naturalmente entrará com

um prefácio. É preciso explicar... Entrar assim de repente no assunto pode chocar o leitor.

Debruça-se à janela. A velha de preto, a moça bonita e o rapaz barulhento estão ao redor da mesa. Mais adiante o homem do gramofone, mais a mulher e os filhos, estão acabando de almoçar. Na janela da casa próxima, uma criança de cara amarela e triste olha para a rua, com o nariz esborrachado contra a vidraça encardida. Calma nos quintais. O pombal de D. Veva está silencioso. Céu sem nuvens. Sol forte.

«Para que se me não confira a pecha de fantasista descabelado...»—ou melhor: «Para que se não diga que sou um desvairado engendrador de ficções...»

Clarimundo sorri interiormente, satisfeito.

Bom início para um prefácio.

## 30

D. Eudóxia toma a sua canja. Fernanda e Pedrinho comem carne assada com feijão e arroz. Hoje veio macarrão nas viandas e, como Fernanda trouxe dum restaurante uma galinha assada, o almoço tem ares de banquete.

—Olhem—avisa Fernanda—hoje vou a Ipanema.

Pedrinho encolhe os ombros:

—Por mim...

D. Eudóxia ergue os olhos de mártir.

—Ele vai?

A voz de Fernanda é resoluta e firme:

—Vai.

*Ele* é Noel. Combinaram um encontro. Não se vêem há uma semana. Devem ter muita coisa a dizer. Livros lidos durante a semana. Impressões. E depois—pensa sempre Fernanda—Noel precisa de quem o anime. É tão desamparado, tão sem vida, tão sem energia...

D. Eudóxia diz num suspiro tudo quanto calou em palavras. Fernanda não teme atacar o assunto cara a cara.

—Que é que tens, mamã? Dize tudo. Nada de segredos.

Seus olhos cravam-se no rosto da mãe. D. Eudóxia olha para o prato, em silêncio.

Pedrinho luta com uma fita de macarrão e diz, meio engasgado:

—Deixa essa caduca...

—Vamos, mamã. Despeje tudo...

D. Eudóxia reluta. Mas o seu ressentimento por fim acha expressão:

—Podem falar, minha filha, tu compreendes...

Sim, ela compreende. Podem falar, podem maliciar. Encontros com um rapaz numa praia. Camaradagem com uma pessoa do outro sexo. Ela compreende.

—Mas quem é que pode falar?

D. Eudóxia deixa cair a colher de sopa.

—O povo, a sociedade.

Fernanda ri gostosamente.

—A sociedade? A bela sociedade que frequentamos? Mas que coisa ridícula, mamã, que coisa ridícula! A senhora ainda não se convenceu de que somos pobres e que não temos *sociedade?*

Ri mais forte. Pedrinho está demasiadamente entretido com o macarrão para prestar atenção «àquelas besteiras».

—Mas, minha filha, os vizinhos...

—Não me mates... Olha que eu posso ter uma congestão...

Na realidade, Fernanda não acha muita graça na história. Mas é preciso fingir esta alegria, esta despreocupação. Elas são uma armadura, uma defesa. A armadura é a defesa que ela tem oposto sempre ao fatalismo da mãe. Se não procedesse assim, seria um desastre. Tudo em casa iria águas abaixo.

—Se ao menos vocês fossem noivos...

Fernanda trincha a sua carne, ausente. A mãe continua a lenga-lenga.

—Estas visitas que ele te faz... Não sei, não acho direito... Conversas na escada, no corredor escuro...

—Ele não me vai comer...

E Fernanda tem a certeza inabalável de que Noel não é capaz de comer ninguém.

—Ele está a aproveitar, está a desfrutar-te...

Fernanda sorri.

—Moça rica, quando cai na boca do povo não perde nada. Continua a ir ao baile, acha casamento.—Suspira, toma uma colherada de canja.—Mas moça pobre (sua voz aqui ganha a consistência pastosa da canja), quando é falada, fica o mesmo que mulher à toa...

Fernanda agora adopta outra táctica. Descobre que a melhor arma para se defender da mãe é o silêncio.

«Mulher à toa». Pedrinho ouviu isto, agora não pode mais governar os pensamentos. Baixa a cabeça para o prato. Lembra-se de Cassilda. Pela primeira vez depois que ele está à mesa a imagem *dela* assalta-lhe a mente. A recordação daquela noite vem-lhe nítida, parece que ele ouve e vê. Foi há três meses. Ele nunca tinha estado com mulher nenhuma. Todas as suas ten-

tativas para acalmar os primeiros pruridos sexuais tinham sido solitárias. Mas era preciso conhecer o amor de verdade. Tinha medo. Contavam coisas horríveis: doenças, deformações, mulheres que judiam com os rapazes inexperientes... Ele só tinha dezasseis anos. Não podia ir atrás do que diziam certos companheiros que tentavam tirar-lhe o temor:

—Vamos, bobo, é fácil...

—Tenho medo—retorquia ele.

Os outros tranquilizavam-no:

—Eu sei de uma que te ensina. É tão bonita... Muito boazinha.

Resolveu ir. Fez economias. Juntou dinheiro (a mana sempre lhe dava dois mil réis todos os sábados). Foi. Passou pelo beco encolhido de medo. O amigo—o Clóvis—mostrou a casa. É aqui. Entraram. Apareceu uma mulher. Bonita, de olhos verdes. Parecia uma moça direita, dessas que a gente vê nas casas de família. A vergonha dele aumentou.

—Este é o rapaz de que eu falei—explicou Clóvis.

—Como vai?—A moça estendeu-lhe a mão. Pedrinho apertou.

—Vamos entrar?

Clóvis foi-se embora.

Entraram para o quarto. Meia-luz avermelhada. Uma cama de casal. Um guarda-roupa pequeno. Figuras na parede: na maioria artistas de cinema. Sobre a cama, uma almofada colorida, com um boneco em cima—um chinês a fumar de cachimbo. (Este detalhe nunca, nunca ele vai esquecer...).

—Como é o teu nome?

—Pedro. E o da senhora?

—Cassilda.

A mulher fechou a porta e começou a despir-se. Ele fez o mesmo, todo trémulo. E quando ela se deitou na cama, de costas, e o chamou com os braços, Pedrinho estava sacudido dum tremor estranho, tinha vontade de chorar. Tudo parecia um sonho. Era bom, mas assustador. E a cara dela não era debochada como ele imaginara. Um ar simpático, dois olhos verdes, parados, um sorriso calmo...

—Que é isso, Pedrinho? Em que é que estás pensando?

Pedrinho desperta. Fica muito vermelho. Fernanda está a olhar para ele. Parece um olhar que vê tudo, que lê os pensamentos...

Nada.

D. Eudóxia afasta o prato. Fernanda vai buscar a sobremesa.

O pensamento de Pedrinho torna a voar...

Quando ele saiu da casa de Cassilda levava o corpo leve. Parece que tinha descoberto um mundo. Ia como que no ar,

voando. Agora podia olhar os companheiros sem sentir vergonha. Era homem.

Os dias passaram, mas ele não esqueceu Cassilda. Voltou à casa dela na semana seguinte. Teve de esperar, porque ela estava com outro. Ficou a rondar a casa. Quando viu o homem sair, entrou.

—Não se lembra de mim?—tremeu ao fazer a pergunta.

—Ah! Aquele que o Clóvis trouxe?

Pedrinho sacudiu a cabeça. Conversaram.

—Bonita noite.

—Muito bonita.

—Mas é capaz de chover amanhã.

—Achas?

—Está quente.

—Está.

Silêncio. O assunto não vinha. Cassilda sorria. Pedrinho compreendeu que estava apaixonado. Era esquisito, era uma bobagem, mas ele estava apaixonado.

Depois Cassilda pediu:

—Vai embora, sim, *nêgo?*

Ele relutou. Queria ficar.

—Vai. Estou esperando um amigo.

—Um amigo? O coração de Pedrinho desfaleceu.

—Um amigo. Marquei hora. Ele pode desconfiar e eu não quero armar encrencas...

—Olha a sobremesa!

Pedrinho sente um sobressalto. Fernanda passa-lhe o prato de compota de pêssego.

Uma voz grita do quintal:

—Não sabem como amanheceu o sr. Maximiliano?

Fernanda volta a cabeça, ergue-se, vai até à janela.

É D. Veva, que, por cima da cerca, faz a pergunta de todos os dias.

—Não sei, não senhora.

D. Eudóxia ergue-se, contente por encontrar uma pessoa da sua idade, do «seu tempo», com quem possa conversar.

—Bom dia, vizinha. Eu acho que ele não dura.

D. Veva faz uma careta.

—Um mês, no máximo...

—Dois dias—vaticina D. Eudóxia.

Fernanda leva os pratos para a cozinha.

Pedrinho vai para o quarto. Abre a gaveta da mesa de cabeceira. Tira de dentro dela uma caixa de charutos. Abre a caixa. Aparecem várias moedas douradas de mil réis. Ele conta. Quatro. Bom. Faltam dois. Amanhã o Clóvis vai-lhe pagar dois mil réis que lhe pediu emprestados a semana passada. Ficam seis mil réis.

Com seis mil réis ele vai comprar para Cassilda um colar muito bonito—azul, vermelho e amarelo—que viu numa vitrina da Casa Sloper.

Pedrinho ergue os olhos, pensativo. Pela janela avista, lá do outro lado da rua, no alto da casa da viúva Mendonça, o professor Clarimundo.

## 31

Teotónio Leitão Leiria desce do seu *Chrysler* no portão do Country Club. Está de boné cinzento, *sweater beige* com malhas castanhas, *knickerbockers* cor de charuto e meias escocesas negras. Traz às costas a sua aljava com os *sticks*. É um perfeito jogador de *golf*. Não falta nada. Tem tudo, até o espírito anglo-americano. (Ele pensa com satisfação que, com a cara vermelha que tem, pode passar por inglês ou por norte-americano).

A turma do costume espera-o. Mr. Wood, enorme como um arranha-céu, pele tostada pelo Sol, dentes muito brancos. Mr. Parker, um inglês de bigodes grisalhos, bochechas flácidas e olhos azuis. O Dr. Castro Neto, franzino e delicado, que espera ganhar cores ao sol do Country Club.

Sentam-se todos à sombra de um guarda-sol enorme, no terraço do pavilhão. Mr. Wood pede um *whiskey and soda*. Mr. Parker, idem. O Dr. Castro Neto quer um guaraná (fígado). Leitão Leiria, como bom *business-man*, convencido agora da sua personalidade anglo-americana, também adere ao *whiskey*.

O Sol brilha sobre os campos. Mr. Wood faz humor. Mr. Parker ri a sua risada natural. O Dr. Castro Neto sorri tìmidamente. Leitão Leiria exclama:

—*Wonderful! Wonderful! Wonderful!*

Combinam uma partida. Os árbitros tomam conta das aljavas.

Mr. Wood ergue o braço num movimento harmonioso e desfere um golpe na bolinha branca. A bola zune, corta o ar caro e vai cair longe.

—*Wonderful!*—aplaude Leitão Leiria.

Os dentes de Mr. Wood mostram-se no rosto tostado. O Dr. Castro Neto erra o primeiro golpe, arranca um punhado de grama com o terceiro e no quarto joga a bola quase rasteira a pequena distância. Chega a vez de Leitão Leiria. Ele abre as pernas, encosta o *stick* à bola, ergue-o depois (com fleuma britânica—fantasia ele) e desfere o golpe. A bola voa, como um projéctil.

—*Good!*—grita Mr. Wood.

Saem a caminhar. Os campos estendem-se a perder de vista, dobrados. O céu é dum azul igual e fulgurante.

Leitão Leiria vai a assobiar uma ária alegre.

Lá no alto, no pavilhão, outros jogadores preparam-se para uma partida.

Leitão Leiria, enquanto caminha, vê-se, ao mesmo tempo, no meio do grupo, como se fosse um observador separado. No meio dos dois americanos, ele parece um homem da mesma raça. No físico e nas atitudes. As roupas, as maneiras, o jogo. Para reforçar a convicção ele comenta:

—*A fine day!*

O seu inglês é pobre. Mas Mr. Wood arreganha os dentes, tolerante.

—*Very fine!*

—*Glorious!*—comenta Mr. Parker, num grunhido.

O Dr. Castro Neto limita-se a sorrir.

Uma perdiz, de repente, sai, voando ruidosamente, dum tufo de macegas, como um pequeno avião.

Leitão Leiria estende o dedo, explicativo. Quer dizer o nome do bicho em inglês. Remexe na memória por alguns segundos. O nome foge-lhe. Angústia. Indecisão. Não tem outro remédio senão dizer:

—Perdiz!

Mr. Wood sacode a cabeça:

—*Yes.* Perdiz.

O Dr. Castro Neto sorri. Mr. Parker rosna qualquer coisa.

Os árbitros correm.

Onde estarão as bolas?

## 32

Ipanema.

O rio está tranquilo. O horizonte é de um verde ténue e agudo, que se vai diluindo em azul. As montanhas, ao longe, são uma pincelada fraca, uma faixa ondulada de violeta. A superfície da água está toda crivada de estrelinhas de prata e ouro. Longe aparece o casario de Pedras Brancas, na encosta dum morro. Mais perto, o Morro do Sabiá avança sobre o rio. O céu é tão azul, tão puro, tão luminoso, que Noel, simplesmente, não acredita que seja um céu de verdade.

Ele diz a Fernanda:

—Parece um céu de sonho, de contos de fadas.

Fernanda sorri.

—E no entanto é um céu de verdade...

Calam-se. Uma rapariga loura, de *maillot* vermelho, passa a correr, descalça, na frente deles; seus pés afundam-se na areia; suas carnes são rijas, suas pernas esbeltas, seus cabelos parecem uma labareda dourada e estão soltos; ela entra na água a gritar.

—E depois isto—continua Noel—essa *fraulein* de vermelho...

Fernanda olha para o companheiro. «Bem como nos outros tempos»—pensa ela. Lembra-se das manhãs em que ia buscar Noel para o levar à escola pela mão. O Sol batia-lhe nos cabelos castanhos, dando-lhes um reflexo de bronze. Bem como agora. E ele ainda hoje é o mesmo menino que se deslumbra diante de tudo, mas que ao mesmo tempo se encolhe, assustado, na frente do menor obstáculo, da menor dificuldade.

—Se a vida fosse sempre assim—continua Noel—eu seria um adaptado. Dias bonitos, paisagens bonitas, esta distância entre a gente e as outras criaturas. Não precisar estabelecer relações desagradáveis. Não precisar lutar pelo pão...

—No entanto tu não lutas pelo teu pão...

Noel volta para a amiga um rosto em que há uma ruga de contrariedade. Ela acaba de tocar num ponto sensível. E só o que ele encontra agora para dizer é isto:

—Tu sabes...

Sim, ela sabe. Sabe, mas há-de fazer o possível para conseguir que ele mude, que vença o terror de menino mimado e entre na vida, resoluto.

—O teu mal—diz Fernanda maciamente—é julgar que só há beleza nos livros e nos teus contos de fadas. Se tu soubesses como a vida tem coisas interessantes... É um poema, um romance, se quiseres. E também uma aventura.

Fernanda pensa na sua luta de cada dia. Luta com Leitão Leiria no escritório. Luta com o fatalismo da mãe. Luta consigo mesma. Uma aventura.

—Esta nossa camaradagem mesmo parece um sonho—diz Noel.

—Porquê um sonho?

—Porque está a durar, porque ainda não se atravessou nada entre nós, porque...

Noel não acha palavras para continuar. Fernanda sacode a cabeça afirmativamente. Ela compreende. Porque ele ainda não procurou beijá-la, não procurou levá-la para uma casa de *rendez-vous*. Porque puderam conversar sempre serenamente, conservando o sexo a uma distância conveniente.

Longe, no rio, passa um veleiro.

Um silêncio. Noel caminha de chapéu na mão. Seus olhos estão voltados para as montanhas. De repente, ele vê-se de novo numa manhã da infância, a caminho da escola. A pequena Fernanda, de vestido curto e os olhos vivos, vai na frente, puxando-o

pela mão. O Sol brilha contra as fachadas, contra os muros, contra o céu. Um Sol assim...

—Tu lembras-te?—pergunta ele.

Sim, ela lembra-se.

—Íamos de mãos dadas...—diz Fernanda, como se pensasse em voz alta.

—Tu na frente...

—Assim...

Pega na mão de Noel e continua a caminhar. Ao contacto desta mão, quente, macia, Noel sente no corpo uma sensação boa.

Fernanda vai a rir, acelera o passo. Ele deixa-se levar. De repente um pensamento o assalta. E se ele... e se ele... casasse com Fernanda? Isto deve ser amor. Prazer de estar com ela. Esta confiança. Se ele fizesse uma tentativa para mudar de vida? Sim, poderia ser bem sucedido. Havia de entrar num mundo novo. Junto com ela. Lutando os dois. Animado pela companhia e pelas palavras dela.

Noel olha para a companheira.

Fernanda vai com a cabeça atirada para a frente, parece uma amazona. O moreno do rosto fica mais lindo ao Sol. Os seios dela projectam-se para a frente, rijos. Assim, de súbito, Noel tem consciência (de certo modo dolorosa) de que a deseja. Um desejo recalcado à força de argumentos de ordem abstracta. Um desejo que nunca achou expressão, nem em palavras nem em actos. Um desejo que ele sempre repeliu—é absurdo!—como incestuoso. Quando vê Fernanda, tem vontade de se entregar, como um menino desamparado, deixar-se acariciar, abrir-se em confidências... Mas agora, ao Sol, vestida de branco, rindo e quase a correr, Fernanda não convida a sentimentos fraternais...

Noel procura afugentar o desejo, mas ao mesmo tempo não deixa de enxergar o absurdo da sua tentativa. Por que não desejar? Porquê? Acaso ele não é um homem e ela uma mulher? Não existe entre ambos o menor grau de parentesco. Teòricamente, Noel justifica o desejo. Mas, na prática, tudo muda...

No entanto, Fernanda podia salvá-lo. Talvez lhe desse força para lutar. As suas experiências sexuais foram dolorosamente decepcionantes, tão decepcionantes e dolorosas que ele se havia encolhido e fugido ao convívio das mulheres. Fernanda podia ser a salvação. Em tudo. Por tudo.

—Olha o avião!—grita Fernanda.

Um avião do Exército faz evoluções no ar, dá cambalhotas, cai em folha morta, desce a pouca distância do rio e depois sobe como uma pequena frecha.

—Vamos sentar-nos?

Sentam-se. Ficam face a face.

Como ele é frágil—pensa Fernanda—e que ar desamparado!

Sente desejo de acariciá-lo como a um filho, como a um irmão. Ele é tão diferente dos outros...

—Ontem estive a ler a Mansfield—diz Noel.—O diário...

Fernanda sorri. Já estava a custar virem os livros. Ele não passa dez minutos sem falar nos livros. Porquê? O dia está tão claro, a paisagem é tão encantadora... Ela lê, também, ama os livros, mas não se deixa escravizar por eles. Primeiro a vida. E se os livros oferecem interesse, ainda é por causa da vida.

Noel continua, olhando para o rio:

—Que sensibilidade... A gente tem a impressão de que Katherine Mansfield não era deste mundo. Uma fada... Um anjo... Qualquer coisa de aéreo... Uma segunda encarnação de Ariel...

Fernanda não conhece. Noel conta. E contando entusiasma-se. É como o menino deslumbrado que narra um sonho quando acorda de manhã. Ela escuta.

—Quando fico a pensar em certas coisas chego a ter medo do mistério da vida e das criaturas... Em 1923, quando eu estava ainda no Ginásio, lendo *As Mil e Uma Noites* nas horas de folga, Katherine Mansfield morria num retiro na França... Pensa bem nisso, Fernanda, é de assustar...

O rosto de Noel tem uma expressão de ânsia. Fernanda não vê motivos de susto. O rapaz continua.

—Dez anos depois é que Katherine passou a existir para mim... Uma revelação tão boa, harmoniosa, que me deixou aniquilado. Agora ela existe para mim, existe mesmo, está viva... É só de pensar que o seu corpo hoje está debaixo da terra em decomposição... é quase insuportável.

Pausa. A menina loura de *maillot* vermelho sai de dentro da água, rebrilhante como um peixe, e começa a correr pela areia.

—Pode ser uma tolice—continua ele.—Mas isto tudo me comove...

Fernanda sacode a cabeça, com o sorriso do mais velho que perdoa a travessura da criança.

—No entanto não tens olhos nem piedade para as desgraças actuais, para as que estão perto de ti, no tempo e no espaço...

—Como?

Fora do mundo dos livros e do sonho, Noel desorienta-se e perde-se.

—Pensa bem, faz um esforço. Perto da minha casa mora um tuberculoso que está morre-não-morre. Tem dois filhos. A casa é imunda. Fatalmente os pequenos vão adoecer também. A mulher parece que já está contaminada.

Noel sacode a cabeça. É uma história nova. Nova e horrível. Ele reluta em tomar conhecimento dela. Parece melodramática. A verdade não é maravilhosa como a poesia, mas também não tem

o tom melodramático das desgraças dos romances. A vida é simplesmente chata e sem cor. Simplesmente.

Mas Fernanda continua:

Na frente da minha casa mora um homem que tem mulher e filho e está sem emprego. Trabalhava na mesma loja onde trabalho. E eu sei por que o coitado foi despedido... Porque precisavam dar o lugar dele ao protegido dum político influente. O patrão não hesitou...

Noel não pode duvidar do que Fernanda lhe diz. Ela viu, ela sabe...

—Mas de que serve a minha piedade? Poderá melhorar a sorte dessa gente?

Fernanda é rápida na resposta. Ela já pensou muitas noites no assunto.

—A tua piedade, não. Mas poderás fazer alguma coisa para que um dia tudo isto melhore...

—Não sei como...

—Eu sei...

Silêncio. Tudo o que Fernanda cala, Noel compreende. Mas nada dizem. Ficam simplesmente a olhar para o rio. Um vento morno agora arrepia a água. Uma nuvem enorme, debruada de luz, ergue-se, cor de fumo, contra o horizonte claro. Um *cutter* de vela triangular passa a poucos metros da praia. Leva um homem e duas mulheres de *maillots* coloridos. A sombra branca da vela projecta-se na água e fica toda cortada pelas ondulações.

—E o romance?—perguntou Fernanda.

—Como sempre. Parado.

Noel tem um velho projecto: fazer um romance. Um derivativo. Uma ocupação.

—Porquê? Por que não trabalhas?

Por mais que se esforce, por mais que se torture, Noel não encontra nada fora da autobiografia. A sua infância. Os contos da tia Angélica. O paraíso tranquilo que a velha preta lhe tornava possível graças à sua vigilância de anjo da guarda. A mãe remota. Os serões em casa. A cara feia, mas boa, da negra velha, a voz amiga. O colégio. Nenhuma relação com os outros rapazes. A vida do menino mimado que veste roupas limpas, que vai para a escola penteadinho, a cheirar a água-de-colónia. Quando os colegas o ameaçavam, era ainda a tia Angélica que vinha salvá-lo. «Saiam, diabos! Deixem o menino quieto!» E brandia a mão enorme, como uma clava, afastando os agressores. Depois a morte da negra. O cadáver, o velório, o sentimento duma perda irreparável. Se a mãe morresse não lhe teria sido pior. A academia. O primeiro contacto com a vida. A decepção: a vida não era, como ele esperava, um prolongamento dos contos de fadas. Nas histórias da tia Angélica sempre o príncipe acabava por casar com a princesa

e o gigante mau morria. Mas na vida os gigantes maus andavam soltos, vitoriosos, e não havia princesas nem fadas.

Noel só encontra a sua vida como assunto de romance. Se pudesse escrever, talvez se libertasse. Mas todas as tentativas que faz são malogradas. O que vem para o papel é uma história sem força, sem carne, sem sangue, é como que um conto de fadas, uma mentira de outra mentira.

Fernanda sorri e olha para o rosto de Noel.

—Eu ofereço-te um assunto. E esse assunto será o teu primeiro passo na direcção da vida...

—Diz...

—Toma o caso de João Benévolo. Mulher e filho. Desempregado. Uma história bem humana. Podes conseguir efeitos admiráveis.

Noel faz uma careta de desgosto: a mesma careta que fazia em menino quando a tia Angélica lhe queria deitar goela abaixo, à custa de promessas falsas, um remédio ruim.

—Mas isso é horrível... Não me sinto com capacidade para tirar efeitos artísticos dessa história.

Fernanda responde rápida:

—Tira efeitos humanos. É melhor. É mais legítimo.

Para Noel, a história do homem que perdeu o emprego só tem uma face: a da chatice descolorida e baça do quotidiano. Criaturas sem imaginação. Banhos aos sábados. Ambientes de janelas fechadas. Cheiros desagradáveis. Conversas tolas. Um sofrimento que não é nem desesperado nem suave. Simplesmente aborrecível, desgostante. Que esperança poderá haver para um romance baseado nessa história?

—Por exemplo—insiste Fernanda—um dia falta a comida... Podes começar a história neste ponto. O herói olha para a mulher e pergunta: Que é que vamos comer?

Comer... A palavra causa uma espécie de náusea em Noel. Comer... Ele preferia um romance de abstracções luminosas e bonitas. Seres transparentes que não têm sangue nas veias, mas sim luz. Paisagens eternamente claras e fulgurantes como a presente. Criaturas bonitas que não têm necessidades humanas, que não têm necessidades sujas.

—Não acho que consiga escrever esse romance...—confessa Noel.

Fernanda encolhe os ombros.

—Está bem. Não te posso obrigar. Vamos caminhar mais?

Levantam-se.

A grande nuvem que se erguia sobre as montanhas dissipou-se. O avião amarelo torna a passar lá no alto.

Há automóveis à beira do rio. Crianças correm e gritam. Um homem gordo e de óculos que brilham muito assesta a sua

*kodak* para um grupo de moças. A *fraulein* de *maillot* vermelho sacode a mão, na direcção de um *bungalow*.

—*He, Trude! Komm'her! Wir wollen schwimmen!*

Dentro duma baratinha *Dodge*, um rádio jorra para o ar luminoso os mesmos sons que neste mesmo instante os músicos da Banda Municipal produzem no auditório Araújo Viana. Verdi. O cornetim faz floreios.

—Como vão os discos?

Noel sorri, o seu rosto enche-se duma claridade maior. Agora, ela entra francamente nos seus domínios, já não é a Fernanda preocupada com as desgraças do próximo, a Fernanda das coisas práticas.

—Lindo! Descobri uma coisa notável. *Ibéria*, do Debussy. Leva a gente para o sétimo céu. Tão bonito...

Música para gente rica e desocupada—pensa Fernanda.

Mas não diz nada. Está resolvida a não amargurar o domingo de Noel.

—Sugestiva?—pergunta.

—Muito. Foi a viagem mais maravilhosa que fiz pela Espanha. Nem os livros têm mais força...

Noel recorda-se de que a revelação foi tão grande, a beleza tanta, que ele teve de fazer um esforço tremendo para não chorar. Continua a falar, a falar, a falar... Positivamente: agora está no seu mundo. À vontade.

E enquanto ele fala, Fernanda pensa na sua rua cinzenta. Em Maximiliano, no seu quarto pobre, nos filhos de Maximiliano, em João Benévolo e a sua gente...

Todos os músicos da Banda Municipal se manifestam agora num final grandioso. Parece que o alto-falante do rádio da baratinha vai arrebentar.

Mas Noel está a ouvir Debussy. Fernanda não ouve nem Noel, nem Verdi, nem Debussy. Está a ver com os olhos interiores um dia maravilhoso, em que o esforço dos homens de boa vontade, sem violência nem extremismos, possa igualar as diferenças sociais.

O *cutter* passa sereno sobre as águas, como um enorme cisne. Os *maillots* coloridos agitam-se. O rio reverbera à luz do Sol.

## 33

O suor que lhe escorre da testa em bagas grossas entra-lhe pelos olhos, cegando-o. Mas Salú bate-se como um leão. Porque sente a necessidade permanente de vencer. Vencer em tudo. De qualquer forma. Não obstante o clarão do Sol e a névoa que

o suor lhe põe nos olhos, ele salta dum lado para o outro, procurando devolver para outro lado da rede a bola branca que o adversário (para ele apenas um vulto branco indeciso que corre dum lado para o outro) arremessa para o seu campo com firmeza e violência.

Os espectadores aplaudem. As cabeças acompanham a trajectória da bola: voltam-se para a direita e para a esquerda, rápidas; quando um dos jogadores erra o golpe, as cabeças param, os rostos exprimem desgosto ou contentamento. Depois o duelo recomeça. Ninguém fala. Só se ouve o baque, quase musical, abafado e macio, da pelota que bate nas tripas de carneiro, retesadas, das raquetas.

Salú joga com espectaculosidade. Salta na ponta dos pés, em movimentos quase teatrais. Aproxima-se da rede e procura sempre rebater a bola no ar. Faz reviravoltas cheias de floreios. Tem uma mecha de cabelo caída sobre os olhos. (Não faz mal —pensa ele—assim impressiona mais... Devo estar parecido com um tigre furioso que se defende...) A sua respiração é ofegante. O adversário é forte. Calmo. Não faz jogadas para agradar à assistência: tem-se a impressão de que nem move o braço para desferir os golpes.

De vez em quando, uma voz destaca-se do meio dos espectadores silenciosos. É um *oh!* que escapa contra a vontade da pessoa que o emite, um *oh!* desafinado que se evapora na enorme claridade da tarde.

Salú é actor e ao mesmo tempo espectador. Joga e vê-se a jogar. E por isso se admira. Está soberbo hoje: facilidade de movimentos, resistência nas rebatidas, violência no tiro... E a certeza que tem de que outros o observam (principalmente de que mulheres o vêem jogar) dá-lhe uma coragem invencível, uma vontade férrea de representar mais, de fazer mais cenas, para que cresça não só a admiração dos outros como também a sua própria...

Vera e Chinita, em fatos de banho, envoltas em roupões, dirigem-se para a piscina. O Dr. Arménio, submisso e festivo como um cachorrinho que anda à procura de dono, segue a filha de Leitão Leiria. Também está metido numa roupa de banho: um *maillot* preto que lhe deixa a descoberto as coxas e as pernas dum moreno flácido, lisas, lustrosas e sem cabelo, como as pernas de um bebé.

—Que linda tarde de Verão! Nem parece que estamos em Maio! Outono maravilhoso!

Arménio pronuncia as palavras com delícia. E na sua mente elas ecoam em francês: *Automne merveilleux!*

Vera, em resposta, limita-se a sorrir com o canto dos lábios. «Que homenzinho engraçado»!—pensa Chinita.

No alpendre do clube há muita gente com roupas leves de

Verão em torno de mesas. Os *garçons* passam bandeados, erguendo os braços com bandejas. Um alto-falante jorra para fora uma valsa de Strauss.

Ao som da melodia, Arménio pensa em voz alta:

—Esta música deliciosa convida a patinar...

*Invitation à la patinage...*

E lembra-se imediatamente de que viu num filme alemão uma grande pista em Viena; várias centenas de pares deslizavam enlaçados ao som da valsa tocada por uma banda de música que se achava no centro do redondel.

Não há ninguém na piscina. A água está calma, transparente e toda riscada de sol.

Vera e Chinita tiram os roupões.

*Merveille!*—pensa Arménio—*Salut, Aphrodite! Je suis enchanté, vraiment enchanté!*

O que o deixa *enchanté* são os dois pares de coxas que se revelam à claridade do dia, os dois pares de coxas que na rua e nos bailes se escondem por baixo dos vestidos de seda e que há pouco estavam ocultos pelos roupões. Arménio sempre imaginou que fossem pernas lindas... Mas assim—*fichtre!*—com estas linhas, esta tonalidade... Arménio sempre se orgulhou do método que rege todas as coisas da sua vida, até a função sexual. *Je domine la bête qui habite en moi!*—costuma ele dizer aos amigos, no seu francês trôpego. Tudo nele obedece a um horário rigoroso. Chá com torradas pela manhã. Um almoço sem farináceos ao meio-dia (*Il faut se soucier du corps*). Um lanche leve à noite. Duches frios pela manhã, todos os dias. Aos sábados, uma viagem a Citera. (*Voyage a Cythère*). Escapadinhas inocentes: uma pensão discreta e fina, com luzes veladas, almofadas e perfumes, *poupées* pelos cantos, ambiente *artistique*. Mas só aos sábados. Durante os dias úteis o sexo é forçado (*la volonté oblige*) a ficar a dormir bem quietinho para que esteja desperto e activo apenas o advogado e o *gentleman*, o homem que trabalha, que ganha *l'argent*, e o *gentleman* que cultiva o seu jardim social. É um jardim onde há flores raras que necessitam de cuidado. As flores são as relações e Arménio cultiva-as fazendo visitas, enviando cartões e corbelhas por ocasião dos aniversários, dando pêsames, «sentidas condolências»... Mas todo o jardineiro tem uma flor predilecta, uma flor que ele rega com mais carinho. Para Arménio a flor eleita é Vera. E agora, um pouco perturbado, ele está como um regador solícito, com o bico voltado para a sua *fleur exquise*, despejando um chuveiro de palavras amáveis:

—Tenho a impressão de estar na Grécia... A sua companhia amável... Mademoiselle Vera...

Mas Vera e Chinita estão a discutir a água. Estará fria? Estará morna?

Vera não pode esconder a contrariedade. Pensava que podia ficar a sós com Chinita. Têm tanto que conversar... Chinita anda precisada de conselhos. Telefonou-lhe de manhã, marcando-lhe um encontro aqui, no América, na esperança de que não seriam perturbadas... Como teria este idiota do Arménio descoberto que ela vinha? Aqui está ele com o seu corpo de bebé, os seus óculos enormes, o seu francês coxo e aborrecível, a sua voz indefluxada. E insistindo sempre nos galanteios, insistindo, apesar de tudo. (Vera olha-o da cabeça aos pés). Que homem ridículo! Tem uns braços de matrona romana, gordos e fofos. E ainda por cima depila as coxas e as pernas, como uma corista... Horrendo!

Os olhos de Chinita estão espichados na direcção da *pelouse* de ténis. Aquele vulto que corre como um demónio, aquele vulto... Não há dúvida, é Salú, é...

O alto-falante silencia. O vento traz o rumor das conversas do alpendre.

Vera bate com o cotovelo em Chinita.

—Que é isso? Então viste fantasma, menina?

—Vera—pergunta Chinita, apontando com um dedo na direcção do jogador—aquele não é Salú?

Vera espreme os olhos. Arménio assesta os óculos na direcção apontada.

—Parece...—diz ela com indiferença.

—*Il me semble...*—pensa Arménio. E depois, em voz alta:

—*Juste! C'est Salú.*—Mas corrige-se rápido.—Desculpem! Escapou-me o francês sem querer... Parece que é Salú mesmo.

—Vamos cair n'água!—convida Vera.

—Tu primeiro!—pede Chinita.

—Está bem.

Vera caminha para a prancha que se eleva a dois metros da água. Ergue os braços: fica na ponta dos pés...

Arménio olha... Aquele corpo de rapaz, *maillot* verde, braços, coxas com penugem dourada, o Sol... *Exquise! Formidable!* E bem no instante em que Vera arma o salto, Arménio sente que, não obstante toda a sua *volonté*, todo o seu método, o sexo acorda num protesto violento, apesar de não ser sábado, apesar de ele ser um *gentleman*, apesar do seu jardim social...

Como um dardo, o corpo de Vera descreve um semi-círculo no ar e mergulha na água, com um *chape* macio.

—*Bravô!*—exclama Arménio, batendo palmas.—*Bravô!*

No fundo claro da piscina, Vera parece um peixe verde e rosa.

—Parece uma iara—diz Arménio para Chinita.

—Ou um sapo!—sugere Chinita, no momento em que Vera, ainda debaixo da água, faz uma flexão de pernas para subir à superfície.

A cabeça de Vera emerge, cheia de gotas iridescentes.

O alto-falante agora projecta sobre a tarde a música de um *jazz* de negros: um *fox* histérico e sacudido.

—Vamos, Chinita!—convida Vera.

Chinita olha para Arménio:

—Então, doutor, vamos nadar?

Arménio sente um leve mal-estar. Não sabe nadar. Nunca teve ocasião de aprender. Agarra numa roupa de banho e entra na piscina porque isto faz parte de suas funções de jardineiro. Mas quanto a nadar...

—Nadar pròpriamente não nado...—explica ele, embaraçado.

—Venham!—torna a gritar Vera.

—Venham!—ecoa na mente de Arménio. Plural. Agora é um convite de Vera. Impossível recusar. *Noblesse oblige*...

Então Arménio, com todo o cuidado, ajoelha-se à beira da piscina e estica a perna esquerda, tomando a temperatura da água com o pé, a perna, a coxa, e depois, segurando-se nas bordas da piscina, larga todo o corpo num quase abandono. (Estar na mesma água em que Vera está, ser acariciado pelas mesmas ondinhas que acariciam a epiderme de Vera... É uma comunhão... É quase união...) Arménio larga as bordas da piscina e afunda-se. (Beber a água em que Vera se banha—eis o requinte dos requintes amorosos... Mas será que alguém mais hoje andou tomando banho aqui? Dúvida. Oh! *La doute éternelle*)!

Salú está com o rosto banhado de suor. Lustrosa e batida de Sol, a sua pele parece mais morena. A bola zune dum lado para outro; as cabeças dos torcedores acompanham a bola.

O adversário, do outro lado do campo, continua a jogar com calma. Corta a *pelouse* em diagonal com uma pelotaça forte que passa rente à rede... Salú salta, num esforço supremo, estende o braço que tem na ponta a raqueta, solta um gemido... Mas erra. *Game!* O outro ganhou a partida.

Salú atira a raqueta longe, num gesto teatral... Estalam risadas. Mas Salú em seguida arrepende-se do gesto e vai apertar a mão do adversário. Os grupos dispersam-se.

Salú caminha para o vestiário. Perdeu. Uma bobagem: um jogo amistoso. Coisa sem importância. Mas o facto de haver outras pessoas a assistir à partida implicava para ele uma obrigação tremenda de vencer. A derrota é amarga. Ele não sabe ser derrotado.

Vencer é sempre melhor; ser derrotado, seja no que for, é insuportável. Depois...

Mas o amargor da derrota é instantâneamente esquecido, porque Salú de repente avista Chinita na piscina.

—Alô! Chinita!—grita ele, levantando a raqueta no ar.

Chinita volta-se. Põe-se na ponta dos pés, ergue as duas mãos e responde:

—Alô! Vamos cair n'água!

É uma declaração e um convite.

Num segundo, Salú forma o plano:

—Volto já! Vou mudar de roupa!

E corre para o vestiário. Mete-se debaixo do chuveiro e pede ao ecónomo a sua roupa de banho.

Quando Salú chega à piscina, Chinita está no alto da prancha, preparando-se para o salto. Podia fazer como Vera: erguer os braços, ficar na ponta dos pés e projectar-se. Movimentos simples, poucos segundos. Mas para ela isso não é bastante.

Para gozar a piscina, o salto, a tarde, o *Sportivo América*, ela precisa imaginar que isto aqui não é Porto-Alegre, ela precisa convencer-se de que está em Hollywood e é Joan Crawford ou Carol Lombard... Olha em torno. Por cima, céu azul e iluminado. Na frente dela, os dois pavilhões do clube, com o seu *porch* cheio de vestidos coloridos, de mesas, de vozes e de música. As quatro *pelouses* de ténis, de terra batida levemente violenta. O jardim com a estátua do homem nu atirando um disco. Os canteiros de relva lustrosa, dum verde oleoso. Para além dos muros, os telhados, os quintais, e lá mais longe a cidade, a ponta da Cadeia, as chaminés duma fábrica mandando para as nuvens, um penacho grosso e escuro de fumo (como o cigarrão do avô Eleutério—pensa ela), as torres da Igreja das Dores... Depois, o rio chamejando, a mancha verde-escura das ilhas, lanchas, catraias... Chinita passeia os olhos pela paisagem... Ela é Joan Crawford. Uma festa na vivenda dum *mister* rico. Clark Gable foi vestir a sua roupa de banho. A história é simples... Ela é uma herdeira rica que veio do *Far-West*. Ele, um rapaz da cidade. Um *gangster?* Sim, um *gangster*, para ficar mais sensacional. Mas um *gangster* que tem bom coração e no fim acaba por se regenerar e casar com ela. Mas um dia a família da heroína, cujo pai é assassinado pelo *gangster*... Credo! Assassinado, não, pode ser agouro até... Melhor mudar do enredo... Era uma vez.

Os olhos de Chinita caem em Salú, que vem a sair do vestiário. Está mais claro, cabelo penteado, vem de *maillot* azul-marinho, correndo... Então, para que ele a admire, para que tenha dela uma impressão melhor, Chinita ergue os braços, levanta os olhos para o céu...

E Salú estaca. Fica a olhar para Chinita. Contra o fundo azul do céu recorta-se a figura dela. Como um cartaz. Um cartaz desses que anunciam sabonetes, ou roupas de banho, ou ainda praias de veraneio da Califórnia ou da Côte d'Azur. Para Salú, agora, Chinita aparece sob um aspecto novo. O *maillot* preto e

justo não dá motivo a suposições, não dá asas à fantasia. Porque não esconde quase nada, porque não dissimula as formas. A carne fica livre. Os cabelos de Chinita estão escondidos pelo capacete de borracha vermelha, preso à cabeça por duas tiras amarradas em baixo do queixo. Os seios dela avançam num relevo atrevido. Onde o *maillot* termina começam as coxas—as coxas morenas, lisas, rijas, roliças, compridas; depois, as pernas bem desenhadas e os pés pequenos. Salú sente vontade de se transformar em água para aparar aquele corpo no ímpeto do salto.

Chinita olha para a piscina e, no segundo mesmo em que se atira para baixo, feita um torpedo cuja ponta é formada pelas mãos unidas e entrelaçadas, pensa nos banhos que tomava nas férias no arroio da quinta do tio Terêncio, saltando de camisola para dentro da água, no meio da gritaria dos primos...—Mergulha na água fresca, seus pés tocam o cimento do fundo da piscina. —O fundo do arroio da quinta era pedregoso, os lambaris passavam roçando pelas pernas da gente, as plantas enroscavam-se nos pés e eram como cobras, davam um arrepio no corpo... Como cobras...

E Chinita sente que uma coisa se lhe enrosca nas coxas enquanto ela luta para subir à superfície. E a coisa continua ainda a apertar-lhe as carnes quando ela deita a cabeça para o Sol... Dá com a cara reluzente e risonha de Salú...

—Mergulhei junto contigo...

—Tira a mão da minha perna—cochicha ela.—Olha que os outros podem ver...

—Que tem isso?

—Salú! Aqui, na frente de todos, fica feio...

O Dr. Arménio brinca a jogar uma bola de borracha para Vera.

—Queres dizer—insiste Salú—que se os outros não vêem não faz mal...

Chinita sorri.

—Sem vergonha...

—Vamos lá para a outra ponta da piscina?

Saem nadando como dois peixes, rumo da outra extremidade. A bola salta de Vera para Arménio. Vera trata o pretendente como a uma criança que devemos distrair com brinquedos inocentes para que ela não nos importune com pedidos inconvenientes. E a bola de gomos coloridos anda no ar, alegre. E Arménio, que interpreta o brinquedo como uma capitulação, uma concessão, sente-se leve, alegre, colorido e contente como uma bola de borracha.

Mas de repente Vera olha para o outro lado da piscina e vê Chinita e Salú em mergulhos suspeitos. No fundo da água os namorados enroscam-se, formando um bicho de quatro pernas e quatro braços.

—Que indecência!—exclama ela, interiormente.

E joga a bola com raiva para longe.

—Que pena!—pensa o Dr. Arménio.—Estava tão bom...

Vera salta para fora da piscina, como se temesse ficar contaminada pela água em que Salú mergulha. Como um cachorrinho fiel, outra vez sem dono, Arménio sai atrás da bem-amada.

—Chinita, vamos embora que está ficando tarde!

A cabeça de Chinita emerge:

Ora! Eu fico mais um pouquinho.

A outra metade do monstro subaquático envolve-lhe a cintura com os tentáculos e puxa-a para debaixo da água, afogando-lhe a sílaba final da última palavra.

Salú ainda sente um restinho do travo amargo da derrota. De alguma maneira precisa vencer hoje...

## 34

No terceiro andar do Edifício Colombo, no apartamento número 9, vê-se pregada à porta uma pequena placa de esmalte com estes dizeres: *M.elle Nanette Thibault.—Manicure.*

O subtítulo *manicure* é para tranquilizar o Sr. Mascarenhas, encarregado do edifício. Uma *mademoiselle* sem profissão que mora em apartamento não pode ser boa coisa. As famílias podiam reclamar. O homem relutou em alugar o apartamento à mulher loira e pintada. Ela gostou dos alojamentos. Custavam 600$000 por mês? Pois ela pagava 700$000, contanto que lhe dessem o apartamento. A casa era nova, confortável, os elevadores funcionavam bem, o ponto era central, o apartamento tinha o número de peças que lhe convinha... Mas o Sr. Mascarenhas hesitava. O coronel Zé Maria Pedrosa interveio, conciliador:

—A madama é séria—garantiu ele.

E, para tranquilizar o Sr. Mascarenhas, acrescentou, num prodígio de cinismo:

—Conheci a família dela.

Na cidade simplória do interior de onde Zé Maria viera, «conhecer a família» era o melhor dos documentos, a mais legítima das garantias. Mas o Sr. Mascarenhas estava duro:

—Eu sei, coronel. Mas é que temos famílias que podem reclamar. Eu sei que a madama é boa... Se ao menos ela tivesse profissão...

O coronel foi perdendo a paciência (tinha heróis farroupilhas no sangue) e, para não fazer uma violência, resolveu pôr tudo

em pratos limpos. Chamou o Sr. Mascarenhas para um canto e disse-lhe, claramente:

—Não gosto da falsidade. Essa madama é minha amásia. Mas lhe garanto que é calma e decente. Aceite ela, homem. Eu pago oitocentos e respondo pelo que acontecer.

O Sr. Mascarenhas, comovido pela franqueza, amoleceu um pouco. Mas ainda opôs obstáculos. A falta de profissão era o diabo...

A francesa teve uma ideia. Sugeriu uma placa em que, por baixo do seu nome, viesse o subtítulo: *manicure*. Era uma profissão, ninguém podia dizer o contrário. O Sr. Mascarenhas achou a ideia muito boa e fechou o negócio. *Manicure* era a palavra mágica que haveria de apagar todos os pruridos de moralidade dos habitantes do edifício.

Por trás dessa porta, em que branqueia a placa de letrinhas negras, está um pequeno *hall*, com um cabide de espelho: no cabide, o chapéu do coronel Pedrosa. Depois do *hall* vem a sala de estar: um divã, duas poltronas, um *abat-jour* verde enorme, um tapete, almofadas, quadros pelas paredes, cortinas nas janelas e um ângora enrodilhado em cima duma almofada de cetim vermelho.

No quarto contíguo, Nanette, o corpo nu coberto por um *peignoir* de seda negra com ramalhetes de prata, fuma um *Camel* de ponta dourada. O coronel Pedrosa, sem casaco, deitado na cama, de barriga para o ar, fuma o seu crioulo. Com os olhinhos cerrados contempla, através da cortina azul de fumo que se desprende do seu cigarro de palha, a cara de Nanette. Cabeleira enorme, loura, como uma juba; olhos negros muito saltados, pálpebras sombreadas de azul; uma boca pintada, vermelhíssima, o *bâton* corrigindo os descuidos da natureza.

—Eta potranca linda!

É o madrigal máximo que pode sair do cérebro do coronel Pedrosa. Ele não pode esquecer os anos que viveu no campo, antes de ir estabelecer-se com loja em Jacarecanga. Os seus antepassados eram gente campeira. «Indiada buenacha».

*Potranca linda* é um elogio. Bonita como um *cavalo puro sangre!* —outro cumprimento.

Nanette entende vagamente o significado destas palavras. Mas de uma coisa ela tem a certeza: é de que este homem rude, que fuma cigarros mal cheirantes, que tem maneiras toscas, a tirou duma pensão barata, lhe deu bons vestidos, dinheiro e, por último, este apartamento confortável. Não se deve ser sentimental —pensa ela. — *C'est bêtise!* Mas ele é bom: não exige muito. Às vezes, contenta-se com ter o título de amante de *mademoiselle* Nanette Thibault. (E o trocadilho impossível que o coronel, com o seu humorismo ingénuo, faz de «Thibault» e «tambor»? Oh!

Ela tem de aguentar os trocadilhos, como os cigarros de palha, por amor do conforto, por amor do seu bem-estar).

Olhando agora para o tecto, o coronel mais uma vez pensa na grande coisa que é ter dinheiro. Lembra-se da vida velha. Deita o toco de cigarro no cinzeiro e pensa: *Eu só queria era ver a cara do Madruga.* O Madruga magro e asmático, palito na boca, contrariador, implicante...

—Bueno (olha o relógio), são seis horas, preciso ir indo, meu bem.—Levanta-se.

—Eh bien!

—Que foi que você disse?

Ela sorri mas não responde. Devagarinho, com passos pesados, Zé Maria Pedrosa caminha para a casa de banho.

Nanette abre a janela, vai ao toucador, toma um pulverizador e sai por todos os cantos do quarto a borrifar perfume, para apagar o cheiro que o cigarro do coronel deixou no ar.

## 35

Na casa de João Benévolo o silêncio esmaga as três pessoas que estão sentadas na varanda.

Tina remenda as meias do marido. (Napoleão está a dormir no quarto). Ponciano acha-se sentado no lugar de sempre, duro na cadeira, o olhinho brilhando frio, palito no canto da boca, respiração cadenciada. Na parede caiada, onde uma mancha de humidade corre desde o tecto até ao rodapé, sinuosa como um rio cortando todo um mapa, o relógio velho, asmático como Ponciano, diz o seu tique-taque ritmado.

A luz do candeeiro é alaranjada. Forma um círculo de luz, dentro do qual se acham Ponciano e Laurentina. João Benévolo fica dentro da zona mais sombria, como uma fera na toca. Sente o peso do dinheiro no bolso. Do maldito dinheiro do outro. Já há mais de meia hora que Ponciano está ali e ele ainda não disse nada, não fez o que devia...

João Benévolo pensa numa frase: «*Seu Ponciano, aqui está o seu dinheiro, tome, não precisamos da esmola de ninguém!*» Pá! Atira o dinheiro para cima da mesa. Mas... o dinheiro não está inteiro. Um vidro de elixir paregórico para o Napoleão; dois mil réis de comida ao meio-dia; dois agora à noite... Como vai ser? João Benévolo comprime dentro dos bolsos da calça a nota de dez mil réis e as cinco moedas de mil réis. Melhor será dizer: «*Seu Ponciano, tome quinze mil réis. O Napoleão está doente: precisámos de gastar cinco. Depois eu lhe pago...*»

Ponciano contempla Laurentina. *Mais magra, mais acabada, mas sempre com aquele jeitinho que me agrada... Não sei, não sei, há tanta mulher no mundo, que diabo! Eu podia... Mas esta, é engraçado... sempre foi assim... desde o primeiro dia... Mas ela vem... Ora se vem! Paciência, Ponciano. Paciência.*

Sorri. Laurentina ergue os olhos:

—Do que é que o senhor está rindo?

—Nada. Eu estava pensando...

E se ela perguntar em quê? Mas não pergunta.

João Benévolo acha que agora é o momento para falar no dinheiro. Começar assim: «*Por falar em dinheiro...*» Mas o diabo é que ninguém falou em dinheiro. Continua calado.

Vozes na rua. Barulho na escada.

—É o professor que vai p'rá escola—diz Tina.

—Ué escola? Hoje é domingo.

—Ah! É mesmo.

As palavras são engolidas pelo silêncio. O relógio solta oito gemidos. E Ponciano ali, olho frio, contemplando Tina. Tina, que está de cabeça baixa e chora por causa da tristeza do relógio batendo lamentoso, como na casa das tias solteironas: o gato cinzento, as mobílias de rodinha, os retratos...

João Benévolo olha para fora e começa a assobiar. E a sua raiva foge para a rua com o assobio, transformada num trecho do *Carnaval de Veneza*. O assobio mistura-se no ar com a valsa do gramofone do vizinho e sobem juntos para o céu. Para a Lua? Para as estrelas?

Lua, estrelas... A imaginação de João Benévolo começa a trabalhar. Tina e Ponciano ficam no mundo esquecido. João Benévolo vai explorar a Lua, dentro dum foguete fantástico. Na Lua não há credores, nem miséria, nem a necessidade de comer.

## 36

Cassilda acaricia a cabeça de Pedrinho.

—Não seja bobo, *nêgo*, vá embora. Você é muito criança. Quantos anos tem?

—Dezasseis.

—Nos cueiros ainda.

—Mas sou homem.

Os olhos de Pedrinho brilham.

—Eu sei, mas é muito moço. Não seja bobo. Ele é ciumento. Não quero bagunça no meu quarto.

—E tu gostas dele, não é?

Pedrinho fez uma careta de dor.

—Não gosto nada. É que ele vive me amolando p'ra eu ir viver com ele. Não quero. Não me agrada. Prefiro ficar aqui. É o meu chão. Estou acostumada.

—Tu és diferente...

—Diferente?

—Não és como as outras. Eu sei. Se eu fosse mais velho, se tivesse dinheiro...

—Se você fosse mais velho não havia de se importar comigo...

—Me importava sim...

—Não seja bobo, Pedrinho...

Que aborrecimento!—pensa Cassilda. Ela precisa ganhar a vida e o fedelho está a empatar. Que ideia boba de paixão foi esta? Um bebé! Ela podia chamar um guarda, ou chamar um homem... Mas não quer. Tem pena dele. Tão moço... Deve ter irmãs. Deve ser de boa gente. Pode perder-se como um que ela sabe, um menino que acabou por roubar o patrão e se matou com um tiro no peito.

—Tu não gostas dele, então?

—Já disse que não gosto.

—Bom, então eu vou embora. Posso voltar amanhã?

—Todos os dias, se quiser. Só não quero é que demores.

—Está bem.

Pedrinho beija Cassilda. Cassilda deixa-se beijar.

—Adeus, *nêgo*.

Pedrinho põe o chapéu e sai. O beco sombrio. Vultos que passam. A Lua. Os candeeiros distanciados. Clarões de portas.

Pedrinho vai-se... Na esquina, volta a cabeça para trás. Lá está Cassilda à janela. Bonita, cara boa, não é burra, não é debochada. Metida neste beco.... E o diabo é que ele não pode esquecê-la. De dia e de noite. Na loja trabalha mal, pensando nos olhos verdes, na boca miúda, na voz mansa.

Pedrinho caminha. Luzes do Parque da Redenção. Carros que passam. Uma visão mais larga do céu. Outro mundo. Vontade de chorar.

# SEGUNDA-FEIRA

## 37

SEGUNDA-FEIRA.

Vida nova—pensa João Benévolo, procurando iludir-se.

E sai para a rua iludido. A manhã é toda um clarão azul e dourado. As pessoas que passam projectam uma sombra violeta na calçada. João Benévolo sai assobiando e procura pisar as sombras. É uma brincadeira divertida. Como no tempo de criança, em que ele e os guris da Padaria Tripoli ficavam na calçada, apostando quem pisava mais tempo e mais vezes a sombra dos que passavam...

Agora, enquanto caminha, João Benévolo, por causa das sombras, pensa na infância e por causa da infância esquece as sombras.

Eles eram cinco: os três filhos do dono da padaria e mais o mulato empregado dum capitão do exército. Fizeram uma quadrilha. Mistérios de Nova York. João Benévolo era o detective. O mulato fazia o papel de chinês. Os três italianinhos eram perigosos ladrões. Quando chovia, o bando juntava-se no porão da padaria. João Benévolo levava os seus folhetins e lia aos outros. Lia e explicava. A chuva era como uma cortina de fios de aço. O porão tinha pouca luz. Um toco de vela alumiava as páginas do livro. Uma vez (que chuva inesquecível! Os guris estavam deitados no chão, com os cotovelos fincados na terra e as mãos segurando a cabeça), João Benévolo leu as *Vinte Mil Léguas Submarinas*. E imediatamente eles transformaram o porão no *Nautilus*. Os homens, os carros e as carroças que passavam na rua eram tubarões, espadartes, baleias e polvos. Quando chegou a hora de escolher quem ia ser o Capitão Nemo, houve briga. Todos queriam ser. Não se acertaram. Separaram-se .João Benévolo passou três dias (que eternidade!) sem falar com os italianinhos da padaria. Mas uma tarde descobriu entre os livros velhos do pai um volume sem capa: *O Homem Invisível*. Esqueceu tudo e foi gritando para os

vizinhos: «Pepino! Nino! Garibaldi! Venham cá, venham ver o que eu descobri!» Leu-lhes trechos do novo livro. E, lendo, inventava coisas suas, colaborava com o autor, fantasiava, aumentava...

João Benévolo pára a uma esquina.

Para onde vou? Caminho de sempre. Andar à toa.

Procurar os conhecidos. Olhar os «precisa-se» dos jornais. Sentar-se nos bancos da praça...

Vai-lhe pesando no bolso (como um peso de consciência) o troco do Ponciano. Quinze mil réis. Quinze mil réis. Quinze mil réis. As moedas tilintam, João Benévolo ouve o tinido alegre. É-lhe impossível ignorar a existência do dinheiro.

Não há-de ser nada. Um dia ele encontra emprego. Pega numa nota de cinquenta e atocha-a na boca de Ponciano. *Tome, seu sem-vergonha, não preciso de esmolas! E não me apareça mais lá em casa!*

E só pensando no que vai fazer ou, melhor, no que poderia fazer, caso uma série de circunstâncias ainda não realizadas o permitissem—João Benévolo sente-se contente e forte, como se já tivesse feito. Outra vez se imagina herói. E segue para diante—que importa o rumo?—empertigado. Herói!

Foi por heroísmo que casou com Laurentina. Sempre que ia para a loja, no tempo de solteiro, via aquela menina na janela. Gostava da cara. Cumprimentava. Achava-a triste. Porquê? Um dia contaram-lhe. Era órfã. As tias queriam ver-se livres dela, fazendo-a casar com um homem que a menina odiava. A situação excitou a fantasia de João Benévolo. Era uma aventura. E mais do que isso: era uma aventura que estava ao seu alcance, uma aventura de que ele podia ser o herói. E se conseguisse fazer que a menina se apaixonasse por ele? Se a libertasse do odioso pretendente preferido pelas titis? Começou a namorá-la. Mandava-lhe livros: «*Do seu admirador que a vê todas as manhãs reclinada à janela.*» Flores: «*Tributo da minha admiração sincera.*» Bilhetes: «*Se soubesse como preciso duma alma irmã para seguir comigo no caminho da vida...*» Laurentina deixou-se seduzir pela canção romântica que João Benévolo lhe cantava. O outro pretendente, Ponciano, era um homem prático, seco e sem imaginação. A paixão veio e envolveu tanto o herói como a heroína. Aproximaram-se. As titis gritaram: Ponciano era melhor, tinha mais dinheiro. Para João Benévolo foi um prazer enfrentar as velhas. Não há herói sem perigo, não há aventureiro sem aventura. Lutou e venceu. Ponciano fez uma retirada digna e ele entrou. Quando abriu os olhos, estava irremediàvelmente comprometido. Casou.

Agora as moedas de mil réis tornam a tilintar. Mas João Benévolo está tão longe que nem chega a ouvir o sonido musical.

Pára à vitrina duma livraria. Livros, livros e livros. Capas de todos os tamanhos e cores. Romances, contos, crónicas. E bem no fundo um título familiar: *A Ilha do Tesouro*. João Benévolo

chama recordações: e as recordações são agradáveis. Ele leu esse livro há quinze anos, no tempo do colégio. Tem uma vaga ideia, um homem de perna de pau, piratas, um tesouro, um navio, uma taverna, aventuras...

*Se eu tivesse dinheiro...* O preço está numa etiqueta ao pé do livro, em algarismos graúdos: 6$ooo.

João Benévolo leva a mão ao bolso. Aqui estão os quinze mil réis do troco. Mas não é direito. O dinheiro não lhe pertence. Além disso, há coisas mais úteis a comprar...

Na capa do livro o homem da perna de pau caminha com um papagaio empoleirado no ombro. No fundo—o mar, o brigue dos piratas... João Benévolo vê-se com o livro nas mãos, sentado na sua varanda, enquanto Tina costura.

Mas não. Não é direito. Lança um último olhar para o livro e sai caminhando. Dá dois passos, estaca, faz meia-volta... Um homem precisa de distracções. Que diabo! Todos temos direito a um pouquinho de prazer. Os ricos têm teatros, automóveis e rádios. Os pobres contentam-se com livros...

É justo. E depois, quando se empregar, ele paga os vinte mil réis de Ponciano. «*Tome, Ponciano, muito obrigado pelo empréstimo.*»

Entra na livraria, assobiando. *Carnaval de Veneza.*

## 38

Para o professor Clarimundo, tomar o eléctrico é uma coisa desagradável. Desagradável por duas razões. Primeiro porque é perigosa. Depois porque implica o convívio por alguns minutos com gente desconhecida, com povo, com humanidade. As relações novas atemorizam-no. Nada há como as amizades velhas. Velhas e poucas. Na escola já está habituado aos alunos antigos. Eles conhecem-lhe o método, o génio e a maneira de ser. Quando surge um estudante novo, Clarimundo sente um grande mal-estar. Uma nova fera para domesticar.

Nos eléctricos, Clarimundo sofre. A presença de desconhecidos é-lhe incómoda. Se acontece uma mulher sentar-se a seu lado, o professor perturba-se; e o resto da viagem passa-a assombrado pelo fantasma perfumado e colorido que lhe roça o cotovelo.

E depois, tomar o eléctrico é perigoso. Estamos esperando muito sossegados e de repente passa um automóvel maluco e joga-nos longe. A cabeça contra o poste—bumba! Era uma vez uma vida! O progresso é horrível: eléctricos, automóveis, gramo-

fones, rádios, máquinas, máquinas e mais máquinas. A admiração de Clarimundo pela ciência que tornou possível todas estas máquinas fica limitada dentro dos domínios da teoria.

Um rádio não é admirável porque nos faça ouvir música, mas sim porque é um milagre da ciência.

Clarimundo espera o eléctrico. O monstro amarelo pára. Ele entra e senta-se no banco. Oito passageiros. O eléctrico põe-se em marcha. Desfilam as casas da Independência: fachadas claras e escuras, postes, vitrinas, pessoas, árvores. Moinhos-de-Vento. Passam alguns minutos. O professor aperta o botão da campainha, o eléctrico estaca, ele desce. Como todas as vezes, fica por um instante desorientado. A casa da esquina, porém—iniludível, com o seu torreão quase gótico e os ciprestes esguios no jardim—é óptimo ponto de referência.

Clarimundo entra na ruazinha arborizada. A sombra das árvores é ténue sobre as calçadas. Folhas secas pelo chão. Ar parado. Céu claro.

Clarimundo não pensa em mais nada senão em achar *a casa:* todos os sentidos estão alerta à procura do portão verde. Lá está ele. A placa é uma garantia: *Coronel José Maria Pedrosa.*

Entra. Com o mesmo temor de sempre: *Terá cachorro?* Já lhe disseram que não tem. Ele sabe que não tem... Mas a impressão de medo repete-se a cada visita. Clarimundo caminha pela avenida das palmeiras. Lá no fundo fica a casa. Um jardineiro preto segura a mangueira e despeja um jorro de água contra os canteiros de relva. Que parque enorme! Pinheiros, palmeiras, árvores japonesas, pequeninas e podadas, plátanos (quase desgalhados), arbustos desconhecidos, verde de todos os tons, claro, escuro, brilhante, fosco, amarelado, azulado, acinzentado... A estradinha que leva para casa é de areão e rebrilha.

Clarimundo vai cauteloso como um invasor. Sobe os três degraus que levam ao alpendre. Aperta o botão da campainha. Uma criada abre a porta:

—Faça o favor de entrar.

Clarimundo entra. Fica no *hall* grande, de *parquet* xadrez, creme e negro. A escada que sobe para o primeiro andar começa ali. Brilham metais e ouropéis. Um lustre complicado com grandes pingentes de vidrilho pende do tecto.

—Faça o favor de entrar p'rà sala—diz a criada, tomando o chapéu de Clarimundo.

O professor entra. A sala, com os seus móveis Luís XV, aumenta-lhe a sensação de desconforto. Clarimundo pensa nos seus sapatões grosseiros de sola espessa. A sua roupa surrada de casimira cinzenta, encolhida e amassada, é uma nota dissonante no salão de douraduras, jarrões com marquesas e marqueses de cabeleira empoada.

—Faça o favor de sentar-se que eu já vou chamar dona Chinita —diz a criada.

Clarimundo senta-se na ponta da cadeira, constrangido.

Passam-se alguns minutos. Chinita entra, metida num pijama preto de seda. À vista da rapariga com calças de homem, Clarimundo fica todo perturbado e cora.

—Bom dia—gagueja, erguendo-se.

—Oh! Professor, como está o senhor?

—Muito bem, agradecido.

—Que é que tínhamos hoje?

—Português.

—Que pena!

A máscara de Chinita é de consternação. (Só a máscara. Ela está olhando para o professor e lembrando-se de John Barrymore em *Topaze*, aquele professor de óculos, bigode e pera. Mas este é um pobre diabo enfezado, de bigodão de piaçaba e franjinha ouriçada...)

—O senhor desculpe-me, professor, mas hoje não posso dar lição.

Chinita explica. Estão todos muito ocupados: ela principalmente. Preparativos para a festa da noite. *Não sei se o senhor sabe: hoje papai e mamãe vão dar uma baita festa.* (*Baita* é o mesmo que um soco no espírito do professor de português). Inauguração do palacete. O professor não sabia? Engraçado! Todos os jornais falam. Chinita exagera: muito trabalho, muita coisa a arrumar, enfeites, comidas, criados... Vai enumerando.

É sempre assim—pensa Clarimundo. Quando não há festa é a menina que está dormindo ou que acorda com dor de cabeça. Já faz sessenta dias que tomou o professor e só deu a primeira lição. No fim do mês, mandaram um envelope com o dinheiro. Clarimundo ficou ofendido...

—Senhorita Mariana... (Clarimundo acha uma confiança muito grande dizer Chinita, apelido familiar). Seu pai mandou-me o ordenado do primeiro mês... Mas a senhorita compreende, eu não posso aceitar, não demos as lições.

—Oh! Professor! Nem diga! A culpada sempre fui eu...

—Mas é que não dei as lições, portanto não fiz jus ao dinheiro...

—Mas este trabalho de vir até aqui? Não, senhor, não se fala mais nisso. Mas hoje o senhor vai-me desculpar, sim?

Clarimundo não sabe que dizer. Resmunga coisas ininteligíveis e vai andando na direcção da porta. A criada no *hall* dá-lhe o chapéu. O professor conserva os olhos desviados de Chinita. Na porta, estende uma mão frouxa para a despedida.

—Até outra vez! E me desculpe, sim, professor?

—«Desculpe-me»—corrige Clarimundo.—O imperativo exige pronome enclítico. Desculpe-me. Dê-me Faça-me.

Diz isto sem olhar para a interlocutora.

*Uma mulher com calças de homem!* Caminhando pela avenida de palmeiras que leva para a rua, Clarimundo vai verberando mentalmente os costumes do mundo moderno.

## 39

—Meu filho, coma essa carne assada, que está muito boa...

Honorato olha para Noel: o seu olhar é um convite. Virgínia grita para a criada:

—Querubina, ande com o arroz! Que lesma!...

Os três estão ao redor da mesa circular. Uma toalha de linho muito branca. Louça inglesa cor-de-rosa. Talheres de prata. Flores num vaso bojudo de cristal. Copos de bacará azul. Os pratos fumegam, perfumados. A luz do meio-dia inunda a sala.

—Coma a carne, meu filho!

Diante da comida Honorato enternece-se. Enche-se de sentimentos paternais: lembra-se de todo o tempo que ficou esquecido do filho, preocupado com os negócios: e seus sentimentos agora despertos transbordam no pedido insistente:

—Coma a carne, Noel...

É como quem diz: eu estimo-te, eu amo-te, apesar de tudo; sou teu pai, interesso-me por ti. Quisera beijar-te, acariciar-te como uma mãe, como a tua mãe não faz... Mas, é o diabo. Sou homem. Fica feio. Por isso me encolho. Agora estou satisfeito: quero demonstrar o meu interesse por ti. Só acho esta maneira: dizer-te que a carne está boa, pedir-te que comas.

—O nenèzinho não está com apetite...—zomba Virgínia.

Noel brinca com a colher, em cujo côncavo ele vê o seu rosto, deformado, oblongo, como se tivesse sido pintado por El Greco.

Querubina entra, trazendo a travessa do arroz. Noca espia da porta, como um cachorrinho assustado. Honorato amarra o guardanapo ao pescoço e começa a trinchar a carne corada.

Virgínia volta-se para o filho:

—Que é que você quer?

A sua voz é dura: parece um instrumento de metal batendo contra um pau.

Noel olha para os pratos, indeciso, enfastiado.

Pausa breve. Honorato come animadamente. Virgínia olha para o filho e, depois de um instante, irrompe:

—Então é melhor você mesmo servir-se.

E como cada qual fica entregue a si mesmo, rompe-se o único elo que os unia. Agora, entre os três abrem-se abismos.

Honorato mira os pratos com olho alegre. Com muita ternura e carinho amontoa a comida com a faca, em quadradinhos simétricos em cima do garfo, depois leva o garfo à boca e começa a mastigar com bravura. De quando em quando, bebe um gole de vinho tinto e estrala de leve a língua. Que bom! Mentalmente faz um elogio da cozinheira: «Esta Maruca é uma cozinheira de mão cheia. Pena é a cachaça!» Às vezes, como uma mosca importuna que voeja e lhe pousa no nariz para em seguida se ir embora, tornando a voltar alguns instantes depois — visitam-lhe a mente pensamentos referentes ao negócio.

Virgínia come calmamente, sem grande apetite. O silêncio sufoca-a. Ela quisera ter uma companhia alegre para o almoço. Mais gente. Mais conversas. Principalmente gente nova, diferente. Os aspectos familiares já a enfartam. Sempre iguais. O marido, com o guardanapo amarrado no pescoço, como uma criança de bibe: bochechas lustrosas, olhos empapuçados e aquela verruga odiosa na face esquerda, perto do nariz. Comendo como um porco: sem uma palavra, sem um imprevisto, sem um gesto superior. Do outro lado, o filho, pálido, de olhos tristes, desligado, ausente. Razão tinha a Mimi quando lhe dissera: «Não tens vocação para mãe.» Ela quisera ser mais terna, menos ríspida. Se houvesse entre ela e o filho uma aproximação, por menor que fosse, tudo mudaria. Mas agora é difícil. Ele está crescido... e ela — esquecida da sua maternidade. A culpa foi da preta Angélica. Tomou conta de tudo, até do filho. Incutiu em Noel o ódio à mãe: «*Oie, ela é marvada, não qué bem ao nenê, só a tia preta é que qué...*» E conservou sempre a criança num mundo à parte. Agora é tarde. Tentar mudar seria ridículo...

Noel vê o reflexo da janela no cálice de cristal. No lago minúsculo de vinho, o Sol põe respingos dourados. Respingos de Sol na superfície da água... Ipanema. Fernanda.

Vestida de branco ela vai na frente, puxando-o pela mão. Ele sente a memória daquele contacto quente. E se ela estivesse ali, do outro lado da mesa, sorrindo?

Imediatamente Noel vê Fernanda sentada diante dele. As duas pessoas aqui ficam misteriosamente abolidas, como se nunca tivessem existido. A própria sala desaparece. É outra sala mais simples. Mais simples e mais clara. Fernanda está vestida de azul, tem os cabelos bem lambidos para trás, seus olhos profundos é que dão o calor bom de conforto e confiança que anda no ar. O casal terminou de almoçar. Conversou muito. Fez planos. A vida agora é diferente. Daqui a pouco o relógio vai bater uma badalada: ele erguer-se-á, dará um beijo na mulher e seguirá para o trabalho. Agora não teme mais a vida: olha as criaturas de frente e luta. Quando a coragem lhe falta, Fernanda anima-o. Como a sua presença é sedativa e boa... De noite lêem juntos. Uma lâmpada

de luz azul. O divã simples coberto de chitão. Uma janela aberta para o luar e para os perfumes do jardim. Livros. E o gramofone contando pela voz dos violinos histórias parecidas com as que tia Angélica contava.

De repente, uma voz estranha dissipa o paraíso de Noel:

—Eu estive pensando...

Honorato cala-se por um instante para engolir uma garfada de alimento; depois continua:

—Estive pensando, meu filho, que, se tu quisesses...

Noel espera. Virgínia olha para ambos. Honorato engole e prossegue:

—...se tu quisesses trabalhar comigo, eu dava-te sociedade...

Haá! Virgínia emite uma risadinha aspirada de cínico de teatro de aldeia. Noel não chega a compreender bem a proposta do pai e fica olhando em branco. Honorato explica:

—Tu já descobriste—(trincha mais um pedaço de carne. Virgínia sorri com o canto da boca)—...—que não tens vocação para a advocacia... (tira com a faca um grão de arroz que se lhe colou à manga do casaco)... Precisas arranjar uma ocupação... Ora, um dia, quando eu faltar, tu ficas tomando conta do negócio... (Uma garfada de comida). Que dizes?

Noel brinca outra vez com a colher, embaraçado. O rapaz de cabeça oblonga, no côncavo de prata, tem uma cara de dúvida.

Virgínia intervém:

—P'ra que é que um homem estuda dez anos? P'ra quê é que tira um diploma? P'ra ser bodegueiro como o pai, que nunca aprendeu nada além das quatro operações?

—Ora, Gigina!—exclama Honorato, quase engasgado.

Mas o seu protesto é convencional: no fundo as *ironias* da mulher não o ferem. Ele está habituado...

Virgínia mostra-se francamente sarcástica. Continua a representar o seu papel:

—Vais pôr o teu diploma no escritório, junto com os sacos de feijão e arroz?

—Ora, Gigina!—torna a protestar o marido.

No côncavo da colher o rosto de Noel fica ainda mais grostesco na sua expressão de dor.

Honorato cruza os talheres e empurra o prato.

—Eu estou falando sério, quero arrumar a vida do rapaz...

—Oh! O pai exemplar! Muito bem! Querubina!—Virgínia volta-se para a criada: o seu rosto está resplendente.—Telefona p'ró jornal e diz que eu tenho uma notícia muito boa p'ra eles: pai que se interessa pelo filho. Uma cena comovente.

E desata a rir.

Ela precisa achá-los ridículos e aborrecíveis. Ela precisa achar uma justificativa para os seus sentimentos para com Alcides.

Levanta-se e vai até ao quarto tomar uma pérola Juventus.

Honorato come a sobremesa. Noel olha ainda para a cabeça oblonga no côncavo da colher. Mas, por cima dela, agora está vendo a cara morena e bonita de Fernanda, sorridente e confiante. Uma resolução... Ergue os olhos:

—Papá, eu acho que vou aceitar a sua proposta.

Mal termina de pronunciar estas palavras, admira-se da própria audácia. Parece que foi outro que falou por ele.

Honorato sorri. Alegra-se:

—Pois é. Ficas no escritório. Serviço muito bom. Correspondência tal e coisa... Vais gostar.—Bate no ombro do filho.—Muito bem!

Mas Noel já não ouve o que o pai diz. Está de novo com Fernanda. Numa sala cheia de luar. Lá fora os grilos cantam. Como é morna e macia a mão dela, que gosto estranho têm os seus lábios...

A emoção é tão forte que Noel não resiste: levanta-se num salto e vai até à janela.

Fora, a claridade do meio-dia.

## 40

—Não leias depois do almoço que faz mal—aconselha Laurentina ao marido, que está com a cabeça enterrada num livro.

João Benévolo ergue mal-e-mal os olhos para a mulher:

—Almoço?

A sua pergunta exprime admiração. Comeram pouco. O restaurante mandou um pingo de comida por dois mil réis.

João Benévolo torna a mergulhar no livro. Laurentina vai atender o filho que chora no quarto. O gramofone do vizinho insiste na mesma valsa de todos os dias. Ouve-se o ruído das asas das pombas de D. Veva.

Napoleãozinho chora de dor no estômago. Um choro manso, fraco, tremido. As lágrimas correm pelo rosto magro. Laurentina dá-lhe um pouco de água com gotas de elixir paregórico.

O relógio bate uma hora. O som fica ecoando pela casa toda. Como que despertada pelo ruído, Tina acorda para odiar o marido. Odiar com um ódio calmo, frio, feito de exasperação. O gemido do relógio, de ordinário, dá-lhe vontade de chorar. Agora tem ímpetos é de ir até à sala arrancar o livro da mão de Janjoca e mandá-lo para a rua arranjar emprego a todo o custo. Esta inércia dele enerva-a. Ele não quer, não tem vontade. No fundo prefere

ficar ali lendo os seus romances. Preguiçoso; ruim, mesmo. O dinheiro acabou. Restam os últimos nove mil réis do empréstimo do Ponciano. Dentro de dois dias não haverá nem mais um tostão. Amanhã aparece o leiteiro com a conta. A viúva Mendonça desce todos os dias para cobrar o aluguel. Ameaça com despejo. Eles já não têm roupa. Napoleão já não tem calçado para ir ao colégio. Se ele tivesse coragem saía para a rua a procurar alguma coisa... No entanto, João Benévolo está na varanda, calmo, lendo, como se tudo corresse bem. Nem sente a miséria. Às vezes assobia. Ou ri. Hoje de manhã, sem se lembrar da sua condição, gastou seis mil réis num livro... Seis mil réis: comida para dois dias! E agora está lendo o livro tranquilamente, como se não estivesse há seis meses sem emprego, como se não estivessem ameaçados de ir para o olho da rua.

João Benévolo está no albergue «Almirante Benbow» disfarçado de bucaneiro. Pela janela avista-se a baía. O mar é verde; as montanhas são azuis: (A paisagem na mente de João Benévolo é um desenho simplista colorido por uma criança). O capitão anda caminhando pelos arrecifes, de óculo na mão, esperando o misterioso marinheiro de perna de pau. E como a história ainda não se esboçou com nitidez, como ainda não se definiu o herói, João Benévolo introduz-se nela como uma personagem clandestina que olha as pessoas e as coisas, preparado para, dum momento para o outro, meter-se na pele do herói.

E enquanto o perna-de-pau não aparece, João Benévolo come toucinho com ovos (não é pequena a fome que ele sente *realmente*) e bebe rum. Bate-lhe na cara o vento que vem do mar. E ele sente o cheiro do mar e o gosto do rum, embora em toda a sua vida nunca tenha visto o mar nem provado rum.

Os minutos escoam-se, marcados pelo tique-taque do relógio velho. Os sons da valsinha que o gramofone do vizinho toca penetram mansamente no mundo dos bucaneiros e dos piratas, misturando-se com o bramido das ondas que se quebram nos penhascos.

*—Só tenho uma coisa a dizer-lhe—replicou o doutor, e é que, se você continua a beber dessa maneira, muito breve o mundo estará livre dum patife!*

*A cólera do velho bandido foi terrível. Ergueu-se dum salto, com a sua navalha de marinheiro em punho...*

—Janjoca, faz alguma coisa!

A voz de Laurentina puxa João Benévolo dos domínios da aventura para projectá-lo na realidade triste. Contrariado por ser interrompido num momento crítico, ele levanta os olhos com uma raiva surda.

Laurentina está ali na sua frente, de braços moles. É a estátua do desânimo, a imagem do aborrecimento. Suas pálpebras agora

estão caídas, enquanto ela vai soltando as palavras uma a uma, arrastadamente:

—Que é que vai ser de nós? Faz alguma coisa...

João Benévolo fecha o livro e começa a assobiar o *Carnaval de Veneza*. O retrato de Napoleão Bonaparte está impassível na parede; ele olha o campo de batalha, embriagado de glória; não sente fome, nem sede, não tem mulher e filho para sustentar, não precisa mudar de roupa. Que feliz é Napoleão Bonaparte!

Mas Laurentina continua:

—Porquê não vais falar com o teu ex-patrão?

—Não adianta...

A voz lamentosa insiste:

—Conta p'ra ele como a gente vive...

—Não tenho jeito...

—Pode ser que ele te dê algum lugarzinho... Ou uma recomendação.

João Benévolo quisera sumir-se. Transformar-se numa mosca e sair voando pela janela. Quisera ser uma mesa, uma cadeira, um armário, um rato—pelo menos agora enquanto a voz aborrecível realeja esta canção lamurienta de miséria.

—Vai, João Benévolo, amanhã o dinheiro acaba... Queres que a gente viva à custa do seu Ponciano?

João Benévolo estremece ao ouvir o nome do outro.

—Isso não!

Mas a explosão é fraca. Depois da chama, gelo. Mal a última sílaba do nome de Ponciano se esvai no ar, João Benévolo esquece o ressentimento, o rival, a miséria. Neste momento, ele só tem uma necessidade imperiosa: livrar-se da mulher.

—Está bem...—concorda fracamente.

Laurentina torna a fechar os olhos:

—Mas vai mesmo... Vai... Pede. Pode ser que ele arranje.

—Pois sim.

—Vai agora.

João Benévolo olha para o relógio:

—Uma e dez. Ainda é cedo. Ele só vai às três para o escritório...

Laurentina suspira e volta para o quarto. Napoleãozinho está lendo um número atrasado do «Tico-Tico».

João Benévolo, muito preocupado com a sorte do doutor, volta para a novela.

«*O doutor nem pestanejou. Os olhos de ambos cruzaram-se em desafio mas o capitão logo baixou os seus e guardou a navalha; rosnando como um cão batido, voltou a sentar-se.*»

João Benévolo suspira, aliviado.

Ao menos no livro as coisas correm como a gente quer...

# 41

Enrolada no chale (apesar do calor da hora) D. Eudóxia está sentada na sua velha cadeira de balanço que, ao oscilar para a frente e para trás, produz um ruído surdo.

Fernanda acaba de lavar os pratos do almoço. Pedrinho, deitado na sua cama, lê uma brochura velha.

Fernanda pensa com desgosto no serviço que vai ter esta tarde no escritório. Cartas pedindo o resgate de títulos, comunicações a Bancos. A mesma chapa de sempre. Depois as enormes minutas de Leitão Leiria, cheias de adjectivos complicados, pretensiosas e ocas. E quando ele a manda dactilografar os seus artigos políticos para o jornal? Horrível...

A torneira escorre água para a pia e, enquanto esfrega o último prato, Fernanda pensa em como seria bom se ela conseguisse nomeação de professora. Uma escola num subúrbio. As crianças. O quadro negro. Os mapas. Carinhas de todos os feitios, morenas, brancas, pálidas, coradas, gordas, magras, marotas, tristonhas, insolentes, assustadas... E o prazer de ensinar, sentar-se na classe com o aluno e, como uma irmã mais velha, ir dizendo coisas, como quem conta uma história, sem carrancas, sem gritos, com amor. Como ela adora as crianças e como teria prazer em lidar com elas...

Começa a enxugar o prato, perdida nos seus pensamentos. E quando imagina de novo as caras dos alunos surpreende-se ao descobrir no meio delas o Noel do passado, o Noel que ela levava para a escola, pela mão. Mas o Noel menino que ela vê agora tem muito, muito, do Noel homem que lhe falou ontem em Ipanema.

A voz de D. Eudóxia vem da varanda:

—Não gastes muita água! O dono da casa reclama.

Fernanda não responde. Não tem resposta. Põe o prato em cima da mesa e começa a enxugar as mãos.

Mas agora a aula sumiu-se e só lhe ficou Noel no pensamento. E por mais que ela queira esconder, por mais que se queira iludir, a verdade revela-se-lhe.

E aquela realidade que ela se tem esforçado sempre por não reconhecer, o sentimento que tem procurado abafar com escusas mentirosas, vem agora à superfície, agora, nesta hora morna, calada, de repouso.

Não é possível iludir-se mais. Ela ama Noel. (Mesmo mentalmente a palavra *amor* tem um som equívoco, quase ridículo. Se se inventasse outra para substituir o termo tão batido?) Seria bom que eles pudessem seguir num prolongamento daqueles dias

da infância, como dois bons amigos, sempre juntos... Afinal, por que não há-de ela ter direito a um pouco de felicidade?

—Fernanda!—Outra vez a voz da mãe.—Ainda não terminaste esse serviço?

E o som surdo da cadeira-de-balanço. Surdo e ritmado.

—Já está pronto! Já está pronto, dona Rabujenta!

Volta aos seus pensamentos. Não. É absurdo. As linhas paralelas nunca se encontram. (Lembranças da escola de D. Eufrásia Rojão, que dizia com a sua voz metálica: «Linhas paralelas são linhas rectas equidistantes que por mais que se prolonguem nunca se encontram.») Ela e Noel pertencem a dois mundos diferentes. Os pais dele opor-se-iam. Ele mesmo não teria coragem. Tão desamparado, tão sem vontade... E, além disso, quem garante que ele a ame? Não. É melhor pensar nas cartas da firma. «*Acusamos o recebimento de seu estimado favor...*»

Fernanda desce as mangas do vestido e vai apanhar o seu livro, para aproveitar os minutos que lhe restam.

Pedrinho largou a novela. Não pôde ler duas linhas. Sempre a imagem de Cassilda a perseguí-lo a todo o instante. Por mais que tente convencer-se de que tudo o que sente é uma bobagem, uma coisa infantil, absurda—não consegue esquecer a rapariga. Pensa nela todas as horas. Engana-se nas contas, erra nos talões. O gerente da loja já falou. Mas é inútil... A ideia de que Cassilda vive num beco imundo, na janela, oferecendo-se a todos os homens que passam... Como a vida tem situações terríveis! No entanto, Cassilda é uma boa rapariga. Por que será que nunca conta nada do seu passado? Parece tão conformada, tão feliz... Outras contam histórias... eram noivas, o noivo fez-lhes mal, elas ficaram atiradas, caíram na vida... Mas Cassilda não. É um mistério. Nunca se queixa... Oh! Se ele fosse mais velho, tivesse um bom emprego, tirava Cassilda do beco, levava-a para uma casinha limpa e quieta, iam os dois viver felizes.

Pedrinho olha para o tecto. Uma aranha cinzenta está atraindo uma mosca. A cena é divertida. Mas dentro de poucos segundos Pedrinho esquece mosca e aranha para pensar de novo em Cassilda. Tem a impressão de que está vendo aqueles olhos verdes, sentindo o contacto de seda daquela pele, o bafo quente que sai daquela boca; ouvindo a voz suave dizer: «Olá, nêgo!»

Remexe-se na cama.

Mas é uma loucura. Os amigos já descobriram a paixão e riem dele. E se a mamã descobrir? E se Fernanda desconfiar?

Pedrinho levanta-se.

Mas enfim Cassilda é uma mulher como as outras. Ele tem visto muita mulher casada inferior a ela. Que diabo! Paixão é coisa que pode acontecer a qualquer um...

Abre a gaveta da mesa de cabeceira. Sacode a caixa de cha-

rutos. Aqui está o dinheiro com que vai comprar um colar Sloper para ela. Mais dois mil réis, ficam completos os seis...

Na janela do alto da casa fronteira aparece um vulto. O professor.

A voz de D. Eudóxia:

—Pedrinho! Fernanda! Está na hora de vocês saírem para o emprego. O professor já apareceu à janela.

Pedrinho veste o casaco com preguiça. Fernanda larga o livro e vai empoar o rosto.

O ruído ritmado da cadeira de balanço continua.

## 42

O professor olha a rua.

Na porta da sua sapataria, Fiorello descasca uma laranja. Um cachorro magro e pelado senta-se-lhe aos pés e ergue o focinho para o italiano, pedinchão. Um automóvel passa. Uma criança de dois anos, muito crespa, corre até à sarjeta, com as calças caídas e a cara lambuzada de caldo de feijão e fica sentada à beira da calçada, muito quieta e atenta, como se estivesse a assistir a um espectáculo interessante. Na frente do seu mercadinho, o árabe Said Maluf conversa animadamente com um vendedor ambulante. Da sua janela, o capitão Mota grita para o vizinho:

—Lindo veranico de Maio!

E do outro lado vem a resposta:

—É verdade! Que Deus o conserve!

Clarimundo olha para a casa fronteira. A velha de preto está na cadeira de balanço, que oscila como um berço. A menina bonita e o rapaz barulhento estão descendo a escada, saem para a calçada e vão-se, rua fora. O gramofone do outro vizinho hoje felizmente não está tocando. Mas lá está ele beijando os filhos. Decerto vai sair também. (Clarimundo tem uma ideia vaga de que os outros homens também precisam trabalhar, têm os seus empregos, com horário fixo, etc....)

D. Veva aparece à sua janela e sacode para fora um tapete que desprende uma nuvem de poeira que a luz doura. No quintal, um cachorro atropela as galinhas.

Clarimundo palita os dentes com vagar. Hoje precisa insistir com os rapazes a respeito da pronúncia de *to have*. Eles, em sua maioria, não pronunciam o *h* aspirado. Ora, isto é um defeito horrível. Não convém escrever a pronúncia figurada, senão os rapazes, quando forem grafar os vocábulos ingleses, correm o risco

de escrever a sua pronúncia figurada—o que é outro desastre mui grave. Porque o ensino das línguas hoje em dia...

Clarimundo perde-se em divagações.

Uma criança começa a chorar nas vizinhanças da sua janela. Um comboio apita. Uma nuvem muito grande esconde o Sol, lançando sobre a travessa das Acácias a sua sombra suave.

Clarimundo pensa no homem de Sírio.

—Vai ser uma obra muito interessante!—garante para si mesmo.

E sorri.

## 43

O telefone do *hall* tilinta. Vera toma o receptor.

—Alô! Quem fala?

E a voz, do outro lado do fio:

—Aqui é a Chinita! É a Vera?

O rosto de Vera ilumina-se:

—Querida! Como vais?

Imagina a cara viva da outra: os olhos negros, a franja lustrosa de chinesinha, o nariz petulante, os lábios grossos.

—Vou bem. Olha, Vera, tu podias vir até aqui?

—Agora?

—Agora. Estamos arrumando a casa p'ra de noite. Eu queria que tu nos ajudasses... nos desses uma ideia. Estamos pregando os quadros... Bá! Que trabalho! Quando chegar a hora da festa, acho que estou morta... Podes vir?

Vera pensa um instante.

—Está bem. Vou já!

—Então eu espero-te. Adeuzinho.

—Adeusinho. Toma!

Vera estrala um beijo sonoro no fone. Chinita responde com uma risada.

Vera vai correndo para o quarto.

Grita para baixo:

—Rita: mande o Jacinto pôr o auto na frente.—E para a mãe, que está na varanda.—Mamã: vou até a casa da Chinita.

D. Dódó ergue os olhos do livro que está lendo (*A Vida de St.ª Teresinha*) e pergunta:

—Vais demorar?

Mas Vera já está fechada no quarto. D. Dódó baixa os olhos. Passam-se cinco minutos. Ouve-se o ruído do motor do *Chrysler*, na frente da casa. Vera desce a escada, apressada:

—Adeus!

—Manda logo o automóvel, minha filha, tenho muitas obrigações para hoje.

D. Dódó ouve a batida da porta da rua e pouco depois o ronco do motor do carro, que arranca.

Fecha o livro por um instante e fica a pensar nos compromissos do dia. Visitar dois dos seus pobrezinhos naquela Rua de S. João. Falar com a secretária da *Sociedade das Damas Piedosas* a respeito das notícias para a próxima quermesse. Passar pela casa das Monteiro para avisar que a distribuição de cobertores no asilo ficou para domingo que vem. Ir a casa da senhora do Dr. Martins combinar o dia da quermesse. Passar pela loja, dar um beijo no Teotónio (detalhe indispensável) e levar mais um frasco de *Nuit de Noel*. Ah! E também comprar umas fitinhas para pôr nas camisas de dormir de Vera. (Essa menina não cuida da roupa dela! Eu nunca vi tamanho indiferentismo. Ai!)

Com um suspiro, D. Dódó torna a abrir o livro:

«*Podia em tais circunstâncias alimentar esperanças de ser admitida de pronto no Carmelo? Para fazer-me crescer em virtude num momento, fazia-se mister um milagrezinho e este milagre tão desejado fê-lo Deus no dia inolvidável, 25 de Dezembro de 1886. Nessa festa do Natal, nessa noite abençoada, Jesus, meigo Infante recém-nascido de uma hora, mudou as trevas da minha alma em catadupas de luz. Fazendo-se fraco e...*»

D. Dódó esquece o livro e pensa no seu milagre. Foi há dez anos. Teotónio tinha caído de cama com uma pneumonia dupla. Três médicos à cabeceira. Dois desenganavam. Só um tinha um restinho de esperança. Um dia ela foi ajoelhar-se aos pés da imagem de St.ª Teresinha e pediu: «*Se ele sarar, eu prometo ficar mais religiosa do que sou e só cuidar da Santa Madre Igreja e da caridade. Amén.*» No dia seguinte Teotónio melhorou; a febre baixou; os médicos criaram alma nova. Explicavam: «*O organismo reagiu.*» Mas secretamente ela sabia que não tinha sido o organismo e sim a vontade de Deus Nosso Senhor e a mediação de St.ª Teresinha. Passaram-se os dias e Teotónio foi melhorando. A convalescença. A volta da saúde. Quando ficou em condições de andar, ela levou-o à igreja e contou-lhe o milagre. (Dódó ainda se recorda da lágrima que brotou indiscreta no olho do marido). E nos anos que se seguiram ambos se dedicaram de corpo e alma à Igreja e à Pobreza. Ela, com o auxílio moral e material do marido, organizou festas de beneficência, deu dinheiro para os hospitais, asilos...

Quando pensa no seu milagre, D. Dódó sente um amolecimento interior e tem vontade de chorar. Depois, o silêncio da casa e da hora, e a impressão funda desta vida de St.ª Teresinha, tão bonita e tão santa...

D. Dódó reclina-se na cadeira e, seguindo um conselho que

sempre lhe dá Monsenhor Gross, procura pelo pensamento aproximar-se de St.ª Teresinha. Com os olhos do espírito ela vê a noviça de quinze anos, o Carmelo, as vigílias, as orações, a...

A campainha da porta corta-lhe a meditação. D. Dódó sobressalta-se. A criada vai atender. Rumor de vozes.

—O senhor faça o favor de passar...

D. Dódó escuta. Curiosidade. A esta hora—quem será?

A criada aparece:

—Um senhor do jornal. Quer falar com a senhora. Mandei entrar p'rà sala.

D. Dódó levanta-se, azafamada, põe o livro em cima da mesa. Compõe a fisionomia, fabrica um sorriso e entra.

O homem, que está sentado, ergue-se. Uma cabeça pontuda e calva, nariz vermelho, óculos, roupa surrada, sorriso sem dentes.

—D. Dódó, desculpe o incómodo que lhe dou...

—Seu Marcondes, muito prazer!

Durante a sua longa gestão à frente de sociedades beneficentes, D. Dódó tem tido inúmeras ocasiões de tratar com o Sr. Marcondes. É da *Gazeta*. Muito serviçal. Faz notícias muito elogiosas. E depois é um crente, toma comunhão, vai à missa todos os dias.

Apertam-se as mãos efusivamente.

—Sente-se, por favor.

Marcondes senta-se.

—A que devo a honra?...—começa D. Dódó.

Marcondes tosse, entorta a cabeça e fala com a sua voz viscosa:

—Não vê que nós, jornalistas, somos muito indiscretos... —Sorriso. Olhinhos brilhantes.—E sabemos que uma certa pessoa muito querida dos pobrezinhos e da nossa alta sociedade está fazendo anos depois de amanhã.

D. Dódó procura fazer a cara mais surpreendida deste mundo.

De quem se trata? Palavra que não compreende. Não tem a menor ideia. Marcondes sorri.

—Então não sabe? Ora não diga, D. Dódó. Quem é a figura mais querida dos pobrezinhos? Quem é uma das damas mais distintas da nossa sociedade que faz anos depois de amanhã?

—Mas... mas... o...—gagueja D. Dódó.

Marcondes sacode a cabeça oblonga; a sua calva reluz.

—Pois então eu digo. É a muito virtuosa esposa do nosso digníssimo amigo e colaborador Sr. Teotónio Leitão Leiria.

E solta uma risadinha fina, contente consigo mesmo.

—Oh! Este seu Marcondes sempre com as suas gracinhas...

D. Dódó sorri com modéstia. Curto silêncio. Outra vez a voz viscosa:

—Pois, D. Dódó, a *Gazeta* quer entrevistá-la para a edição de quarta-feira. Já temos o seu cliché. Quer dar-nos a honra?

—Seu Marcondes, mas eu fico muito acanhada...

D. Dódó é toda modéstia. Declara-se a mais insignificante das criaturas que Deus deitou ao mundo. Indigna de desatar as sandálias dos mais humildes... Mas não senhora! A quem devemos os nossos asilos, as nossas festas de caridade mais bonitas?... Não, senhora!

Outro silêncio. Por fim:

—Para facilitar—diz Marcondes—eu trago um questionário. —E tira do bolso um papel.

—Para quando quer as respostas?

—Se possível, para amanhã à noitinha, o mais tardar. Pode ser?—D. Dódó sacode a cabeça: sim, com a graça de Deus.—Bom!

Conversam mais alguns minutos. Por fim o Sr. Marcondes, «não querendo importunar mais», levanta-se com cumprimentos e mesuras. D. Dódó acompanha-o até à porta.

Despedida. Protestos de admiração e amizade. E o Sr. Marcondes vai-se de chapéu-carteira à cabeça, caminhando com os pés espalhados como o *Charlot*, guarda-chuva no braço.

D. Dódó fica com o seu questionário e a sua grande sensação de felicidade.

## 44

Barulho e movimento no palacete de Zé Maria Pedrosa. No parque, os electricistas atarracham as lâmpadas grandes de mil velas e os longos colares de pequenas lâmpadas coloridas. Dentro da casa as marteladas ecoam por todas as peças. Gritos.

Vera e Chinita estão empenhadas em escolher lugares para os quadros. São telas que o coronel comprou nas últimas exposições. Paisagens e nus.

Chinita, no alto de uma escada, olha para Vera e discute:

—Acho que este quadro fica melhor no *hall*.

—Aqui na varanda já te disse que também fica bem.

Sentado na poltrona, com o jornal em cima dos joelhos, Zé Maria assiste à discussão e resolve ser o mediador.

—Deixa ver essa figura—pede.

Chinita mostra-lhe a tela. É uma paisagem: telhados e por cima dos telhados um céu distante de Outono; no primeiro plano, roupas coloridas a secar, pendentes duma corda.

Zé Maria examina a paisagem, carrancudo. E depois decide:

—Eu acho que esse *troço* ficava muito bom se não tivesse essas roupas secando nas cordas. Onde é que se viu roupa secando na sala de jantar? Eu sou um homem rude mas compreendo as coisas.

Vera explode numa gargalhada. Chinita torce-se de riso.

—Ora, papá—diz.—Se a coisa é assim, onde é que vamos pôr os nus?

O coronel não se perturba.—Pois ponham-nos na casa de banho.—E solta a sua risada gutural em *é*. Continua a ler o jornal. «*Com a presença do que a nossa sociedade possui de representativo, inaugura-se hoje o luxuoso e confortável palacete que o coronel José Maria Pedrosa, capitalista residente nesta cidade, mandou construir para sua Ex.ma família nos Moinhos de Vento.*»

Zé Maria goza. A notícia é um estimulante. Ergue-se, lépido, e vai gritar na cozinha:

—Quantos croquetes fizeram? Quinhentos? Mas é muito pouco. Mandem buscar mais duzentos à confeitaria.

Faz novas recomendações sobre o champanhe. «Quero da estranjera»—especifica.

Duas mulheres de vestidos arregaçados lustram o parquete.

Um homem sem casaco passa carregando às costas uma barra de gelo. O pintor alemão dá o último retoque na pintura da parede do *hall*. E vem, vitorioso, para o coronel:

—Eu não lhe tisse? Derminei ou non derminei!

—Terminou—concorda Zé Maria.—Mas eu só sinto que vocês não pintaram as vacas como eu pedi. Ficava bonito. Dourado...

Uma criada vem dizer que o chá está pronto. Chinita convida:

—Vera, vamo-nos preparar para o chá?

—Vamos.

Sobem. No quarto, Chinita senta-se na cama. Está corada do esforço que fez. A sua pele morena é um contraste com o pijama azul-marinho. Os seus seios rijos sobem e descem, querendo furar a seda. Vera senta-se também na cama e contempla-a longamente. E pensa coisas... Chinita não sabe a força que tem: com estes olhos, este corpo... Pena é que não tenha compostura: muito intempestiva, às vezes. Demasiadamente preocupada com artistas de cinema. Diz asneiras com facilidade. Criancices. No entanto, é tão atraente, tão apetitosa, tão...

—Estou sem coragem...—diz Chinita.

Mas Vera nem ouve. Está a olhar para a outra com paixão, olhar fixamente para os lábios dela, tentando espantar, afugentar um desejo absurdo. Mas o desejo é uma onda que lhe sobe no peito, com uma força inexplicável. Estes lábios...

De repente, Vera segura com ambas as mãos a cabeça de Chinita e começa a beijar-lhe a boca com fúria. Perdendo o equilíbrio, ambas tombam para a cama. Vera continua a beijar a amiga incessantemente numa violência desesperada. Chinita sacode os braços, quase num abandono, surpreendida e ao mesmo tempo deliciada. Primeiro ri e pronuncia palavras que Vera lhe corta com beijos:

—Lou...quinha! Cre...do!

E depois abandona-se toda às carícias da amiga, fecha os olhos e imagina que Vera é Salú.

Batem à porta. As amigas separam-se, rápidas.

—Quem é?—pergunta Chinita.

Uma voz do outro lado:

—O chá está esfriando.

—Já vamos.

Agora Vera só tem vontade de surrar Chinita, surrar muito. Olha-se no espelho do penteador: está muito corada. Lavam e empoam o rosto em silêncio, penteiam-se e descem para a varanda.

D. Maria Luísa está sentada na sua cadeira. Imóvel. Não toma parte nos preparativos. Não diz uma palavra. Lavra assim o seu protesto mudo contra o desperdício, contra a loucura. Para quê festa? Para gastar. Para quê tanta comida, tanta bebida? Só para deitar dinheiro fora.

Não. Ela lava as mãos como Pilatos. Amanhã, quando todos estiverem na miséria, não podem lançar as culpas para cima dela.

A voz de Chinita:

—Mamã, venha para o chá!

—Não quero.

Não tomar chá também é uma forma de protesto.

Chinita, Vera e o coronel sentam-se à mesa. Chá com torradas e presunto.

No corredor do primeiro andar, passa um vulto de pijama. É Manuel, que acaba de acordar. Está pálido, amarfanhado, barba de um dia. Vai com a toalha debaixo do braço, sentindo um gosto amargo na boca.

Por toda a casa estruge ainda a sinfonia dos martelos.

No parque os electricistas experimentam as lâmpadas novas. Mas a luz do Sol apaga todas as outras luzes menores.

## 45

Fechado no quarto, Noel pega na pena e começa a lutar com a folha de papel em branco. Está resolvido a começar o seu romance. No fim de contas, quem tem razão é Fernanda. É preciso dar um passo na direcção da vida, na direcção dos homens. Não é só nos contos de fadas que há beleza e encantamento.

Mas que poderá sair do tema do homem desempregado? Como começar?

As vidraças da Floresta chamejam. Nos quintais há sombras

verdes e azuis. O rio reflecte com fúria a luz do Sol. Olhando da superfície do rio para a superfície do papel também inundado de Sol, Noel tem a mesma impressão de impassibilidade rebrilhante.

Um nome para o herói. Flávio? Não serve. Muito romântico. Deve ser um homem bem simples, para dar ao leitor a impressão de verdade. Pedro? Ou José? José Pedro. O nome está escolhido.

Para começar, José Pedro está debruçado à sua janela, olhando para as crianças que brincam na rua. A ronda infantil traz-lhe à mente uma recordação da infância.

Noel começa a escrever. Tem a impressão de que Fernanda está presente em espírito, está a seu lado, a dar-lhe sugestões, a incitá-lo.

E começa a primeira frase:

«José Pedro debruça-se à sua janela e olha para a rua. Debaixo dum plátano, na calçada, um grupo de crianças brincam de roda.»

Noel pára. Relê. Parece ouvir a voz de Fernanda a seu lado: Vamos! Para a frente!

## 46

Atravessando o salão grande do Bazar Continental para subir ao escritório do patrão, João Benévolo vai encolhido, mistura-se com os fregueses, temendo ser reconhecido pelos antigos colegas. Antigamente vinha trabalhar com roupas baratas, mas discretas, limpas e bem passadas. Agora a sua fatiota cinzenta está amassada, tem manchas de gordura, mangas poídas.

João Benévolo sabe o caminho. Lembra-se do dia em que o chamaram ao escritório para lhe dizerem que estava despedido. Sobe os degraus em silêncio. Um cartão com estes dizeres na porta: «*Entre sem bater*». Chapéu na mão, coração batendo com força, João Benévolo entra. Na primeira sala, as duas mulheres. Vendo Fernanda, João Benévolo tranquiliza-se. É a sua vizinha. Uma conhecida: provàvelmente uma aliada. Sorri.

—Olá, João Benévolo? Como vai a sua gente?

—Todos bons. E a senhora? A sua mãe?

—Muito bem, obrigada.

Silêncio. Fernanda pergunta:

—Veio procurar o patrão?

—Vim.

Nova pausa. Embaraço.

—As coisas vão correndo mal, hem?

João Benévolo tem vergonha de confessar a verdade. Mente:

—Nem tanto. Nós tínhamos umas economias. Em todo o caso,

quando a gente está trabalhando, sempre é melhor, não é?— Fernanda sacode a cabeça.—Por isto eu vim falar com o Sr. Leitão Leiria.

—Espere aqui que eu vou ver.

Fernanda entra no escritório do patrão. João Benévolo olha em torno. A rapariga de óculos escreve por trás do seu vaso de flores:

—Desculpe, D. Branquinha, eu não tinha visto a senhora.

Branquinha ergue os olhos e diz com indiferença:

—Bom dia!

Fernanda torna a aparecer:

—Pode entrar.

João Benévolo nem se lembra de agradecer a mediação de Fernanda. Entra no escritório de Leitão Leiria com o chapéu e o coração na mão.

As poltronas de couro, as telas na parede, o tapete verde onde os pés se afundam sem ruído—tudo isto concorre para aumentar o embaraço de João Benévolo. Sentado à sua escrivaninha, Leitão Leiria fuma o seu charuto, muito teso na cadeira.

—Às suas ordens.

—Não vê que...—gagueja João Benévolo—eu sou aquele que trabalhava na loja, na secção de armarinho...

Os olhos de Leitão Leiria cravam-se nele.

—Oh! Muito bem! Como vai o senhor? Queira sentar-se!

Aponta para uma poltrona. As amabilidades surpreendem João Benévolo.

—Fuma charuto?

—Não. Obrigado. Não fumo.

—Muito bem.

Leitão Leiria sopra uma baforada de fumo para o tecto, atira-se para trás na sua cadeira e pergunta:

—Em que lhe posso ser útil?

O seu rosto demonstra interesse. João Benévolo está embasbacado.

—É que eu não arranjei emprego ainda... Se o senhor soubesse de alguma coisa... Algum amigo... Alguma outra casa que precise... Se não for possível, não faz mal, não quero que o senhor se incomode por minha causa... Mas acontece que estamos mal...

Leitão Leiria fica pensativo por alguns segundos. Pega da carteira e diz:

—Eu poderia auxiliá-lo com algum dinheiro...

João Benévolo ergue-se num salto para imediatamente se surpreender da impetuosidade do seu gesto.

—Não—diz—muito obrigado. Não é dinheiro. Eu queria um emprego...

Leitão Leiria mete de novo a carteira no bolso. Ergue-se da cadeira e começa a passear dum lado para outro.

—Tenho uma ideia—diz ele—parando na frente do interlocutor.—Vou dar-lhe um cartão recomendando-o ao meu amigo Mendes Mota, da Fábrica Brasileira de Mosaicos. Espere.

Senta-se à mesa e começa a escrever em um de seus cartões de visita:

«*Meu caro amigo. Tenho o prazer de apresentar-lhe o Sr.*—Como é o seu nome? João Benévolo?—«*o Sr. João Benévolo, cidadão de bons costumes, trabalhador, empregado exemplar, que deseja obter uma colocação na firma de que Vsa. é muito digno sócio. Faço questão cerrada de que Vsa. atenda o meu recomendado nas suas justas pretensões.*»

De Vsa. etc., etc. A assinatura toda cheia de floreios: Teotónio Leitão Leiria. Mata-borrão. Envelope.

João Benévolo mete o cartão no bolso e desfaz-se em agradecimentos. Arrependeu-se de tudo quanto pensou de mal a respeito de Leitão Leiria. No final de contas, o homem é muito melhor do que parecia. *Não quer um charuto? Em que lhe posso ser útil?* Como a gente se engana com as pessoas...

Fazendo uma reverência profunda, João Benévolo sai. Tão atarantado que se esquece de dizer adeus às meninas.

Leitão Leiria pega do receptor do telefone e pede um número e depois diz um nome.

—És tu, Mendes? Aqui é o Leitão Leiria. Vou bem. Olha, mandei aí um sujeito com um cartão. Quero avisar-te... Foi um desaparto, tu compreendes. Pediu emprego. Ia ficar-me amolando a tarde toda, tive de tomar uma providência. Podes rasgar o cartão. O homem não me interessa.—Pausa.—Não! Absolutamente. Os amigos são para as ocasiões. Tu compreendes, nesta nossa vida de comércio acontecem destas... Obrigado. Quando quiseres fazer o mesmo comigo... Bom. Adeus! Obrigado.

Pendura o receptor. Ajeita a gravata e dá um chupão forte no charuto.

## 47

Quando o relógio bate cinco horas (há certas horas que têm uma significação especial na vida da gente) Virgínia dá os últimos retoques no rosto—*rouge* nas faces, *crayon* nas sobrancelhas, *bâton* nos lábios, pó de arroz—e vai para a janela.

Ele já está na esquina, como todas as tardes. Os seus olhos estão voltados para ela. Cumprimenta-a com discrição, tira o chapéu num gesto recatado, com uma pequena curvatura. Ela inclina a cabeça. E, tendo entre eles a largura duma rua, duma calçada e dum jardim de cinco metros, ficam a olhar-se, como um par de jovens namorados.

Como no tempo em que eu era menina—pensa Virgínia.

Um eléctrico passa. Virgínia recua um pouco e fica protegida por uma das folhas da janela. Alcides passeia dum lado para o outro, sem afastar os olhos dela.

Ao menor ruído que se produz na casa, Virgínia volta-se, num sobressalto.

Bem como antigamente—pensa ela—bem como no tempo de menina.

O Sol desce. As sombras crescem. E avoluma-se no peito de Virgínia um desejo morno, esquisito, novo.

## 48

A *baratinha* corre pela faixa de cimento que margina o rio, rumo da Tristeza. Contra o clarão de vermelho e ouro do horizonte recorta-se a silhueta negra das montanhas e das ilhas. Redondo e vermelho-bronzeado, o Sol vai descendo. O rio capta todas as cores do céu. Salú, segurando o volante, cabelos ao vento, diminui a marcha do carro. Olha a paisagem. A cidade é uma ponta que avança Guaíba a dentro, uma massa violeta, de recorte caprichoso, com faiscações e manchas claras. Uma névoa muito ténue a envolve. Uma chaminé solta fumarada para o céu. Os trapiches de pernas longas reflectem-se trèmulamente na água do rio, que é negra e rebrilhante perto das margens.

A *baratinha* corre. Do lado esquerdo da estrada aparecem chalés e *bungalows*, quintas e pomares, barrancos sangrentos vertendo água, cercas de granito, árvores isoladas. Às vezes um cão sai de dentro dum jardim e persegue o automóvel, latindo perdidamente.

Na ponta dum trapiche, um rapazola em mangas de camisa pesca com caniço. À porta dum clube de regatas dois remadores conversam: camisetas verdes, *maillot* justo, braços, coxas e pernas à mostra.

Salú vai num adormecimento. A marcha do carro é macia. A tarde, morna. Chega-lhe às narinas um cheiro fresco do mato. Cartazes anunciam terrenos em praias novas. Guaíba. Espírito Santo. Belém-Novo. Ipanema. Na encosta dum morro, no meio da massa verde-escura do arvoredo, berra o telhado vermelho duma casa nova. A faixa de cimento corre na frente do automóvel, torcendo-se toda como uma enorme jibóia cinzenta. Um automóvel *beige* passa pela *baratinha* de Salú em sentido contrário, veloz. O horizonte está ainda mais afogueado. A ponta do Sol

já começa a desaparecer atrás das montanhas. Longe, a cidade parece uma visão de sonho, envolta na névoa dourada.

Salú não pode afugentar da mente a imagem de Chinita. É uma doença que ele agora tem no corpo. Uma obsessão. Está impregnado de Chinita. Esta tarde cariciosa, com os seus perfumes quentes, o seu colorido forte, a sua névoa, e o seu Sol de brasa— só pode avivar-lhe o desejo. Salú pensa em Chinita. Mas numa Chinita que só tem corpo, que é só carne. Num cartaz uma moça de *maillot* recomenda uma praia da moda. Salú recorda as cenas da piscina, os contactos deliciosos debaixo de água, as palavras cochichadas, as insinuações.

Mal se ouve o ruído do motor. Salú acelera a marcha do carro. Olha a paisagem. Morros cobertos de vegetação. Telhados. Jardins. Árvores floridas. Mulheres, homens, crianças. O comboio de Tristeza que passa, apitando. Casinholas.

A noite vem descendo de mansinho.

## 49

A Lua brilha sobre a Travessa das Acácias.

Pela calçada passam raparigas de braço dado. Janelas iluminadas. Na loja *Ao Trovão da Zona* um negro bêbedo arranca dum acordeão sons sem sentido. O capitão Mota está sentado com a mulher na frente da casa. D. Veva, à sua janela, queixa-se para o vizinho do moleque do bodoque.

—Pois aquele negro sem vergonha não deixa o meu pombal em paz.

A luz dos candeeiros é fraca e amarelenta. Por cima dos telhados estende-se o céu claro, todo pontilhado de estrelas. E na travessa tranquila a janela que está mais perto do céu é a do professor Clarimundo.

Antes de ir para a aula o professor recebe a visita habitual do sapateiro Fiorello.

—É como lhe digo, seu Fiorello, no fundo isso é uma questão de boa vontade.

Fiorello muito vermelho, faz um gesto teatral:

—Ma o povo era indisciplinato...

—O povo sempre foi indisciplinado... *Panem et circenses*... é o que querem.

Fiorello dá de ombros. *Panem et circenses?* Ele não entende francês...

—Mussolini endireitou a Itália. O signore vedja...

Mas Clarimundo está firme no seu ponto de vista:

—Não acredite, seu Fiorello. Isso são coisas de jornal.

—Ma... ma...

Fiorello está tão excitado que não encontra palavras. O professor é um homem muito instruído, *tale e cosa*, neste ponto *no tê razô*.

Clarimundo continua a sacudir a cabeça.

—A metade dessas histórias que os jornais contam são potocas. Potocas para chamar a atenção do público.

—Mio primo Salvatore que mora em Napole me escreveu dizendo...

—O seu primo nem podia dizer outra coisa. A censura deve ser forte...

—Ma que censura!

Fiorello treme, vermelho, encolhido, dá pequenos pulinhos, junta as mãos como quem vai orar e sacode-as, sempre juntas, diante do rosto do professor, repetindo a pergunta:

—Ma que censura! Ma que censura!

Clarimundo faz um gesto apaziguador.

—Está bem. Não se exalte. Vamos dizer que alguma coisa do que se conta de Mussolini seja verdade...

—Giá...

Fiorello acalma-se. Senta-se de novo.

—Tudo isso está errado, seu Fiorello. E sabe quem é que vai aclarar a história? É o meu homem de Sírio.

—O sírio? O sô Maluf do mercadinho?

Clarimundo sorri, com benevolência.

—Não, homem. Não. Eu explico. Estou escrevendo um livro...

—O signore mesmo?...

—Sim, eu. Trata-se dum homem que lá de Sírio... O senhor sabe o que é Sírio? É uma das estrelas mais brilhantes do Firmamento. Pois, como eu dizia, trata-se dum homem que lá, de Sírio, por meio dum telescópio mágico, olha a terra e descobre a verdade das coisas.

—Vedja só...

—Essas histórias todas de Mussolini, de crise económica, de comunismo, tudo isso aparece sob uma feição nova.

—Giá...

—O meu homem de Sírio vai fazer revelações sensacionais...

—O signore já botô tudo no livro?

—Ainda não. Qualquer dia destes começo a escrever o prefácio explicativo da obra...

*Prefácio explicativo*. Fiorello não entende mas sacode a cabeça, numa aquiescência.

Clarimundo caminha até a janela. E fica, com um ar satisfeito e sereno, contemplando o céu, como se fosse proprietário de todas as estrelas.

# 50

O salão de festas do palacete do Coronel Pedrosa fervilha de convidados. As vozes entrecruzam-se, emaranham-se e confundem-se dentro do dia artificial criado pelas lâmpadas invisíveis. A orquestra toca no *hall*, estridente, abafando as badaladas do grande relógio que neste momento bate as dez horas.

Pelos cantos do salão vêem-se grupos. Há uma fileira de cadeiras em que se perfilam senhoras idosas que conversam e observam. (Zé Maria foi pródigo nos convites. Amigos e conhecidos seus; relações de Chinita...) No meio do salão alguns pares dançam.

Um criado passa com uma grande bandeja em que as taças de champanhe semelham uma pequena floresta de árvores de cristal com copas de ouro.

Na varanda — as grandes mesas de frios e doces. Cinco enormes perus recheados e crivados de palitos com fatias de limão erguem para o tecto as pernas mutiladas. Os *croquettes* sobem em pirâmides morenas em doze pratos vermelhos de cerâmica. (O coronel pensou num churrasco ao ar livre. «Que horror!» — disse Chinita. — «Desista da ideia, papá. Que coisa anti-social! Olha que não estamos na estância...») As sanduíches formam altas montanhas de neve pintalgadas de vermelho desbotado dos presuntos. Numa enorme travessa de prata a maionese (ideia luminosa do Coronel Zé Maria) parodia a bandeira do Rio-Grande: o amarelo do molho de ovo, o vermelho de beterraba e o verde das folhas de alface e das talhadas de pepino.

Ao lado dessa mesa, corre paralelamente a mesa dos doces, que é uma confusão de cores. Os quindins são estrelas de ouro, as gelatinas (vermelhas, brancas, cor-de-rosa, âmbar) têm a forma de peixes, leões, polvos, flores. Há um grande bolo que é um arranha-céu em miniatura. Um chafariz de chocolate jorra a água amarela dos fios de ovos. E mais algumas dúzias de pratos com doces secos, uns famosos, outros anónimos.

Quando a música cessa, cresce o rumor das conversas.

O coronel olha o salão com olhos contentes. Apesar do colarinho engomado que lhe comprime as carnes do pescoço, apesar da camisa de peito duro, apesar do calor forte que está fazendo («Vai chover...» — disse uma voz no meio da multidão), apesar dos sapatos de verniz que lhe apertam os calos, ele sente-se feliz.

«Se o Madruga visse tudo isto!» Seus pensamentos voltam-se para Jacarecanga. Valia a pena mandar buscar o Madruga, pagar-lhe a passagem de ida e volta, dar-lhe hospedagem... Só para ele ver, só para ele se roer de inveja...

Zé Maria não se cansa de olhar para os convidados. Um sorriso para cada um. Muitos são gente que ele nunca viu. Mas gente distinta, está-se vendo, gente que traja bem, que sabe pisar, que sabe falar, que sabe dançar. Sim, senhor! Quem havia de dizer!

A música duma marchinha invade o ar luminoso. Os pares saem dançando.

O Dr. Arménio aproxima-se do dono da casa.

—Olá, doutor. Como le vai?—pergunta Zé Maria, estendendo a mão.

—Muito bem, agradecido.—Apertam-se as mãos.—Uma festa linda!—acrescenta Arménio.

E na sua mente a frase ecoa em francês: *Quelle jolie soirée!*

Ficam olhando os pares. Os vestidos das mulheres são notas coloridas. Decotes fundos. Braços nus onde faíscam jóias.

Ar perfumado, quente, entorpecedor. A música berra forte. Arménio tem de gritar para se fazer ouvir:

—Que grande é o seu salão, coronel!—Sente-se na obrigação de elogiar. Dever de cortesia. Está agora regando uma flor (pobre flor, rude flor) do seu jardim social.

O coronel, sorri, lisonjeado. E retruca:

—É um potrêro!

Arménio não confia no testemunho de seus ouvidos.

—Como diz?

—Digo que é um potrêro!—repete Zé Maria, rindo em *ê*.

Arménio sente-se picado pelo espinho da flor silvestre.

Que diferente das flores de estufa! Sorri amarelo e pede licença. Vai procurar Vera. Pensou nela por contraste. Seus olhos viajam pelo salão, fazendo pequenas escalas rapidíssimas pelos rostos femininos. Meu Deus, ela não teria vindo ainda? *Mon Dieu!* Ela não virá! Tomara que venha. É possível que esta noite seja definitiva.

Sentada na sua poltrona, num canto do salão, D. Maria Luísa olha a festa como uma estranha. Não. Esta casa não é sua, nunca foi, nunca será. Ela pertence à pobreza: apesar dos dois mil contos da lotaria nunca deixou de pertencer à pobreza. O seu meio, o seu chão é a casa humilde de Jacarecanga: linguiça frita, leite com farinha de beiju na sobremesa, rosquinhas de polvilho com café, guisadinho de quibebe, cinema aos domingos, calma, conversas com os vizinhos por cima da cerca, paz... Esta luz, estes brilhos, este barulho, esta gente—tudo a assusta. A música é uma profanação. É o mesmo que tocar sambas num cemitério. Não. Ela ainda continua pobre. Amanhã, quando o dinheiro acabar e a miséria negra chegar, ela não quer sentir remorso, não quer que a culpem de desperdício e extravagâncias. Por isso fica aqui sentada, como uma convidada indesejável, olhando, respondendo

com monossílabos às perguntas, retribuindo com um sorriso de canto de boca os elogios que fazem à casa ou à festa.

D. Maria Luísa olha e mentalmente vai calculando os gastos. Sempre foi fraca nas quatro operações. Mesmo com lápis na mão ela erra. Mas há um sexto sentido com o qual agora ela consegue descobrir precisamente o quanto se gastou, o quanto se vai gastar.

Chinita e Salú dançam, muito agarrados. «*Uma festa na casa de Joan Crawford*»—pensa ela. Salú sente contra a palma da mão a aspereza macia e arrepiante do vestido de veludo de Chinita; o seu polegar toca na própria carne das costas dela, bem no ângulo formado pelo profundo decote do vestido.

Que perfume é este que a circunda como uma aura? Ele não o pode identificar. Um perfume tropical, quente, que provoca um desejo mole, sonolento e abandonado.

A orquestra toca um tango argentino. O bandónion marca o compasso milonga, arrastado. Salú e Chinita deslizam. Sob seus pés o parquete é liso e rebrilhante como uma pista de gelo. E eles fazem figuras sinuosas, face, peitos, ventre e coxas colados. O dedo polegar de Salú comprime fortemente a carne das costas de Chinita.

—Vais ficar com a minha impressão digital...—diz ele de mansinho ao ouvido dela.

Chinita sorri mas não entende... Digital, digital, digital... Deve ser alguma coisa de dedo, porque ao dizer estas palavras ele apertou o polegar com mais força.

—Tu te lembras daquele verso de Guilherme de Almeida? —continua ele.—Entre nós não há espaço para um beijo...

Chinita sorri. Agora ela sente-se à vontade porque conhece o poema. Levanta o rosto para o namorado e diz:

—Não haverá mesmo?

—Aqui na sala talvez não... Mas quando é que vamos dar uma volta no parque?

—Mais tarde... Tem paciência.

A volta pelo parque para Salú é uma obsessão. Ele formou um plano maluco... Nem é bem plano. Um pressentimento, ou apenas desejo que não cessa. Qualquer coisa há-de acontecer no parque. Alguma coisa, de qualquer maneira. Hoje ou nunca. Salú não mede consequências, nem quer pensar nelas. Só continua a existir para ele a necessidade clamorosa de amar Chinita, de possuir Chinita, integralmente, de extorquir com violência ou com persuasão todo, todo o gozo que porventura exista em potência neste corpo, todo, todo, de maneira a não deixar ser possível nem um restinho para os que vierem depois... O parque... Foi a ideia que o acompanhou durante as últimas horas do dia. O parque, a sombra das árvores, o parque...

O último gemido do bandónion marca o fim do tango.

Os pares deslocam-se. Salú, ao afrouxar a pressão do seu abraço, tem a impressão de que se separa duma parte de seu próprio corpo. E essa impressão corresponde a uma dor. Dor física. De dilaceramento.

Os homens batem palmas. As conversas crescem.

—Então?—cicia Salú.—Passam dez das dez... Quando queres sair?

Chinita pensa um segundo.

—Às onze espera-me na alea do lado. Agora, dá-me licença que vou atender os convidados...

Com um sorriso despede-se, faz meia volta e sai na direcção do *hall*. Salú acompanha-a com o olhar. E fica a imaginar a carne que há por baixo daquele vestido de veludo negro, continuação do campo moreno que aparece numa amostra provocante no V do decote.

Exactamente no momento em que os Leitão Leiria chegam a orquestra começa a tocar uma marcha. D. Dódó faiscante e perfumada, cumprimenta os conhecidos. Vera, muito empertigada e esguia no seu vestido de lamé prateado, parece uma figura do *Vogue*—como diz Arménio. Leitão Leiria sai do vestiário, arrumando a gravata e alisando depois com as palmas das mãos os cabelos na calva rosada e polida.

Zé Maria vem ao encontro dos recém-chegados.

—Boa noite! Boa noite! Pensei que não queriam vir à festa porque era em casa de pobre!—Ri com gosto.

Os Leitão Leiria respondem ao cumprimento. Casa de pobre? Oh! Mesmo que fosse. Todos os homens são iguais. O que se olha não é o dinheiro mas sim a qualidade da criatura. (Que patife! —pensa Leitão Leiria com uma raivazinha fina mal contida.) D. Dódó olha para o grande lustre do *hall* e lamenta que tanto dinheiro tenha sido empregado em coisas tão inúteis. Se em vez de comprar estas bugigangas pretensiosas o coronel desse o dinheiro às *Damas Piedosas*, ao asilo, à igreja... Mas imediatamente lhe vem à mente que Teotónio lhe disse: Zé Maria vai fazer um donativo de 25:000$000 às obras da catedral. Mas, longe de gerar simpatia pelo doador, a lembrança cria na piedosa senhora uma espécie de ressentimento que é quase inveja.

—Façam o favor de passar! Façam o favor.

Zé Maria vai abrindo caminho. Chinita vem ao encontro da amiga. Vera estende os braços. Beijam-se.

—Vem pôr pó... não queres?—convida Chinita.

Sobem a escada.

—Onde andará a Maria Luísa! Diabo!—exclama Zé Maria, olhando para os lados.

—Não se incomode por minha causa—diz D. Dódó com resignação evangélica.

Leitão Leiria analisa as pinturas. Que indignidade! Desenhos em cores berrantes, douraduras. Está-se vendo por todos os lados o gosto do novo-rico. Os pensamentos fervem-lhe na cabeça.

—Bebe uma champanhezinha, patrício?—O dono da casa sorri, gentil.

—Aceito.

Uma frase esplêndida para um artigo irónico a respeito dos novos-ricos canta na cabeça de Leitão Leiria: «*Por todos os cantos berliques e berloques, ouropéis e franjaduras, coruscações de ouro falso, mistura estonteante de estilos, falta de gosto e delírio de ostentação.*»—O coronel grita para um criado que vai passando: «Epa, moço! Me traga duas taças de champanhe.»—O artigo continua no cérebro de Leitão Leiria: «*E ele quer a todo o custo introduzir-se na sociedade, fazer-se querido. Não tendo valor próprio...*»

—Quer sentar um pouquinho?...

Leitão Leiria faz um aceno afirmativo de cabeça. Sentam-se. Zé Maria procura assunto. O outro prossegue na composição do artigo.

«*Não tendo valor próprio, veste-se do brilho ilusório dos enfeites que se compram e procura agradar com presentes pródigos, com festas e banquetes.*»

—Gosta da casa?

—Admirável—diz Leitão Leiria, com conspicuidade.—Verdadeiramente admirável.

Como que movido por uma mola, Zé Maria ergue-se num salto:

—Que cabeça a minha! Vou le mostrar a casa. Vamos ver primeiro lá em riba...

Dirigem-se para a escada.

A música cessa. Palmas. O criado chega com as taças de champanhe.

—Nós ia-se esquecendo da beberrança—diz Zé Maria. Volta-se e estende a mão para a bandeja.

## 51

Maximiliano estende a mão ossuda para apanhar o copo de leite que a mulher lhe dá.

—Tome todo. O doutor disse.

O quarto do tuberculoso está abafado. Um cheiro pestilencial no ar. O médico recomendou que deixasse a janela aberta. Mas a mulher do doente não abre, supersticiosa. Dizem que a morte entra pelas janelas abertas, de noite. Além disso, foi uma corrente de ar que lhe deixou o marido assim.

Maximiliano toma o leite. Um acesso de tosse o sacode. Uma mancha de sangue vermelho e vivo tinge a brancura do leite.

A mulher olha, com cara impassível. Na porta os dois filhos espiam. Que é que ela vai fazer? O doutor disse que não tem jeito. É questão de mais um dia, menos um dia. Agora, o remédio é esperar. A morte chega, ele pára de tossir, pára de sofrer. O velório, o enterro e depois todos descansam. Pode ser que aconteça alguma coisa de bom. Mesmo que não aconteça não faz mal. Sem ele ali na cama, sofrendo e vendo esta miséria, vai ser melhor. Ela tem tempo de trabalhar, procurar uma ocupação, mandar os guris para a escola.

Maximiliano agora está com a cabeça atirada para trás, cansado do esforço. Sua respiração é estertorosa e difícil. A luz da vela alumia apenas uma parte do quarto. Ao redor da zona de luz, há sombras. Na sombra os ratos roem e conspiram. Calor. Vêm ruídos lá de fora. A rua hoje está alegre. O gramofone do vizinho continua a tocar. A mesma valsa.

Os olhos de Maximiliano voltam-se para a porta. Ele diz uma coisa baixinho. A mulher inclina-se para ouvir. A voz dele é um sopro:

—Eles deviam estar dormindo...

Ela sai para ir meter os filhos na cama.

Maximiliano compreende que o fim não tarda. E espera.

## 52

Os convidados cercam as mesas de doces e de comidas frias. Comem, falam, bebem, riem. Uma senhora gorda diz que tem raiva de quindins. Um rapazola de óculos confessa que tem paixão por manjar branco. Um senhor calvo mente que nunca comeu fios de ovos.

Há uma rapariga bochechuda que jurou demolir a pirâmide de *croquettes*. Outros preferem fazer alpinismo nas montanhas das sanduíches. Os criados passam com garrafas de champanhe envoltas em guardanapos, enchendo as taças.

Vera mastiga miudinho uma sanduíche. Arménio olha para

a flor mais fina e dilecta do seu jardim social e pede licença para se servir dum pepininho.

—Veja a evolução dos costumes sociais, senhorita Vera.

Vera continua a mastigar, muito distante da sanduíche e do admirador. O seu pensamento voa para o salão. Chinita deve estar com aquele odioso Salú, confundidos os dois num abraço apertado, como no fundo da piscina. Ela não compreende que está sendo arrastada, que fatalmente terá de se arrepender um dia... Tolinha, tolinha, tolinha!

Arménio continua a falar sobre a evolução dos costumes sociais:

—Antigamente era feio misturar bailes e comidas. Uma taça de champanhe, no máximo. Hoje, não... Fazem-se jantares dançantes e é com a maior displicência que o cavalheiro e a dama deixam o salão para ir comer sanduíches e *croquettes*. A senhorita gosta deste costume? Gosta?

A pergunta insistente desperta Vera, que volta ao mundo dos frios e de Arménio:

—Gosto, mas prefiro as de *pâte*.

—Não. Eu estou falando é dos costumes sociais modernos...

—Ah!

A orquestra toca um samba. *Froide*—pensa Arménio—*absolument froide. Comme une statue de marmore...* E mastiga o seu pepininho desconsoladamente.

## 53

Noel e Fernanda conversam sentados nos degraus da escada. O corredor está sombrio. Lá dentro, na varanda, D. Eudóxia, enrolada no seu chale, balança a sua cadeira. Enxerga-se pela porta aberta um pedaço da rua e, lá do outro lado, a porta da casa da viúva Mendonça. De quando em quando passa uma pessoa pelo vão da porta.

—Que é que achas?—pergunta Noel.

Os olhos de Fernanda brilham foscamente na sombra.

—Acho que vai bem. Agora é ter força de vontade e continuar. Quantas páginas escreveste?

—Vinte. Foi um esforço. A todo o momento estava caindo em narrações autobiográficas, contando coisas da minha infância. De repente, comecei a sentir que perdia o contacto com a realidade e que já estava enveredando para o domínio das fadas. O meu herói já não tinha consciência da sua miséria...

Fernanda sorri e pensa: «Quando a gente nunca sentiu a miséria, nem pode imaginar...»

Noel continua:

—Sentia-se feliz porque lhe davam paz para sonhar. A miséria da casa dele era uma miséria dourada. Ele esquecia a mulher, os filhos e a falta de empregos e começava a recordar a infância com os seus mistérios e os seus contos de fadas...

Pausa. Noel fala sem olhar para Fernanda. Lá de dentro vem o baque da cadeira de balanço. De quando em quando um pigarro de D. Eudóxia.

—E o mais alarmante—prossegue Noel—é que o meu homem se negava a reconhecer a sua condição de desempregado, relutava em ver a necessidade. Até a fome para ele era uma ilusão...

—Provàvelmente escreveste depois dum almoço bem farto...

A voz é de Fernanda—pensa Noel, olhando para a porta—mas estas palavras não são parecidas com ela. Tão amargas, tão irónicas, tão áridas... Noel volta o rosto para a amiga. A sua expressão é de dor.

—Desculpa—diz Fernanda—eu não te quis magoar...

Agora sim, Fernanda é Fernanda. Outra vez a menina de voz suave que fala a língua bonita do mundo das fadas, a língua do mundo de Noel.

A fisionomia dela é serena. Noel contempla-a demoradamente. A penumbra dá-lhe mais coragem de encarar a companheira.

O silêncio envolve-os como uma carícia inquietadora. Sim, o silêncio, porque o bam-bam cadenciado da cadeira já se integrou no silêncio geral.

O romance fica esquecido. Noel sente que agora em todo os seu ser só existe lugar para um desejo. Um desejo sem nome ainda, mas delicioso, envolvente, encantadoramente misterioso.

—Fernanda...—diz ele. E não conhece o som da sua própria voz.—Hoje o papá ofereceu-me um lugar no escritório, talvez mesmo sociedade...

Pausa. Outra vez o silêncio. E depois a voz calma de Fernada:

—E então?

Noel passa desamparadamente a mão pela cabeça, olha para a rua e vai dizendo como se falasse para si mesmo:

—Custa mas estou resolvido... Disse que aceitava... Quem sabe? Talvez me adapte. Talvez vença e consiga ficar humano Tu lembras-te daquela história do Pinitim que a tia Angélica me contava? Pinitim subiu para a Lua num balão de S. João e viu-se no meio dos selenitas... Não entendia a língua deles, tinha fome e não sabia pedir comida, tinha sede e não sabia pedir água. Ninguém entendia a fala de Pinitim. Pinitim foi ficando magro, com saudade do seu mundo...

Pausa. Silêncio curto.

—E então?—Outra vez a voz de Fernanda.

—Eu sou como Pinitim... Não entendo a língua do mundo dos homens.—Os olhos sempre fixos na porta, a mão nos cabelos. —Os homens não entendem a linguagem do meu mundo. Não é terrível?

Noel sente no braço a pressão dos dedos de Fernanda.

—Mas, Noel, o mundo de Pinitim existia, ele voltou e de novo foi feliz. O teu mundo é uma ilusão. Não há volta possível. O teu país maravilhoso acabou com a infância e com a tia Angélica. No dia em que te convenceres disto tu te adaptarás...

—Mas é que eu procuro convencer-me e não consigo. .

—Outra ilusão: não procuras. Tu alimentas a tua mentira com outra mentira. Com livros, com músicas, com coisas que te distanciam do mundo de verdade. É preciso que te convenças de que a tia Angélica te contava histórias de *mentira*...

—Mas eram histórias bonitas...

—A vida é uma história bonita. Uma aventura, eu já te disse. A gente nunca sabe o fim... Não é sensacional? A incerteza do amanhã, as diferenças de temperamento, os choques, os conflitos, o amor e até mesmo o ódio... Não é lindo?

Noel lembra-se do entusiasmo de Fernanda no tempo em que no colégio ela defendia as suas ideias.

A mesma convicção. A mesma firmeza. O mesmo calor.

Silêncio curto. Fernanda continua:

—Talvez seja melhor que escrevas a história da tua infância. Mas escreve e analisa, disseca, decompõe e verás que tudo era mentira. Era um mundo de papel de estanho e de fogos de artifício. Talvez escrevendo consigas matar a mentira.

—Talvez...

—Aceita a proposta de teu pai. Um passo na direcção da vida e dos outros homens—do mundo de verdade. Pinitim precisa convencer-se de que na Lua só há montanhas geladas.

Noel lança o derradeiro argumento:

—Mas para quê? Para quê?

Fernanda não se dá por vencida:

—Para que, olhando o mundo com olhos de humano, tu estejas em condições de enxergar umas paisagens bonitas que eu te quero mostrar.

—Tu?—A voz de Noel tem algo de irreal.

—Eu. Levando-te pela mão como nos outros tempos... Então?

Noel fala como num sonho:

—Seria lindo!

E fica imaginando visões encantadas.

# 54

Salú e Chinita caminham pelo parque, de mãos dadas. Por cima das árvores, estendem-se os colares de lâmpadas coloridas. O céu está claro e estrelado. Ar parado. Calor.

Pelos caminhos que cortam o parque em diversas direcções passam pares de namorados, conversando baixo. Lá de dentro, escapando-se pelas janelas iluminadas, vem a música da orquestra e o rumor das conversas.

Salú e Chinita caminham em silêncio.

—Linda noite—diz ele.

—Um pouco quente.

—Vai chover.

O silêncio cai de novo. Que diabo!—pensa ele.—Estou-me comportando como um colegial. Este diabo deixa-me tonto.

Continuam a caminhar, entram por uma alameda de pinheiros europeus cuja folhagem em forma de cone vai até o chão. As sombras das árvores sobre a relva dos canteiros são dum verde veludoso e escuro.

—Queres sentar?—perguntou Chinita.

—Não. Vamos p'ra mais longe. Quero dizer-te uma coisa...

A voz dele é estrangulada. Chinita vê a cara congestionada do namorado e fica presa dum temor agradável. Salú sente que as veias das suas têmporas pulsam.

—Queres ver a vista lá do fundo?

Ele faz que sim com a cabeça. Seguem, contornam a casa e chegam ao fim do pátio que termina num gradeamento sobre um barranco. Lá em baixo brilham as luzes da cidade que sobem para o céu nocturno, numa poeira de ouro. O rio é uma chapa de aço. Piscam luzes na silhueta negra das ilhas. No centro da cidade, dominando o casario, apaga e acende um letreiro luminoso azul e vermelho. As torres da Igreja das Dores silhuetadas contra o céu. Janelas iluminadas. O ruído surdo dos eléctricos. Buzinas de automóveis.

Salú e Chinita ficam olhando sem ver. Ela treme toda, na antecipação de algo muito grande que ela pressente vai acontecer. E a sensação é tão estranha que ela diz, quase sem pensar:

—Que frio!

E encolhe-se toda, muito embora *sabendo* que a noite está abafada e faz calor.

Salú aproxima-se dela por trás, passa os braços por baixo dos braços dela e, segurando-lhe os seios no côncavo das mãos puxa o corpo da rapariga contra o seu. Chinita torce-se toda,

num desfalecimento. Deixa cair a cabeça. Os lábios de ambos procuram-se e mordem-se. Ela vai-se voltando aos poucos. Abraçam-se com violência, frente a frente. Os olhos de Salú procuram, rápidos... Entre o muro e o contraforte da piscina, num ângulo morto, há um canteiro de relva e o nicho formado pela folhagem dum pinheiro... Num segundo, Salú resolve.

Como se dançassem, colados um ao outro, os dois deslizam trèmulamente para o canteiro. Salú conduz, manso. Mas quando chegam a pisar a relva a suavidade transforma-se em fúria.

Salú deita Chinita. Ela deixa escapar um grito sem vontade:

—Não!

Mas ele continua. Chinita sente contra as costas nuas a aspereza fresca da relva. Vai dizer novamente não, mas os lábios de Salú esmagam-lhe na boca a negação fraca. Chinita abandona-se. Por uma falha na folhagem do arvoredo ela vê, duma maneira quase inconsciente, uma nesga de céu onde brilha uma estrelinha.

Chinita, braços inertes, está num abandono absoluto. A cabeça de Salú cresce diante de seus olhos e, interpondo-se entre eles e o pedaço de céu, esconde a estrelinha cintilante.

Às três horas da madrugada, saem os últimos convidados.

Apagam-se as grandes luzes do parque. Agora só se ouve o rumor dos criados que fecham portas e janelas.

—Que festão!—exclama Zé Maria, descalçando os sapatos e desabotoando o colarinho.

Sentada na sua poltrona, D. Maria Luísa está ainda em silêncio. Olha para o salão iluminado e vazio como quem contempla uma catástrofe. Mais de cinco contos de réis postos fora. Talvez oito. Talvez mesmo dez. Para quê, Santo Deus, para quê?

Zé Maria espreguiça-se e boceja:

—Onde está a Chinita?

Maria Luísa encolhe os ombros. Sei lá!

—E o maroto do Manuel? Por que não ficou p'ra festa?

A voz de D. Maria Luísa parece que está anunciando um desastre de morte:

—Decerto foi ver as mulheres à toa. É a vida dele. Parece que não mora aqui. Quando amanhecer, ele volta, para dormir até as quatro...

Passam-se os minutos. Os criados apagam as luzes e retiram-se.

—Vamos embora?—convida Zé Maria. E sobe para o quarto, descalço, com os sapatos na mão.

D. Maria Luísa fica no escuro. Silêncio. Assim é melhor. Ela não vê os vestígios do desperdício. Não enxerga os espelhos, os lustres, as douraduras, os jarrões. Pensa.

Jacarecanga. Zé Maria está jogando escova com o vizinho. Manuel foi para o bilhar com os amigos. Chinita passeia na frente da casa e anda de namoro com o juiz distrital, bom moço, inteligente e muito sério. O pé de madre-silva do muro está muito perfumado. Vem da cozinha um cheiro de açúcar queimado. Paz. Paz. Paz.

D. Maria Luísa baixa a cabeça e desata a chorar baixinho.

A chuva lá fora cai em pingos grossos.

# TERÇA-FEIRA

## 55

Que dia brabo!—exclama Fiorello para o professor Clarimundo, que passa sob o aguaceiro, de guarda-chuva aberto.

O professor pára um instante.

—Neste século, seu Fiorello, até o tempo anda maluco. Ontem, céu limpo. Hoje, esta chuva...

—Não quer entrar?

—Não, obrigado. São quase oito. Tenho de ir para o colégio. Até logo.

—Até logo, professore!

Clarimundo retoma a marcha. A chuva cai forte e desenha nas pedras da calçada uma flora esquisita de respingos. Uma criança sai correndo de dentro duma casa com um barquinho de papel na mão, agacha-se na sarjeta, larga o barco na corrente e volta para casa correndo. Encolhido mas indiferente à chuva, Clarimundo continua a caminhar.

O que convém frisar é o absurdo do infinito pessoal na nossa língua. Pois muito bem! O francês tem infinito pessoal? Não. O inglês tem? Também não. No entanto o infinito pessoal existe, é preciso acatá-lo, empregá-lo com correcção. Pois muito bem!

Mentalmente, Clarimundo vai compondo a sua lição.

No rio encapelado da sarjeta navegam cascas de laranja, gravetos, folhas secas, pedaços de papel.

O guarda-chuva de Clarimundo está furado. O professor sente no rosto os respingos frios mas não tem consciência do que está acontecendo. Está de guarda-chuva, logo é impossível que a chuva lhe esteja batendo no rosto.

Com o seu passo miúdo ele caminha sempre. Na esquina, pára junto do poste e fica esperando o eléctrico.

Os trilhos espicham-se rua fora, a água escorre-lhes pelos sulcos. Um eléctrico aproxima-se, Clarimundo dá dois passos

e ergue a mão esquerda. Com um ranger de freios o eléctrico estaca.

Durante alguns segundos Clarimundo luta para fechar o guarda-chuva. A mola não obedece. Desesperado, rosto em fogo, Clarimundo sobe para a plataforma, ficando com a copa do guarda-chuva para fora. O eléctrico põe-se em movimento. Clarimundo, que tem ambas as mãos ocupadas no guarda-chuva, perde o equilíbrio e vai de encontro ao guarda-freio, que o ampara.

—Desculpe—diz ele, embaraçado.—Este maldito guarda-chuva emperrou.

E segurando o balaústre com uma das mãos, faz movimentos incríveis com a outra, procurando fechar o guarda-chuva.

Depois de alguns segundos de luta feroz, consegue fazer funcionar a mola. Suspira, sorri para o guarda-freio, num sorriso de desculpa, e vai sentar-se num banco. Aniquilado, vermelho, ofegante do esforço, o coração batendo, como se acabasse de sair dum desastre.

—Olhem só o que me aconteceu...—pensa ele. E fica ruminando o incidente.—Que estupidez!

O eléctrico corre. A chuva continua a cair. As caras dos passageiros são cinzentas e moles. Cheiro de roupas e de couros molhados. O condutor aproxima-se para cobrar a passagem. Pára na frente de Clarimundo, esperando. O professor ainda pensa no «desastre». Ora essa é muito boa! Que estupidez!

—A passagem, moço!

Clarimundo atarantadamente procura dinheiro. Bolsos do colete, vazios. Bolsos do casaco, de dentro e de fora, vazios. O coração de Clarimundo bate forte. O rubor aumenta. Senhor! Quando um homem sai de casa com o pé esquerdo... O condutor espera, paciente. Clarimundo apalpa-se, revira os bolsos. Sorri contrafeito. E por fim, com uma sensação de alívio, encontra no fundo do bolso das calças uma moeda de mil réis. Recebe o troco e fica todo encolhido no seu banco, sem ousar olhar para os lados, com a certeza dolorosa de que toda a gente no eléctrico viu o seu ridículo e o seu embaraço.

Quando desembarca sai tão atrapalhado que se esquece de abrir o guarda-chuva. Na porta do colégio esfrega os pés no capacho e olha o relógio. Atrasado cinco minutos. O contínuo, um mulato de dentes de ouro, cumprimenta:

—Bom dia!

Tira o sobretudo, as galochas e o chapéu. O mulato aproxima-se para ajudar.

—Aconteceram-me dois desastres no eléctrico...—começa a explicar o professor.

E conta a sua odisseia

# 56

O frio e a humidade vão-se aos poucos infiltrando na casa e no corpo de João Benévolo e da sua gente. Começam a pingar goteiras do tecto e da varanda. Laurentina distribui pelo chão bacias de folha e caçarolas para aparar a água.

João Benévolo, encolhido de frio, acocora-se em cima duma cadeira.

—Que casa horrível!—diz. E acrescenta, já de antemão convencido de que nunca há-de fazer o que vai dizer: Vou reclamar p'rá viúva. É um abuso.

Laurentina limita-se a olhar para o marido com o rabo dos olhos. E o seu olhar diz tudo: Reclamar? Tem graça. A gente está devendo três meses de aluguel...

O concerto das goteiras começa. Bem no centro da varanda a água cai em pingos grossos sobre a bacia de folha, produzindo um som agudo, metálico e irregular: é o solo. Outras goteiras menores, caindo regularmente contra o fundo das panelas, produzem um som cavo de acompanhamento. Pein-pan-pan. Pei--pein-pan-pan.

Napoleãozinho, sentado na cama e especado entre travesseiros, desenha bonecos com um toco de lápis nas costas duma revista. Um círculo com dois pingos e um traço dentro, um traço vertical espetando o círculo, mais dois riscos — um homem. O homem é Tom Mix. Falta o cavalo. Cavalo é mais difícil de desenhar. Napoleão deita a língua para fora e risca o que para ele é a imagem de um cavalo. Pronto! Tom Mix vai montar a cavalo e dar tiros nos bandidos que roubaram a rapariguinha.

A chuva esborracha-se contra a vidraça. Uma luz cinzenta, pegajosa e fria, invade o quarto. Sentada na cama, remendando uma camisa de dormir, Laurentina bate o queixo.

Novas goteiras rompem. Já não há mais bacias nem panelas para aparar. Laurentina deixa-se ficar onde está, desalentada. O soalho da varanda vai ficando alagado aos poucos. O relógio faz tique-taque. A música dos pingos continua, agora mais forte.

João Benévolo refugia-se no quarto, fugindo à inundação. Faz de conta que está na China. Um aventureiro inglês. O Rio Amarelo cresce, inunda as margens. O aventureiro sobe para o seu iate. (João Benévolo sobe para cima da cama). Capitão: faça andar as máquinas! Todos a postos! E o iate começa a trepidar, a âncora sobe, a hélice gira. O barco do aventureiro vai-se... Pelo rio passam juncos, velas cor de bronze. Chineses de chapéus cónicos remam com enormes remos. Há tectos de casas, cercas, árvores arrancadas à flor das águas...

Napolcão desenha uma casa com chaminé fumegando. Um coqueiro do lado. Tom Mix chega, bate à porta... (As figuras continuam imóveis, mas na imaginação de Napoleãozinho, elas ganham movimento, gesticulam, falam). Pan-pan-pan! Quem é lá? Aqui é Tom Mix! Abra essa porta se não eu meto bala!

Laurentina fere a ponta dos dedos ao empurrar a agulha. Perdeu o dedal. Seus olhos estão anuviados. «Estarei precisando de óculos? Era só o que faltava...» Suspira baixinho. Vai fazendo a agulha passar pela fazenda distraìdamente, enquanto o seu pensamento voa...

No tempo em que morava com as tias ela era uma princesa. Não trabalhava. Vivia à janela. Ia ao cinema. Tinha roupas. E era tão boba que se queixava, que se julgava uma mártir... Agora o que ela tem é frio, medo, um marido sem coragem nem energia, um filho doente, uma casa onde chove como na rua, dívidas e esta vontade de nunca ter nascido...

Lá fora a chuva continua a chiar. As goteiras tamborilam na varanda. A parede do quarto é um grande mapa branco com ilhas e continentes escuros de humidade. De onde será que vem este ventinho fino de gelo?

—Estará alguma janela aberta, Janjoca?

João Benévolo ergue para ela uns olhos sem vida e responde:

—Changai.

A mulher fica olhando para ele, cara pateta, ruga na testa.

—Estás maluco?

João Benévolo desperta para o mundo real.

—Que foi que tu perguntaste?

—Perguntei se tinha alguma janela aberta...

—Ah! Não tem.

Laurentina baixa os olhos para a costura. O relógio estertora nove badaladas. Por um instante a música das goteiras fica abafada. Laurentina começa a chorar baixinho.

Se ela tivesse casado com Ponciano teria sido melhor. Ele não fazia versos, não dizia coisas bonitas mas tinha dinheiro, era organizado, não havia de sujeitá-la a esta situação de miséria e vergonha.

—Papá, o Tom Mix tem dois revólve?

—Tem, meu filho.

—De quantos tiro?

—De seis cada um.

—Por que é que não é de vinte?

—Porque não é.

Napoleão volta para o mundo de Tom Mix. João Benévolo ancora o seu iate em Changai.

Laurentina pensa no dinheiro que Ponciano lhes deu. Hoje vão-se os últimos cinco mil réis. E amanhã que será deles?

# 57

Leitão Leiria, na frente do espelho, dá o último toque na gravata borboleta e fica a mirar-se um instante com olhos de Narciso. Acordou azedo. Deu com o dia chuvoso e escuro e ficou mais azedo ainda. Um gosto amargo na boca e uma dor no fígado fá-lo lembrado do champanhe do Coronel Pedrosa.

«*Nós ia se esquecendo da beberrança!*»

Não lhe saem dos ouvidos as palavras do outro. Que indignidade! E é um homem mal-falante, vulgar e boçal como esse que pretende entrar na sociedade, fazer-se querido do Arcebispo, candidatar-se, talvez, a um cargo público. Que indignidade!

Leitão Leiria levanta o pulverizador de perfume à altura do peito, aperta a pera e recebe no rosto a poeira líquida perfumada.

O bico dourado do pulverizador lembra-lhe os ouropéis da mobília do palacete do coronel. Leitão Leiria exclama mentalmente adjectivos depreciativos. *Snob! Novo-rico! Espalhafatoso! Tartufo!* E procura com esta balbúrdia esconder o ciúme e o despeito que no fundo do seu ser se estão avolumando aos poucos. Porque lhe fez mal ver que o *outro* tinha um palacete que lhe custara setecentos contos, mobílias deslumbrantes, um parque enorme com árvores europeias, repuxo, piscina. Fez-lhe mal ver que o outro dava uma festa animada e concorrida. E, acima de tudo, é-lhe doloroso saber que Pedrosa deu vinte e cinco contos de réis—que indignidade!—para as obras da Catedral. Adulador! Hipócrita!

Leitão Leiria passa a escova pelos cabelos e volta para o quarto.

D. Dódó está deitada, com as cobertas puxadas até ao queixo. Seu rosto redondo e gordo contrasta, amarelo, com a brancura das fronhas. Sua cabeça está envolta numa touca de seda com uma fitinha cor-de-rosa. Seus olhinhos, espremidos ainda do sono, olham com simpatia para o marido.

—Estou atrasado!—Diz Teotónio. Inclina-se sobre a cama e beija a mulher na testa.

—Meu filhinho—não te esqueças da recomendada de Monsenhor Gross.

Leitão Leiria faz um gesto de enfado.

—É verdade! Que buraco!

Imediatamente se arrepende do plebeísmo.

—Perdão, Dódó! Eu não quis dizer buraco. Que contratempo!

Os olhos de D. Dódó mostram compreensão e tolerância. Essas coisas escapam. Ninguém está livre.

Leitão Leiria fica pensativo.

—Tenho de arranjar um meio...

Monsenhor Gross pede com empenho um lugar no escritório para uma recomendada sua. Diz que é menina muito culta, muito séria, dactilógrafa hábil, com conhecimentos de inglês e correspondência comercial.

—Faze o possível, sim? Ela é filha de Maria.

—Filha de quem?

—De Maria.

—Ah! Mas o diabo é que lá no escritório...

—Faze o possível. Foi Monsenhor que pediu... Com tanto empenho, com tanto interesse...—D. Dódó suplica, dulçurosa.

—Vou fazer o possível...

Trocam-se sorrisos de despedida.

Leitão Leiria desce, apanha o chapéu, a capa impermeável, sai, recebe uns respingos de chuva e penetra no interior morno e perfumado do *Chrysler*.

D. Dódó levanta-se pensando na entrevista que tem de escrever para a *Gazeta*.

## 58

Salú acorda com sede. Levanta-se de corpo dolorido, cabeça zonza e vai beber um copo d'água. Olha para o relógio em cima da mesa de cabeceira: dez horas.

Espreguiça-se, abre a boca para um bocejo cantado e vai deitar-se de novo. Fica estendido na cama, de costas, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Recorda-se vagamente dum sonho: imagens esfumadas, coisas sem contornos definidos, formas confusas. Mas a recordação de Chinita agora domina todas as outras.

Salú recorda, Salú rumina o seu gozo. Tudo foi tão fácil, bem como ele esperava. Nada de palavras. Acção. E como o rosto dela se contorceu na surpresa da dor aguda, como o seu corpo moreno se dobrou num movimento de onda, e com que prazer violento e ao mesmo tempo terno e comovido ele a penetrou! Naquele instante tudo em torno se esvaeceu, recuou para um último plano remoto. Os sons do *jazz* que vinham do palacete, o cheiro da relva, o ruído dos eléctricos e das buzinas lá em baixo,

na Floresta. Ele só tinha sentidos para a presença daquela carne quente que palpitava, daqueles olhos que brilhavam na sombra, daqueles lábios mornos e húmidos que ele mordia, daqueles lábios abandonados que diziam palavras que ele mal e mal ouvia. Envolvendo tudo, aquele perfume de Chipre que emanava dela e que lhe chegava à consciência como o perfume mesmo daquele gozo intenso e ansiado.

Pouquíssimos minutos. Depois a sensação de torpor e frescura que dá o desejo satisfeito. De novo ele sentiu sob as mãos a maciez irritante de veludo do vestido e compreendeu nìtidamente o ridículo da sua posição. Levantou-se, compondo-se, Chinita erguia-se devagar. E ele só sentia um desejo: fugir dali o mais depressa possível. Mas ela choramingava palavras. Salú inclinou-se.

—Que é que estás dizendo?

A voz dela era como a de uma criança mimosa:

—Tu gostas mesmo de mim?

Abraçaram-se.

—É claro que sim, meu bem.

—E agora?

Os olhos dela brilhavam dentro da sombra verde. A música do *jazz* chegava mais forte até eles. Vozes.

—E agora?

Salú encolheu os ombros. Que resposta podia dar? Agora... amanhã se vê. Depois conversariam.

—Vamos embora. Pode vir gente.

—Vai tu à frente—pediu ela.

—Está bem. Adeus.

Beijaram-se. E ele foi-se, meio trémulo, com um calor no rosto, por cima dos canteiros de relva, rumo do palacete.

Recordando, Salú torna a desejar Chinita. Levanta-se de novo e vai até à janela. A chuva cai. As chaminés das fábricas dos Navegantes sopram uma fumaça parda para as nuvens cinzentas.

Que estará ela fazendo a estas horas?

Salú entra na casa de banho, despe-se, abre o chuveiro e mete-se debaixo do aguaceiro frio.

Dez minutos depois está vestido, fumando e caminhando no quarto dum lado para o outro. Agora vêm-lhe ao espírito as primeiras dúvidas.

E se a pequena conta aos velhos? Não, não há-de contar. Impossível. E se ela vem com choros, falando em casamento? Isto, sim, é que é possível. Mas uma rapariga rica não precisa de casar...

Batem à porta.

—Quem é?

—O café.

—Pode entrar.

A criada entra com a bandeja do café. É uma chinoca baixa vestida de preto, com avental e touca branca. Entra, cumprimenta e depõe a bandeja em cima da mesa.

—Já bati mais cedo, o senhor decerto estava dormindo.

—Está bem. Pode ir.

Salú fica olhando a criada. É uma mulher de pernas curtas e tortas, pés enormes. Que diferença!

De novo pensa em Chinita. A criada sai e fecha a porta. Salú despeja café na xícara e toma um gole pequeno.

No bule niquelado ele vê reflectido o seu rosto: uma figura grotesca, de cara oblonga e chata, numa caricatura ridícula e desagradável. Se ele fosse assim disforme, com estas mãos desproporcionadas, este aspecto de microcéfalo... Não teria possuido Chinita ontem, nenhuma mulher havia de querê-lo. Se fosse assim deformado, que significação podia ter a vida para ele? A vida sem essa sensação esquisita de ser admirado, de ser invejado,

As recordações atropelam-se-lhe na mente. Salú relembra o colégio. Os colegas respeitavam-no porque ele era forte. As meninas admiravam-no porque ele era bonito. Quando o grupo de amadores levava os seus dramas, sempre o escolhiam para galã. Com que entusiasmo representava! O Pereirinha vestia-se de mulher e caía em seus braços: «*Meu caro Edvino, eu sou toda tua!*» E a castelã abandonava-se ao bravo cavaleiro andante, largando todo o peso do corpo. Salú falava cochichando com o canto dos lábios: «*Não seja besta, não larga o corpo assim que tu rasgas a minha armadura.*» A armadura era de papelão... E no final, quando Edvino, resistindo à tentação, fugia para a montanha e, renunciando à vida, se internava num monastério, a plateia rompia em aplausos, o pano caia e o padre prefeito vinha felicitá-lo: «Muito bem, Salusdiano, admirráfel!» Ganhava merenda especial. Tinha licença de sair no domingo seguinte. E recebia bilhetinhos clandestinos das meninas do arrabalde: «*Mando-lhe esta violeta, veja o que quer dizer no livro dos significados das flores. Sua admiradora Pearl White Brasileira.*» E, em casa, nas férias, todos achavam: É a pérola da família. Por quem puxou? «Por mim» —dizia a mãe. «Acho que foi por mim»—sorria o pai. E na cidade do interior o mocinho estudante que vinha a férias era disputado...

Salú, ainda olhando a cara feia que o espelho mentiroso do bule lhe mostra, lembra-se da sua primeira aventura de verdade. Ela chamava-se Manuela e era filha dum coronel do Exército. Tinha vinte e oito anos e ia casar com um guarda-livros de trinta e sete. Salú tinha dezoito. Amaram-se. Encontravam-se às escondidas. O coronel fazia gosto no casamento com o guarda-livros. Os pais de Salú opunham-se ao namoro. Mas o romance

floresceu. Era na Primavera e uma tarde Salú possuiu Manuela debaixo de pessegueiros floridos. Fugiu alarmado. A rapariga passou um mês fechada em casa. Salú, ao cabo de quinze dias, verificou que a sua paixão era apenas um desejo de aventura. O que ele amava era o amor e não Manuela. Veio Fevereiro e ele voltou para o colégio e para as mulheres. Manuela não teve outro remédio senão ir para o guarda-livros.

Mas ela tinha um bonito corpo e lindos olhos—pensa Salú, sorrindo. E vê, com a memória, Manuela deitada de costas contra a terra roxa pintalgada de flores cor-de-rosa. Mas de repente a terra não é mais terra, é a relva verde e Manuela transforma-se em Chinita.

Um desejo imperioso invade o corpo de Salú. Ele levanta-se bruscamente e vai ao telefone. Faz o disco girar quatro vezes.

—Alô?—Pausa.—Alô? Casa do Coronel Pedrosa? Faça o obséquio de chamar Chinita ao aparelho... Não, é um amiguinho. Ela sabe. Obrigado.—Pausa. Salú esmaga a ponta do cigarro no cinzeiro. Estranha a própria ansiedade, este desejo absurdo de ouvir a voz de Chinita, esta vontade grande de vê-la de novo, de tocá-la, de beijá-la. Com o receptor ao ouvido, Salú percebe ruídos secos de passos ecoando numa grande sala. Deve ser ela.

—Alô?

## 59

Com as mãos enfurnadas nos bolsos do roupão de flanela. Noel encosta a testa à vidraça fria e olha para fora. A chuva cai sobre o seu jardim e sobre os telhados da Floresta. No fundo do pátio os coelhinhos brancos estão muito juntos, encolhidos dentro de sua casinhola. O vento sacode as árvores.

Noel sente um grande amolecimento interior, como se a sua própria alma estivesse a ser batida pela chuva.

Tudo cinzento. Tudo sombrio. Quando pegou na pena para escrever, a pena era fria, o papel era frio. As ideias fugiam-lhe rebeldes. A sua personagem negava-se a viver. Inveterava-se na sua atitude parada: olhando da janela as crianças que brincavam de ciranda na rua. Sempre à janela, como uma estátua, como uma coisa de pedra, sem alma, sem vida.

Tentou a leitura. Neste dia gris nem os livros têm significação. As palavras não querem dizer nada. Parece que tudo se imobiliza num silêncio polar. Procurou um romance tropical. Encontrou nele um sol de gelo, uma vegetação de cinza e criaturas

que berravam palavras brancas de sentido. Abriu cinco livros para fechá-los logo em seguida. Pôs um disco no gramofone. A música deu-lhe um pouco de calor. Mas um calor tímido que se fundia no ar, devorado pela luz grisácea e fria desta manhã de chuva. Por fim ficou sentado, de olhos fechados, caçando recordações.

A casa velha da Rua da Olaria. O colégio. Tia Angélica e as suas histórias. Uma noite de Verão. Lua cheia, dessas que brotam de dentro das florestas encantadas. A casa em silêncio. Ele via um livro com figuras. Tia Angélica dormitava a um canto. Pela janela Noel olhou o céu, onde de repente uma estrela caiu, riscando de fogo o azul fundo.

—Tia Angélica!—gritou ele, apontando para fora.—Eu vi uma estrela caindo.

Então tia Angélica contou a história do fim do mundo. Deus disse que os homens eram muito maus e que então Ele ia mandar uma chuva de estrelas para acabar com o mundo. Derrubou sobre a terra todas as estrelas do céu. Foi uma coisa tremenda: casas e gentes esmagadas, homens, mulheres e crianças gritando de medo e de dor; muitos ficaram loucos.

Noel, encolhido de susto, arriscou uma observação:

—Como é que o mundo nasceu de novo?

Tia Angélica não explicava. O céu nocturno continuava impassível.

Mas nem as recordações da infância satisfizeram Noel. E ele está agora aqui com o rosto colado à vidraça, olhando para a chuva.

Pensa em Fernanda. A estas horas ela está trabalhando, escrevendo cartas enfadonhas, aturando as cretinices do patrão. Ela, uma mulher! Noel recorda-se do que Fernanda lhe disse um dia: «*Não imaginas como é bom, depois dum dia cacete de trabalho, a gente voltar para casa e entregar-se inteiramente aos livros. Eles assim têm mais gosto, um sabor diferente.*»

Noel volta para a sua cadeira, senta-se e fica olhando a sala quieta. Os livros de lombos coloridos enfileiram-se disciplinados nas prateleiras. Nas paredes—os retratos de Debussy, de Beethoven, de Verlaine, de Ibsen. A vitrola de nogueira. O rádio. Livros, retratos de homens mortos, discos—Noel está cansado de fantasmas. O que sente agora é a necessidade de uma presença humana, de um ser de carne e osso, que tenha um coração, que respire, que tenha sangue, que fale, que sinta.

Um ser que o desperte, que o arranque desta prisão, que o transforme de bicho de concha em pássaro livre para grandes voos. Um ser que, levando-o pela mão... Pela mão, como Fernanda nas manhãs em que iam para o colégio...

E no silêncio do seu gabinete Noel resolve que é preciso dar um novo rumo à sua vida. Um homem não pode viver eterna-

mente sòzinho. Precisa libertar-se do mundo dos fantasmas e entrar definitivamente no mundo dos vivos. O tempo passa e é urgente fazer alguma coisa. Escrever um livro, talvez. Conseguir uma posição na sociedade. A troco de que há-de ele ser diferente dos outros? A troco de que devem considerar-se vergonhosos os desejos da carne? Tudo o que se sente é legítimo. No fim de contas ele tem dentro de si grandes coisas em potência, uma energia adormecida. E, bem analisado, o caso não lhe parece de uma dificuldade invencível. Aceitar o oferecimento do pai, fazer um esforço de concentração, matar o mundo de mentira da tia Angélica, dedicar-se ao trabalho. E depois... depois...

Noel caminha agora dum lado para o outro. É preciso sair desta prisão, é preciso quebrar a concha e voar para o ar livre.

Fica a girar em torno destes pensamentos.

Mas tem inteligência bastante para compreender que tudo isto, bem no fundo, se resume numa coisa simples: Ele está irremediàvelmente apaixonado por Fernanda.

A chuva continua a cair.

## 60

Chinita, com o fone ao ouvido, fala em surdina:

—Sim... Eu vou. No Woltmann? Às cinco? Está bem. Adeus!

Larga o fone e sobe para o quarto. Fecha a porta, atira-se sobre o divã e fica ali deitada, em silêncio.

Tudo tão confuso... Ela nem sabe que pensar.. De noite teve sonhos horríveis. O pai morto... ela de luto, a mãe degolada, no meio dum campo sem fim, o rosto de Salú, ao mesmo tempo não era de Salú mas sim dum namorado antigo de Jacarecanga. De manhã, ao despertar, sentiu o corpo dolorido, como se tivesse levado uma sova antes de se deitar. Impressão de febre. E aquele amargor da decepção. O que ela julgara fosse uma coisa misteriosamente boa tinha-lhe ferido a consciência com uma dor brutal. Pelo que lia em novelas proibidas para raparigas, pelo que insinuavam as amigas sabidas, ela como que já conhecia todos os segredos do amor. No entanto, secretamente, numa camada muito profunda do seu ser, esperava uma coisa melhor, mais gostosa, menos violenta; uma união que fosse desprovida de dor.

Ainda agora Chinita parece sentir na carne das costas a aspereza da relva. E a cara de Salú na sombra. E a pressão ardente daquelas mãos. E os seus lábios. E a força dilacerante daquela agulha que aboliu todas as formas do mundo.

Depois, quando ela voltou para a sala, estava tão perturbada, tão embaraçada que parecia que ia entrar toda nua no salão iluminado e cheio de olhos curiosos.

Chinita vê a sua imagem no espelho do toucador. Olha-se com amor. Joan Crawford depois do encontro com Clark Gable, no parque...

Mas num momento a provinciana que há dentro dela desperta e toma o lugar da menina que se fantasia de estrela de Hollywood. E então todas as coisas lhe aparecem com a sua realidade indisfarçável. Ela perdeu a virgindade. Não é mais *moça*, como se diz lá fora. Uma mulher à toa como aquelas muito pintadas e espalhafatosas, que moram nos casebres do Barro Vermelho. Uma pessoa pode chegar-se a ela e dizer aquele nome de quatro letras...

Chinita franze a testa. Um pensamento turbador. E se ficar grávida? À medida que os segundos se escoam a sua inquietude vai crescendo. Não é impossível. Ela conhece casos. Uma prima que morava na estância. Um belo dia apareceu grávida. Houve escândalo. O pai quis dar um tiro nela. Tinha desonrado o nome. Choro na casa toda. Ela em segredo confessou a Chinita que tinha estado com o rapaz só uma vez. Só uma vez.

Agora, Salú telefonou-lhe, marcando-lhe um encontro. E ela não teve coragem de recusar. Apesar da decepção, apesar da dor, apesar da vergonha.

É estranho—reflecte Chinita, sem compreender—ela sente que gosta agora mais do rapaz. Gosta dum modo mais fundo, mais sincero, mais forte. Vontade de estar com Salú. Vontade de passar as mãos pelos cabelos dele. Vontade de viver com ele. Sempre e sempre, ouvindo aquela voz metálica, vendo aquela cara morena e decidida. Sempre, sempre...

As lágrimas brotam nos olhos de Chinita.

De tristeza? De contentamento? De felicidade? De remorso?

Dentro do espelho, Joan Crawford também chora.

## 61

Na porta da sala branqueia a placa: Dr. Arménio Albuquerque—Advogado.

Arménio, sentado à mesa de trabalho, escreve a sua crónica para o *Pathé-Baby*, semanário de vida social.

«*Na linda tarde outonal, o Poeta visita o seu jardim social.*»

Afasta-se do papel e olha o período com carinho. O poeta é ele. Arménio sempre se julgou poeta. Um soneto aos vinte anos. Depois, poemas soltos em revistas mundanas, nas páginas literárias dos jornais, sem prejuizo dos arrazoados, requerimentos, petições. Porque o homem moderno mistura poesia com batatas; é poeta e ao mesmo tempo pedreiro; romancista e representante comercial. Ele gaba-se do seu grande dinamismo—dinamismo que lhe permite ser com êxito e a um tempo advogado de dois sindicatos, cronista social duma revista, correspondente de dois jornais do Rio e leão da moda.

Arménio ergue os olhos e fica pensando. Depois a sua caneta de novo corre sobre o papel.

«*A rua é uma vitrina de brinquedos bonitos. Vemos M.lle Nilda Bragança, com o seu ar de dama antiga. M.lle Zaida Almeida qual fino* bibelot *de Saxe, com o seu* lorgnon *impertinente assestado para a fileira de jovens elegantes que estão parados às vitrinas, assistindo à The Big Parade.*»

Arménio continua a citar. A senhorinha Fulana com o seu vestido de tal cor e o seu jeito assim. A senhorinha Beltrana com seus olhos de amêndoa e a sua boca de rubi. E o desfile das flores continua. O Poeta olha para tudo deslumbrado.

«*O cronista, que é amante do belo sexo...*»

Arménio risca a palavra amante, escrupuloso. Vai dar que falar. Alguém pode maliciar. Melhor substituir por *admirador.*

«*...admirador do belo sexo, olha para o espectáculo maravilhoso de graça e donaire e exclama: «Mon Dieu! Je vous remercie pour ce magnifique spectacle!*»

Mas agora o Poeta vê no meio da multidão uma figura que apaga todas as outras.

«*Surge de repente, como aparição do céu, uma figura que parece saída das páginas do Vogue. É M.lle Vera Leitão Leiria, esguia...*»

Leiria... esguia. Não fica bem. Melhor escrever:

«*esbelta, vestida de verde. «Ses yeux bleu de Prusse...»—como disse Verlaine.—O cronista sente fugir-lhe a terra aos pés e tem ímpetos de ajoelhar-se quando ela passa, fria, hierática, com o seu ar de sacerdotiza antiga.*»

Arménio larga a pena e relê a crónica. Esplêndida! Os rapazes do clube vão comentar. O número de *Pathé-Baby* correrá entre as raparigas de mão em mão. No dia seguinte elas hão-de sorrir-lhe, agradecidas. Sim, porque todas sabem que Maurice des Jardins é ele. E Vera? Não se comoverá?

De repente, Arménio lembra-se de que D. Dódó faz anos amanhã. Naturalmente, haverá recepção. Uma bela oportunidade para ele. Vai fazer uma tentativa. Quem sabe?

Vera é bela. E educada. Sua família tem nome. A loja de Leitão Leiria prospera. (Arménio, como homem moderno, não despreza o dote. «*Não digo que um homem se case só por dinheiro. Mas quando pode unir o útil ao agradável, está claro que é melhor...*» Haverá mais seguro partido para ele, para um doutor, para um homem de futuro? Claro que não. Com o apoio de D. Dódó, que é um trunfo social, com o calor semi-oficial de Leitão Leiria, homem influente na política, provável futuro deputado—ele irá à Fama.

Por ora Arménio contenta-se com ir até à janela.

A chuva insiste.

## 62

As três portas da loja de ferragens de Brito, Moura & Cia. abrem-se para a rua reluzente de humidade. Passam vultos. Com intervalos longos cruzam eléctricos, rolando. Os caixeiros estão recostados ao balcão. De quando em quando pinga um freguês. As luzes estão acesas. Junto da registadora, a caixa—uma rapariga loura e nariguda—dormita.

Pedrinho olha o relógio grande de parede: onze e meia. Como o tempo anda devagar nos dias de semana! Como corre aos domingos! Mana Fernanda também se deve estar aborrecendo no escritório. A mamã está decerto na cadeira de balanço, encolhida debaixo do chale. E Cassilda?

Uma ternura mole como a chuva, mas quente como um sol, invade-lhe o corpo. Pedrinho fica olhando para a porta mas não enxerga a porta nem a rua. Está na casa de Cassilda, deitado com ela na mesma cama, acariciando os cabelos dela. Parece que está vendo de verdade aqueles olhos verdes, aquele sorriso bondoso, aqueles seios miudinhos, empinados, rijos, que ele lá beijou quase chorando. Que bom se ela não se tivesse perdido...

Se em vez de se conhecerem no beco eles se tivessem encontrado num baile de gente direita, tudo ficava diferente... Noivavam. Casavam. Tinham filhos...

Por mais que faça, Pedrinho não pode afastar o pensamento de Cassilda.

Antigamente gostava de andar pelos cinemas, pelos salões de bilhar com os outros rapazes. Agora só deseja que o dia passe, que a noite chegue e que a aula acabe, para ele poder ir ver Cassilda. Por que é que ela não gosta dele? Pedrinho sente que ela o trata bem por pena. Só por compaixão, porque ele é um menino... Tudo hoje está mudado. Em casa já notaram os modos dele. Qualquer dia descobrem-lhe o segredo. Três vezes faltou à aula só para ir ver Cassilda mais cedo. E sempre tem de esperar, porque ela está com outros homens. É horrível.

—Seu Pedrinho!

A voz do gerente da loja. Pedrinho sobressalta-se.

—Senhor!

—Que é que estava fazendo?

—Pensando.

—Pensando morreu um certo animalzinho...

Pedrinho sorri com tristeza. O gerente continua:

—Aproveite a folga e passe um espanador nas caixas de talheres, nas prateleiras. Vamos! Faça alguma coisa.

—Sim, senhor.

Pedrinho pega no espanador. Amanhã vai comprar o colar bonito que viu no Sloper. Cassilda há-de ficar alegre com o presente.

Entra um freguês. Tira o chapéu e sacode-o no ar.

—Que tempo brabo! Nossa Senhora!

## 63

Cassilda olha, primeiro para as suas cartas, depois para a companheira e diz:

—Quem joga és tu.

A mulher gorda de olhos pintados atira uma carta para cima da mesa. Cassilda sorri e atira outra.

A sala está sombria. Um sofá de palhinha e duas cadeiras. Almofadas com bordados berrantes. Um calendário na parede. Retratos de artistas. O *abat-jour* vermelho pendente do teto.

Ouve-se o tamborilar da chuva sobre o telhado de zinco. Uma goteira pinga dentro de um pote de barro. Vem do quarto próximo uma voz rachada e áspera:

*Esta noche me emborracho, bien!*
*Me mamo bien mamao...*

Anda no ar um cheiro enjoativo de extracto barato.

—A Rosa está alegre—diz Cassilda.

A mulher gorda sorri.

—O teu guri vem hoje?

Cassilda encolhe os ombros:

—Sei lá!

—Que negócio é esse de andar tirando as crianças dos cueiros?

Cassilda não responde. Continuam a jogar. Carta sobre carta. A mulher gorda ganha a partida.

—Me deves duas pilas.

—Ahan.

Cassilda põe-se de pé.

—Não quer jogar outra?

—Não.

Vai para o quarto. Olha para fora. Do outro lado do beco, a francesa está à janela, por trás do vidro, atenta.

—A Liana está caçando...—diz Cassilda.

Da varanda vem a voz da outra:

—Com este tempo é *pescando*...

Cassilda acende um cigarro. Sábado feliz aquele. Nunca em sua vida teve uma sorte assim. De manhã, cinquenta mil réis do rapaz moreno do Edifício Colombo. De noitezinha cem do velhote no *rendez-vous* da Rua das Acácias. Mas tudo se foi. Dívidas. Aluguel. Armazém. Um par de sapatos. *Baton*, pó de arroz. Falta pagar a modista. Se viesse outro sábado como aquele... Mas qual! Sorte é para quem a tem. Dia bom só acontece uma vez na vida. Para ela só aparecem estupores como aquele bobo do Pedrinho. Um guri recém-saído do berço. Fica ali sentado, com ar de idiota, dizendo bobagens, trazendo livrinhos, barras de chocolate.

Cassilda solta uma baforada de fumo.

Mas ele é tão criança... Coitado. Não tem culpa. São coisas da vida. Enfim... Não vale a pena tratá-lo mal. Ela não tem jeito. E depois não custa. A gente sempre se lembra do irmão...

A voz rachada torna a cantar o tango argentino. A chuva continua a cair sobre o telhado de zinco. A goteira pinga no pote.

# 64

No *living-room* da casa dos Leitão Leiria a cena é impressionante.

Enrodilhada num canto do sofá, Vera lê uma novela suspeita às escondidas da mãe: para despistar cobre a capa do livro com uma capa de papel pardo.

D. Dódó, inclinada sobre a sua escrivaninha, responde à *enquête* da *Gazeta*.

Em cima da mesa, um vaso bojudo com zínias. Sobre o parapeito da lareira, um relógio quadrado com ponteiros e algarismos de prata. Pequenos quadros pelas paredes. Almofadas por toda a sala. Tapetes.

A *Gazeta* pergunta: «*Qual é o traço característico do seu carácter?*» D. Dódó hesita. A bondade? A caridade? O amor ao próximo? A humildade? A humildade... Soa bem. Fica tão delicado, tão modesto. Monsenhor Gross vai gostar. Bom. Melhor pôr três traços—caridade, bondade e humildade—depois o Teotónio escolhe.

«*Que pensa da vida?*» Meu Deus! Aqui está uma pergunta difícil. Dódó levanta os olhos na direcção de Vera:

—Que pensas da vida?

—A vida é uma droga!—diz Vera. Chove, os homens são uma espécie aborrecida, as mulheres são atraentes mas idiotas, Arménio é um pobre de espírito, os novelistas não têm imaginação, Chinita está cretinamente caída por Salú, não lhe deu a mínima atenção na festa de ontem, os calos doem por causa do tempo. Sim: a vida é uma droga.

—Minha filha, não diga isso. A vida é boa, vale a pena viver para praticar a caridade e servir os pobrezinhos.

Pronto! aqui está uma resposta magnífica. Nasceu naturalmente. Maior é o seu valor. D. Dódó escreve-a contente.

«*Onde quisera ter nascido e em que tempo?*»

O assunto é delicado D. Dódó morde a ponta da caneta, pensativa. A ideia vem-lhe. O Anjo da Guarda ajuda.

—Eu quisera ter nascido na Galileia, no tempo em que Jesus Cristo andava pela terra.

«*Que pensa da missão da mulher no mundo moderno?*»

A resposta brota logo. Como é bom a gente ter um Anjo da Guarda inteligente!

—A missão da mulher é no lar. Educar os filhos, dirigir a casa, adorar o Senhor e o esposo legítimo.

«*Qual o momento mais emocionante da sua vida?*»

—Foi quando me tornei religiosa.

Dódó reconta a história da doença do marido, da promessa e da conversão.

«*Quais os seus autores predilectos?*»

—S. Francisco de Assis, José de Alencar, Júlio Dinis e todos os autores católicos.

«*E os músicos?*»

—Verdi, Dannunzio e o nosso glorioso Carlos Gomes.

As outras perguntas seguem-se. Que pensa da educação moderna? Que pensa da moda? Que pensa do cinema? («O cinema —responde D. Dódó—está corrompendo os nossos costumes patriarcais.» A frase é do marido, ou de Monsenhor Gross, não se lembra bem...)

Vem por fim a última pergunta:

«*Está satisfeita com a sociedade em que vive?*»

O Anjo da Guarda é inflexível ao impor-lhe a resposta:

—Não. Há muito vício e maldade entre nós. Só seremos felizes no dia em que todos abraçarem a Santa Madre Igreja Católica Apostólica e Romana e compreenderem os ensinamentos de Jesus, que disse: «Amai-vos uns aos outros.» Com o dinheiro que hoje se gasta em bebidas e outros vícios podiam-se construir muitos asilos e hospitais para os desprotegidos da sorte.

D. Dódó termina o questionário. Suspira, aliviada. Foi um esforço considerável. Que tudo seja pelo amor de Deus!

Vera fecha o livro e vai para o quarto. Vontade de ver Chinita, de sentir o perfume de Chinita. De ouvir a voz de Chinita. De apalpar o corpo de Chinita. De morder os lábios de Chinita.

Senhor! Quando é que vai parar esta chuva? Quando? Quando? Quando?

# 65

O caso do coronel Zé Maria Pedrosa é uma espinha que Leitão Leiria tem atravessada na garganta. Agora, no silêncio do seu escritório, as recordações voltam e com elas as reflexões amargas. Que indignidade!

Leitão Leiria atira o corpo para trás, a cadeira giratória tomba com um ranger de molas. E, com o polegar na cava do colete, charuto aceso no canto da boca, ele fica de testa franzida, compondo um artigo que nunca há-de escrever. Assim desabafa. As frases ocorrem-lhe, rápidas. As palavras vão tomando, direitinhas, os seus lugares, como soldados acostumados à rígida disciplina militar:

«*A sociedade moderna apresenta surpresas espantosas. Exemplifiquemos. Antigamente, prevalecia nela a tradição das famílias. Já não era questão propriamente de sangue azul. Era a nobreza da educação, da honra, da tradição e do cavalheirismo. A nata da nossa sociedade era composta de famílias cuja árvore genealógica... cuja árvore genealógica... podia ser traçada desde a raiz até os ramículos mais insignificantes sem a menor falha, sem a menor mancha, sem a menor dúvida.*»

Leitão Leiria dá um chupão forte no charuto, contente consigo mesmo. Continua o processo mental de composição:

«*Ora pois, meus senhores!* (Agora já não é artigo e sim um discurso). *Que vemos nos nossos dias? Vemos a hierarquia do dinheiro, a aristocracia do vil metal. Vencem os que têm dinheiro no Banco. São considerados, entram na sociedade e a sociedade não lhes pede credenciais, não lhes vasculha a vida, não lhes devassa o passado!*»

Leitão Leiria ouve mentalmente uma voz que diz: Apoiado!

«*Índios boçais que mais parecem ter sido agarrados a maneador surgem e se impõem na nossa mais fina sociedade à custa de suborno, com prestígio duma fortuna adquirida de maneira inferior: a lotaria! Cortejam os pró-homens da política.* (E Leitão Leiria modestamente se inclui no número dos pró-homens). *Adulam os prelados, cuja boa-fé procuram ilaquear despudoradamente!*»

O entusiasmo que lhe ferve no peito é tão grande que Teotónio se levanta e começa a caminhar em cima do seu tapete verde, de lá para cá. Sim. Zé Maria vai-se impondo aos poucos. Vinte e cinco contos de réis para as obras da Catedral Metropolitana. Amanhã será conselheiro municipal. Mais tarde deputado. Quem sabe? Não. Os homens como ele, Leitão Leiria, que têm um nome a zelar, que têm uma filha a defender, devem

arvorar-se em paladinos da causa do saneamento social. Ficar inerte é um crime. Agir. Mas de que forma? Escrever para a Imprensa: descobrir as baterias, terçar armas em campo aberto? Claro que não. Seria improfícuo. Melhor lançar mão dos recursos da estratégia moderna. Guerra subterrânea. Gases asfixiantes. Submarinos. Aviões. Bombardear das nuvens. Sim, porque ele precisa pairar alto para que os respingos da lama não o atinjam.

Monsenhor Gross precisa de saber. A qualquer preço. Seja como for. Uma carta... Anónima, naturalmente. Porque ele não pode expor-se. Seria imprudência. Podiam pensar que era inveja... Sim, uma carta.

Quando o fim é bom, todos os meios são justificáveis. De antemão Leitão Leiria se absolve do pecado.

Senta-se à mesa, toma um papel sem timbre, a caneta, e começa a escrever com letra de Imprensa:

«*Ilustre prelado: Vejo-me na obrigação de lhe dizer que esse sr. José Maria Pedrosa que parece um cidadão decente e procura imiscuir-se nos meios católicos da nossa urbe é um homem sem moral que se dá o luxo depravado de ter uma amante. Sou um servo fiel da Igreja, por isto me julgo na obrigação moral de fazer esta denúncia. E para provar que a minha delação é bem fundada, digo-lhe o nome da Messalina teúda e manteúda pelo referido cidadão e o número da casa em que ambos escondem a sua ligação vergonhosa.*»

Mas de repente Leitão Leiria começa a sentir uma sensação esquisita. Deve ser um aviso do Anjo da Guarda. É uma indignidade!—pensa.—Eu não devo.

Rasga o papel em muitos pedaços miúdos e joga-o para o cesto.

Levanta-se e continua a caminhar dum lado para outro. Não, mas aquele bugre boçal precisa levar a sua dose! A coisa não pode ficar assim. E se ele escrevesse um bilhete denunciando-o à mulher? Havia de amargar-lhe pelo menos uma hora...

Mas de novo Leitão Leiria repele a ideia.

De súbito lembra-se do pedido de Monsenhor Gross. Arranjar um emprego para uma protegida. Que fazer? Só há uma saída. Despedir Fernanda. Mas não se pode despachar uma criatura assim sem mais nem menos... Se ela desse motivo... Leitão Leiria pensa... Não pode pôr D. Branquinha no olho da rua: é recomendada dum político. Na loja não há vagas, e mesmo a protegida do Monsenhor é dactilógrafa. Sim, o lugar ideal para ela seria o de Fernanda. E então? Admiti-la sem despedir a outra? Impossível. As vendas diminuem. Os tempos andam maus. Não atender ao pedido de Monsenhor? Também impossível.

Pára na frente do espelho, alisa o cabelo, arruma a gravata. E resolve: Fernanda tem de ser despedida. Custa, é duro, mas não há outra saída. Que diabo! Um homem não é dono do seu nariz, senhor da sua própria casa? Então? A gente deve pôr de lado sentimentalismos tolos, quando estão em jogo interesses mais vitais. A amizade de Monsenhor Gross é preciosa. E depois ele tratará de arranjar outro emprego para Fernanda. Sim, não há dúvida. Fernanda tem de ser despedida. Mas é uma coisa difícil... (Leitão Leiria discute mentalmente com Leitão Leiria). É duro mas não há outro jeito... Mas e o sindicato? Se houvesse protesto? Qual! Fernanda nem se lembra... Como descalçar a bota? Com energia, com franqueza. Mas acontece que a pobre rapariga... Qual pobre! Já me disseram que ela tem ideias vermelhas, lê livros comunistas! Se é assim... É, sim, senhor, seja duro... Mas... Qual... Tope para a frente. O fim justifica os meios... Bom.

Leitão Leiria toca a campainha.

Fernanda aparece, abrindo a porta.

—Dona Fernanda.

Ela aproxima-se do chefe. Alguns segundos de espera.

Leitão Leiria pigarreia. Finge que está procurando na gaveta um papel. A rapariga está na sua frente, imóvel, esperando. Os olhos dela brilham no rosto moreno. Que olhar decidido, que ar confiante...

—A senhora está satisfeita com o seu emprego?

—Se estou satisfeita? Claro que estou.

—Mas... quero dizer... não preferia ganhar mais?

Será que ele me vai aumentar o ordenado?—pensa ela.

—Bem, naturalmente, seria muito melhor...

Leitão Leiria invoca o seu Anjo da Guarda. Mas o anjo não responde. Silêncio. Fernanda olha para o patrão e espera.

—Acontece que... que, infelizmente, a casa...

Pausa. Ela diz:

—Então?

Os modos dele são estranhos. Que haverá por trás das suas palavras? Leitão Leiria brinca com a medalha da corrente do relógio.

—Acontece que nós não podemos aumentar-lhe o ordenado...

Fernanda sacode levemente os ombros.

—Paciência...

—Nem agora nem nunca...

—Não compreendo...

Leitão Leiria joga o charuto no cesto de papéis usados. Nervoso. Onde a sua energia? Onde a sua habilidade oratória? Onde a sua autoridade patronal?

De repente, sem transição, lança ao rosto dela estas palavras desesperadas:

—Disseram-me que a senhora é comunista!

Respira forte. Começa a sacudir a perna, nervoso. Fernanda está serena:

—Não é verdade.

—A senhora nega?

—Nego.

Mas o Anjo da Guarda está presente e Leitão Leiria enche-se de coragem.

—Pessoa fidedigna afirmou-me que a viu com livros vermelhos.

—Mentira.

Impassível o rosto de Fernanda.

—Senhorita Fernanda, não diga *mentira;* é uma desconsideração.

Sem argumentos, Teotónio refugia-se na indignação. Ela disse *mentira.* Ele foi, portanto, desconsiderado. Agora o caso é outro. Agravante para a ré.

—Repito que é mentira.

—Apresente provas...

A resposta vem rápida:

—Apresente primeiro provas da acusação que me faz.

—Basta-me a palavra da pessoa que a denunciou...

—E então?

Leitão Leiria empertiga-se:

—Não gosto de fazer violências. Sempre fui inimigo das soluções drásticas. No entanto, tenho ligações com o catolicismo... Sou um homem de ideias, de responsabilidades... Não me seria conveniente que soubessem que tenho empregados com ideias... com ideias...

—Já sei...—atalha Fernanda.—Não é preciso gastar palavras. Quer despedir-me, não é?

—Sou forçado, em vista de tod...

Fernanda estende a mão como quem diz: Páre.

—Está bem. Quando quer que eu saia? Hoje?

Leitão Leiria agora é todo magnanimidade.

—Seria absurdo! Dou-lhe quinze dias de prazo e um mês de ordenado. Durante este tempo pode procurar outra colocação.

—Não se incomode...

—Quero que compreenda...

—É só o que desejava?

—Por enquanto...

—Pois passe muito bem.

Fernanda faz meia volta e retira-se.

Leitão Leiria fica esfregando as mãos e gabando a sua táctica. Guerra moderna. Cercar o inimigo, solapar-lhe as trincheiras. Por fim: carga de baioneta.

Vai ao telefone e pede à central da loja ligação para a sua casa. Alguns segundos depois a voz doce de Dódó viaja pelo fio.

—Meu amor, és tu? Comunico-te que a recomendada de Monsenhor Gross está colocada.

Dois beijos estralados que partem simultâneamente de cada extremidade do fio pingam o ponto final ao rápido diálogo telefónico.

## 66

Virgínia não acha paradeiro em casa. A solidão sufoca-a. Saudade do Sol. Saudade de vozes humanas. Tem a impressão de que está num presídio. Caminha do quarto para a varanda, da varanda para o *hall*, do *hall* para o escritório do marido, do escritório para o *living-room*. Pega em livros e revistas para tornar a fechá-los logo depois. Senta-se, ergue-se de novo. Abre o rádio para verificar em seguida que a estação local ainda não começou a irradiar.

Que fazer? Não há remédio senão ficar deitada, parada, pensando. Estende-se no divã. Vem da cozinha um cheiro adocicado de carne assada. Estes cheiros domésticos mareiam-na. O cheiro do marido. O cheiro das criadas. O cheiro da cozinha. O cheiro especial de cada peça da casa. Tudo sempre muito igual, muito repetido, muito sem surpresas. A mesma rotina familiar. O mesmo horário invariável. Os mesmos assuntos. Os mesmos problemazinhos.

E chove por cima de toda esta chatice. Chove sem a menor trégua.

Na varanda, Querubina põe a mesa para o almoço. Noca passa por uma porta carregando pratos, com o seu caminhar de angolista. Virgínia tem vontade de atirar-lhe um chinelo à cabeça. Um bando de fêmeas inúteis e indecentes, ganhando um ordenado mensal para não fazerem nada, para se andarem esfregando no *chauffeur*, no guarda-civil, no homem do gelo...

Um rumor. Virgínia volta a cabeça. Noel acaba de entrar. Mãe e filho olham-se em silêncio. Virgínia evita-lhe os olhos. Noel fica junto duma prateleira de livros, lendo os títulos.

Virgínia, na presença do filho, lembra-se de Alcides. São da mesma altura, têm o mesmo porte. Por um instante ela vislumbra o seu próprio ridículo. Mais tarde ou mais cedo aquilo tem que acabar. Um capricho? Talvez. Mas por enquanto é uma obsessão. Depois tudo conspira contra ela: as pessoas da

casa, o tempo, a chatice da vida, a imbecilidade espessa do marido, a frieza do filho—tudo. Ela fica sem defesa. Se ao menos tivesse uma ocupação... Uma vez chegou a sugerir a Honorato que fossem viajar. Buenos-Aires. Montevideu. Rio. Mas ele vem sempre com a desculpa dos negócios e ela fica dentro desta prisão enervante, com o relógio a dizer em surdina que o tempo passa, com os espelhos a gritarem que ela envelhece. As criadas olham para ela com ódio. Só os olhos de Noca é que a miram com a paixão servil e irritante de cão abjectamente fiel. Noel foge-lhe sempre. Honorato contempla-a com aquele ar tranquilo de dono seguro da sua posse. Nenhuma simpatia, nenhuma compreensão. Entre ela e todas as outras pessoas da casa, léguas e léguas de separação. Como fugir ao assédio do outro? O único que a olha com simpatia humana. O único que se interessa por ela. De resto, para quê tantos escrúpulos? A vida passa. A velhice aproxima-se. Por que não fazer uma escapada, já que viveu vinte e cinco anos acorrentada ao comerciante Honorato Madeira? Porquê?

Mas a presença de Noel é uma inibição. Olhando para o filho ela sente o absurdo do seu amor por Alcides. Noel pega num livro e sai em silêncio.

Longe dele, Virgínia sente-se mais à vontade.

É preciso decidir. Ou ata ou desata. Assim como está a coisa simplesmente não pode continuar.

Mas outra dúvida lhe vem... Se o marido descobre? Enfim, ela não pode ter com Alcides ilusões de amor duradouro. Para ele tudo deve ser um capricho passageiro. Uma excentricidade. Honorato, de qualquer modo, é a garantia duma vida confortável. Boa casa e bons vestidos. Uma posição na sociedade. Um lar.

Mas que lar! Acaso isto merece o nome de lar? (Outra vez a revolta). Uma casa assombrada, antes. Fantasmas por todos os cantos. O fantasma do marido, do filho, e o fantasma da Tia Angélica, que é o mais pavoroso de todos, o fantasma que ainda assombra a alma de Noel.

A porta da rua abre-se.

É Honorato que chega. Irritada, Virgínia sobe e vai fechar-se no quarto. Imagina a cara do marido: gorducha e feliz. Como sempre, ele dirá: *Trabalhei como um burro!* E estralará o seu chocho beijo matrimonial.

No vestíbulo, Honorato Madeira tira as galochas, o impermeável e sai caminhando com o passo miudinho e gritando:

—Gigina! Ó Gigina!

# 67

Na sala de jantar do palacete do coronel Pedrosa a ceia de Cristo do vitral está hoje apagada e sem rebrilhos.

Servido o almoço. Os pratos fumegam. O coronel come com entusiasmo. Na frente dele D. Maria Luísa, de cabeça baixa, olha para o prato vazio.

A criada entra para avisar:

—Dona Chinita diz que não quer almoçar.

A cara de Zé Maria é toda um espanto:

—Ué? Que será que ela tem?

A mulher dá de ombros. A criada retira-se. Silêncio.

—E o Manuel?—torna a perguntar o coronel.

—Não dormiu em casa. Ainda não veio.

—Que barbaridade! Esse menino ainda acaba ficando tísico. —E sorri com uma pontinha de orgulho, pensando nas orgias do rapaz.

—O pai não se importa...—diz Maria Luísa, como se falasse do marido para uma terceira pessoa invisível.—O pai acha bonito.

—Ora. São coisas da mocidade. De repente ele cansa e senta o juízo...

—Sentavas...

—Eu vou dizer a ele...

—Ias...

Vendo que é inútil insistir, Zé Maria refugia-se no churrasco com farofa (1).

Maria Luísa resmunga baixinho as suas queixas, como se continuasse a falar com a terceira pessoa invisível.

—Eu não gosto de falar p'ra ele. Não tenho direito. A casa não é minha. O pai não tem energia, o chefe não tem juízo, que é que se pode esperar dos filhos?—Suspira.—Eu quero só ver onde vai parar tudo isto. A filha dele desfruta-se com os rapazes, o filho vive na casa das mulheres à toa.—Brinca com o garfo. —Eu não falo porque não sou ninguém.

O relógio de três contos de réis canta doze badaladas que ecoam pelo casarão.

(1) Prato brasileiro.

# 68

Fernanda faz o prato do irmão. Pedrinho está pensativo. D. Eudóxia come o seu mingau (1) em silêncio.

—A vizinha me disse—conta—que o seu Maximiliano está morre-não-morre.

—Também este tempo...—comenta Fernanda.

—Os ricos não sentem. Têm tudo—insiste a velha.—Por que será que Deus não soube dividir direito?

—Deve estar tudo certo, minha mãe—retruca Fernanda.

—Qual!

—Coma, Pedrinho, que é que você tem? Está sentindo alguma coisa?

—Nada, mana, estou bem.

Se Cassilda — pensa ele — pudesse estar ali no lugar vago da mesa... Se ela fosse uma rapariga de família. Seria tão bom...

—Que gente triste, meu Deus! Criem ânimo! Um pouco mais de alegria!—anima-os Fernanda.

D. Eudóxia levanta os olhos de cachorro escorraçado:

—Para vocês, moços, dizer isso fica muito bem...

Fernanda sorri. Sorri nos lábios. Dentro, dói-lhe uma coisa. Uma inquietação. Não pode esquecer o que aconteceu. A princípio teve ímpetos de ir-se embora do escritório imediatamente, sem esperar o prazo, sem aceitar a gratificação. Mas depois pensou na mãe, no irmão, nos compromissos, e ficou. Agora tem de procurar trabalho em silêncio. É preciso guardar segredo. Se a mãe soubesse desandaria a chorar, auguraria desastres tremendos, fome, miséria, morte. Fernanda está resolvida a guardar segredo a todo o custo. Por isso sorri.

Mas o silêncio prolonga-se. Pedrinho come, pensativo, ausente. D. Eudóxia empurra o prato vazio. Estará farejando alguma desgraça? Tem os olhos fixos na porta.

—Se o seu Maxiliano morrer eu tenho de ir ao velório.

Espanto de Fernanda.

—Mas a troco de quê lhe veio essa ideia?

—Ué! A gente precisa estar preparada.

—Mas ele não morreu.

—Garanto que morre hoje.

—Pode ser que não morra.

(1) Papas de milho.

Outra vez o silêncio. Fernanda bate com a colher na mesa.

—Vamos, Pedrinho, acorda! Parece que andas apaixonado!

Pedrinho sorri sem vontade. Ouve-se agora nìtidamente o barulho da chuva, que cai forte. O gramofone do vizinho começa a tocar a valsinha de todos os dias.

## 69

Os Leitão Leiria conversam.

—Que dizes?—pergunta D. Dódó ao marido.

—Muito bem, minha querida. Tiveste apenas um pequeno engano. D'Annunzio não é músico.

—Não é músico? Oh! Eu pensava...

—D'Annunzio é poeta e prosador.

—Que pena! E o resto?

—O resto está admirável.

—E ali, naquela pergunta do traço característico do meu carácter... qual daquelas respostas achas tu que devo dar?

—Todas, Dódó, todas aquelas virtudes tu tens em quantidade.—Leitão Leiria elogia. Sente necessidade permanente de elogiar a mulher. É uma compensação para as suas infidelidades conjugais. Uma retratação. Uma espécie de escusa. Um modo indirecto de dizer que ele não merece uma esposa tão virtuosa e boa.

D. Dódó sacode a cabeça, sorrindo.

—Não digas isso, meu filho.

Vera olha os pais em silêncio. Mas um observador agudo veria desdém, zombaria nestes olhos azuis e frios. O respeito que Vera tem pelos autores responsáveis dos seus dias é um respeito muito longínquo e divertido. Intimamente, sem nunca dar expressão à sua crítica, ela acha ridículos os exageros caritativos da mãe, o afã de aparecer como *leader* de todos os movimentos de beneficência, a ânsia de imitar Santa Teresinha. Vê, julga e cala. Não adianta falar. Vai à igreja porque a mãe lhe suplica que não deixe de ir. Mas não acredita muito na religião. No colégio das freiras que frequentou sempre foi uma rebelada. Lia às escondidas livros proibidos. Continuou a ler depois que deixou o internato. A mãe passava-lhe sermões diários. O pai tenta catequizá-la com palavras retumbantes. Monhenhor Gross pega-lhe no queixo e diz-lhe com os seus gritinhos desafinados: «Oficlinha tresmalhata!» Mas ela continua no seu mundo. Um

mundo sem cor nem interesse. Um mundo sem rumo certo. Um mundo invertido. Bailes onde atura as impertinências do Dr Arménio. Amizades periódicas: um caso com uma amiga que dum instante para outro passa a ser a preferida. Passeios de automóvel. Tardes juntas. Ciúmes. Agora, Chinita...

Pensando em Chinita, Vera não pode deixar de pensar numa palavra — *idiota*.

E a chuva continua a cair.

## 70

Cabeça mergulhada no travesseiro de fronha encardida, olhos em branco, boca aberta, respiração estertorosa, Maximiliano agoniza.

Perto da cama, a mulher espera. Chega a desejar a morte do marido com certa ansiedade. Todo o amor se acabou. Maximiliano já não é um homem. É uma coisa. Uma espécie de bicho. Mas um bicho que é ou, antes, foi o pai dos seus filhos. Ela suporta tudo por um sentimento subterrâneo e misterioso de dever. Mas é melhor que ele acabe duma vez.

O quarto está sombrio. Ratos movendo-se pelos cantos. Maximiliano volta os olhos para ela, parece que quer dizer alguma coisa mas dos seus lábios brancos só sai aquele som rouco. No rosto dele, só os olhos têm um pouco de vida. Uns olhos pretos, saltados, brilhantes, que olham com ânsia para a mulher, dizendo uma coisa que ela não entende, pedindo uma coisa que ela não lhe pode dar.

## 71

Clarimundo esfrega a palma da mão na vidraça embaciada e abre nela uma clareira para espiar a rua. A chuva continua a cair. As sarjetas estão inundadas. As telhas escuras das casas têm lampejos de metal.

Clarimundo sente contra a ponta do nariz o contacto frio do vidro e imediatamente se recorda duma situação igual a esta, duma impressão idêntica: frio na ponta do nariz, parado atrás

duma vidraça, espiando. Foi há vinte anos. Era Inverno e chovia. Na pensão onde ele morava havia um silêncio gelado. Os homens estavam fora, trabalhando. As mulheres faziam *tricot* na varanda. Ele tinha acabado de ler Le Dantec e erguera-se com os olhos acesos, tonto ante a grande revelação. A alma não era imortal. A alma não sobrevivia ao corpo. E de resto, que é isso a que se chama *alma?* (Clarimundo tinha vinte e oito anos e um amigo padre que lhe metia ideias na cabeça). Sim, agora Le Dantec revelara-lhe a verdade esmagadora. Ele tinha vontade de sair gritando pela casa toda: «Dona Maroca, a alma não existe! Seu Menandro, a gente morre e acaba-se, está ouvindo? O Padre Lousada está enganado! O padre Lousada não sabe!» Teve vontade de sair gritando, mas não saiu. Ninguém compreenderia: haviam de pensar que ele estava maluco... Ficou parado. A verdade, porém, era-lhe insuportável. Não pôde ler mais. Foi para a janela, esfregou o bafo da vidraça e ficou olhando para fora. Não viu a chuva. Nem as casas do outro lado da rua. Nem o céu. Nem os eléctricos que passavam. Via abstracções. A alma, a imortalidade, a verdade, a ciência. Tudo se corporificava, tudo tinha uma forma, tudo era visível. A alma era um homem gordo que usava batina. A verdade tinha a cara de Le Dantec que aparecia no frontispício do livro, numa água-forte. A imortalidade era um anjo branco com uma trombeta de ouro. A ciência tinha a figura dum professor velho seu conhecido. Por mais que ele quisesse espantar do espírito aquelas corporificações absurdas, não conseguia; elas resistiam, impunham-se. E a discussão estabelecia-se. Dum lado a verdade e a ciência: o professor barbudo e Le Dantec, de braço dado. Do outro lado, o Padre Lousada gesticulava, amparado pelo anjo. E Clarimundo perdia-se, vendo e ouvindo mentalmente a disputa. O inesperado frio do vidro na ponta do nariz chamou-o à realidade.

Clarimundo recorda. Depois de Le Dantec, a sua vida mudou de rumo. Podia acabar no seminário, levado pelas cantigas do padre Lousada. Mas enveredou para a ciência.

Os anos passaram. Livros e solidão. Vida tranquila. Algumas gripes, meia dúzia de conhecimentos novos, mais livros e mais solidão. Seis anos na pensão de D. Candoca. Cinco num hotelzinho barato. Depois: quartos nos subúrbios. Até que um dia uma impressão de frio na ponta do nariz faz a gente recuar vinte anos...

Clarimundo sorri. Através da cortina cinzenta da chuva ele vê as janelas do outro lado da rua. A rapariga está falando com a velha de preto. Fraco, fraco, o som do gramofone do vizinho chega até os seus ouvidos. O pombal de D. Veva está empapado d'água, apontam cabeças inquietas nas janelas minúsculas. No quintal do capitão Mota, uma galinha arrepiada está encolhida

debaixo duma laranjeira, procurando fugir à água. Passa na rua um homem de capa cinzenta e pés descalços.

Clarimundo pensa em Le Dantec, em seguida, bruscamente, tem consciência de uma grande necessidade: precisa de comprar uma cafeteira para, numa hora como esta, depois do almoço, saborear a sua xicarinha de café...

## 72

—Que é que a gente vai fazer?

A pergunta de Laurentina cai no silêncio húmido como uma voz de náufrago perdido. E a voz esvai-se no ar. O mar não tem mais fim. Por cima, o céu impiedoso. Não se avista terra. Nenhum navio nas proximidades. E os companheiros do naufrágio que estão com Laurentina na jangada são silenciosos e inúteis.

—Hem?—insiste ela.—Que é que a gente vai fazer?

Uma hora. Ninguém ainda falou em almoçar. As goteiras pingam agora dentro das latas transbordantes. O soalho da varanda está ensopado. A água começa a invadir o quarto. Napoleãozinho folheia uma revista velha. João Benévolo, enrodilhado em cima da cama, anda perdido pelo seu mundo impossível de aventuras. Laurentina torna a fazer a pergunta e espera.

—Pois é...—faz João Benévolo com ar remoto.—Pode ser que hoje o Dr. Pina resolva...

No íntimo ele sabe que o Dr. Pina nunca resolverá, pela simples razão de que o Dr. Pina não existe. E é estranho, muito estranho... Apesar da necessidade, apesar da ameaça da miséria, ìntimamente, profundamente, ele tem o desejo de que as coisas continuem assim, sempre assim... É doloroso, não há dúvida... Melhor seria se a gente tivesse um palácio, automóveis, criados, roupas boas, perfumes... Mas já que se é pobre, o melhor é poder ficar quieto, de pernas cruzadas, pensando em coisas, pensando...

Laurentina não acredita nem no marido nem nas promessas do Dr. Pina—que além do mais é uma criatura que ele nunca viu. E se esse tal doutor das promessas fosse uma invenção de João Benévolo? Oh! Mas seria o cúmulo se o marido, além de molóide, desse agora para mentiroso...

Napoleãozinho sorri para uma história de Mickey-Mouse. Laurentina torna a baixar a cabeça. João Benévolo, embora a fome esteja a dar-lhe cãibras no estômago, compraz-se com inventar uma aventura.

Ele um dia levanta-se de manhã, vai como de costume ao quintal. Perto da figueira vê uma coisa brilhante no chão. Abaixa-se... É uma chapa de ferro. Que será? De noite, quando todos dormem (a Lua cheia ilumina o pátio, as estrelas palpitam), ele começa a cavar em torno da chapa de ferro. Cava, cava, cava até que descobre uma grande arca roída de ferrugem. Abre-a. Recua, deslumbrado. Dentro da arca faíscam diamantes e dobrões de ouro. Louco de contentamento, leva o tesouro para casa. Conta tudo à mulher, em segredo. Fazem planos. Comprar um palácio, dar um banquete e depois fazer uma viagem... E imediatamente João Benévolo já está viajando no *Neptúnia*. Mas...

—Janjoca!—A voz dolorida da mulher.

João Benévolo acorda para o mundo real.

—Que é?

—Quanto sobrou do dinheiro do seu Ponciano?

—Dois mil réis.

Laurentina suspira. Depois:

—Vai ali à esquina, compra um pouco de leite p'ró Napoleãozinho e o resto traz de salame p'ra nós. Compra um pão.

João Benévolo levanta-se, contrariado e vai buscar o chapéu. Laurentina fica pensando no dia de amanhã. Morrer de fome ninguém morre, é verdade; em último caso pede-se auxílio aos vizinhos... Mas e o aluguer da casa? E a conta do armazém? E os remédios para Napoleão?

Laurentina pensa em Ponciano. Com raiva. Raiva porque ele tem dinheiro. Raiva porque ele insiste nas visitas. Raiva porque o homem olha para ela daquele modo desagradável. Raiva porque ela sabe que um dia, que um dia...

—Tina!—A voz de João Benévolo, da porta da rua.

—Que é?

—Salame ou presunto?

—Salame, que é mais barato.

João Benévolo ergue a gola do sobretudo e precipita-se para a rua, enfrentando a chuva. Como um herói.

## 73

A casa de chá está quase vazia. Uma penumbra tranquilizadora e morna. Num canto duas inglesas louras e feias bebem *cocktails*, fumam e conversam animadamente.

No primeiro momento, Chinita só tem olhos para Salú. Ele está aqui, na sua frente. Por baixo da mesa os joelhos tocam

os dela. Por cima da mesa as mãos de ambos enlaçam-se. Salú sorri. Chinita olha. Com uma pontinha de vergonha que não consegue apagar. Sem aquela pontinha de raiva que pensava havia de ter quando o revisse.

Um *garçon* aproxima-se, atencioso.

—Que vais tomar?—pergunta Salú à companheira.

A voz dele é natural, firme, confiante—como se nada tivesse acontecido.

—Qualquer coisa.

—*Cocktails?*

Chinita diz que sim com um sinal de cabeça. Salú ergue os olhos para o *garçon:*

—Dois Martini secos.

Silêncio. Palavras soltas vindas da mesa das inglesas,chegam aos ouvidos de Chinita. *Well, my dear, I...* Uma risada musical. *Sure.* Uma baforada de fumo. Pausa curta. Depois: *But you must know...*

E de repente Chinita imagina-se de novo em Hollywood. Joan Crawford na frente de Clark Gable. O *garçon* chega com os *cocktails.* Entra na sala um homem alto, de sobretudo escuro.

E a ideia de o recém-chegado ser conhecido que pode sair a contar que a viu sòzinha numa casa de chá com um homem —quebra o encantamento de Chinita, que esquece Hollywood.

—Salú, e se alguém nos vê aqui?

Outra vez a provincianazinha tola—pensa ele.

—Que mal faz?

A palavra *mal* lembra a Chinita o que aconteceu ontem. Ela cala-se mas os seus olhos dizem tudo. Salú compreende. Ergue o cálice.

—Saúde!

Bebe. Chinita bebe também. A conversa das inglesas ganha vida. O homem de sobretudo escuro pede um chá com torradas em voz alta.

Os olhos de Chinita fixam-se no rosto de Salú e estão perguntando: E agora que vai ser de mim?

Inclinando-se bem para a frente como se fosse beijá-la, Salú pergunta, com voz macia:

—Arrependida?

Por um instante, Chinita fica indecisa, embaraçada. Não esperava que ele tocasse no assunto assim desta maneira... Podia começar com rodeios. Arrependida?

Ela sacode a cabeça, dizendo que não. Mas ìntimamente não sabe que pensar. Aquilo tudo foi tão ligeiro, tão violento, tão doloroso, tão diferente...

E Salú (efeitos da bebida? Sugestão do ambiente?) de repente dominado por uma onda de ternura, começa a falar. Ao mesmo

tempo que fala despreza-se a si mesmo por ser tão idiota, tão tolo, tão piegas.

—Chinita, eu sei o que estás pensando de mim. Mas pouco me importa. Ainda hei-de mostrar-te que te amo...

Amo...—pensa ela.—Nunca pensei que ele pudesse falar assim.

As inglesas pagam a despesa, amassam a ponta dos cigarros contra o cinzeiro, erguem-se e vão-se embora. Salú continua:

—Não, nem podes imaginar o que é o amor. O que aconteceu ontem foi uma coisa brutal mas inevitável. (Como isto parece de romance barato!—pensa ele). Mas tu vais ver... Eu te mostro. O amor é lindo, lindo mesmo. Não foi Deus que fez o amor? Pois tudo que Deus fez é bom...

Para que meter Deus neste negócio?—pensa ela, defendendo-se contra a onda quente que também ameaça arrastá-la. Ela veio decidida a falar em casamento, em arranjar um meio de reparar o mal. E, no fim de contas, gosta de Salú, gosta de verdade. Por ele é capaz de todas as loucuras. E depois do que aconteceu, que loucura maior haverá para praticar?

A voz dele continua, envolvente:

—Não me queiras mal. Eu prometo-te um gozo tão grande, tão intenso...

Mas a palavra gozo gera na cabeça de Salú uma visão tão perturbadora que de repente ele tem vontade de derrubar a mesa e devorar Chinita com beijos. Todo o discurso preparado se perde, tudo se concentra agora neste convite:

—Chinita, vamos até ao meu apartamento, por favor!

Chinita sente o choque da surpresa. No apartamento dele?

—Mas, Salú!

—Aqui é impossível conversar...

—Ma... mas Salú!

Ela não atina em dizer outra coisa.

—Lá ninguém vê. Ficamos à vontade. Eu mostro-te. Oh! Deixa-te disso, vamos embora.

A persuasão vai-se transformando em raiva. A ternura funde-se num desejo animal. Agora ele só vê em Chinita a fêmea convidativa que não merece gastemos com ela palavras escolhidas, a fêmea que deve ser submetida à força.

Chinita franze a testa, relutando.

—Vamos embora!

Os dedos de Salú crispam-se em torno do pulso da rapariga. Ao contacto quente, à pressão forte, Chinita sente um formigamento estranho no corpo. No entanto, ontem tudo foi tão sem gosto, tão doloroso... Mas este formigamento está de novo a dizer-lhe que existe um prazer misterioso que ela ainda não conhece, um gozo maluco que estará um dia ao seu alcance.

E como Salú fica bonito e tentador assim de testa franzida, olhos brilhantes, boca retorcida! Como lhe fica bem este ar autoritário...

—Que mais tens a perder?—continua ele, brutal.—Vamos!

—Mas...

—Olha, rapariga.—A palavra rapariga magoa de leve Chinita, que reconhece nela uma significação pejorativa. Mas a mágoa é um grão de areia naquele deserto escaldante de palavras.

—Olha, rapariga—repete ele—tu pensas que sempre vais ter dezoito anos? E esse corpo bonito? E esses olhos? E esses seios? Não demora muito e estás franzida, murcha, velha (Salú vai num crescendo, entusiasmado), horrorosa! E que fizeste da tua mocidade? (Salú repete a frase dum romance que leu recentemente. O herói chamava-se Henry e a sua técnica de conquista era esta: mostrar à rapariga que a vida passa, o corpo envelhece e a gente deve aproveitar a mocidade.)

Chinita fica olhando para Salú. Nunca o viu tão entusiasmado. Será certo que ele a ama de verdade?

Silêncio breve.

—Então?—torna a perguntar ele.—Vamos ou não vamos?

E os seus olhos fixam-se insistentemente no rosto de Chinita. E ela sente que vai ceder. Não por causa das palavras, que mal entendeu. Não por causa do fantasma da velhice. Mas sim porque gosta dele e porque o calor desta mão peluda e morena, malvada e musculosa, está-lhe dizendo que existe no amor outra sensação que não é de dor nem de desgosto.

## 74

O coronel Pedrosa dá palmadinhas repetidas nas ancas de M.lle Nanette Thibault, manicure, com um ar feliz, risonho e confiante de proprietário.

Nanette suporta, passiva. Hoje, precisa fazer um grande pedido. Todo o mundo tem automóvel. Por que não pode ela ter também? Viu um *Chevrolet* moderno, novo, muito barato. Ele não negará. Bem preparado o caminho—carícias, elogios, provas de amor—a coisa não será difícil.

Zé Maria refastela-se numa poltrona. Nanette senta-se aos pés dele. Parece uma gata ruiva—pensa Zé Maria. *Il me semble un cochon!*—pensa ela. Mas, para Zé Maria, gata ruiva é um símile carinhoso, um elogio. Ele não resiste à tentação de dar voz ao pensamento:

—Tu pareces uma gatinha amarela sentada aos pés do dono.

E ri—*hê-hê-hê.*

Nanette pôe-se de quatro pés, arqueia o dorso e faz:

—Miau! Miau!

A risada do coronel cresce: *Hêi! Hêi! Hêi!* Ela continua:

—*Miau! Miau!*

*Se eu fosse vinte anos mais novo*—pensa ele—*eu também me parava de quatro e ia brincá de gato com ela.* Mas os seus cinquenta anos, as botas apertadas e o ventre bojudo não lhe permitem a travessura.

Nanette levanta o braço, como um gato que ergue a pata para tapear um novelo de lã.

—De quem é esta gatinha bonita?

E Nanette faz de novo: *Miau-miau!*—apontando com o dedo para o coronel, como quem diz: De você!

Zé Maria fina-se de riso.

A hora é boa—pensa Nanette—eu vou pedir.

Levanta-se e vai sentar-se no colo do amante. Passa a mão pelos cabelos dele.

—Eu vou pedir-te um favor...

—Ai! Ai! Ai!—faz Zé Maria, farejando pedido de dinheiro.

—Olha que eu já dei uma pelega de quinhentos trás-ant'ontem...

Nanette faz um muchocho.

—*Non!*—E finge indignação.—*Non* é dinheiro.

—Então que é?

—Zé Maria fica hoje para jantar com Nanette, *oui?*

## 75

Sete andares acima do apartamento de Nanette, Chinita tem agora a grande revelação. O quarto de Salú está imerso numa penumbra doce. O silêncio prolonga-se. Parece que a vida parou. Agora só existe um lago de prazer, um lago fundo de águas quentes, encrespadas, cheio de arrepios e redemoinhos. Chinita fecha os olhos e abandona-se, submerge sem pensar, sem ver. O rosto de Salú é uma mancha confusa na sombra. Ela só tem consciência dum contacto esfrolante e morno e delicioso e inexplicàvelmente doloroso.

Salú surpreende-se por descobrir uma nova Chinita. Uma Chinita sem solecismos, sem tolices, sem atitudes idiotas. Uma rapariga desamparada que coleia num movimento de onda, que

balbucia palavras que nem ela mesmo entende, que se abandona, que se crispa toda sob as suas carícias. E ele chega a sentir por ela, de mistura com este desejo violento de posse, uma ternura mole, boa, com um pouquinho de piedade—qualquer coisa de mais profundo, de mais sério do que ele próprio desejava.

O silêncio. E depois, quando Chinita sobe de novo à tona, o seu primeiro movimento é de pudor. Puxa apressada as cobertas até o queixo. Pela bandeira da janela agora insinua-se uma réstea clara de Sol.

## 76

Sol!—exclama Virgínia mentalmente. E vai abrir a janela que dá para a rua. Grandes clareiras azuis no meio das nuvens cor de ardósia. Um vento frio vai empurrando as nuvens rumo do norte. As poças de água que há nas calçadas coruscam. As árvores pingam gotas iridescentes.

Virgínia pensa em Alcides. Está na hora de ele aparecer. Naturalmente virá, como sempre. A chuva parou. E por que será que depois dum dia triste de chuva a saudade fica maior? Por que será?

Virgínia olha a rua. Passam eléctricos, as rodas esguicham água para os lados. Por trás dos morros da Glória e de Tesesópolis ergue-se uma nuvem que é um paredão sombrio. Mas por cima da barreira escura o céu é todo um clarão azul. As vidraças chamejam. Nos morros, verde escuro e verde iluminado.

Os minutos correm. O relógio bate cinco horas. Mas Alcides não vem.

Virgínia espera.

## 77

D. Maria Luísa torna a ler a carta. É a terceira vez. Há frases que já sabe de cor: «*...seu marido, esse homem que, não respeitando os cabelos brancos que tem na cabeça nem a virtuosa esposa que recebeu no altar perante Deus e a Sociedade, compartilha do leito duma prostituta que vive a suas expensas num luxuoso apartamento do Edifício Colombo.*» A princípio ela não compreendeu. Tanta palavra amontoada e difícil... Mas depois a luz fez-se. A carta queria dizer

que o marido dela tinha uma amante. Dizia o nome. Era francesa. Dizia onde ela morava.

A carta foi entregue na porta. Anónima! Ela sempre tivera medo das cartas anónimas. Falavam em Jacarecanga que o seu Machado da Barbearia Ideal gostava de escrever cartas anónimas. Uma língua ferina. Ela sempre que passava por ele cumprimentava-o amável, com medo duma intriga... Felizmente nunca recebeu nenhuma carta dessa espécie. Mas agora...

D. Maria Luísa apaga a luz e senta-se no sofá, com a carta na ponta dos dedos. Silêncio no casarão. Um silêncio frio de cemitério. Anoitece aos poucos.

D. Maria Luísa rumina a sua desgraça. Tudo está acabado. O rapaz fina-se aos poucos, consumido pela orgia, pelas noites que passa em claro, pela bebida. A filha perdeu todo o respeito aos pais, vive na rua, solta, como uma rapariga da vida, desbocada, atrevida. Zé Maria perdeu o governo da casa e agora arranjou uma amante. Amigado! Maldito dinheiro! Ela bem sabia que dinheiro da lotaria trás desgraça.

A escuridão faz-se mais funda. O silêncio persiste.

D. Maria Luísa recorda.

Está em Jacarecanga e a hora da janta aproxima-se. Vem da cozinha um cheiro de churrasco. Na frente da casa brincam as crianças da vizinhança. A negra Arminda caminha dum lado para outro, mexendo nas panelas. Manuel vem chegando da rua. Vai para a casa de banho cantando. Chinita acabou de se vestir, está falando em ir ao cinema com as filhas do colector. Zé Maria há pouco veio da loja e pede água morna para lavar os pés. O armário da varanda cheira a noz moscada. A madressilva do muro tem um perfume mais forte quando anoitece. Tudo tão bom, tão calmo... Depois a família reune-se ao redor da mesa. Zé Maria conta coisas da loja: discussões com o Madruga, boatos da política. Manuel fala numa fita boa que vão passar no *Ideal*. Chinita diz que o vestido amarelo pode ser reformado, fica muito bonitinho com um enfeite *marron*...

D. Maria Luísa começa a chorar.

O relógio grande bate sete badaladas, que ficam ressoando pelas peças grandes da casa.

Zé Maria telefonou: «Não me espere. Vou ficar na cidade até de noite.» Chinita também mandou recado igual. Manuel não dorme em casa há dois dias...

D. Maria Luísa sente vontade de morrer. Porém, mais forte do que essa vontade de morrer é a de voltar para Jacarecanga, à procura da vida antiga.

Agora em torno dela—o silêncio, o frio, a noite, a carta.

# 78

A luz do luar mistura-se com a luz do candeeiro da varanda de João Benévolo. Cheiro de humidade. Frio.

Ponciano, palito no canto da boca, fala do tempo, indiferente.

—Ninguém diria que ia parar a chuva de repente. Este tempo é o diabo.

Laurentina sacode a cabeça. João Benévolo tem vontade de esbofetear o outro. Ponciano continua...

—Eu me lembro que no Inverno de 1912...

O que ele diz depois João Benévolo não ouve porque agora anda perdido no seu mundo impossível. Uma dor no estômago faz que ele volte à realidade.

—É o diabo...—está dizendo Ponciano.

Napoleãozinho choraminga no quarto. O gramofone do vizinho começa a tocar. Laurentina suspira.

Sempre a fome—pensa João Benévolo—a gente é como um saco sem fundo. Não há comida que chegue. Que bom se inventassem um meio da gente não precisar de comer! Ficava tudo mais fácil. Não havia tanta necessidade de trabalhar.

Ponciano olha Laurentina com o seu olhar frio. Ela está mais magra, mais abatida. Mas é a mesma. O jeito de falar fechando os olhos, os gestos lentos, e voz de nené dengoso. Se a situação dura, ela definha-se. Mas antes que ela se definhe há-de vir para ele. Agora é preciso ter paciência. Ele podia arranjar um emprego para o marido. Mas melhor é deixar assim. Para a Tina ficar cansada. Um belo dia ele chega e diz: «Laurentina, o Janjoca não presta, deixe ele. Isso de viver assim na miséria é o diabo. Venha comigo. Pode trazer o filho, não faço caso.» Ela não resiste e vem. Paciência. Quem esperou até agora, pode esperar mais.

Silêncio na varanda, silêncio só quebrado pela música abafada do gramofone.

—Deve haver uma fresta na janela—diz Laurentina, tremendo de frio.—Estou sentindo uma corrente de ar.

João Benévolo encolhe os ombros.

—Corrente de ar é o diabo...—diz Ponciano.

Outra vez o silêncio.

Ponciano olha para Laurentina e faz planos. Manda pôr mais uma cama no quarto. Ah! É verdade! Mais outra para o guri. Bom. Compra-se um guarda-roupa barato, uns quarenta mil réis... ou sessenta que seja... Manda pedir mais mil réis de

comida no restaurante. Pode ser que a dona da casa se zangue... Paciência! Ele paga. Se ela não se conformar, perde o inquilino.

Os minutos passam.

Irá deixar mais dinheiro hoje ? — pensa João Benévolo, odiando Ponciano.

Laurentina costura roupas do filho. E sente que os olhos de Ponciano estão postos nela, daquela maneira insistente, desagradável, como os olhos duma cobra. Decerto hoje ele comeu bem. Está de sobretudo—um sobretudo bonito, peludo, manta de lã; em casa naturalmente tem cobertores grossos...

—Está húmido o chão—diz João Benévolo, só para dizer alguma coisa.

—Humidade é o diabo.

No outro quarto, Napoleão, da cama, olha a Lua, pela janela. A Lua! Se a gente pudesse voar como um passarinho e ir para a Lua? Que será que tem a Lua? Gelo? Água? Queijo? Decerto na Lua está Tom Mix. Aquela coisa escura dizem que é S. José puxando o burrinho com a Virgem Maria e Jesus ao colo. Mas será certo haver gente na Lua?

## 79

Começa o serão dos Leitão Leiria.

Vera, acocorada no divã, continua a leitura da sua novela. D. Dódó faz *tricot*—um casaquinho para uma velha do asilo de mendigos. De quando em quando, ergue os olhos para olhar para o escritório. Pela porta aberta ela vê o seu Teotónio, de quimono azul, com a mão esquerda apoiando a fronte e a direita segurando um livro.

D. Dódó pensa no seu aniversário e dá graças ao Senhor. Mentalmente vai contando os pontos do *tricot*, as agulhas verdes de galalite agitam-se-lhe nos dedos ágeis. Enfim, ela chega feliz e cheia de saúde aos cinquenta e dois anos—um p'ra cima, uma laçada—marido bem de negócio—três para baixo—filha criada—um p'ra cima, uma laçada—(as agulhas movem-se rápidas)—só o que me dói—três p'ra baixo—é que ela não seja filha de Maria—um p'ra cima...

Vera esquece o livro e pensa em Chinita. Não a viu em todo o dia. Telefonou. Disseram que não estava em casa. Que andaria fazendo na rua? No mínimo, o idiota do Salú estava atrapalhando. Podiam estar as duas conversando agora, fechadas no quarto. Tanta coisa a dizer... No entanto, ela tem de ficar

aqui neste serão aborrecível, os velhos cada qual no seu canto, em silêncio. Depois vem a hora do chá. A mamã fala mais uma vez no desejo que tem de que a sua querida filhinha se resolva a ficar Filha de Maria. «Será o dia mais feliz da minha vida!» O pai repetirá, como sempre: «A sua mãe tem razão, Vera!» E fará a cara mais grave deste mundo. Finalmente, a hora de dormir, o quarto silencioso e aquela saudade de Chinita...

Leitão Leiria lê a vida de Bismarck. Sempre é bom a gente conhecer a intimidade dos grandes homens. Como eles eram. O que faziam. As lutas que tiveram. As suas fraquezas. As suas peculiaridades. Instruem muito, as leituras deste género. São um estímulo. Os homens precisam de beber coragem e sabedoria nessas fontes...

E agora, lutando contra a página de composição maciça em caracteres miúdos, Teotónio sugestiona-se para poder continuar a leitura. Há dentro dele duas personalidades distintas. —Uma é a do homem sensato que acha que o livro deve ser lido, porque é instrutivo, porque é edificante, porque pode oferecer sugestões, modelos. O outro é o Leitão Leiria verdadeiro, animal livre que acha mais sabor num romance policial ou numa história galante do que nas páginas sisudas e graves. Continua —diz um. As minhas costas estão doendo—queixa-se o outro. —Mira-te nesse espelho que é Bismarck: ele era forte e constante. —Mas eu posso ler outro dia.—Leia agora, veja que homem! —Eu sei, mas estou aborrecido.—Queres seguir a política? Então? Procura imitar Bismarck! Haverá padrão melhor?

E Leitão Leiria, ao chegar ao fim duma página, verifica que não compreendeu nada do que acaba de ler. Volta à primeira linha. O autor conta da mocidade de Bismarck. Leitão Leiria descobre um trecho admirável, levanta-se com o livro na mão e vai mostrá-lo à mulher:

—Olha, olha só que bonito.—E lê: *De noite, quando batem duas horas, infelizmente com mais fervor do que se orasse pela salvação da minha alma, eu oro pelos meus.* Isto é um trecho da carta que Bismarck escreveu à mulher.

D. Dódó sorri:

—Não sei quem é esse Bismarck, mas já estou simpatizando com ele...

Entre paternal e importante, Leitão Leiria explica:

—Bismarck, minha filha, foi um grande estadista. Alemão.

E volta para o escritório. Retorna à posição antiga.

A luta começa. Leitão Leiria faz um esforço heróico para continuar a leitura. Acha a cadeira muito dura, as costas doem-lhe, a luz é fraca, as letras do texto são muito miúdas.

E um desejo traiçoeiro e mau lhe vai invadindo o ser. Como uma criança que planeja uma travessura ele olha com o rabo

dos olhos na direcção da mulher. D. Dódó continua a movimentar as agulhas do *tricot*, absorta no seu trabalho. Leitão Leiria ergue-se de mansinho.

—Queres alguma coisa, meu filho?—pergunta Dódó.

Teotónio sente um pequeno sobressalto desagradável. (O menino surpreendido em flagrante quando ia roubar marmelada na dispensa...)

—Não, minha filha, não é nada...

Dódó não desvia os olhos do trabalho. Silenciosamente Teotónio vai até a prateleira de livros e tira dela um volume de capa amarela. Mansamente volta para a mesa e abre o livro, dissimulando, conservando aberto a pequena distância o «Bismarck». E à sombra do Chanceler de Ferro, Bocácio conta as suas histórias. (É preciso conhecer os clássicos).

D. Dódó pensa nos pobrezinhos da China—um p'ra cima, uma laçada—no dia de amanhã, que naturalmente vai ser agitado —três p'ra baixo—felicitações, convidados para o almoço—um p'ra cima, uma laçada—recepção à noite...

Vera boceja.

## 80

Noel passou todo o dia desejando esta hora. Agora os dois estão sentados na escada, o luar inunda a rua. D. Eudóxia balança-se lá dentro na sua cadeira, o corredor está envolto numa penumbra suave. Como Fernanda fica bonita assim, na meia luz, como os seus olhos brilham, como emana dela um calor que dá confiança, que dá vontade de ficar—de ficar para sempre!... Se ele tivesse coragem falar-lhe-ia com franqueza. Diria tudo. Pegaria na mão dela, trazendo-a para bem juntinho de si e ficariam depois os dois aqui abraçados, sem dizer mais nada. E tudo passaria a ter uma significação nova. A vida lhe mostraria uma face diferente—alegre, cheia de esperanças claras. A sua solidão quebrar-se-ia. Ele teria sempre junto de si uma criatura que o compreendesse, uma criatura terna e ao mesmo tempo decidida e forte. Se ele tivesse coragem... Sim, a penumbra dá-lhe mais ânimo. Sempre é melhor falar e dizer coisas íntimas quando o interlocutor não nos vê a cara. Mas o que Noel teme é o som das próprias palavras morrendo no silêncio, sem eco. Apavora-o sobretudo o ridículo da situação.

O silêncio já dura há alguns minutos.

Fernanda olha para Noel e tem vontade de afagar a sua cabeça de menino desamparado. Ele sempre lhe desperta instintos maternais. É um pobre ser sem vontade que precisa duma pessoa que o guie pela vida fora, levando-o pela mão. E ela agora nem ousa pensar que a amizade de ambos possa tomar outro rumo. Da sua parte não há-de dizer nada. No entanto, sente todas as palavras que Noel não diz. Lê fundo nos pensamentos dele, adivinha-lhe os desejos. No colégio sempre foi assim. Quando Noel se revolvia na classe, inquieto, tímido, sem coragem de pedir, e lançava para ela um olhar suplicante, Fernanda erguia-se, compreendendo, levanta o dedo e dizia: «Fessora, o Noelzinho quer ir lá fora.» Os outros riam. Mas era assim... Ela sabia quando Noel não tinha estudado a lição. Conhecia quando ele estava com medo. E agora pressente que o amigo tem uma confissão a fazer. Podia, como outrora, servir de alto-falante para os pensamentos dele. Ou ir até ao encontro de Noel, esperando-o na metade do caminho difícil.

O silêncio persevera. Por mais que busque um assunto Noel não encontra outro além do desejo que tem de dizer a Fernanda que a ama. Os segundos passam. Fernanda sorri. Noel sorri em resposta.

Lá de dentro vem a voz de D. Eudóxia:

—Olhem o frio, meninos! Apanham um resfriado, uma pneumonia. Por que não entram?

—Estamos bem aqui—responde Fernanda. E em voz mais baixa para Noel.—A mamã sempre agourando. Nunca vi tanta facilidade para inventar desgraças...

Outra vez o silêncio.

—Por que estás tão triste hoje, Fernanda?

—Triste, eu? Mas não!

Ri. Está claro que Noel não deve ficar sabendo que ela perdeu o emprego. Contar seria indecoroso. Ele tem recursos. Podia parecer uma insinuação. O mesmo que dizer: «Vês? Perdi o emprego, estás na obrigação de me arranjar uma colocação, de me dar um amparo. Não somos amigos? Não fomos camaradas de colégio? E, a propósito, por que não me propões casamento?»

Não. Ela não dirá nada enquanto não encontrar novo emprego. De resto, contar tudo seria deixar Noel numa situação embaraçosa. Seria aumentar-lhe o desalento e a sensação de inferioridade.

E como nenhum dos dois acha o que dizer, o silêncio perdura.

# 81

Parado à esquina, Pedrinho olha para a casa de Cassilda e tirita de frio. O vento encana-se no beco e é fino e gelado. As estrelas piscam. Lua cheia.

Pedrinho espera. A janela de Cassilda está fechada. Sinal de que alguém está com ela. Deve ser o tal amigo.

Passa o vulto dum guarda encolhido dentro do capote. Uma risada solta de mulher. Por trás duma casa sobe um clarão violáceo, rápido como um relâmpago. Vozes.

Os minutos escoam-se. Pedrinho espera.

Na janela de Cassilda aparece agora a luz vermelha. Pela porta da casa um vulto sai. O coração de Pedrinho começa a bater de esperança e ele vai caminhando, apressado.

E na sombra da saleta já está aquela silhueta familiar, parada, tranquila. E a voz conhecida, calma e boa, diz-lhe:

—Olá, *nêgo*, entra que está frio!

# QUARTA-FEIRA

## 82

São seis horas da manhã. Clarimundo já deitou a água a ferver, lavou o rosto, escovou os dentes, arrancou a folhinha e agora está lendo o seu Einstein. Lá fora os galos cantam. Passam carroças. O fogareiro chia.

Clarimundo olha para o relógio, longamente. Seu Fiorello virá? Naturalmente vem. O convite foi bem claro, «*amanhã, às seis e dez, vamos inaugurar a cafeteira*». O professor olha para a cafeteira de folha que está em cima da mesa, projectando na parede uma sombra azulada. Custou vinte mil réis numa loja do Caminho Novo. Dentro de alguns minutos—com ou sem seu Fiorello—ela será solenemente inaugurada.

Clarimundo esquece Einstein por alguns instantes para fazer certas variações sobre o tema—cafeteira. No fim de contas o café faz falta: de manhã, uma hora depois do chimarrão, ao meio-dia, depois do almoço, à noitinha, depois da janta, e antes de dormir quando está frio. Ora, o homem que vive preocupado com problemas transcendentais vai esquecendo as pequenas coisas da vida, os pequenos objectos que lhe podem proporcionar conforto. Que diria o homem de Sírio sobre a cafeteira nova? Qual a sua impressão? Enfim, uma cafeteira não deixa de ser uma novidade. E assim é a vida. Não acontece nada. Chatíssima. Horário rigoroso: tudo sempre às mesmas horas, sem o menor imprevisto. De repente acontece uma novidade assim como com a cafeteira, convida-se um amigo, um vizinho para vir provar o primeiro café, conversa-se um pouco e quebra-se a monotonia do dia-a-dia opaco e repetido. Mas deixe estar que uma cafeteira...

Batem à porta.

—Quem é?

E uma voz do corredor:

—O Fiorello, sô professor!

Clarimundo abre. Fiorello entra. Cumprimentam-se.

Fiorello fala do tempo: o dia vai ser lindo, o frio é de rachar, nenhuma nuvem no céu, quem diria?, com o tempo que fez ontem...

—Sente-se, seu Fiorello.

O sapateiro senta-se. Clarimundo, esfregando as mãos, vai ver se a água já ferveu. Abre a lata do café, pega na cafeteira e com o maior cuidado do mundo dá início à cerimónia.

—Porque tudo tem a sua ciência na vida, seu Fiorello...

Fiorello sacode a cabeça, num silêncio de respeito e conformidade. Clarimundo continua:

—Não pense que estou fazendo isto à toa. Procurei numa enciclopédia, quis ver como se fazia café. Não achei nada.—Despeja uma colherada do pó marron dentro do saco.—Felizmente eu tinha um *Manual da boa Dona de Casa*...

Pega na chaleira, que já está exalando vapor pelo bico, e despeja a água na cafeteira. Um cheiro activo de café invade o ar.

Fiorello boceja. Esfregando as mãos Clarimundo vai buscar as xícaras e o açúcar.

—Tudo na vida tem a sua ciência, seu Fiorello!

## 83

Fernanda acorda indisposta, cabeça tonta, corpo levemente dolorido. Mas o Sol da manhã dá-lhe um ânimo novo. A vida começa outra vez. E ela tem uma compreensão nítida e quase dolorosa da sua situação: é preciso que tudo continue em ordem, que o irmão vá direitinho para a loja, que tenha o seu café com pão e mel todas as manhãs, que a mãe tome o seu leite na cama e que siga ignorando que ela foi despedida do escritório; é preciso arranjar uma colocação e continuar mostrando a toda a gente uma cara alegre.

Fernanda abre as janelas, acorda Pedrinho e vai até a porta apanhar a garrafa do leite. Depois tira do peitoril da janela os pães que o padeiro ali deixou pela manhã e vai acender o fogareiro. A garrafa de álcool está no fim: mandar buscar outra. A torneira do lavadouro está arruinada: telefonar para a Prefeitura. Reclamar também ao leiteiro: que deite menos água no leite. Comprar mais uma xícara.

Fernanda estende a toalha na mesa. Um Sol louro ilumina a varanda. A última ruga de descontentamento apaga-se no rosto dela. O dia está tão lindo, o céu tão azul... Barulho no quarto de Pedrinho; pouco depois, a torneira escorrendo na banheira, a voz do rapaz cantando uma canção de Carnaval.

Fernanda parte pão em fatias finas, para render mais. E ela mesma já vai passando nele o mel, para evitar excessos e abusos. A toalha está suja, mas hoje não é possível mudar porque a lavadeira... e, por falar em lavadeira, é preciso dizer à preta Arcanja que ùltimamente as roupas têm vindo muito amareladas e com um cheiro de fumo. Para que é que se paga trinta mil réis?

Fernanda volta para a cozinha. Abre a janela que dá para o pátio. O pátio é estreito e sujo, recoberto de erva, com caixões velhos, as cercas apodrecidas, o pessegueiro solitário bem ao fundo. Mas até o pátio está bonito sob o Sol matinal. As ervas rebrilham nas gotas de sereno. Uma galinha do vizinho está empoleirada na última tábua da cerca. Os quintais nas redondezas ganham vida, galos cantam, cachorros latem, ouvem-se vozes conhecidas, alguém racha lenha.

Fernanda olha para o céu e lembra-se de Noel. Fica parada, imóvel e esquecida por alguns instantes, contente de sentir no rosto a carícia do Sol e do vento brando e frio. Na sua vida, toda feita de preocupações miúdas, de quando em quando abre-se uma clareira e a figura de Noel aparece. E Fernanda sente que é inútil continuar procurando iludir-se, inútil querer esconder de si mesma a verdade que vive dentro do seu coração... Inútil.

Ela passa as horas distraída a escrever cartas comerciais no escritório, ou a fazer o serviço da casa, ou a ler os seus livros— mas lá de repente, a propósito dum raio de Sol, dum pedaço de céu, duma nota de música, vem-lhe à memória a imagem de Noel —aquele menino desamparado, de olhar bom, aquela cabeça frágil que desperta instintos maternais, que dá vontade de acariciar.

Mas a água já deve estar fervendo. Fernanda volta-se rápida e grita:

—Pedrinho, venha tomar café!

Põe a aquentar o leite para a mãe. D. Eudóxia geme no seu quarto.

Pedrinho, cabelos lambidos e húmidos, entra na varanda.

—Bom dia.

Assobiando, senta-se à mesa. Fernanda serve-lhe café. E observa:

—Pedrinho, por que vestiste hoje o fato novo?

—Ora, mana...

—Vais estragar a fatiota no serviço...

Pedrinho não responde.

Fernanda toma o seu lugar à mesa.

—E quando tiveres tempo, corta essas unhas...

Pedrinho, que estava com a mão direita estendida, encolhe depressa os dedos.

Fernanda despeja café na sua xícara. Pedrinho perde-se em pensamentos. Hoje vai pedir ao gerente para sair meia hora mais

cedo. Quer ter tempo de passar pelo Sloper, para comprar o colar para Cassilda. Ela naturalmente vai ficar satisfeita. Deus queira que fique.

—Pedrinho, não voltes muito tarde para o almoço!

O rapaz sacode a cabeça.

À flor do lago preto que há na xícara de Fernanda, reflecte-se a janela iluminada. Ela fica pensando em Noel.

## 84

Contente da vida, Arménio sai para a rua assobiando uma valsa de Strauss. Que dia bonito para escrever numa crónica: «*Na manhã de ouro as silhuetas gráceis das nossas beldades...!*»

Arménio pára diante duma vitrina que expõe artigos para homens e namora uma gravata cor de vinho com bolotas verde oliva. «Deve ser pura seda e deve assentar admiràvelmente bem com o meu fato castanho. Vou comprar.»

E continua a andar. Pára noutra vitrina. Chapéus Stetson. Um manequim de cera—a paródia dum homem de cabelos louros, sobrancelhas hirsutas, lábios e faces muito carminados exibe uma gabardine que os vendedores e os fabricantes garantem que é impermeável. Qual impermeável, qual nada!—pensa Arménio. Ele já teve uma, apanhou chuva, deixou passar água e encolheu.

No fundo da vitrina, um espelho. De repente, no meio dos chapéus, Arménio dá com uma cara conhecida. Olá! E vê que a sua gravata está um pouco torta—que horror! Corrige a laçada, puxa um pouco a aba do chapéu, mira-se por alguns instantes mais e continua o seu caminho.

As fachadas das casas estão alegres, batidas pelo Sol. As torres da igreja do Rosário recortam-se contra o azul, e o vento faz rodopiar mansamente os galos dos cataventos. Vendo as torres, Arménio pensa em Dódó e no motivo principal que o trouxe à rua. Toma o rumo do telégrafo.

No *guichet* pede um papel e rabisca o telegrama:

*D. Dódó Leitão Leiria.*

*Av. 13 de Maio, 2654.*

*Respeitoso venho depor a vossos pés meus afectuosos cumprimentos motivo seu natalício, fazendo votos vida perene e feliz.*

*Dr. Arménio Albuquerque.*

Relê o telegrama, satisfeito. Risca *seu* e escreve *vosso*, para ficar tudo direitinho.

O empregado do telégrafo não aceita a emenda. Levemente contrariado, Arménio escreve de novo o telegrama e substitui *afectuosos* por *respeitosos*. Mas descobre a seguir que a palavra *respeitoso* já foi escrita e amassa, quase irritado, o papel. Na terceira tentativa, vence. Paga, recebe o recibo e sai para a rua. Na praça, admira os ombros de atleta da estátua do Barão do Rio Branco, pensa nas vantagens e glórias da carreira diplomática e a seguir entrega-se todo de pensamento à sua esquiva, à sua *exquise* Vera.

Hoje, à noite, na recepção de M.me Leitão Leiria, como o tratará aquela ingrata?

## 85

De repente, Laurentina sentiu o que nunca tinha sentido em toda a sua vida. Uma coisa estranha que lhe subia no peito, cada vez maior, mais quente, mais forte—uma coisa que se continuasse presa dentro dela, estourava, rasgando-lhe as carnes.

E, sem pensar no que fazia, como que levada por uma força misteriosa, ela avançou para o marido de mãos erguidas e punhos cerrados.

—Pamonha, Nulidade! Água morna!

João Benévolo recuou, assustado, correu para a varanda e entrincheirou-se atrás da mesa. Ficou ali de olho arregalado, branco, sem fala, trémulo. Nunca tinha visto a mulher daquele jeito. Ela nunca dizia nomes, nunca se revoltava. E agora, de repente, sem mais nem menos...

Laurentina, depois de soltar aquela *coisa* sufocante, atira-se sobre a cama e fica chorando, miserável. Napoleãozinho desata o choro também.

João Benévolo espera, o coração batendo com força, desgraçado, desamparado, sem voz nem acção.

Os minutos passam. Ele vai-se aproximando da mulher, devagarinho, medroso. O corpo de Laurentina está sacudido de soluços.

—Tina... Tina...—A voz dele é um fio fino e trémulo.—Que foi que eu fiz?—E a sua voz é desgraçada, abjecta. É a voz dum derrotado, do homem que perdeu o último vestígio de orgulho.

—Que foi?

E no momento em que repete a pergunta, João Benévolo compreende tudo. Não. Não precisa que ela diga. Ele sente tudo, embora preferisse não sentir. O dinheiro acabou. Onde vai arranjar-se comida? Os dias passam e ele continua desempregado. Nenhuma esperança. Só mentiras e promessas que não se cumprem. Os credores batem à porta a todo o instante. Já não há mais desculpas a inventar. Qualquer dia a velha Mendonça põe os trastes deles no olho da rua. Não, não precisa que ela diga. Ele sabe. E como sabe, não torna a perguntar.

—Tu vais ver—promete ele, baixinho.—Hoje eu volto empregado ou então não volto...

Quisera dizer estas últimas palavras com energia. Como as personagens de romance nos momentos bem dramáticos. Mas não pôde. Falta-lhe força. Falta-lhe vontade.

Laurentina e Napoleão continuam a chorar.

João Benévolo pega no chapéu e sai para a rua, em silêncio.

## 86

Quando D. Dódó desperta encontra à sua cabeceira uma enorme corbelha em forma de coração. Tem um sustinho agradável. Olha para o lado. O marido não está na cama. E num instante ela compreende que faz anos e que aquele coração florido é uma delicadeza do seu Teotónio. Que lindo!

Ergue-se e vai acariciar as flores. No cesto, há um pacotinho feito com papel de seda cor-de-rosa e atado com uma fitinha da mesma cor. D. Dódó desata a fita, desdobra o papel e descobre um estojo de veludo azul. Abre-o. Uma faiscação multicor contra um fundo de seda branca. Uma cruz de brilhantes! Oh! O que ela tanto desejava! Pregado ao forro da tampa, um cartãozinho pequeno com estes dizeres: *Para a minha querida Dódó, companheira fiel de vinte e oito anos, esta humilde lembrança daquele que a tem guardada no escrínio do coração—Teotónio.*

Uma onda de ternura invade D. Dódó, fazendo-a esquecer o frio do soalho sob os seus pés descalços.

E, toda alvoroçada, ela vai para a casa de banho fazer-se bonita para esperar o beijo do marido.

Vera toma café na cama e passa os olhos pelos jornais da manhã. Nada de novo. Discursos de Mussolini. Discursos de Hitler. Um *raid* aéreo fracassado. Explode uma fábrica de munições

na Bélgica. Os reis de Sião visitam Londres. Na quinta página, com títulos graúdos: «*A Gazeta entrevista uma das nossas Damas de Caridade.*» E, pouco abaixo, o retrato de D. Dódó, sorridente, em *cliché* de retícula grossa, quase irreconhecível. Vera sorri irònicamente para a entrevista da mãe e passa adiante. (Essa velha—é o seu pensamento mais íntimo e mais sincero—essa velha não cria juízo. Gosta de exibições, dá um dente por um retratinho no jornal. Depois, faz ares de surpresa e modéstia quando vê a sua cara nas folhas...) Na sexta página, um crime. Os cabeçalhos são berrantes. «*Lavando o seu nome com sangue dos adúlteros.*» É a história de sempre. Marido, mulher e amante. As fotografias são impressionantes. Vera franze a testa e examina. O cadáver da esposa infiel é uma massa informe no segundo plano da fotografia. Mas já o amante aparece em primeiro plano, noutro *cliché*. Está no leito do hospital onde morreu, parece que sorri: dentes muito brancos, cara morena, um fio fino de sangue que lhe corre do canto do olho esquerdo e vem terminar no pescoço. A história é simples: o marido desconfiava da mulher, o amante rondava-lhe a casa. Um dia saiu, voltou inesperadamente e encontrou a mulher e o amante aos beijos. Dois tiros na mulher e três no amante. Os nomes são desconhecidos para Vera. Mas a fotografia do rapaz, o seu sorriso branco e fixo, o fio de sangue... Repugnada, Vera volta a página depressa.

Chega-se a perder o apetite com estas histórias de crime. Não devia ser permitido publicar reportagens assim...

Levanta-se cantarolando. E como a manhã é clara e límpida, ela esquece...

D. Dódó, sentada à mesa do café, relê com delícia a sua entrevista. Por trás dela, com as mãos nos seus ombros, Teotónio lê também. De quando em quando, assobia baixinho.

Quando Dódó termina a leitura, ficam combinando providências para o almoço e para a recepção da noite. Monsenhor Gross aceitou o convite para almoçar. O Dr. Arménio—que moço atencioso!—virá também. À noite, só aparecerão os íntimos e a comissão das *Damas Piedosas*, que vai prestar uma homenagem à sua incansável presidente.

Quando Vera desce e, cumprimentando com indiferença, se esquece de que a mãe faz anos, a felicidade de Dódó turva-se por um instante. Leitão Leiria pigarreia repetidamente. E o seu pigarro insistente quer dizer isto: Vera, minha filha! Que é isso? Não sabes que tua mãe está de aniversário?

—Noémia!—grita D. Dódó para a criada—traga a corbelha para a sala.

Então, de súbito, Vera compreende. E salta, cheia de desculpas:

—Ora, mamã, perdoe-me. Que cabeça a minha!—E abraça-a, beijando-lhe o rosto.—Muitas felicidades!

De novo brilha o Sol na alma de D. Dódó.

Ah! Estas meninas modernas!—pensa Leitão Leiria.

E acende um charuto.

## 87

Chinita abre os olhos e a primeira imagem que lhe vem à memória relaciona-se com aquela tarde inesquecível. Debaixo das cobertas quentes, ela como que tornou a sentir de novo as carícias reveladoras de Salú. Já não há lugar para remorsos, para escrúpulos, para cuidados. Porque ela conheceu o gozo misterioso de cuja existência sabia por intuição. Agora, Chinita só pode desejar a repetição daquele instante agitado e bom.

A tira de Sol que entra pela fresta da janela estende-se até à cama. A manhã deve estar linda. Chinita toca a campainha. A criada aparece. Ela pede:

—Chocolate.

A criada torna a sair. Chinita espreguiça-se. Um bocejo cantado. Outra vez é Joan Crawford. O seu mundo do cinema renasce. O resto, que importa? Salú já lhe fez a grande revelação. E ela tem a impressão de ouvir as suas palavras: «*A vida é curta, a gente morre mesmo. Por que não aproveitar? Deixa de bobagem!*»

E a vida acaba mesmo.

Chinita fica pensando em Salú. Quando será que vai vê-lo de novo? Se fossem casados...

Mas não. Casamento é tolice. Primeiros meses, aquela fúria —como ele explicou. Depois—aborrecimento, frieza. Tudo fica visto, igual, repetido. Ao passos que dois amantes (apesar da palavra feia—*amante*) podem continuar a achar sempre no amor uma coisa gostosa, proibida, esquisita.

Os minutos passam. A criada entra com o chocolate.

—Que tal está o dia?

—Lindo.

Quando a mulata torna a sair, Chinita fica pensando: Será que ela já experimentou também aquele gozo proibido?

## 88

De pé, firme, junto da cama do marido, a mulher do tuberculoso espera o fim. A agonia começou. De olhos arregalados, os dois guris agarrados às salas da mãe olham sem compreender.

Maximiliano está com a vela na mão. Alguns vizinhos foram chamados. D. Vera veio de avental, enxugando as mãos. O capitão Mota apareceu de chinelos. O sapateiro italiano. O empregado do açougue. Todos esperam em silêncio. (O médico olhou, disse que era o fim e foi-se embora).

A vela treme. Maximiliano está de olhos revirados, respiração difícil. O tempo arrasta-se. O gramofone do vizinho começa a tocar a sua valsa de todos os dias.

—Mande parar essa gaita!—diz o capitão para o empregado do açougue, com voz indignada e trémula.

Depois que o capitão termina de falar, o silêncio cai de novo. A respiração do moribundo é tão fraca que parece que nem existe. Todos sentem a presença da morte.

O rosto lívido de Maximiliano é uma máscara transparente, dolorosamente tranquila e ele todo agora está imóvel.

—Finou-se—diz o capitão.

O rosto de pedra da mulher do morto não tem a menor contracção.

—Vão lá para dentro—pede ela aos filhos.

E, muito tranquila, tira a vela das mãos do marido, põe-lhe os braços debaixo das cobertas e puxa-lhe o lençol até à cabeça.

De repente o gramofone cala-se. Do peito da viúva de Maximiliano sai um suspiro leve de alívio.

## 89

João Benévolo caminha sem rumo. Já esqueceu a cena que teve em casa, esqueceu que é desempregado e que a sua gente hoje não tem dinheiro para comprar comida.

O Sol corusca. Os eléctricos passam trovejando. As pessoas caminham e cruzam-se com caras indiferentes. Parece que reina paz no mundo. Não há dores nem necessidades. Num café, um rádio despeja a música de uma banda. Um vendedor de frutas

canta o seu pregão. Um velho de sobretudo por cima do pijama cultiva o seu jardim. Na janela duma casa grande, uma rapariga de cabelos quase brancos de tão claros sacode um tapete, cantando. Cheiro de café torrado no ar. Buzinas que gritam. No meio da rua, os guardas estendem as mãos, dirigindo o tráfego.

João Benévolo segue. De repente, os seus passos começam a levá-lo para um rumo amigo, um rumo familiar e antigo. Janjoca caminha para a sua infância. Obscuramente, conhece o seu destino. Mas sabe que não deve ir. As esperanças de trabalho estão para outras bandas. Mas ele vai... Faz de conta que não sabe. Entrega tudo ao acaso... O acaso sempre é que tem culpa.

Quando cai em si, está na Rua da Margem. O seu coração aperta-se (será o coração ou é o estômago vazio que dói?) Estas pedras, esta terra, estas árvores, este ar—tudo são coisas familiares para ele. João Benévolo tem a impressão de que ouve vozes amigas, distantes e apagadas; acenos... De repente, surpreende-se a olhar de frente para o Janjoca magriço e pálido de doze anos que brinca na frente da Padaria Tripoli. Mas, reparando bem, percebe que quem ele está vendo é um guri novo que passa pela rua carregando um cesto.

João Benévolo caminha. Ali ficava a padaria Tripoli. Hoje é um armazém de secos-e-molhados. A casa não mudou. Só a pintura é que é nova. Que fim levaram os antigos donos? João Benévolo caminha para a ponte do Riacho. Um cão morto e inchado bóia à flor da água parda. João Benévolo olha o «seu mar». Aqui vinha ele brincar às guerras. Tinha feito um cruzador de madeira e lata. Chamava-se «Minas Gerais». Havia batalhas navais. Os guris da padaria tinham torpedeiros com nomes italianos. Brigavam. Depois faziam as pazes. João Benévolo dizia que ia ser almirante quando fosse homem. Ou general. Ou explorador na China. Ou na Índia.

No entanto está aqui, simplesmente um pobre diabo sem eira nem beira, com mulher e filho, sem dinheiro e sem emprego—olhando a água do riacho, do riacho onde antigamente singravam os seus couraçados e os seus sonhos...

No espelho pardo reflectem-se os vultos das árvores. Manchas largas de Sol. Passa uma catraia por baixo da ponte. João Benévolo esquece a infância e a realidade presente. Agora transporta-se para um outro mundo. Para um mundo de romance. Ele viaja pelas florestas virgens da África, à caça de diamantes. O cachorro morto à flor da água é um hipopótamo. Então o heróico explorador leva o seu *rifle* à cara e faz pontaria...

Dois moleques que passam ficam rindo daquele homem que fala sòzinho e que levanta as mãos assim com o jeito de quem está dando um tiro de espingarda...

Virgínia prefere tomar o seu café de manhã, no quarto. Ver a cara do marido seria estragar a manhã que está bonita.

Toma uma pérola Juventus, e espera que Honorato vá para o escritório.

Na varanda, Honorato toma café, pensando no trabalho do dia. É preciso providenciar para dar um destino àquela mercadoria que ficou à disposição no Rio Grande. Noel aparece à porta.

—Bom dia!

Honorato nota logo que o filho está com a fisionomia mais alegre.

—Bom dia! Como passaste a noite?

—Esplêndidamente.

Noel senta-se. A criada serve-lhe chá.

—Bonito dia—comenta o pai.

—Notável.

Honorato estranha o entusiasmo. Noel mexe o seu chá animadamente. Acordou alegre. E decidido, também. Teve de noite um sonho bom. Ia caminhando por uma estrada junto com Fernanda. Era Primavera e—estranho—ao mesmo tempo caía neve. O Sol brilhava sobre a neve e dava uma sensação boa de calor. Eles estavam casados e eram muito felizes. Até sua mãe sorria um sorriso bondoso e inédito. Quando acordou, viu que fazia Sol, bem como no sonho. Sentiu saudade de Fernanda.

—Papá.

—Que é?

—Lembra-se da proposta que me fez ontem?

—Da sociedade no negócio?

—Sim.

—...

—Não esqueça que eu disse que aceitava.

O rosto de Honorato abre-se como se um Sol de repente tivesse brilhado sobre ele.

—Não digas! É mesmo? Falaste sério?

Noel sacode a cabeça, cara alegre.

—Vai ser lindo!—Honorato não encontra palavras.—Tu vais ver... Sim, senhor... Vai ser uma coisa... uma coisa...—Não encontra o adjectivo.—Quando é que queres começar?

Quando o marido se vai embora, Virgínia desce.

Caminha até à janela. Na calçada fronteira—ninguém.—Foi

uma esperança tola a que ela teve. *Ele* nunca aparece de manhã... Por que não teria vindo ontem?

Virgínia voltou para a varanda. Pega no livro que está em cima da mesinha circular, abre-o, folheia-o sem vontade e torna a deixá-lo no lugar em que estava. Depois, senta-se no divã, toma uma revista, vê as figuras, larga-a, pega no jornal da manhã, passa os olhos pelos títulos e torna a atirá-lo depois para cima da mesa.

Encolhida a um canto, como um bicho arisco, Noca olha a patroa com olhos apaixonados.

—Que é que está fazendo aí, sua china sem serventia?

Noca solta uma risada gutural.

—Vá lá p'rà cozinha! Ligeiro!

Noca retira-se resmungando.

Virgínia vai de novo até à janela. Sol nas montanhas de Teresópolis. Sol na rua, nos jardins. Que vontade de sair! Sair à toa, sem rumo, de automóvel ou a pé, para a cidade ou para os subúrbios—simplesmente sair, deixar esta prisão enervante...

Virgínia percorre mentalmente a lista das amigas. Vai ao telefone. Faz girar o disco.

—Alô?—Pausa.—Alô? É da casa do Dr. Savério? A Sílvia está? Não? Saiu?—Pausa.—Muito bem.—Depois eu torno a telefonar.

Com uma ruga de aborrecimento na testa, Virgínia volta para o divã. Pega de novo no jornal. Duas figuras chamam-lhe a atenção. Uma mulher caída no chão... E de repente Virgínia sente um choque. Aquela cara ali no outro *cliché*—santo Deus!—aquela cara morena, os dentes brilhando... Não é possível! Não é possível! Não é possível! Seus olhos avolumam-se, seu coração pulsa rápido, ela fica tonta por alguns segundos, incapaz de um pensamento, incapaz de um gesto. Suas mãos tremem.

Ela lê. As letras primeiro estão baralhadas, mas depois desenham-se, nítidas... A legenda do *cliché* não deixa dúvidas: «*O inditoso Alcides Portela no seu leito de morte.*»

E então de repente escurece. Os sons que vêm da cozinha parecem saídos dum outro mundo remoto. As figuras da página do jornal tremem, confusas. E por muito tempo Virgínia fica como suspensa no ar, tendo apenas consciência das batidas dolorosas do seu coração. Um vulto passa pela varanda: alguma criada ou Noel? Ela nem sabe, não vê, não ouve.

Passam-se minutos. Depois vem uma sensação desconfortante de febre. E de novo Virgínia pega no jornal, olha o retrato, relê a legenda, procura os pormenores do drama. Não há dúvida. É Alcides mesmo. O que aconteceu com aquela outra mulher que o retrato mostra caída de borco, lavada em sangue, podia ter acontecido com ela. Não. Não podia. Honorato seria incapaz. Não

teria coragem. E de repente, inexplicàvelmente, Virgínia descobre-se a odiar o marido com mais força, como se ele fosse o culpado de tudo.

E durante alguns instantes Virgínia odeia Honorato. Depois o ódio morre para dar lugar a uma sensação de ciúme, a uma impressão de quem foi logrado, de quem foi traído. Então Alcides fazia com outra mulher o que fazia também com ela? Ficava à esquina, olhando para a outra, esperando a oportunidade para entrar em casa. E a sensação do ciúme dura apenas alguns segundos para dar lugar a impressão maior, mais forte, mais dolorosa—que é a sensação da perda irreparável, a sensação da morte. Da MORTE!

Virgínia dá dois passos às tontas. Tudo isto parece um sonho, um pesadelo, um impossível. O seu mal-estar aumenta. Um círculo de ferro aperta-lhe a garganta. Se ela ao menos pudesse chorar!

Sobe para o quarto, fecha-se à chave e atira-se sobre a cama. Se ao menos pudesse derramar lágrimas! Seria um alívio, um conforto. Não lhe sai da mente aquela cara escura de dentes arreganhados, num sorriso defunto, o filete de sangue, os detalhes do crime: «*surpreendendo os adúlteros...*», «*a bala atravessou-lhe a testa, indo alojar-se...*», «*o marido tresloucado...*» E a estas imagens misturam-se outras—os olhos brilhando, o sorriso vivo, o cigarro fumegando, a aglomeração no Bar Metrópole, a música, os perfumes...

E de repente, como se se rompesse uma represa gigantesca, as lágrimas brotam-lhe aos borbotões.

Virgínia chora incessantemente durante largo tempo.

Depois, mais calma, levanta-se, enxuga os olhos e sente uma vontade absurda de chamar Noel e de, pela primeira vez na sua vida, lhe acariciar maternalmente a cabeça.

## 91

Salú, ao despertar, verifica com certo alarme que o seu primeiro pensamento é para Chinita. O desejo que dela tem é uma doença que lhe penetra a carne. Um dia há-de acabar—ele sabe—como acabaram todos os outros desejos. Mas por enquanto ele é imperioso, exclusivo, dominador.

Debaixo da porta há uma carta. Salú inclina-se para apanhá-la. É da mãe. Uma carta cheia de recomendações. Ela pergunta-lhe: «*Meu filho, quando é que te resolves a trabalhar?*

*O Pereira que veio daí me disse que contaram para ele que tu vives na pândega e não estudas nem fazes nada. Porquê?*» A carta termina com novas recomendações e beijos. Salú dobra-a com carinho, sorrindo.

No espelho da casa de banho mira-se com amor. Descobre um fio de cabelo branco nas têmporas. Vinte e oito anos! Não é tempo de cabelos brancos. Incómodos? Não. Ele nunca se amofina. Sempre alegre, mantendo o sorriso. A vida é fácil. As mesadas são gordas. As mulheres procuram-no. Que diabo! Que quererá dizer este cabelo branco?

Salú pensou nos tempos de colégio. Tinha projectos tão sérios... Queria ser homem famoso. Banqueiro ou escritor. Atleta que fosse. Mas famoso. Nome nos jornais. Falado, discutido, querido ou odiado. O que não lhe servia era o esquecimento, o anonimato.

No entanto, agora... A vida rola sem projectos maiores. Uma mulher como centro das suas atenções. E a sua vida toda desenrolando-se em função da conquista. Depois, a posse, noites e dias de delírio, até que um dia ele, ao despertar, descobre que está achando tudo muito aborrecido e sem imprevisto.

Mas Chinita—pensa Salú tirando a roupa para entrar para baixo do duche do chuveiro—Chinita ainda é senhora. Que surpresa! A provinciana tola aparece-lhe agora sob um aspecto novo. Despida de roupas e de atitudes falsas, ela apenas é uma fêmea deliciosa, encantadora na sua inexperiência, submissa, paciente, dócil...

De repente, Salú tem uma ideia. O dia está bonito. Podiam combinar um passeio de automóvel... Nu e alvoroçado, Salú corre para o telefone e pede ligação para casa de Chinita.

## 92

O Sol do meio-dia elimina as sombras.

João Benévolo caminha à toa. Não tem coragem de tornar a casa com as mãos vazias. Desde que saiu, de manhã, ainda não aconteceu nada fora da sua cabeça. Dentro dela ele já viveu aventuras tumultuosas e incríveis. Fora, só o dia luminoso, os ruídos da rua: nada mais.

João Benévolo senta-se no banco duma praça e fica pensando. O chão está cheio de folhas secas. As árvores desgalhadas recortam

contra o céu o rendilhado dos seus ramos. Um cachorro deita-se num canteiro de relva.

Acariciado pelo Sol, João Benévolo vai ficando numa dormência preguiçosa, esquecido de tudo, nem feliz nem infeliz — simplesmente esquecido.

## 93

O corpo de Maximiliano está agora em cima da mesa da varanda, coberto com algumas flores. Quatro velas ardendo. A mulher continua firme, perto do defunto como esteve firme perto do doente. De vez em quando chega um conhecido. O cheiro da varanda é enjoativo. O rosto do morto está levemente azulado por cima da palidez.

D. Eudóxia, enrolada no seu chale, abraça a viúva e dá-lhe pêsames. Fica por um instante olhando para o cadáver e depois vai sentar-se a um canto.

Um velório! Dum modo obscuro e subterrâneo esta cena não deixa de constituir para ela uma alegria. Sempre vai aos velórios, quando pode, embora não conheça a família do morto. Um hábito. Também não perde agonia de doente. Sentiu muito não assistir à de Maximiliano. (*Também não sei por quê não me chamaram...*)

D. Eudóxia contempla detidamente a mulher de Maximiliano. Ela está magra, pálida, abatida. Naturalmente já contraiu a doença; o micróbio é danado... Esta não escapa. Quando muito, tem alguns meses de vida. E os guris? Difícilmente filho de tuberculoso escapa...

D. Eudóxia suspira e fica gozando o seu velório como quem saboreia um petisco raro.

## 94

O almoço dos Leitões Leiria prolonga-se.

Monsenhor Gross come peito de peru. É um homem vermelho e forte, sorridente e simpático, de grandes mãos, onde os fios louros de cabelo parecem faíscas de fogo. Vera come ervilhas com arroz. Leitão Leiria, muito teso, na sua cadeira, elogia o vinho. O Dr. Arménio, ao lado de Vera, não sabe que fazer nem que dizer para parecer mais distinto, mais simpático, mais polido e mais

brilhante. Já falou em religião (para agradar a Monsenhor e a D. Dódó), já falou em política e em comércio (para agradar a Leitão Leiria) e agora está falando em figurinos, convencido de que assim agrada a Vera.

Junto de D. Dódó, um senhor de cabelos grisalhos e cara escanhoada sorri em silêncio. Uma senhora magra que está ao lado de Leitão Leiria olha fixamente para uma rodela de limão.

—Então—fala a senhora magra, com uma voz grossa e pausada —quando é que a nossa Verinha se decide a ficar filha de Maria?

D. Dódó suspira.

—Ai! D. Camila, chego até a perder o sono por causa dessa menina...—Dirige-se a Monsenhor Gross.—Monsenhor, veja se o senhor consegue converter Vera.—O pedido é metade troça, metade sério.

Monsenhor desvia a atenção da carne branca do peru e sacode no ar, na direcção de Vera, um dedo repreensivo:

—Deixe estar, deixe estar... Um dia, eu chamo ao rebanho essa ovelhinha tresmalhada.

A sua voz é aguda e de quando em quando tem gritinhos desafinados.

—Não sei, Monsenhor—comenta Leitão Leiria—como é que dum casal religioso como nós foi possível sair uma filha tão avessa às coisas da alma...

—Caprichos da natureza...—sorri o senhor grisalho, em cima dum golpe de vinho.

—Caprichos da natureza—concorda Arménio, delicado. E pensa: *Délicieux caprice!*

A senhora magra fala de novo:

—Quem sabe se algum moço bonito não é capaz de convencer Vera?—E dizendo isto, olha intencionalmente para Arménio,

Arménio cora de leve e sorri, constrangido. Vera olha para o tecto, indiferente. *Que turma cretina!*—pensa ela.

Felizmente o homem de cabelos brancos começa a falar de política. Monsenhor diz do papel da Igreja na política. D. Dódó e o marido escutam com atenção.

Arménio olha para Vera. Seus olhos são uma súplica.

Os criados vêm e trocam os pratos. Tinem cristais.

As conversas animam-se. A varanda está inundada de luz.

E depois—pensa D. Dódó—o som destas vozes, o barulho dos pratos, o reflexo dos cristais—tudo parece deixar o ar ainda mais luminoso. Mas de repente, no meio de toda esta claridade, um pensamento horrível lhe ocorre. Uma lembrança. Ela sente um desfalecimento muito suave. Meu Deus! Como é que fui esquecer?

—Que é que tens, Dódó?—pergunta o marido, solícito.

—Oh! Mas é uma coisa horrível... Imaginem que eu esqueci-me de mandar levar aquele doente da Travessa das Acácias...

(Ao som de «Travessa das Acácias», Leitão Leiria tem um sobressalto desagradável. Os olhos verdes. A velhota gorda e odiosa. A cama que rangia. Oh! Que indignidade!)

—...para o hospital—termina Dódó.

E, toda trémula e azafamada, com as bolsinhas dos olhos a balouçarem-se piedosamente, ela pede licença, levanta-se e vai ao telefone dar uma ordem para o hospital.

Voltando à mesa, explica:

—É um doente muito grave. Coitadinho! A mulher está que é um fantasma. Dois filhinhos. Deixei-lhes lá uns dinheiros no sábado passado.—Suspira de novo.—Às vezes a gente não compreende por que é que há ricos e pobres. Por que será, Monsenhor?

Volta-se para ele como para um oráculo que deve dizer a última palavra. Monsenhor encolhe os ombros: ele, intimamente, só sabe que o peru está delicioso e o vinho é dos melhores.

Leitão Leiria socorre o hóspede de honra:

—Existem pobres porque Deus, na sua infinita sabedoria, quis experimentar os homens. Deu dinheiro aos ricos para ver se eles, no meio da opulência, não esquecem os desgraçados. Deu miséria aos pobres para ver se eles na sua desolação sabem guardar os seus santos mandamentos. Pronto!

E arruma o *plastron*, contente consigo mesmo.

—Existem pobres—explica Vera mentalmente—porque existem ricos como o papá, que gastam mais do que deviam, e querem ganhar mais do que precisam.

E Arménio, também interiormente, responde à sua maneira:

—Há pobres porque deve haver contrastes: luz e sombra, alegria e tristeza, riqueza e miséria. Desse desequilíbrio é que nascem os poemas e os romances. Que belo assunto para uma crónica! Ou uma palestra num baile! Ou num almoço.

E, aceitando a própria sugestão, dá voz aos seus pensamentos:

—Existem pobres porque deve haver contrastes...

Vera fixa nele um olhar de censura. Arménio, desconcertado, corta o discurso.

*C'est dommage!*

## 95

Mal deixa a mesa, D. Eudóxia quer voltar para o velório.

—Espere um pouco, mamã—pede Fernanda.—A senhora acabou de almoçar. Passou toda a manhã lá. Vá mais tarde...

—Deixa-me, Fernanda, que mal pode fazer? Parece boba...

E atira uma ponta do chale por cima do ombro e sai na

direcção da porta. Fernanda compreende que toda a resistência é inútil. Ela vai mesmo, digam o que disserem. Passou o mês inteiro a agourar a morte do vizinho e agora quer ter a sua recompensa.

—Pois então vá e tire bom proveito.

D. Eudóxia, à porta, detém-se, resmunga uma palavra e desce a escada.

Fernanda vai lavar os pratos. Como a água está fria! Os pratos nadam no lavadouro. No pequeno mostrador do relógio de pulso de Fernanda os ponteiros fazem a sua viagem circular. Parecem imóveis, mas no entanto o tempo passa. Daqui a pouco é hora de voltar para o trabalho. No escritório, o mesmo quadro baço. Branquinha por trás do seu vaso de flores, as cartas maçadoras de Leitão Leiria, o cheiro de sarro de charuto no escritório dele, o barulho da loja. E o pior é que já se passou um dia e ela não viu ainda esperança de arranjar emprego. Se lhe dessem uma nomeação de professora, seria ideal. Ir para um colégio tranquilo e lidar só com as crianças... Mas qual! É inútil. O remédio é continuar no comércio. Escritórios. Não será difícil. Em quase todos os patrões que ela tem conhecido mora um conquistador em potência. Eles olham: se a cara não lhes desagrada, o emprego está garantido. Mas depois vêm os olhares insistentes, as perguntas, as insinuações; os outros empregados tomam liberdades; as empregadas cochicham. E uma nova vida recomeça.

Até quando?

Fernanda acaba de enxugar os pratos e vai sentar-se na cadeira de balanço. Pega num livro e abre-o no lugar onde terminou a última leitura.

*Invitation à la valse*, de Rosamond Lehmann. Fernanda começa a ler.

No quarto contíguo Pedrinho abre a sua caixa de charutos e conta o dinheiro. Aqui estão os seis mil réis para o colar. Cassilda vai ficar contente. Contas coloridas. Assenta bem com o vestido vermelho que ela tem.

Pedrinho põe o dinheiro no bolso e vai vestir o casaco. Passa pela varanda:

—Então seu Maximiliano esticou mesmo?

E Fernanda, sem erguer os olhos do livro, responde:

—Esticou.

—Eu já vou. Quero chegar mais cedo.

—Pois sim. Passa pela casa do morto. A mamã está no velório, diz-lhe que venha antes de eu sair. Não posso deixar a casa sòzinha.

—Ahan.

Pedrinho sai.

Fernanda continua a ler. Olívia é a heroína do romance. Amanhece no dia do seu aniversário, recebe os beijos e os presentes.

Dão-lhe um corte de vestido cor de chama. Olívia está pensando com insistência num baile que vai realizar-se dentro de poucos dias. Agora, ela e a irmã, Kate, lutam com uma grande dificuldade: a falta de um par para o baile. Não há rapazes na vizinhança. Angústia.

Fernanda ri da angústia de Olívia. Como o seu draminha é inocente! Ela tem um lar, pai e mãe, a vida tranquila e só se julga infeliz por não achar um par para o baile! Olívia não tem de cuidar duma casa, de fazer as vezes de mãe da sua mãe. Olívia não tem de se preocupar com um emprego, com as contas do fim do mês. A sua vida toda está concentrada no baile. Como vai ficar lindo o seu vestido cor de chama! Os rapazes virão tirá-la para dançar? Ah! Olívia, menina tola, tu não sabes como és feliz! Tudo isso passa, bailes e vestidos, rapazes para dançar e o mais que, agora, te preocupa!

Fernanda lê, mas não pode evitar os comentários mentais. O livro é encantador. E então ela procura meter-se dentro dele o mais que pode.

Mas a màquinazinha implicante palpita e cochicha no pulso dela. Faltam dez minutos para a uma hora. Já é tempo de ir andando. Fernanda ergue-se. Olha para fora. O professor já está, como de costume, à sua janela.

## 96

Clarimundo contempla os seus domínios. As pombas de D. Veva voam no ar luminoso. Na casa da frente, a rapariga bonita está pondo a bóina para sair. Por que será que o gramofone está hoje calado?

O professor debruça-se à janela. Passam pessoas pela calçada. Fiorello faz-lhe um sinal com a mão, da porta da sua sapataria. Clarimundo responde com outro aceno.

Comunicação interplanetária. Clarimundo pensa no seu homem de Sírio. Só ele enxerga a verdade das coisas. Todos os outros homens da Terra estão iludidos. O observador de Sírio vai falar, vai contar o que vê. As criaturas vulgares do mundo vão ficar surpreendidas. O livro será um sucesso. Os jornais falarão no nome do Prof. Clarimundo Roxo e no seu notável livro científico-literário. Clarimundo esfrega as mãos na antecipação da glória.

«O dia está bom e se eu continuar assim disposto, hoje à noite meto mãos à obra e começo o prefácio.»

De repente, uma agitação quebra a paz da paisagem. Outra vez o negro filho da cozinheira do capitão Mota toca com uma pedrada na vidraça da casa de D. Veva e quebra um vidro. Num relâmpago, o moleque esconde-se. D. Veva aparece à janela, vermelha e indignada:

—Quem foi o sem-vergonha?

Ninguém viu. Só o homem de Sírio que mora num ângulo privilegiado é que pode contar a verdade a todos os homens.

Clarimundo sorri interiormente e vai fazer café na cafeteira nova.

## 97

O relógio da casa de João Benévolo bate uma pancada que fica pairando no ar. E pára de súbito, com um ruído seco.

Falta de corda—pensa Laurentina.

Mas agora na sua vida falta tudo. Por onde andará João Benévolo, que não veio à hora do almoço?

A viúva Mendonça entra. Já nem bate. Não tem a menor consideração. E nem pode ter. Eles devem aluguéis atrasados. São como cachorros. Qualquer um lhes dá pontapés.

A velha fica parada, olhando para a outra.

—Então?

—Nada ainda...—respondeu Laurentina, fracamente.

—E o seu marido?

—Anda na rua, procurando emprego.

A viúva Mendonça sorri. E o seu sorriso está dizendo: Essa não como eu, ele anda mas é na vadiação.

Silêncio. A dona da casa suspira. Queixa-se da vida. Tudo muito ruim. Tudo muito caro. Tudo muito difícil.

Fica esfregando as mãos, olhando para o soalho, enquanto Laurentina procura uma coisa para dizer. De repente, a viúva fita os olhinhos miúdos com insistência no rosto da outra e pergunta, com uma voz em que se esconde um mundo de intenções:

—E o seu Ponciano, hem?

Pescoço esticado para a frente, o rosto fixo numa expressão de interrogação—olhinhos brilhando, muito abertos, testa pregueada de rugas, sobrancelhas alçadas, a velha repete:

—Hem?

Laurentina fica por um momento sem compreender. Os segundos escoam-se.

Por fim compreende. A viúva Mendonça começa a dar conselhos...

# 98

João Benévolo tem a impressão de que criou asas e que anda voando. Uma dor contínua no estômago. Fome. Cabeça oca. Moleza no corpo.

O relógio do edifício dos Correios e Telégrafos diz que são quatro horas e vinte. O Sol brilha. As pessoas, os automóveis e os eléctricos passam indiferentes. Os edifícios sobem para o céu e o céu não vê a desgraça dos homens.

João Benévolo pára na frente da vitrina dum restaurante. Empadas, *croquettes*, perdizes assadas, um peru enorme pelado e temperado, pronto para ir para o forno: presuntos cor-de-rosa, frutas...

João Benévolo olha e come mentalmente. O Rei Baltasar está no seu festim. Os pagens entram trazendo enormes travessas onde os faisões assados fumegam. Os molhos vêm em terrinas de prata, são perfumados e brilhantes. Mas a gente não pode ficar a vida inteira parado diante duma vitrina...

João Benévolo continua a caminhar. Que estará acontecendo lá em casa? Faz...—ele conta pelos dedos, uma, duas, três...—faz oito horas que saiu. Decerto não comeram nada. Ou comeram: D. Veva ficou com pena e mandou um prato. Ninguém morre de fome no Brasil. Já ouviu dizer isto.

O Sol bate em cheio nas fachadas. Os edifícios do outro lado já vão projectando uma sombra violeta sobre o calçamento da rua.

Muita gente que vai e vem. *Parece que ninguém me enxerga. Chegam a dar encontrões na gente. Fraco como estou...*

Os eléctricos passam num trovão. Amarelões. João Benévolo pensa em Changai. Será que em Changai há eléctricos? Deve haver.

Mas, que fazer? Voltar para casa com as mãos abanando? Não. Com que cara se vai ele apresentar à mulher? Ora, pode inventar que encontrou um amigo de infância, muito rico e muito bom que lhe prometeu um emprego. Pode inventar outras mentiras. Não são pròpriamente mentiras... Porque nada é impossível... Suponhamos que de repente surge um conhecido que está bem na vida e diz: «João Benévolo, que é isso, rapaz? Queres um emprego? Vem comigo.» E tudo se arranja...

Mas não aparece ninguém. As pessoas passam sem olhar. As vitrinas mostram comidas que ele não pode comprar. João Benévolo de repente começa a sentir uma vergonha muito grande, pois ocorre-lhe que todos podem saber da sua história, podem ler na sua cara e na sua roupa que ele deixou abandonados em casa, sem dinheiro e sem nada, uma mulher e um filho.

Não. É preciso voltar. João Benévolo continua a andar, procurando as ruas de mais movimento. Mas os seus passos levam-no para direcção oposta à da Travessa das Acácias.

Melhor é ir distrair-se no cais, olhar o rio. Deve estar bonito. Ficar triste não adianta. Tristeza não mata a fome de ninguém.

Fome. Muito engraçado este mundo. Fartura na maioria das casas. Os restaurantes deitando comida fora...

E no entanto ele aqui, de barriga roncando e doendo, cabeça oca, burlequeando sem rumo, doido de fome. Bastava que ele chegasse e pedisse: «Estou com fome, dêem-me um prato de comida.» Davam. Brasileiro é homem de bom coração. Não se nega nada a ninguém nesta terra, graças a Deus. Deus bem podia dar á gente outra sorte. Autos. Palacetes. Por que é que só eu é que não tenho? Ora, no fim quem sabe se não é assim que está certo?...

Mas cansa-se de caminhar. Senta-se num banco da praça e fica olhando para o céu. Nuvens contra o azul luminoso.

Cinco minutos. Vontade de se deitar e dormir, dormir e esquecer. Esquecer que é casado e que está sem emprego. Esquecer a mulher, o filho, as dívidas e a vida.

Uma vez, num conto, um homem dormiu num banco da praça e quando despertou encontrou na frente dele um velho de barbas brancas que o levou para um palácio, dizendo: «Toma' homem, tudo isto é teu. Passei a minha vida acumulando riquezas à custa da desgraça alheia. Hoje quero redimir-me. Dou-te este palácio.» E o vagabundo ficou morando no palácio. Vida de príncipe. Dinheiro, criados, comidas saborosas, divãs fofos, mulheres. Mas o pobre diabo acordou e viu que tudo tinha sido sonho.

João Benévolo acha melhor não dormir. Sonhar... também se sonha de olhos abertos.

Segue na direcção do cais.

O rio fulgura. Grandes navios de cascos negros atracados no porto. Guindastes e armazéns. As ilhas verdes, lá longe. Catraias. Uma chata vomitando fumo para o alto.

João Benévolo caminha. Tem o cuidado de evitar a beira do cais. Tonto como está é perigoso perder o equilíbrio e cair na água. O pior é que não sabe nadar.

O vento envolve-o, um vento que cheira a peixe e a humidade. Marinheiros pintam o casco dum navio.

Viajar. João Benévolo pára e sonha. Vai à proa, o vento do mar é como este, fresco e cheio de cheiros estranhos. Céu e água. Sindbad, para onde vais? Onde ficam as ilhas que têm tesouros escondidos? Onde?

—Olha o guindaste, moço!

João Benévolo dá um salto, assustado. O guindaste geme, pega nas cargas à porta dum armazém e põe-nas no convés do navio.

João Benévolo continua a andar. Outros navios, escotilhas debruadas de latão—*Afastem-se das hélices*—mastros, salva-vidas, botes, cordas grossas. Cheiro de tinta fresca.

A claridade é tão forte que João Benévolo tem de olhar com olhos semicerrados. Dois biguás passam voando bem baixo, quase a tocar na água. As chaminés e as casas dos Navegantes recortam-se ao longe, em silhuetas dum azul esfumaçado e vago, contra o céu claríssimo.

João Benévolo tem a impressão de que já não é deste mundo, que já não tem corpo. Agora, até a dor do estômago desapareceu. Se de repente ele saísse voando por cima da água como os biguás, não era de admirar. Fez a última refeição na tarde de ontem. Mais de vinte horas sem comer.

E de súbito—olhando para uma lancha que passa no meio do rio a toda a velocidade—João Benévolo pensa em fugir. A ideia brinca-lhe no espírito por alguns segundos. Fugir... Não ser mais João Benévolo, não ouvir mais chamarem-lhe Janjoca com voz chorona, não ser mais pai dum filho tristonho, não ser mais pobre diabo... Fugir... Outras terras, outras gentes, outra vida. Vida bonita de viagens e aventuras. Vida de herói. Fugir... João Benévolo imagina o que pode ser uma outra vida, o que significará ter uma nova personalidade. O esquecimento completo de tudo que ficou para trás, de tudo que é triste, pobre, feio, sujo e mau.

Mas a fuga dura só um minuto. A lancha já vai longe, quase se dilui contra o fundo escuro das ilhas.

«Com que cara vou eu chegar a casa?»

João Benévolo pensa até mesmo na possibilidade de não voltar mais. Ele já está sentindo mesmo a sensação de que é um fugitivo, um desertor. Se ficar na rua, no outro dia os jornais falarão no desaparecido. Darão os sinais: baixo, magro, encolhido, cara de menino medroso, mal vestido, barba de dois dias... É assim que a notícia do jornal vai dizer. Mas não é assim que ele se vê, não é assim que ele *realmente* é. Não! Ele enxerga-se forte e bonito, desempenado e valente.

O estômago dói-lhe de novo. O dia é lindo mas ele está com fome. Os veleiros vogam no rio mas a sua cabeça está oca.

João Benévolo volta para a cidade.

Nem vale a pena pensar. Não adianta. Melhor é entregar-se. Há-de acontecer alguma coisa de bom. Assim de repente, como nos livros.

Sai assobiando baixinho, tremido, o *Carnaval de Veneza*.

E brinca de pisar a própria sombra.

## 99

Enquanto escorre a água da banheira, Arménio lê *As Memórias de Casanova*. De quando em quando, a imagem de Vera mistura-se com as letras do livro e ele não compreende o que lê.

Diabinha! A mesma esfinge de *yeux verts*. Durante todo o almoço, indiferente e distante. De nada valeram as frases que ele preparou. Tudo perdido. Monsenhor Gross comia e bebia, rindo. D. Dódó era um anjo de solicitude e delicadeza. Leitão Leiria, teso e discreto como um *gentleman*. Os outros dois convidados, simplesmente ignorados, apagados, inexistentes. Sim, o peru estava delicioso, mas Vera não lhe dera o menor sorriso.

Arménio fecha o volume e atira-o para cima da mesa de cabeceira. Ergue-se da cama, tira o pijama e mete-se num roupão de banho. (*Très chic*, igual a um que ele vira no *Vogue*, edição francesa: todo em *marron*, *beige* e vermelho). A aspereza do tecido felpudo contra a pele. Cheiro de roupa limpa.

Vai para a banheira. Prova a água com a ponta dos dedos. Fecha a torneira de água quente e deixa jorrar a da água fria. Tira o roupão e mete-se no banho, com um ah! prolongado de prazer.

Epicurismo—pensa ele. Epicurismo temperado com forte dose de idealismo. Gostar dos bons perfumes, das mulheres bonitas, do conforto e da mesa—gostar de tudo isto sem desprezar a alma, sem esquecer o espírito. Eis o verdadeiro ideal do homem moderno.

Arménio estende o braço e tira da prateleira aberta um frasco de sais para banho. Despeja uma boa pitada na água e infla as narinas para sentir o perfume suave. E com um ai abafado de gozo abandonado remergulha na água, ficando só com o rosto de fora.

E entrega-se aos pensamentos mais agradáveis do mundo.

Vera capitula. Marca-se o casamento. *Grand événement social. Demoiselles d'honneur*. O dote. Uma promessa de deputação. Aaaah!

## 100

Da sua mesa, Fernanda vê a paisagem estranha de telhados escuros e uma nesguinha de céu pálido. Cinco horas. Rumores de vozes sobem lá de baixo, do salão da loja.

Por trás das suas flores, Branquinha está batendo no teclado da *Royal*. Brilham-lhe os óculos enormes.

Fernanda sente uma lassidão boa. Vontade de sair para a rua, livre de preocupações, e misturar-se na multidão, entrar nas casas de chá, ser como outras raparigas, esquecer. Vontade de ter sobre o corpo um vestido bonito, de ser mais feminina, de pensar menos na sua condição, vontade de ter a liberdade ao menos de sonhar sonhos bons.

Do escritório de Leitão Leiria vem o zunzum de vozes animadas. Entraram dois cavalheiros há mais de vinte minutos. Deve ser alguma conferência importante. De quando em quando a voz de Teotónio levanta-se, dominando as outras.

Fernanda vai até à janela. Respira forte. Sombras e sol sobre os telhados. Vento fresco. Um aeroplano vermelho passa lá no alto, soltando boletins.

Branquinha pára por um instante de dactilografar, levanta os olhos:

—Lindo dia, hem?

—Muito—responde Fernanda.

Branquinha baixa a cabeça: os dedos tornam a dançar sobre o teclado.

Fernanda pensa em Noel. Naturalmente hoje à noite ele aparece de novo. Conversas na escada, como sempre. Livros. A vida. Silêncios longos. O ruído da cadeira de balanço na varanda. De quando em quando a voz de D. Eudóxia saindo da escuridão. E o rosto pálido de Noel, os seus olhos tristes, e aquela coisa que ela pressente, enorme e reveladora, aquela confissão que ele não tem coragem de fazer, que talvez não faça nunca.

Outra vez a voz pastosa:

—Fernanda: você já aprontou aquela carta para o director do *Correio do Povo?*

Fernanda volta-se, contrariada. Não. Não aprontou. Vai fazê-la agora.

Senta-se à mesa.

Quando acabará esta situação? Não se terá direito nem a um pouquinho de felicidade?

## 101

Virgínia abre os olhos dentro da penumbra do quarto.

Quanto tempo dormiu? Duas horas? Três? Nem sabe... Só tem a certeza de que dormiu porque se recorda vagamente de que houve um período de esquecimento absoluto, de repouso e de treva.

Haverá Sol lá fora? Ou já terá caído a noite?

Alcides já deve estar enterrado. Tudo acabou. Ou foi tudo um pesadelo?

Virgínia não tem coragem de se levantar. Corpo dolorido. Lábios ressequidos. Impressão de febre. Opressão no peito. Gotas frias de suor na testa, na ponta do nariz, no buço.

Os objectos familiares vão-se definindo aos poucos dentro da sombra do quarto.

E ela sente vontade de dormir de novo. Dormir muito para não acordar mais ou para acordar num mundo diferente.

Passam-se os minutos.

De repente a velha sensação de sufocamento e o velho medo da solidão tomam conta dela.

Virgínia pula da cama apressada e vai abrir a janela. A luz da tarde jorra para dentro do quarto.

O céu, o Sol, as casas, as pessoas, os eléctricos, movimento, ruído. Sim, graças a Deus, ela está viva. Viva!

E para ter uma certeza mais funda de que tudo não acabou, Virgínia abre a porta do quarto e grita para baixo:

—Querubina! Noca! Venham cá! Depressa!

## 102

—Até que enfim!—exclama o coronel, olhando para o filho, que vem descendo a escada.

Três dias sem aparecer em casa. Com efeito!

—Onde é que andaste, rapaz?—pergunta.

Manuel coça a cabeça, testa enrugada, boca torcida, ar de cansaço e aborrecimento. E diz, num tom sonolento:

—Por aí...

Vai até à cristaleira e despeja num copo a água da jarra de prata.

—Por aí onde?

—Por aí...

Bebe a água com sofreguidão, até à última gota.

Zé Maria contempla o filho. Nos seus olhos não há a menor reprimenda. Quando se é rapaz... E depois, mesmo quando se está começando a envelhecer, todos fazem das suas...

—Pai, estou precisando duns cobres...

—Ai, ai, ai...

—Deixa disso, velho, passa o dinheiro...

—Mas...

Manuel estende a mão. Zé Maria vai fazer uma observação, tentar um sermão. Mas nos olhos do rapaz ele lê que o filho sabe de tudo. Não pode deixar de saber. Talvez já tenha estado mesmo com Nanette. A sua ligação com a francesa está-se já divulgando duma maneira assombrosa...

—Quanto queres, maroto?

—Quero a cara do Zé Bonifácio...

—Uma pelega de quinhentos?

Manuel sacode a cabeça afirmativamente.

Não há remédio. Estes meninos agora tomam conta da gente. Anda tudo de pernas para o ar. Antigamente, lá em Jacarecanga, eles tinham respeito. Papá, posso ir ao cinema? Papá, dá-me cinco mil réis? Papá, o senhor deixa que eu saia com a Ernesta? Papá, isto... papá aquilo... Hoje, Chinita sai sem dizer aonde vai, Manuel passa três dias sem aparecer em casa... É preciso ajeitar esta joça de novo. Assim não dá ponto.

E interiormente Zé Maria faz planos de pôr a casa nos eixos, fazer voltar o antigo respeito, restabelecer a autoridade paterna. Mas hoje não. Fica para amanhã. Tem tempo.

—Tome, safardana—diz, sorrindo e passando para o filho uma grande cédula de quinhentos mil réis.

Manuel olha com simpatia o retrato do Patriarca. Depois, amarrotando a nota, mete-a no bolso e sai assobiando.

## 103

Pedrinho consegue licença para sair mais cedo da loja.

Vai agora abrindo caminho por meio da multidão que formiga nas calçadas e no centro da rua.

Depois que a gente trabalha um dia inteiro e que sai para a rua, à tardinha, fica como tonta no meio do tumulto. Parece que tudo gira. As pessoas dizem as coisas e a gente fica por um momento sem compreender, ar de palerma.

Pedrinho apalpa o bolso. Ali estão as seis moedas de mil réis. Vai escolher o colar mais bonito.

No meio da multidão passam mulheres. Bem vestidas e perfumadas. Nenhuma é tão bonita como Cassilda. Oh! Se ela não fosse uma mulher da vida... Bom, não há-de ser nada. Um dia tudo melhora, aparece um emprego de maior ordenado, a vida muda. Então, ele vai arranjar uma casinha para Cassilda num arrabalde. Ninguém ficará sabendo. Será lindo!

Sloper. Pedrinho olha as vitrinas. Ali está o colar, parece uma cobra de brinquedo. Entra. Caminha para o balcão.

—Já foi atendido?

É uma caixeirinha de preto. Bonitinha, mas não tanto como Cassilda.

—Eu queria ver um colar ali da vitrina...

Pedrinho fala tremido; a comoção aperta-lhe a garganta. Que bobo que sou! A coisa mais simples do mundo: comprar um colar de seis mil réis...

No entanto ele mal sabe exprimir-se, está todo confuso, vermelho, trémulo.

Como Cassilda vai ficar contente!

## 104

Noel avisa em casa que não ficará para a ceia e sai para a rua.

Contente! Dum contentamento inexplicável, que ele não sabe se vem da tarde bonita e calma, do facto de ter resolvido mudar de vida ou se tudo o que sente de alegria lhe nasce de saber que se aproxima a hora em que vai ver Fernanda de novo.

Tomar o eléctrico numa hora bonita como esta é uma tolice. Melhor é seguir a pé.

A luz da tarde é cariciosa. Os jardins a esta hora têm um perfume todo particular. As luzes ainda não se acenderam. O céu, no alto, é pálido e igual. O horizonte, uma poeira vermelha e dourada.

O ar está frio. Num jardim, em cima dum canteiro de relva uma criança loura vestida de verde brinca com uma bola vermelha. No alpendre uma *nurse* uniformizada e muito branca lê um livro, de olhos baixos.

Um dia, ele e Fernanda poderão ter um *bungalow* assim.

Talvez mesmo um garoto louro brincando sobre a grama...

Um garoto que há-de ser alegre e vivo como ele não foi. Um garoto que será criado ao ar livre, quase nu, e que não terá a cabecinha cheia de fadas e mentiras. Sim, Fernanda há-de dar-lhe educação exemplar.

Mãos nos bolsos do sobretudo, cabeça erguida, Noel caminha. Sente-se um homem novo. Uma vida diferente vai começar para ele.

Há-de ter força para suportar o escritório, as facturas, as cartas comerciais, os algarismos e os assuntos áridos. Por amor de Fer-

nanda. Por amor de si mesmo. Há-de fazer o possível para descobrir na vida pura, sem as mentiras literárias, a poesia e a aventura de que Fernanda lhe falou.

Noel pára a uma esquina. Vem da praça um perfume fresco de folhagens. Escurece ainda mais. Brotam janelas iluminadas em várias fachadas.

Noel retoma o seu caminho. Os candeeiros acendem-se de repente. Piscam estrelas no céu.

## 105

Vera desce para a varanda.

Azáfama na casa toda. D. Dódó prepara-se para receber as visitas da noite. A directora das *Damas Piedosas* vai comparecer. Representantes dos jornais. Famílias amigas. Um mundo de gente. Ela não queria... Preferia uma festinha íntima... Pouca gente... Mas que é que se vai fazer?

D. Dódó anda de um lado para outro, ofegante, a carne lácida do rosto balouçando-se trèmulamente, como gelatina.

—Limpem bem os móveis! Não deixem nem um pòzinho!

Põe flores nos vasos. Zínias e margaridas. Rosas e malmequeres. Ajeita-as com amor, depois afasta-se um passo para admirá-las. Dá ordens, faz recomendações, escreve bilhetes.

Vera olha tudo com indiferença. Incapaz de um movimento para ajudar a mãe. Sem entusiasmo. Sem interesse.

Pouco se me dá! Não sou obrigada a acompanhar todas as cretinices da família.

—Vera, minha filha, tu não te entusiasmas!

Vera encolhe os ombros.

—A troco de quê? Amanhã a gente está estafada, tudo passou, vieram algumas pessoas, comeram e beberam como animais; disseram asneiras e foram-se...

D. Dódó sacode a cabeça, penalizada.

Vera vai ao telefone. Põe-se em comunicação com a casa de Chinita.

—És tu, querida? Como estás?—Pausa.—Por que não apareceste hoje? Quero que venhas à nossa festinha... Sim. Às nove. Sim. Posso contar contigo? Sim... Adeusinho.

Larga o auscultador. Chinita vem. Ao menos hoje poderão conversar sem que o idiota do Salú as interrompa. Ele não tem relações na casa e será o maior dos cínicos se aparecer sem convite...

Os outros podem ficar na varanda. Ela levará Chinita para o quarto. Mais liberdade para conversar. É preciso tirar da cabeça daquela menina a paixão por Salú. Ele é perigoso, por força tudo acabará mal. É preciso falar francamente a Chinita, antes que seja tarde.

D. Dódó está sentada numa poltrona, olhos fechados, mão no peito, cansada.

—Ai, minha filha, que trabalheira...

Vera sacode a cabeça penalizada e sobe para o quarto em silêncio.

## 106

Então, como não há outro remédio, João Benévolo resolve ir para casa. Está mais morto que vivo. O estômago continua a roncar e a doer. Sensação de vazio. Tontura.

Vai caminhando devagar, rumo da casa. A rua está escura, lá em casa a luz do candeeiro é fraca, ninguém poderá ver direito a vergonha estampada na cara dele.

O dia perdido. Nenhuma esperança. Que irá acontecer?

João Benévolo chora. Um ventinho frio bate-lhe no rosto. Bem lá no fim da rua, contra o céu azul fundo, uma grande Lua cheia.

A subida é forte. Mas ele prossegue, gola do casaco levantada, tiritando de frio, mãos metidas nos bolsos.

E seus olhos continuam fixos no disco claro da Lua.

João Benévolo tem a impressão de que vai subindo para o céu, tem quase a certeza (nesta tontura que sente, nesta sensação de irrealidade) de que quando chegar lá acima, ao fim da subida, poderá tocar a Lua. E caminha...

Agora tudo fica esfumado. Já não se lembra de que tem mulher e filho que o esperam, já nem sabe que rumo leva. Só tem consciência de três coisas: do frio, da dor aguda no estômago, daquele clarão contra o céu. Caminha e as forças vão-lhe faltando, os seus joelhos vergam.

O frio cresce, a dor aumenta, o clarão cega.

Sem forças, João Benévolo cai de joelhos sobre a calçada, com ambas as mãos apertando o estômago. Depois vai-se estirando no chão de mansinho. E a última impressão que tem antes de perder os sentidos é a do contacto gelado das pedras.

## 107

Honorato Madeira janta sòzinho. Muito triste. Que diabo!

A gente chega do escritório cansado e com vontade de conversar e ver os seus e no entanto não enxerga ninguém. A mulher mandou dizer que estava com dor de cabeça e que não desceria. O filho saiu, dizendo que só voltaria às dez.

Que pena!

A criada entra, trazendo os pratos. Honorato serve-se. À vista da comida, alegra-se. Afrouxa o nó da gravata, desabotoa o colete, enfia o guardanapo no colarinho e começa a comer.

Noca espia pela fresta da porta.

—Querubina, onde é que vocês estão comprando carne agora?

—No seu Militão.

—Esta carne anda muito dura. Por que não mudam de açougue?

A criada dá de ombros.

—Mudem. Comprem no Açougue Humanidade. Eu dou-me muito com o proprietário.

Mete uma garfada de comida na boca. E entra no paraíso.

## 108

O carro da Assistência chega.

Um polícia afasta a multidão. Erguem João Benévolo numa maca e levam-no para dentro do carro.

Comentários. Coitado! Bebedeira pela certa... Quem sabe se foi briga? Eu acho que o homem sofria do coração. Qual, isso é carraspana...

E um senhor de sobretudo cinzento e chapéu preto diz para o companheiro:

—É bem como disse D. Dódó Leitão Leiria, na sua entrevista de hoje para a *Gazeta*. Se todo o dinheiro que se gasta com o vício fosse juntado para construir sanatórios, hospitais, asilos...

O outro sacode a cabeça:

—É verdade.

O carro da Assistência arranca e sai correndo. A sua buzina é um gemido longo, desesperado, que se vai sumindo nas ruas até que se dissolve no meio dos rumores da noite.

# 109

Laurentina está com os olhos inchados de tanto chorar.

Passou o dia inteiro esperando o marido e, como ele não aparecia, ficou imaginando mil coisas. Não fossem os amigos, eles estariam até agora sem comer.

O relógio parado. A luz do candeeiro a morrer. A grafonola do vizinho tocando a valsa aborrecida de todos os dias.

E ali no canto, palito na boca, olho cravado nela com insistência, Ponciano está sentado, esperando, esperando...

Laurentina tenta fazer alguma coisa, cerzir uma meia, pregar botões. Mas não consegue. Vista turva. Indisposição. Que teria acontecido a João Benévolo? Decerto ficou debaixo dum eléctrico. Ou foi preso como vagabundo. Ou caiu ao rio. Qualquer coisa de ruim.

E a voz de Ponciano, áspera e sem cor:

—Ele não presta...

Ela fica olhando para o homem com olhos espantados. Sem se perturbar, o olhinho frio brilhando, Ponciano prossegue:

—Eu sabia que ele não prestava. Nunca se importou com você.

Laurentina de novo desata a chorar baixinho; as lágrimas correm-lhe pelo rosto mal tratado. A voz de Ponciano insiste:

—Olhe...—agora é um cochicho baixo, imoral.—Porquê não vem você viver comigo? Han?

Laurentina continua a chorar. A proposta veio finalmente. Tinha custado. Ela tremia só em pensar que um dia ele lhe podia fazer este convite. Aceitava o homem por delicadeza, porque ele nunca lhe tinha faltado ao respeito. Vinha, ficava ali quase sem falar; quando falava era do tempo, da política... Mas ela sentia que Ponciano andava procurando outra coisa. Os olhinhos dele contavam. E por isso ela vivia em sobressaltos. No entanto, agora que o convite se fez, Laurentina não tem coragem nem para reagir, nem para se revoltar.

—Ele não vale nada. Garanto que ficou bebendo por aí, ou metido com mulheres. Você vai morrer de tanto se incomodar, Tina. O guri está doente. Quem é que vai dar remédio?

Pausa. Laurentina tem o rosto escondido nas mãos.

A grafonola continua a berrar a sua valsa. Um automóvel passa na rua, buzinando. Não demora que o petróleo se acabe e o candeeiro se apague. Que bom se João Benévolo aparecesse de repente à porta! Que bom!

Ponciano tira a carteira do bolso.

—Olhe aqui...—a sua voz não denuncia a menor comoção. —Olhe só...—Ela ergue os olhos. A carteira está recheada de notas.—Tudo isto vai ser seu. Eu estou bem. Venha morar comigo, ele não presta, caiu na boémia, não se importa com a família.

Laurentina continua chorando, esconde de novo o rosto nas mãos.

Ponciano espera. Não faz mal—pensa ele—se não é agora é amanhã. Se não é amanhã, é depois. Quem esperou dez anos...

E seus olhos despem Laurentina. Apesar da magreza, ela ainda é bonita. Apesar dos maus tratos. Bonita e apetitosa como no tempo do noivado, na sala das tias solteironas, as mobílias de rodinha, o gato cinzento...

Ponciano pigarreia. Passam-se alguns minutos.

De novo a voz asmática:

—Ele não presta. Venha comigo.

Outro silêncio.

O olhinho brilhando com uma sensualidade fria, Ponciano espera.

## 110

Lado a lado, sentados no mesmo degrau da escada, Noel e Fernanda contemplam-se em silêncio.

O coração dele bate com mais força. Porque chegou a hora de dizer tudo. Ele sente que, se não disser agora, não dirá nunca mais...

—Fernanda...

A voz sai-lhe abafada. Fernanda interroga-o com os olhos. Noel chega a sentir no rosto o bafo morno da respiração dela. E esta proximidade perturba-o tanto que ele perde a fala.

Pausa longa. Vem de fora, pela porta aberta, uma golfada de vento gelado. Fernanda estremece e encolhe-se toda. Lá na varanda, no escuro, D. Eudóxia resmunga, conversando com os seus mortos. E a sua cadeira de balanço segue num ban-ban ritmado e surdo.

Os dois amigos continuam a olhar-se em silêncio.

Noel torna a falar.

—Fernanda, quando nós éramos meninos, tu sempre adivinhavas os meus pensamentos...

Fernanda sacode a cabeça afirmativamente.

Ele prossegue:

—Não podes adivinhar agora o que eu tenho para te dizer, o que há muito te quero dizer?

Noel cala-se. A comoção torna-lhe a respiração difícil. Fernanda sorri na sombra, compreendendo tudo. Sem dizer palavra, pega na mão do amigo e aproxima-se mais dele.

Todo trémulo, e admirado da própria ousadia, Noel abraça-a com suavidade.

Com as cabeças encostadas, silenciosos e comovidos, os dois ficam olhando para o pedaço da rua que a porta enquadra. Mas cada um vê uma paisagem diferente.

Noel tem a impressão de que está pairando no ar, liberto da condição humana. Tudo parece um sonho. Ele acaba de entrar no paraíso. E pela primeira vez a vida parece os contos de fadas da sua infância, as histórias maravilhosas que terminavam assim: «E os dois casaram-se, tiveram muitos filhos e viveram felizes longos anos.»

Fernanda deixa-se ficar passivamente sob o braço leve e tímido de Noel. Sente-se ao mesmo tempo feliz e apreensiva. Compreende que as suas responsabilidades maternais vão ficar maiores. De agora em diante terá mais um filho para cuidar. Um filho louro, de olhos tristes, um menino que precisa de ser acariciado e repreendido. Mas que importa? É este o seu destino.

Os minutos escoam-se. O paraíso dura.

Noel tem medo de falar. É que ele sabe que os sonhos do mundo são tão ténues, tão frágeis que ao menor sopro se esboroam para sempre.

Então ele cala-se sàbiamente e fecha os olhos para prolongar a ilusão.

## 111

O palacete de Leitão Leiria está cheio de luzes e de vozes. Parece um viveiro de passarinhos assanhados.

Chegam mais convidados. Abraços em D. Dódó. Risos. Entram as comissões com flores e presentes.

D. Dódó sente-se transportada ao Céu. Correndo dum lado para o outro, procura agradar a todos os amigos.

Servem guaraná em taças de champanhe. Uma rapariguinha nariguda, de óculos de tartaruga, canta ao piano uma canção de Tosti. Aplausos.

Arménio pergunta a Vera:

—Qual é a sua opinião sobre a música italiana?

E Vera:

—Chata.

Arménio sorri amarelo. Tenta outro assunto.

—Que livro está lendo agora?—E mentalmente acrescenta: —*Dite moi, ma chéri!*

—Nenhum—responde Vera.

Teotónio, a um canto da sala, conversa com dois amigos. —Eu sou pela indissolubilidade do matrimónio—afirma.

Discutem. Teotónio expõe teorias. Anima-se, chupa o charuto com ferocidade.

Noutro canto, D. Dódó procura converter ao catolicismo uma amiga que está inclinada para o espiritismo.

Chegam novos convidados. D. Dódó ergue-se, ágil, como se tivesse asas. Cumprimentos, abraços, beijinhos.

—Cante de novo outra canção, D. Leontina—pede alguém.

Onde estará Chinita, que não vem?—pergunta Vera a si mesma.

A seu lado, fiel como um cachorrinho, Arménio cavoca no cérebro, à procura dum assunto.

## 112

Pedrinho entra no beco. Coração batendo.

Pensa no que vai dizer: «Boa noite. Como vai? Olha aqui uma coisa que eu te trouxe. Adivinha o que é...» Ela pensa que é chocolate. Então ele tira o colar e mostra... Não. Melhor é dizer diferentemente: «Uma lembrançazinha para ti», e ir dando logo o presente. Mas se estiver gente? Se ela estiver ocupada? Neste caso ele espera. Não pode deixar de entregar hoje. Passou a semana inteira pensando nesta hora, desejando este momento.

Pedrinho avança... Sim, Cassilda vai ficar contente e decerto há-de tratá-lo com mais carinho. E ele como que já sente o sabor do beijo dela, antevê a expressão feliz daquele rosto, o brilho daqueles lindos olhos verdes.

Homens correm. Lá ao fundo da rua, bem perto da casa de Cassilda, nota-se uma desusada aglomeração de gente. Vozes. Balbúrdia. De repente o carro da Assistência passa a toda a velocidade, com a sereia gemendo.

Pedrinho acelera o passo. Cabeças curiosas assomam às janelas. Perguntas ansiosas.

Passam pessoas comentando. Pedrinho ouve frases soltas. «Uma facada no peito...» «...o amásio fugiu...»

E de repente um amolecimento de pernas, uma opressão estranha no peito. Meu Deus, foi a Cassilda! Quer perguntar a alguém... Mas falta-lhe coragem.

Não há dúvida, a aglomeração é na frente da casa em que Cassilda mora. Vozes desencontradas, ordens gritadas. O carro da Assistência começa a sirenar de novo, a multidão parte-se, afasta-se para os lados, como laranjas que rolam dum cesto que emborca. E o automóvel cinzento sai aos solavancos sobre o calçamento irregular.

A multidão dispersa. Parado a uma esquina, encostado a um muro, Pedrinho aperta no bolso o colar. O vento frio, que vem encanado do beco, bate-lhe na cara.

Um guarda passa calmamente, as mãos metidas no capote de mescla.

Pedrinho caminha para ele:

—Que foi que houve?

O guarda, sem parar, responde, seco:

—Esfaquearam uma mulher.

A voz de Pedrinho é um fio fino quando ele indaga, lábios trémulos:

—Como é o nome dela?

O guarda dá de ombros e dobra a esquina.

Passam-se os minutos. Pedrinho continua parado. A multidão dispersa.

Foi Cassilda—pensa ele. Ela sempre falava no amigo. Dizia que ele era ciumento, violento, mau. Foi Cassilda quem levou a facada. Decerto vai morrer. Morrendo, tudo acaba... O mundo não tem mais graça...

Nunca mais em toda a sua vida vai gostar de outra mulher como gosta de Cassilda.

Apertando no bolso o colar de seis mil réis, Pedrinho começa a caminhar devagarinho. Pschs e vozes abafadas brotam das janelas. A vida do beco recomeçou dentro da normalidade.

Pedrinho vai seguindo como num sonho. Janelas com luzes vermelhas. Caras pintadas. O vento. Os homens que passam rindo e conversando alto.

Finalmente—a casa de Cassilda. À porta, três mulheres conversam, comentando. Falam todas ao mesmo tempo, desencontradamente. *Eu dizia sempre p'ra ela... Quando ouvi o grito corri e... Foi um susto ...ela estava lavada em sangue... Eu sempre dizia... Homem comigo não tira farinha... Coitada, pegou o pormão.*

Pedrinho pára na frente da janela. Vontade de chorar. Fogo no rosto. Coração batendo com força.

Na penumbra do quarto, agita-se um vulto. Um vulto que se

vai definindo, familiar, que vai ressaltando contra o fundo de sombra. Uma figura calma que ali está, com os olhos brilhando, a cabeça atirada para trás.

—Cassilda!—A voz de Pedrinho é um sopro mais fraco que o vento do beco.

Os olhos dele turvam-se de lágrimas: outra vez a imagem imóvel fica toda trémula e esfumada. Pedrinho aperta o colar no bolso. Então, não foi ela! Oh Deus, que bom, que bom, que bom!

De dentro do quarto, sai a voz conhecida, tranquila e macia:

—Entra, *nêgo*, que está frio.

## 113

O velório de Maximiliano está concorrido. Vizinhos. Curiosos.

Num canto, D. Eudóxia conversa com D. Veva. D. Veva queixa-se do negrinho do capitão Mota.

—Aquele desgraçado mata-me. Toca pedrada nas minhas pombas, quebra-me as vidraças.

—Faça queixa p'ró patrão—sugere D. Eudóxia, com os olhos no defunto.

—Não adianta. Já fiz. É o mesmo. O capitão acha graça.

—Dê parte à polícia.

—Ora qual...

D. Veva encolhe os ombros.

A varanda está escura. As conversas animam-se. Fiorello, a um canto, fala em Mussolini com o Português da venda, que lhe responde com Salazar. A viúva de Maximiliano—uma cara de pedra de olhos sem cor, parados, a que nem o sofrimento dá expressão—está calada perto da mesa em que se acha estendido o corpo do marido.

D. Eudóxia puxa assuntos de morte e desastre.

—Outro que qualquer dia amanhece morto é o professor...

—O inquilino da viúva Mendonça?—indaga D. Veva, admirada.

—É. É o fim desses solteirões que vivem sòzinhos. Um dia, quando acordam, estão mortos. Conheço casos.

D. Veva faz um gesto de dúvida.

—Mas é um homem forte, moço...

—Qual, vizinha! Aquele tem cara de sofrer do coração...

—Não diga...

—E depois essa força que ele faz todos os dias p'ra subir os degraus da escada...

—Por falar em escada, o seu João Benévolo saiu de manhãzinha e não apareceu até agora...

Os olhos de D. Eudóxia brilham:

—No mínimo, tomou uma bebedeira e caiu ao rio...

—Eu acho que ficou na casa de alguma mulher...

—Boa coisa não foi, eu lhe garanto...

Silêncio por alguns segundos. Uma das velas do castiçal que fica ao lado do pé direito do defunto está morre-não-morre.

Perto da janela, um homem magro e de cabeleira romântica fala na imortalidade da alma e nos livros de Flammarion. O homem calvo e de barba crescida, que fuma tranquilamente um cigarro de palha, não acredita na alma desde que leu um livro não se lembra de que autor.

De quando em quando, estrala uma viga no tecto. O gato aparece numa porta, olhos verdes brilhando. D. Eudóxia lembra-se de histórias de assombrações.

—Quando eu era menina, na revolução de noventa e três, degolaram um homem perto duma figueira grande no meio do campo. Diz que de noite...

D. Veva encolhe-se toda, tem muito medo de almas do outro mundo.

D. Eudóxia acalora-se na narrativa. Lembra-se de outros casos.

Fiorello e o taberneiro discutem. O homem de cabeleira insiste numa pergunta:

—Diga-me então para onde vai a inteligência das criaturas, a sua bondade, a sua... a sua... beleza espiritual—digamos—será que morrem com o corpo?

O homem do cigarro de palha solta uma baforada de fumo e, muito calmo, aponta com o lábio inferior para o defunto:

—Olhe só... Ali tudo acaba.

Os outros conversam. A viúva levanta-se para pedir a um vizinho que lhe vá arranjar uma vela.

Só Maximiliano continua silencioso, de olhos fechados, cara tranquila, como que mergulhado num sono muito profundo e suave.

## 114

As irmãs Bandeira tocaram uma sonatina a quatro mãos. Aplausos.

Leitão Leiria discorre sobre a música. Monsenhor Gross fala de Palestrina. Um amigo da casa pede mais guaraná. D. Dódó vai à cozinha fazer recomendações.

Vera olha para o relógio de pulso. Nove e meia. Por que não apareceu ainda Chinita?

Arménio não se afasta do lado dela.

—Tem ido ao cinema?—pergunta.

—Não.—A resposta é seca. O assunto está morto. O remédio agora é procurar outro. *Chercher un autre sujet.*

Um cavalheiro bate palmas. Faz-se silêncio. Chega a hora dos discursos. As Damas Piedosas vão entregar uma lembrança a D. Dódó.

Os convidados cercam o homem que deu o sinal. Leitão Leiria ergue os olhos, procurando.

—Onde está a Dódó? Dódó! Dódó!

D. Dódó surge, toda afogueada, mão no peito, com cara de surpresa.

Silêncio. D. Maria da Glória Bento, com mãos trémulas, tira da bolsa uma folha de papel e começa a ler o discurso que o marido lhe escreveu:

«*Minha querida Dódó. Permite que eu te trate assim. Quem como tu tem a alma bem formada e o coração dos simples e dos bons, não pode ser amiga das cerimónias e dos protocolos. Por isto eu me dirijo a ti, chamando-te Dódó.* (E pronuncia as sílabas bem destacadamente. D. Dódó, de mão no peito, escuta, comovida; Leitão Leiria, muito teso, baixa os olhos com modéstia: Vera, junto da janela, olha para fora, fazendo o possível para não ouvir. Arménio sacode a cabeça para Vera, como para lhe dizer que concorda com todos os elogios que a oradora fez e até com os que ainda vai fazer à virtuosa homenageada). *A Sociedade das Damas Piedosas*—continua a oradora com voz tremida—*que tanto deve à tua inteligência, à tua actividade, à tua dedicação sem par...*

A enumeração vai num crescendo, sobre a escala cromática, vai quase até o dó natural. Depois, há uma pausa. Todas as caras estão atentas. O momento é grave.

Por que será que Chinita não vem?—pensa Vera.

## 115

Chinita e Salú, abraçados, estão num paraíso de gozo. Tudo em torno deles se esfumou e sumiu. O quarto com os seus móveis, o ruído duma torneira pingando na banheira, o barulho abafado que sobe da rua, os gritos destacados das buzinas dentro da noite, a vida com as suas criaturas, as suas convenções, as suas limita-

ções... são coisas que agora não existem. Só o prazer. Só este luxo de contactos.

Na sombra Salú murmura palavras sem sentido. Esquece que as horas correm, os dias passam e que um dia a sua vida fácil tem de acabar. Esquece que não tem rumo, esquece que nem sempre hão-de durar as mesadas fartas. Esquece que amanhã a sua ligação com Chinita lhe poderá trazer complicações e dissabores. Esquece porque este momento é bom. Esquece porque no fundo ele acha que a vida deve ser isto mesmo: despreocupação do bom animal que não se deixa perturbar por convenções absurdas. Agora só uma coisa o preocupa: é prender Chinita, gozar Chinita, e, gozando-a, inventar para a amante novas fontes de prazer, para que ela volte, para que se lembre dele, para que não se arrependa...

Chinita recebe passivamente todas as carícias. E cada carícia para ela é uma revelação, maior, muito maior do que podia esperar. Entregou-se toda, sem pensar, sem pedir compensações, além do prazer. Abandonou-se a Salú como uma coisa inerte, mas secretamente confiada em que ele era senhor dos maravilhosos segredos do amor.

A torneira que pinga é agora para eles o único vestígio do outro mundo.

## 116

Alguns andares abaixo do apartamento de Salú, deitado de barriga para o ar numa larga cama de casal, Zé Maria respira com dificuldade, um braço pendendo para fora da cama, cansado e feliz.

Nanette, metida num roupão de veludo, senta-se ao lado do amigo e faz-lhe cócegas no queixo. O coronel desanda a rir, numa convulsão que o deixa todo afogueado.

—Pare, seu diabo! Não vê que eu estou mais morto que vivo?...

—*Mon joujou.*

—Não diga essas coisas que eu não sei...

—Querido...

—Ah! Isso sim...

—Quando é que vai dar o automóvel que Nanette pediu?

—Sua interesseira! Amanhã vamos ver na agência.

Nanette inclina-se e dá um beijo estralado na boca de Zé Maria.

Zé Maria exulta. «*Eu só queria era ver a cara do Madruga!*»

## 117

A oradora perora:

«...*e peço-te que aceites, como prova da nossa gratidão e da nossa estima admirativa* (pausa; nova entonação na voz) *este humilde presente, que é o símbolo da nossa amizade reconhecida.*»

Palmas. D. Dódó recebe o presente, beija a oradora nas duas faces e começa a distilar lágrimas de comoção.

Vêm as criadas, muito limpinhas e uniformizadas, e servem champanhe.

Leitão Leiria pigarreia. Novo silêncio. E o marido de D. Dódó faz o discurso de agradecimento. Fala na comoção do casal, diante desta prova de apreço e amizade duma sociedade distinta e limpa. E, olhando para dentro da sua taça, continua:

*A nossa vida é de sacrifícios e renúncias.* (Pigarro. Lambe os lábios). *Horas e horas dedicadas à pobreza e à meditação religiosa. A minha querida Dódó perde noites de sono pensando nos seus pobrezinhos! Refeições fora de horas, canseiras, caminhadas longas—e tudo porquê, senhores e senhoras? Tudo para que os seus pobrezinhos tenham o socorro que merecem. Quantas vezes ela não penetra, com risco da sua própria saúde, na casa dum tuberculoso, para lhe levar, de envolta com o auxílio pecuniário, uma palavra de consolo!?*»

Continua a enumerar os sacrifícios de dinheiro, e termina falando na honra da Família, na dissolução da Sociedade e na necessidade de se opor «um dique à onda de comunismo e ateísmo que ameaça tragar a civilização cristã».

Palmas. Abraços. Servem mais champanhe.

Vera pede licença a Arménio e vai ao telefone perguntar por Chinita.

## 118

D. Maria Luísa responde:

—Mas ela saiu há duas horas para ir até aí... Não está? Não sei...—Pausa.—Está bem.

Larga o auscultador e vai sentar-se numa poltrona.

Chinita mentiu que ia à casa de Vera e não foi. Onde

estará? Decerto com *ele*. No quarto *dele*. Como uma mulher da vida.

Zé Maria—nem há dúvida—está com a sua amásia...

D. Maria Luísa fica sentada, pensando. A casa enorme está mergulhada num silêncio ainda maior. Os criados foram dormir. Ninguém, só ela, neste salão grande. Ela e as suas recordações.

O tempo em que tudo andava direito. A família unida e amiga. A vida tranquila. Os meninos obedientes e bons.

Jacarecanga... Quando Chinita nasceu ela passou mal: quase morreu. Chinita cresceu forte e bonita. Falou aos oito meses, todos gostavam dela. Manuel foi criado solto, mas sempre bonzinho. Zé Maria nunca saía de casa à noite. Tudo tão calmo, tão amigo... Até que um dia, aquele maldito dinheiro da lotaria...

O tempo flui. D. Maria Luísa rumina recordações. E acha-se a criatura mais feliz do mundo. Só, no meio da grande catástrofe. Tudo perdido. Tudo sem remédio. Infeliz. Desgraçada. Irremediàvelmente.

Mas duma maneira obscura, subterrânea e misteriosa, por se sentir desgraçada, D. Maria Luísa sente-se quase feliz.

## 119

As últimas pessoas que ficaram no velório desertam às dez e meia. As velas vão morrendo.

A mulher de Maximiliano permanece sentada ao lado do defunto.

Amanhã, ao clarear do dia, vão trazer o caixão. Depois, às nove horas, aparece meia dúzia de vizinhos e conhecidos. Levam o seu homem para o cemitério.

A vida vai mudar. Casa nova. Cuidar mais dos guris. Costurar e lavar para fora. Quem sabe se fornecer comida em viandas dá mais dinheiro?

Fazendo mentalmente os seus planos, a mulher volta-se para o morto e por um instante tem vontade de lhe perguntar, como fazia sempre que queria a opinião dele:

—Não achas bom, Maximiliano?

# 120

O professor Clarimundo volta da aula, sobe as escadas com um fósforo aceso na mão, abre a porta do quarto, entra, acende a luz e torna a fechar a porta com cuidado.

Um dia cheio. Boas aulas. Finalmente as equações de primeiro grau entraram na cabeça do filho do Dr. Fulgêncio.

Senta-se à mesa, abre um livro e torna a fechá-lo em seguida.

E se aproveitasse esta noite para começar o *seu* livro?

Sim, a ideia é tentadora. A noite está bonita. O silêncio é absoluto.

Acende o fogareiro, a fim de aquentar água para o café. O café dá inspiração.

Clarimundo tira da gaveta um maço de papéis. Põe uma pena nova na caneta e resolve começar o famoso prefácio de *O Observador de Sírio*.

Hesita um instante. Prefácio ou antelóquio? Melhor escrever antelóquio. É menos vulgar e fica mais sonoro. Escreve com letras de Imprensa, graúdas e caprichosas: ANTELÓQUIO.

Olha para a lombada dos livros na prateleira, a fim de criar coragem. Fica alguns segundos mordendo a ponta da caneta, reflectindo. Depois escreve.

«*Apresentando este modesto livrinho, fruto...*»

Mas fruto de quê? Não serve. Clarimundo risca o que escreveu. Nova folha de papel. Repete o título. Recomeça:

«*Antes de iniciar a narrativa...*»

Qual! Também não presta. O livro tem de sair fora dos moldes comuns. O melhor é atacar o assunto directamente.

Clarimundo crava a pena no papel. O papel geme. A pena desliza:

«*A vida, prezado leitor, é uma sucessão de acontecimentos monótonos, repetidos e sem imprevisto. Por isso alguns homens de imaginação foram obrigados a inventar o romance.*

*O Homem, na Terra, nasce, vive e morre sem que lhe aconteça nenhuma dessas aventuras pitorescas de que os livros estão cheios.*

*Debalde os romancistas nos tentam convencer de que a vida é um romance. Quando saímos da leitura duma história de amor ficamos surpreendidos ao encontrarmo-nos, na vida real, diante de pessoas e coisas*

*que são absolutamente diferentes das pessoas e das coisas das fábulas livrescas.*

*Repito: a vida é chata. Queres um exemplo frisante, vivido, observado, verificado? Ei-lo, leitor amigo: Moro numa rua suburbana, cujo ponto culminante é a janela do meu quarto. E que vejo eu do meu posto de observador céptico? Sempre o mesmo ramerrão quotidiano, os mesmos quadros monótonos. Na casa fronteira, há sempre uma senhora vestida de preto que fica sentada na sua cadeira de balanço enquanto a filha anda dum lado para o outro, fazendo não sei o quê. Mais adiante vejo um homem que se senta numa* preguiçosa *para ler o jornal, cercado dos filhos que berram, enquanto o seu gramofone toca uma música aborrecível que se repete todos os dias. No quintal próximo, há um moleque ladino que joga pedradas ao pombal da casa vizinha.*

*São cenas de todos os dias. Nenhum acontecimento romântico quebra a calma desta rua e de seus habitantes. Onde os dramas de que falam os romancistas? Onde as angústias que cantam os poetas?*

*Foi depois de muito observar e meditar que eu cheguei à conclusão de que é possível que um observador que se coloque num ângulo especial tenha uma visão diferente e nova do Mundo.*

*Daí a ideia de escrever este opúsculo. Nele ciência e fantasia combinam-se. Imagine-se um ser, dotado da faculdade de raciocínio, postado em Sírio e de lá olhando a Terra com um telescópio poderoso... Que visões teria ele do nosso planeta? Está claro que não poderia ver as criaturas e as coisas da vida como nós, pobres terrenos, as vemos.*

*Pois eu vou contar-te, leitor amigo, o que o meu observador de Sírio viu na Terra.*»

Clarimundo pinga o ponto final com entusiasmo.

Olha para a chaleira e tem um sobressalto. A água ferve, a tampa dá pulinhos, ameaçando saltar, enquanto pelo bico jorram pingos de água fervendo. Clarimundo ergue-se num pincho e vai tirar a chaleira do fogo.

Quase me acontece um desastre!—pensa.—E fica-se muito alvorotado, a preparar o café.

# ÍNDICE

SÁBADO ..... 5
DOMINGO ..... 91
SEGUNDA-FEIRA ..... 134
TERÇA-FEIRA ..... 172
QUARTA-FEIRA ..... 215

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DE
LIVROS DO BRASIL, LDA.
R. LUZ SORIANO, 53-57 — LISBOA

# DEUS LHE PAGUE

*de*

*JORACY CAMARGO*

•

A propósito das peças de teatro de Joracy Camargo, um notável crítico do Brasil evocou «a arte de diálogo» de Dumas Filho e de Oscar Wilde. Esse justo louvor merece-o, decerto, o grande comediógrafo, mas é apenas um dos aspectos do seu excepcional talento. O público português sabe que Joracy Camargo reune em suas comédias elevados e nobres pensamentos sociais. O seu teatro pode e deve chamar-se, sem o menor exagero, «teatro de ideias», teatro que, não contente em divertir ou distrair, pretende e consegue sempre erguer a alma do ouvinte ou do leitor acima das mesquinharias e dos egoísmos quotidianos. Ressuma, transcende humanidade, resplende de inteligência e vibra de profunda, embora discreta, emoção contagiosa. *Deus lhe Pague...* teve centenas de representações no Brasil, foi representado na Argentina em quatro teatros ao mesmo tempo, obtendo idêntico êxito em todos os países da América Latina, onde foi adoptado oficialmente nas Universidades norte-americanas, como livro auxiliar no ensino da língua portuguesa. Procópio chama a *Deus lhe Pague...* a maior obra cultural do teatro brasileiro. Opinião de singular importância, vindo, como vem, do actor exímio, que não tem rival no seu país nem em toda a América do Sul.

# ALGUMAS EDIÇÕES «LIVROS DO BRASIL

Sede: R. Luz Soriano, 47-57-Tel. 32621-Lisboa—Depósito no Porto: R. do Almada, 225,

## COLECÇÃO «LIVROS DO BRASIL»

1 *Olhai os Lírios do Campo*, de Erico Veríssimo.
2 *Saga*, de Erico Veríssimo.
3 *Deus lhe Pague*, de Joracy Camargo.
4 *Caminhos Cruzados*, de Erico Veríssimo.
5 *Um Lugar ao Sol*, de Erico Veríssimo.
6 *A Volta do Gato Preto*, de Erico Veríssimo.
7 *Clarissa*, de Erico Veríssimo.
9 *Música ao Longe*, de Erico Veríssimo.
11 *Contos*, de Machado de Assis.
12 *Gato Preto em Campo de Neve*, de Erico Veríssimo.
13 *Eurídice*, de José Lins do Rego.
14 *O Resto é Silêncio*, de Erico Veríssimo.
15 *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo.
16 *O Mundo que o Português Criou*, de Gilberto Freyre.
17 *Interpretação do Brasil*, de Gilberto Freyre.
18 *O Retrato*, de Erico Veríssimo.
19 *Pureza*, de José Lins do Rego.
20 *A Sucessora*, de Carolina Nabuco.
21 *Fogo Morto*, de José Lins do Rego.
22 *Um Canal Separa o Mundo*, de Caio de Freitas.
23 *Cangaceiros*, de José Lins do Rego.
24 *Aventura e Rotina*, de Gilberto Freyre.
25 *Noite*, de Erico Veríssimo.

## COLECÇÃO «DOIS MUNDOS»

1 *O Livro de San Michele*, de Axel Munthe.
2 *As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck.
3 *Gog*, de Giovanni Papini.
4 *Madame Curie*, de Eva Curie.
5 *Homens e Bichos*, de Axel Munthe.
6 *Arco de Triunfo*, de Erich Maria Remarque.
7 *História de Cristo*, de Giovanni Papini.
8 *Servidão Humana*, de W. Somerset Maugham.
9 *Palavras e Sangue*, de Giovanni Papini.
10 *Geração Perdida*, de Aldous Huxley.
11 *O Doutor Arrowsmith*, de Sinclair Lewis.
12 *O Fio da Navalha*, de W. Somerset Maugham.
13 *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann.
14 *Miguel-Ângelo na Vida do Seu Tempo*, de Giovanni Papini.
15 *O Livro Negro—«Novo Diário de Gog»*, de Giovanni Papini.
16 *Terra Bendita*, de Pearl S. Buck.
17 *Os Filhos de Wang-Lung*, de Pearl S. Buck.
18 *Casa Dividida*, de Pearl S. Buck.
19 *Contraponto*, de Aldous Huxley.
20 *O Diabo*, de Giovanni Papini.

## COLECÇÃO «VIDA E CULTURA»

1 *Nós e a Música*, de Friedrich Herzfeld.
2 *A Ciência ao Serviço da Indústria*, do Prof. A. M. Low.

## COLECÇÃO «VIDAS CÉLEBRES»

de Henry Thomas e Dana Lee Thomas

1 *Vidas de Grandes Cientistas*
2 *Vidas de Grandes Compositores*
3 *Vidas de Grandes Filósofos*
4 *Vidas de Grandes Pintores*
5 *Vidas de Grandes Religiosos*
6 *Vidas de Grandes Romancista.*
7 *Vidas de Grandes Estadistas*
8 *Vidas de Grandes Poetas*
9 *Vidas de Grandes Mulheres*
10 *Vidas de Estadistas Americanos*
11 *Vidas de Grandes Homens*
12 *Vidas de Americanos Famosos*

## COLECÇÃO «MINIATURA»

4 *Horizonte Perdido*, de James Hilton.
5 *Um Casamento em Florença*, de Somerset Maugham
6 *O Terceiro Homem*, de Graham Green.
7 *Loucuras do Poeta*, de Giovanni Papini.
8 *Felicidade*, de Katherine Mansfield.
9 *A Lenda de Madala Grey*, de Clemence Dane.
10 *Adeus, Mr. Chips*, de James Hilton.
11 *Férias de Natal*, de W. Somerset Maugham.
12 *Vento Sobre as Searas*, de Eduardo Mallea.
13 *A Cidade dos Estranhos*, de Sherwood Anderson.
14 *Cabeças Trocadas*, de Thomas Mann.
15 *A História do Juiz*, de Charles Morgan.
16 *Não Estamos Sós*, de James Hilton.
17 *Diário de uma Exilada Russa*, de Ália Rachmanova
18 *O Perfume das Ilhas Encantadas*, de René Boylesve.
19 *O Céu é o meu Destino*, de Thornton Wilder.
20 *Maquiavel e a Dama*, de Somerset Maugham.
21 *A Escola de Mulheres*, de André Gide.
22 *E Agora, Adeus*, de James Hilton.
23 *O Alvorecer* (vol. I de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
24 *Histórias dos Mares do Sul*, de Somerset Maughan
25 *A Manhã* (vol. II de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
26 *Duas ou Três Graças*, de Aldous Huxley.
27 *O Adolescente* (vol. III de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
28 *Apassionata*, de James Hilton.
29 *A Revolta* (vol. IV de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland (volume duplo).
30 *O Agente Britânico*, de W. Somerset Maugham.
31 *A Feira* (vol. V de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
32 *...Também o Cisne Morre*, de Aldous Huxley.
33 *Antoinette* (vol. VI de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
34 *Episódio em Palmeto*, de Erskine Caldwell.
35 *O Irmão* (vol. VII de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
36 *O Potro Vermelho*, de John Steinbeck.
37 *As Amigas* (vol. VIII de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
38 *Mrs. Dolloway*, de Virgínia Woolf.
39 *Sarça Ardente* (vol. IX de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
40 *O Novo Dia* (vol. X de «Jean-Christophe»), de Ro Rolland.
41 *O Velho e o Mar*, de Ernest Heminoway.
42 *O Homem que via passar os Comboios*, de George Sime
43 *A Velha Casa Sombria*, de J. B. Priestley.
44 *A Porta Estreita*, de André Gide.
45 *Tradição*, de André Maurois.
46 *As Neves de Kilimanjaro*, de Ernest Hemingway
47 *Uma Negrinha à Procura de Deus*, de G. B. Shav
48 *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

## COLECÇÃO «ARGONAUTA»

3 *A Última Cidade da Terra*, de Edmundo Hamilto
4 *A Nave Sideral*, de Murray Leinster.
5 *O Universo Vivo*, de Jimmy Guieu.
6 *O Mundo Marciano*, de Ray Bradbury.
7 *Inconstância do Amanhã*, de F. G. Rayer.
8 *O Veneno de Marte*, de Paulo French.
9 *Missão Interplanetária*, de A. E. Vogt.
10 *Exploradores do Universo*, de Jon J. Deegan.
11 *O Homem que vendeu a Lua*, de Robert Heinle
12 *Os Humanoides Atacam*, de Bryan Bery.
13 *O Cérebro de Donovan*, de Curt Siodmak.

*COLECÇÃO VAMPIRO* A MAIS POPULAR COLECÇÃO POLICIAL PUBLICADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

PQ
9697
V298C3
19--

Veríssimo, Erico
Caminhos cruzados
3. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY